

☞ PREFÁCIO DE ☞
AUGUSTUS NICODEMUS

Desigrejados

TEORIA, HISTÓRIA E CONTRADIÇÕES
DO NILISMO ECLESIAÍSTICO



IDAURO CAMPOS

IDAURO CAMPOS

DESIGREJADOS
TEORIA, HISTÓRIA E CONTRADIÇÕES
DO NILISMO ECLESIAÍSTICO

bvbooks

bvbooks

BV Films Editora Eireli
Centro | Niterói | RJ | 24.030-090
55 21 2127-2600
www.bvbooks.com.br

EDITOR RESPONSÁVEL

Claudio Rodrigues

ADAPTAÇÃO CAPA

Equipe Promove

DIAGRAMAÇÃO

Deivison Bignon

REVISÃO

Deivison Bignon

Rosane Braga

Edição publicada sob permissão
contratual do autor Idauro Campos.

Todos os direitos reservados

As passagens bíblicas utilizadas nesta obra foram, majoritariamente, da Bíblia com Recursos Adicionais (BRA), salvo indicação específica. Todos os direitos reservados.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9610/98. É expressamente proibida a reprodução deste livro, no seu todo ou em parte, por quaisquer meios, sem o devido consentimento por escrito.

Os conceitos concebidos nesta obra não, necessariamente, representam a opinião da BV Books, selo editorial BV

Films Editora Eireli. Todo o cuidado e

esmero foram empregados nesta obra; no entanto, podem ocorrer falhas por alterações de software e/ou por dados contidos no original. Disponibilizamos nosso endereço eletrônico para mais informações e envio de sugestões: faleconosco@bvbooks.com.br.

Todos os direitos em língua portuguesa reservados à BV books Editora ©2017.

CAMPOS, Idauro:

Desigrejados - Teoria, História e Contradições do Nihilismo Eclesiástico. Rio de Janeiro: bvbooks, 2017.

ISBN – 978-85-9070-972-5

7ª edição - Fevereiro | 2017

Impressão e Acabamento - Promove

Categoria - Vida Cristã

Impresso no Brasil

Sumário

Dedicatória

Agradecimentos

Resumo

Apresentação

Prefácio

Sobre o livro

Introdução

Parte I

Conhecendo os desigrejados

Capítulo 1

Decepcionados com a liderança

Capítulo 2

Os críticos do *modus operandi* e da institucionalização da Igreja

Parte II

Os desigrejados na história da Igreja

Capítulo 3

O montanismo

Capítulo 4

Os pais do deserto

Capítulo 5

O donatismo

Capítulo 6

Pedro de Bruys e Henrique de Lausanne

Capítulo 7

Hugo Speroni

Capítulo 8

Joaquim de Fiore

Capítulo 9

Os anabatistas

Capítulo 10

Os quakers

Capítulo 11

Os darbistas

Capítulo 12

O cristianismo arreligioso de Dietrich Bonhoeffer

Capítulo 13

Nada novo debaixo do sol

Parte III

A importância e organização da Igreja

Capítulo 14

A formação de Israel: o povo de Deus no Antigo Testamento, expressão da comunhão

Capítulo 15

A formação da Igreja no Novo Testamento

Capítulo 16

Marcas institucionais nas igrejas neotestamentárias

Capítulo 17

A institucionalização da Igreja na era pós-apostólica

Capítulo 18

O mito da Igreja Primitiva

Capítulo 19

A crise de pertencimento da Sociedade pós-moderna

Considerações finais

Referências bibliográficas

Anexo I

Os desigrejados

Anexo II

Frank Viola: Fraude ou inconsistência?

Anexo III

Em defesa da Igreja de Cristo

Anexo IV

Amo a Igreja de Cristo

Sobre o autor

Dedicatória



A todos os que fazem parte da Igreja de Jesus Cristo (universal e local, visível e invisível). Aos homens e às mulheres de Deus que , ao longo dos séculos, deixaram suas famílias, seus países, seus amigos, suas raízes e os melhores sonhos de infância e serviram a Deus como missionários e missionárias, atravessando fronteiras, cruzando rios, desbravando florestas, andando sobre lombos de animais, aprendendo línguas nativas, dormindo em tendas, chorando sozinhos, doando os mais significativos anos de suas vidas porque acreditavam na importância da Igreja como expressão do Reino de Deus entre os homens, como agência de proclamação e propagação do Evangelho de Jesus Cristo e de transformação histórica, considerando-a “coluna e fundamento de verdade” (1Tm 3.15) e tudo fizeram para expandi-la sobre a face da terra. A esses heróis e heroínas da fé, que acreditaram que o labor pela obra de Deus não seria em vão (1Co 15.58), dedico, com reverência, as muitas linhas deste trabalho.

Agradecimentos



Ao Senhor Jesus Cristo. Senhor, Salvador, razão e motivo de minha vida.

Aos meus pais (Idauro e Rose). Ambos *in memoriam*, os amarei para sempre.

À minha esposa, Sandra, e minha filha, Simone. Sem dúvida, as que mais sofrem com minha dedicação aos estudos.

Aos meus amigos, Luis Claudio, Sidney Azevedo e Charles Loreti: “...mais *chegados* do que um irmão” (Pv 18.24).

À Igreja Evangélica Congregacional em Ponte Seca, onde encontrei tudo: graça, salvação, amizade, oração, amor, instrução, adoração, repreensão, perdão, cuidado, batismo, eucaristia, missão, serviço, vocação, ordenação, casamento e paternidade. Meu lar espiritual durante muitos anos.

À Igreja Evangélica Congregacional em Andorinhas: primavera de meu ministério! Onde Deus deu-me alguns dos melhores anos de minha vida!

À Igreja Evangélica Congregacional de Niterói, pela jornada ainda em seu início. Que sejam belas as paisagens!

Ao Pb. Jorge Vitório, que durante dois anos, sempre aos sábados, telefonava-me às 4h30 da manhã, ajudando-me “a não perder a hora” do mestrado.

Ao Rev. Dr. Augustus Nicodemus Lopes, cujo artigo “Os Desigrejados” deu-me o *insight* para pesquisar o assunto.

Ao irmão Alexander de Carvalho, pelo precioso auxílio no capítulo que dediquei a Dietrich Bonhoeffer.

À irmã Aline Luz, pela indicação de importantes obras sobre a pós-modernidade.

Ao Prof. Carlos Alberto Buczynski, pelo cuidado na primeira revisão do original.

À Prof.^a Rosane Braga, pelo trabalho de revisão final.

Ao Rev. Paulo José Lopes, diretor do Seminário Teológico Congregacional do Estado do Rio de Janeiro, por proporcionar aos pastores congregacionais a oportunidade do saber com profundidade e excelência. Ao Rev. Dr. Manoel Bernardino de Santana Filho, coordenador e professor de Pós-Graduação em Ciências da Religião; de quem tenho sido aluno desde “os meus vinte e poucos anos”.

Aos professores e examinadores, Rev. Dr. Levy da Costa Bastos e Gerson Lourenço: pelas palavras de apoio, entusiasmo e incentivo à publicação do texto.

Ao Rev. Deivinson Bignon, por ajudar-me na publicação deste que é o meu primeiro livro.

À Dr.^a Juçara Mello, pela generosa apresentação.

Ao Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro (STCRJ), pelos 100 anos de história (1914-2014); inesquecível para mim.

Edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

(Jesus Cristo)

Resumo



Milhares de cristãos ao redor do mundo estão deixando de congreguar nas igrejas. O fenômeno tem chamado a atenção da mídia cristã especializada e também da secular. Um neologismo foi criado para pontuar a tendência. São chamados de *desigrejados* e defendem o *niilismo eclesiástico* baseados na decepção com a instituição e também em argumentos teológicos e históricos.

Embora considerem-se atores sociais de uma revolução inédita, o movimento, na verdade, carece de ineditismo histórico, consistência teológica e coerência argumentativa e, conquanto não seja novo, recebe influências e aportes da pós-modernidade.

Palavras-chave: Igreja. Desigrejados. Niilismo Eclesiástico. Instituição.

Decepção. Pós-Modernidade.

Apresentação



Como toda obra de valor, este livro foi escrito a partir de densa pesquisa, envolvendo uma análise criteriosa e crítica de relevante bibliografia sobre o tema. “Desigrejados: Teoria, História e Contradições do Nihilismo Eclesiástico” é uma obra cuja contribuição maior está em seu forte potencial pedagógico, que possibilita ao leitor ter uma compreensão clara dos pontos centrais que envolvem o debate. A maior qualidade deste livro é, pois, sua capacidade de dialogar criticamente com reflexões teóricas que exigem certo grau de erudição e, ao mesmo tempo, permitir ao leitor, mesmo leigo, entender este tema não apenas como questão do momento presente, mas a partir do estabelecimento de conexões com suas temporalidades diversas.

Aliando um profundo conhecimento do texto bíblico à consideração dos aspectos históricos que, inexoravelmente, marcam as concepções e ações humanas no tempo, Ildaro de Oliveira Campos Júnior defende, com a autoridade e a veemência que o caracterizam, sua tese principal: a incoerência e ilegitimidade da fundamentação teórica em que se apoiam muitos dos chamados desigrejados. Após justificar a utilização do termo nihilismo eclesiástico – como expressão que emprega para classificar os cristãos que advogam um cristianismo totalmente despido de formas, estruturas e concretude institucional – o autor se dedica à apresentação dos desigrejados, por ele classificados em duas categorias, quais sejam: os Decepcionados com a Liderança e os Críticos do Modus Operandi da Instituição.

Evidenciando a sensibilidade que lhe é peculiar, permanentemente exercitada no trato com suas ovelhas, o escritor, professor e pastor Idauro Campos expõe uma série de experiências e depoimentos, valorizando o lugar dos sujeitos históricos e os sentimentos e emoções que influenciam em suas decisões. Seguidamente, é a erudição – outro atributo do autor – que irá pautar sua análise e crítica às teorias de autores nacionais e estrangeiros, dentre os quais, o norte-americano Frank Viola e o brasileiro Caio Fábio, líderes conhecidos e inconformados com o cristianismo e que procuram legitimar o movimento dos Desigrejados.

Ao elencar e contextualizar os principais movimentos de deserção constantes da História da Igreja, Idauro Campos propicia que o leitor apreenda a historicidade que constitui essas experiências. Essa valorização da historicidade também ocorre na análise que realiza do movimento contemporâneo de contestação da Igreja Institucionalizada, traduzida pela relevância atribuída ao que é tido como sintomático da influência de um novo tempo histórico, ou de um novo “espírito do tempo”, expresso pela noção de pós-modernidade.

Citando autores de referência para historiadores, sociólogos e antropólogos, como Zygmunt Bauman, por exemplo, Idauro Campos apresenta uma explicação que em momento algum sacrifica suas convicções teológicas, e que permite vislumbrar as relações certamente existentes entre a crise de pertencimento que vem causando alterações no processo de estruturação das identidades e o crescimento do número de desigrejados no tempo presente.

Por fim, cabe aqui declarar meu profundo respeito e admiração por Idauro Campos, meu querido pastor Idauro. A inteligência e erudição que, por si só garantiriam a escrita de um bom livro,

amalgamam-se à profunda sensibilidade, reflexo de sua devoção como discípulo do Mestre dos mestres, nosso Senhor Jesus Cristo. Sabedoria, sensatez, equilíbrio, fé, atributos que Idauro Campos adquiriu ao aprender a se apropriar da pedagogia do amor, aplicada por Jesus em Seus ensinamentos a respeito do Reino de Deus. A compreensão da pedagogia do amor, praticada e ensinada por Cristo é, assim, o único caminho possível para a percepção de Sua verdadeira natureza, por conseguinte, para a vivência de um cristianismo autêntico. E é isso que sinto transbordar na vida do autor desta obra, haja vista que ninguém é capaz de transmitir aquilo que já não está em si mesmo.

É essa combinação, tão necessária quanto rara às lideranças cristãs, que se faz presente em Idauro Campos, e que aparece expressa nas entrelinhas deste livro. Para além do alcance do objetivo mais imediato, que consiste, grosso modo, em provar a inconsistência histórica e teológica do niilismo eclesiástico, este livro confirma a percepção de pessoas que – como eu – consideram que a pesquisa e o conhecimento históricos, longe de atuarem em contraposição à fé cristã, funcionam como instrumentos que contribuem para a “desalienação”, concorrendo para uma prática cristã autêntica.

Dr.a Juçara da Silva Barbosa de Mello

Mestra e Doutora em História Social. Professora no Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e membro da Igreja Evangélica Congregacional em Andorinhas.

Prefácio



De acordo com as últimas estatísticas oficiais do perfil religioso do brasileiro, cresceu nos últimos dez anos o número de pessoas que dizem ser evangélicas mas que não frequentam nem participam de uma igreja evangélica. Existem várias razões possíveis para este fenômeno dos “protestantes não praticantes”. Era necessária uma pesquisa que pudesse revelar estes motivos, analisar seus interesses e princípios e expor historicamente o que um movimento de “desigrejados” representa.

Daí a importância desta obra de Idauro de Oliveira Campos. Não conheço outra obra em português que tenha tentado entender o fenômeno do desigrejamento aqui em nossa pátria com tal profundidade. Há muitas obras traduzidas criticando e rejeitando as igrejas institucionalizadas e outras, igualmente traduzidas, defendendo-as. Mas Idauro é o primeiro brasileiro a nos oferecer uma análise acadêmica profunda, a partir da história da igreja, do ressurgimento desta tendência que de vez em quando reaparece na vida do Cristianismo histórico.

Na primeira parte do livro, o autor explica o que é o movimento dos desigrejados e quais as suas principais reivindicações. Na parte dois, ele mostra como, através da história, desde os montanistas até Dietrich Bonhoeffer, sempre houve quem se levantasse para questionar a organização do Cristianismo, suas relações com o Estado e sua institucionalização. Com habilidade e equilíbrio, Idauro expõe as falácias de algumas das críticas e reconhece a validade de outras.

Na terceira parte do livro, ele demonstra biblicamente que desde os seus primórdios vetero-testamentários, a igreja de Cristo sempre se organizou, o que inclui liderança, normas, rituais, processos de procedimento, e tudo o mais relacionado com a necessidade humana de organização da vida.

O livro termina com o testemunho pessoal do autor sobre seu amor pela igreja.

É com muita alegria que recomendo esta obra, indispensável para todos os crentes em Jesus Cristo, que desejam entender o que realmente está acontecendo nas igrejas evangélicas de nosso país.

Rev. Dr. Augustus Nicodemus Lopes

Mestre e Doutor em Novo Testamento e Interpretação Bíblica.

Professor do Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper da
Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP).

Filadélfia, Setembro de 2013.

Sobre o livro



As reflexões e conclusões que você encontrará nas páginas deste livro foram propostas primeiramente em minha dissertação de mestrado em Ciências da Religião, apresentadas à Banca Examinadora do Seminário Teológico Congregacional do Estado do Rio de Janeiro (SETECERJ) em junho de 2013. Após a mesma, tendo em vista a publicação do livro, alguns acréscimos vieram a fazer parte do texto.

Durante três anos pesquisei o tema dos desigrejados, onde, através de artigos publicados em periódicos, livros e sites, familiarizei-me com as ideias e os reclamos daqueles que abandonaram o convívio eclesial. Embora reconheça como legítimas algumas das críticas feitas pelo movimento à igreja cristã contemporânea, percebi, também, que havia muita confusão, exagero, desconhecimento da história da igreja, contradições e mágoa. Esta última dirigida, principalmente, às lideranças eclesiásticas, talvez, o principal alvo das críticas dos desigrejados.

Minha oração, esperança e desejo são para que a presente obra contribua para lançar luz sobre um dos fenômenos mais polêmicos e comentados nos últimos anos dentro do cristianismo, auxiliando pastores, professores de teologia e da história da igreja, assim como, pesquisadores das ciências da religião, seminaristas e demais interessados no tema a encontrarem respostas sobre os motivos da onda de deserção eclesial que vem acontecendo em vários países do mundo, inclusive, com muita força e barulho, no Brasil.

Boa leitura!

Rev. Idauro de Oliveira Campos Júnior

Primavera de 2013.

Introdução



Em 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística registrou no censo o contingente de quatro milhões de brasileiros que se declararam aos agentes censitários como evangélicos sem vínculos institucionais. Ou seja, eram cristãos que não congregavam ou não assistiam em nenhuma comunidade eclesial. Os dados apresentados no Censo causaram surpresa entre os estudiosos das ciências sociais, dos teólogos e líderes protestantes e da própria mídia, tanto secular como também dos veículos de imprensa cristã. Afinal, era a primeira vez que se cristalizava no Brasil a presença de “evangélicos nominais”, algo incomum à tradição protestante e impensável até poucos anos.

A partir dos dados apontados no censo, uma série de publicações (artigos e livros) abordando as razões da deserção institucional dos evangélicos começou a ganhar visibilidade nas livrarias e, sobretudo, em sites na *internet*, onde tribos e comunidades diversas multiplicaram o tema. A tradução e intensa circulação de polêmicas obras publicadas nos Estados Unidos da América que não só explicam o movimento, mas até o incentivam, conquistaram leitores que se identificaram com a causa e que encontraram nas mesmas a fundamentação teórica necessária para justificar o abandono das congregações.

Embora pareça uma nova tendência e alguns de seus líderes considerem o movimento dos desigrejados como uma revolução, na verdade, os argumentos e o desencanto institucional não são novos

para a história da igreja, pois outros grupos, desde a era mais remota do cristianismo, apresentaram proposições semelhantes.

Neste livro conheceremos um pouco do movimento dos desigrejados, seus principais personagens (antigos e atuais), sua fundamentação teórica e também as ambiguidades e contradições, além das influências pós-modernas. Para tanto, dividiremos a pesquisa em três capítulos, onde a teoria, a relação com outros grupos históricos e a resposta ao movimento, negando-lhe o ineditismo pretendido, serão apresentados, respectivamente.

Destarte, a hipótese da presente pesquisa é demonstrar que este fenômeno do desengajamento institucional que vem ocorrendo nas igrejas cristãs contemporâneas na verdade é um comportamento histórico e que sempre reaparece no seio das mesmas, apresentando apenas e tão somente nova roupagem, conforme época e situação da igreja na sociedade.

Parte I

Conhecendo os desigrejados



A fé cristã histórica e a experiência eclesial vêm sofrendo nos últimos anos fortes questionamentos.^[Nota 1] O mais impressionante nesta afirmação é que os ataques não estão sendo deflagrados por intelectuais ou céticos que se situam além das fronteiras da cristandade, mas por cristãos que fazem e ou já fizeram parte de alguma igreja cristã^[Nota 2].

As razões básicas para as críticas^[Nota 3] passam pela denúncia dos prejuízos causados à fé cristã pela institucionalização da igreja^[Nota 4], da decepção com promessas feitas em nome de Deus e que nunca se cumpriram^[Nota 5], além das práticas e ensinamentos questionáveis ministrados em ambientes eclesiásticos^[Nota 6] e a repulsa com os maus exemplos das lideranças (pastores, bispos e apóstolos).^[Nota 7]

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de quatro^[Nota 8] milhões de brasileiros se declaram evangélicos sem vínculos institucionais^[Nota 9]. E a tendência não é apenas no Brasil, mas mundial^[Nota 10].

O movimento, que tem sido chamado por alguns teólogos de desigrejados^[Nota 11], não é amorfo. Pelo contrário, é organizado. Possui literatura^[Nota 12], sites^[Nota 13] e toda uma teorização que procura justificá-lo teologicamente^[Nota 14], e sua *performance* tem chamado atenção da imprensa cristã^[Nota 15] e secular.^[Nota 16]

Augustus Nicodemus Lopes, teólogo presbiteriano e ex-chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie, analisando o fenômeno

dos desigrejados^[Nota 17], identificou alguns argumentos básicos defendidos pelos seus adeptos, vejamos:

1) Cristo não deixou qualquer forma de igreja organizada e institucional.

2) Já nos primeiros séculos os cristãos se afastaram dos ensinamentos de Jesus, organizando-se como uma instituição, a Igreja, criando estruturas, inventando ofícios para substituir os carismas, elaborando hierarquias para proteger e defender a própria instituição, e de tal maneira se organizaram que acabaram deixando Deus de fora. Com a influência da filosofia grega na teologia e a oficialização do cristianismo por Constantino, a igreja corrompeu-se completamente.

3) Apesar da Reforma ter se levantado contra esta corrupção, os protestantes e evangélicos acabaram caindo nos mesmíssimos erros, ao criarem denominações organizadas, sistemas interligados de hierarquia e processos de manutenção do sistema, como a disciplina e a exclusão dos dissidentes, e ao elaborarem confissões de fé, catecismos e declarações de fé, que engessaram a mensagem de Jesus e impediram o livre pensamento teológico.

4) A igreja verdadeira não tem templos, cultos regulares aos domingos, tesouraria, hierarquia, ofícios, ofertas, dízimos, clero oficial, confissões de fé, rol de membros, propriedades, escolas, seminários.

5) De acordo com Jesus, onde estiverem dois ou três que creem nele, ali está a igreja, pois Cristo está com eles, conforme prometeu em Mateus 18. Assim, se dois ou três amigos cristãos se encontrarem no *Frans Café* numa sexta à noite para falar sobre as lições espirituais do filme *O Livro de Eli*, por exemplo, ali é a igreja, não sendo necessário

absolutamente mais nada do tipo ir à igreja no domingo ou pertencer a uma igreja organizada.

6) A igreja, como organização humana, tem falhado e caído em muitos erros, pecados e escândalos, e prestado um desserviço ao Evangelho. Precisamos sair dela para podermos encontrar a Deus^[Nota 18].

Este autor concorda com a síntese identificada por Nicodemus. Essas críticas dirigidas à igreja institucional estão sendo feitas por vozes de líderes cristãos não só no Brasil^[Nota 19], mas também nos Estados Unidos da América^[Nota 20], de onde vêm, inclusive, as mais contundentes publicações sobre o tema^[Nota 21]. Concordando, então, com o mapeamento proposto pelo prestigiado teólogo presbiteriano, analisaremos tais argumentos, a fim de os conhecermos com mais profundidade.

Conforme já mencionado, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística indicou na Pesquisa de Orçamentos Familiares o percentual de 14% entre os declarados evangélicos no país que não possuem quaisquer vínculos institucionais, totalizando, aproximadamente, quatro milhões de brasileiros^[Nota 22]. Nas editoras cristãs se aglomeram livros de autores nacionais e estrangeiros que tratam do tema, tais como: “Os Sem-Igreja”^[Nota 23], “Igreja? Tô Fora”^[Nota 24], “Gente Cansada de Igreja”^[Nota 25], “Feridos em Nome de Deus”^[Nota 26], “Revolução”^[Nota 27], “Decepcionados com a Graça”^[Nota 28], “Casas que Transformam o Mundo”^[Nota 29], “Eles Gostam de Jesus, mas não da Igreja”^[Nota 30], “Cristianismo Pagão”^[Nota 31], “Por Que Você Não Quer Mais Ir à Igreja?”^[Nota 32], “Igreja, Por Que me Importar?”^[Nota 33], “Alma Sobrevivente: sou cristão, apesar da igreja”^[Nota 34] e “O que fazer quando não queremos ir à igreja?”^[Nota 35]. Estas publicações apontam para o tema de desilusão com a Igreja cristã. Algumas apoiam, incentivam

e justificam a ruptura^[Nota 36], enquanto outras a condenam e defendem a permanência dos fieis nas comunidades cristãs^[Nota 37].

Mas, quem são estes desigrejados^[Nota 38]? Onde estão? E por que deixaram suas igrejas? Quais as justificativas que apresentam? Baseados nas obras publicadas, podemos afirmar que parte considerável do grupo de descontentes com a igreja sofreu decepções causadas pelo abuso e autoritarismo das lideranças eclesiais^[Nota 39] ou em razão de erros crassos cometidos na teologia ou nas práticas litúrgicas que suas igrejas refletiam^[Nota 40]. Ou seja, basicamente a massa de desigrejados^[Nota 41] está polarizada entre os decepcionados com a liderança e os críticos do *modus operandi* da instituição. Estes últimos não possuem histórico de sofrimento, mas, sim, questionam se a igreja, conforme a conhecemos, de fato expressa e revela no tempo e no espaço o que Jesus Cristo planejou para a mesma. Vejamos os dois grupos.

- Nota 1 - O niilismo eclesiástico tem sido proposto por críticos do cristianismo oficial como solução para uma igreja que consideram obsoleta e irrelevante no mundo contemporâneo e como alternativa à experiência eclesial convencional. O termo niilismo deriva do latim (“nihilo”) e significa “nada”. Com o construto “niilismo eclesiástico” se pretende classificar os cristãos que advogam um cristianismo totalmente despido de formas, estruturas e concretude institucional. A origem da expressão está explicada na nota de rodapé no. 134. Cf. p. 50. [Voltar]
- Nota 2 - Os escritores cristãos Caio Fábio D’Araújo Filho, no Brasil, e Frank Viola, nos Estados Unidos da América, são exemplos. [Voltar]
- Nota 3 - Esta pesquisa dividirá os desigrejados em duas categorias principais: os decepcionados com a liderança e os críticos do modus operandi e da institucionalização da igreja. Cf. p. 33-87. [Voltar]
- Nota 4 - Argumento dos críticos do modus operandi e da institucionalização. Cf. p. 51-87. [Voltar]
- Nota 5 - Geradas, especialmente, pela Teologia da Prosperidade. Cf. p. 42-50 (e nota de rodapé 94). [Voltar]
- Nota 6 - Crítica comum dos desigrejados egressos de igrejas neopentecostais. O neopentecostalismo tem sido apontado como uma das influências responsáveis pela onda de deserção institucional no cristianismo histórico. Cf. Nota de Rodapé 38 com a demonstração de dados estatísticos sobre o fenômeno no Brasil e sua relação com o neopentecostalismo. O publicitário Danilo Fernandes, blogueiro e diretor do site apologético GENIZAH e do Bureau de Pesquisa e Estatística Cristã, publicou recentemente uma série de artigos tratando dos desigrejados. Baseando-se em seu banco de dados, com mais de um milhão de cristãos cadastrados, e nos depoimentos de muitos destes que abandonaram suas congregações e os registraram no site, Danilo concorda que a maioria esmagadora dos que deixaram o convívio eclesial partiu das comunidades neopentecostais, embora faça questão

de registrar que muitas entre tais eram igrejas históricas na origem, mas que se “neopentecostalizaram” com o tempo. Cf. FERNANDES, Danilo. Série: Desigrejados. 3ª Parte: Seriam as Igrejas neopentecostais as principais responsáveis pelo crescimento dos desigrejados? São Paulo: GENIZAH. Disponível em: www.genizahvirtual.com.br Acesso em: 21 out 2013. [Voltar]

Nota 7 - ZÁGARI, Maurício. Decepcionados com a Igreja. Niterói: Cristianismo Hoje, 2010. Disponível em: www.cristianismohoje.com.br Acesso em: 14 abr 2011. [Voltar]

Nota 8 - Estatística oficial do IBGE em 2010. A Revista Cristianismo Hoje, em matéria assinada pelos editores Marcos Simas e Carlos Fernandes e publicada em 2016, aponta um aumento significativo no contingente de desigrejados: nove milhões e duzentos mil. A fonte não foi mencionada na matéria. Cf. SIMAS, Marcos & FERNANDES, Carlos. Congregar para quê? Cristianismo Hoje. Niterói, edição 51, ano 9. p. 34. [Voltar]

Nota 9 - FOLHA DE SÃO PAULO / GENIZAH. Disponível em: www.creio.com.br/revistaigreja. Acesso em: 14 abr 2011. Cf. Nota de Rodapé nº. 22 (p. 31). [Voltar]

Nota 10 - Ibid. O movimento dos desigrejados pode ser considerado tão somente como a versão cristã – protestante de um fenômeno mais amplo de desvinculação institucional que vem ocorrendo mundialmente em diversos segmentos da sociedade, notoriamente, é claro, no campo da religião. Uma análise quanto à questão está proposta nas páginas 179-191 deste livro, onde os posicionamentos de Ricardo Bitun, Denise Rodrigues, Zygmunt Bauman, Danièle Hervieu-Léger, estudiosos das ciências sociais, assim como de outros pensadores/ escritores dos campos da filosofia e teologia (Terry Eagleton, Roger Haight, Alfonso Garcia Rúbio, Brian K. Morley, Walter McAlister, Rubem Amorese e Bruno Forte, respectivamente), poderão ajudar a compreender a atual crise de pertencimento institucional pela qual passam as sociedades contemporâneas. [Voltar]

Nota 11 - LOPES, Augustus Nicodemus. Os Desigrejados. São Paulo. Disponível em: <http://temporamores.blogspot.com.br> Acesso em: 14 abr 2011. O artigo do Dr. Augustus Nicodemus Lopes, publicado em 05 de abril de 2010 (logo após a divulgação nos meios de comunicação dos dados estatísticos do IBGE), foi uma das primeiras reflexões sobre o tema em nosso país. O texto contribuiu para a percepção e debate do fenômeno

da deserção institucional dentro do protestantismo brasileiro; popularizou o neologismo “desigrejados” e despertou, inclusive, o interesse para pesquisa. O blog onde o artigo foi publicado é acessado por centenas de milhares de pessoas anualmente, sendo referência entre pastores, professores e estudantes de teologia de diferentes matizes denominacionais. [Voltar]

Nota 12 - São exemplos as obras “Cristianismo Pagão”, “Revolução”, “Por Que você não quer ir à Igreja?”. [Voltar]

Nota 13 - Os sites www.igrejanoslares.com.br e www.aosseuspes.com.br são exemplos. [Voltar]

Nota 14 - Negação da necessidade da construção de templos, da ordenação de um clero, da elaboração de confissões de fé, da prática dizimal estão entre os argumentos mais defendidos entre os desigrejados. [Voltar]

Nota 15 - Revistas Cristianismo hoje e Igreja, conforme citadas nas notas anteriores. [Voltar]

Nota 16 - REVISTA ISTO É. São Paulo, 2011. Disponível em: www.istoe.com.br/reportagem. Acesso em 30 set 2013. Com a matéria “O Novo Retrato da Fé no Brasil”, publicada em 24 de agosto de 2011 (edição 2180), o jornalista Rodrigo Cardoso comenta o fenômeno: “Acaba de nascer no País uma nova categoria religiosa, a dos evangélicos não praticantes. São os fiéis que creem, mas não pertencem a nenhuma denominação. O surgimento dela já era aguardado, uma vez que os católicos, ainda maioria, perdem espaço a cada ano para o conglomerado formado por protestantes históricos, pentecostais e neopentecostais. Sendo assim, é cada vez maior o número de brasileiros que nascem em berço evangélico – e, como muitos católicos, não praticam sua fé. Dados da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelaram, na semana passada, que evangélicos de origem que não mantêm vínculos com a crença saltaram, em seis anos, de insignificantes 0,7% para 2,9%. Em números absolutos, são quatro milhões de brasileiros a mais nessa condição. Essa é uma das constatações que estatísticos e pesquisadores estão produzindo recentemente, às quais ISTO É teve acesso, formando um novo panorama religioso no País”. Baseando-se na pesquisa realizada em vinte e sete municípios brasileiros, a matéria oferece um gráfico com o movimento de fiéis entre religiões diferentes (nomadismo religioso) e também com os evangélicos sem vínculos

institucionais. Cf. REVISTA ÉPOCA. São Paulo, 2010. Disponível em: www.revistaepoca.globo.com. Acesso em 14 abr 2011. Assinada pelo jornalista Ricardo Alexandre, publicada em 14 de agosto de 2010, a revista traz como matéria de capa o título “A Nova Reforma Protestante”, onde aborda a insatisfação de muitos cristãos brasileiros com os modelos tradicionais de igrejas evangélicas. [Voltar]

Nota 17 - A origem da expressão “desigrejados” é desconhecida. Contudo, Hermes Carvalho Fernandes, Bispo da Igreja Reina, declarou nas mídias eletrônicas ter sido o primeiro a fazer uso do termo, empregando-o em seu artigo, intitulado “Desigrejados sim, desviados não!”, publicado nos Estados Unidos da América em 22 de junho de 2010: “Acredito ter sido o primeiro a usar a expressão ‘desigrejados’. Estava em busca de uma palavra que expressasse a condição de muitos cristãos de nossos dias, daí surgiu esse neologismo. Aqui nos Estados Unidos, cunhou-se a expressão ‘churchless’ para designar esta enorme massa de crentes que deixaram os currais denominacionais para servirem a Deus em seu próprio ambiente doméstico”. Cf. FERNANDES, Hermes C. Desigrejados sim, desviados não! Disponível em: www.hermesfernandes.com. Acesso em: 02 out. 2013. [Voltar]

Nota 18 - LOPES, Augustus Nicodemus. Op.Cit. [Voltar]

Nota 19 - O Rev. Caio Fábio D’Araújo Filho, ex-pastor presbiteriano e um dos mais conhecidos pregadores do Brasil no século XX, é uma destas vozes. [Voltar]

Nota 20 - George Barna e Frank Viola, por exemplo, são escritores norte-americanos, conhecidos pelas publicações de polêmicas obras em que apresentam argumentos para a desvinculação institucional por parte dos cristãos. [Voltar]

Nota 21 - “Revolução” e “Cristianismo Pagão” são exemplos. [Voltar]

Nota 22 - GOIS, Antônio & SCHWARTSMAN, Hélio. Cresce o número de evangélicos sem ligação com igrejas. FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo. 15 ago 2011. Disponível em: www1.folha.uol.com.br. Acesso em: 15 ago 2011. [Voltar]

Nota 23 - BOMILCAR, Nelson. Os Sem-Igreja. São Paulo: Mundo Cristão, 2012. [Voltar]

Nota 24 - AGRESTE, Ricardo. Igreja? Tô Fora. São Paulo: SOCEP, 2009. [Voltar]

Nota 25 - AZEVEDO, Israel Belo. Gente Cansada de Igreja. São Paulo: Hagnus, 2010. [Voltar]

- Nota 26 - CÉSAR, Marília de Camargo. Feridos em Nome de Deus. São Paulo: Mundo Cristão, 2009. [Voltar]
- Nota 27 - BARNA, George. Revolução. São Paulo: Abba Press, 2007. [Voltar]
- Nota 28 - ROMEIRO, Paulo. Decepcionados com a Graça - esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. [Voltar]
- Nota 29 - WOLFGANG, Simson. Casas que transformam o mundo. Curitiba: Editora Esperança, 2001. [Voltar]
- Nota 30 - KIMBALL, Dan. Eles Gostam de Jesus, mas não da Igreja. São Paulo: Editora Vida, 2011. [Voltar]
- Nota 31 - VIOLA, Frank. BARNA, George. Cristianismo Pagão: Analisando as Origens das Práticas e Tradições da Igreja. São Paulo: Abba Press, 2008. [Voltar]
- Nota 32 - JACOBSEN, Wayne. COLEMAN, Dave. Por Que Você Não Quer Ir à Igreja. Rio de Janeiro: Sextante, 2009. [Voltar]
- Nota 33 - YANCEY, Philip. Igreja, Por Que Me Importar? São Paulo: Vida Nova, 2008. [Voltar]
- Nota 34 - YANCEY, Philip. Alma Sobrevivente. São Paulo: Mundo Cristão, 2004. [Voltar]
- Nota 35 - WELLS, PeggySue & PALAU, Luis. O Que Fazer Quando Não Queremos Ir à Igreja? São Paulo: Vida, 2008. [Voltar]
- Nota 36 - “Revolução”, por exemplo. [Voltar]
- Nota 37 - “Igreja? Tô Fora”, por exemplo. [Voltar]
- Nota 38 - O jornalista Carlos Fernandes, editor da Revista Cristianismo Hoje, analisando a dinâmica do fenômeno, registrou, em matéria publicada no periódico de outubro/novembro de 2013, os seguintes dados estatísticos sobre o movimento dos desigrejados no Brasil, baseando-se nas informações e apontamentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Bureau de Pesquisa e Estatística Cristã (BEPEC): “4 milhões são os brasileiros que se declaram evangélicos, mas não têm vinculação eclesial; o percentual de evangélicos nesta situação é de 10%; 62% dos desigrejados são egressos de denominações neopentecostais, cuja ênfase é a teologia da prosperidade; 63% dos respondentes declararam que voltariam a se vincular a uma comunidade que não apresentasse os vícios e malversações que os afastaram da comunhão; 29% dizem que não pretendem manter vínculo com outra igreja novamente; 5,6 anos é o

tempo médio de conversão dos desigrejados”. Cf. FERNANDES, Carlos. Desigrejados, fenômeno que Cresce. Cristianismo Hoje. Niterói, edição 37, ano 7, 2013. p. 23. Informações complementares quanto à pesquisa aplicada pelo BEPEC, poderão ser encontradas nos sites: www.bepec.com.br ou www.genizahvirtual.com.br. [Voltar]

Nota 39 - Tema de “Feridos em Nome de Deus”. [Voltar]

Nota 40 - Foco de “Cristianismo Pagão”. [Voltar]

Nota 41 - É importante a distinção entre os grupos de desigrejados e desviados. O primeiro, alvo de nossa pesquisa, refere-se aos cristãos que deixaram suas congregações, mas que se mantêm na confissão dogmática (afirmam a exclusividade soteriológica do Senhor Jesus Cristo; aceitam os ritos do batismo e da Santa Ceia; creem na Segunda Vinda de Cristo etc.) e reconhecem a necessidade de uma vida piedosa, embora haja desigrejados cujo estilo de vida possa negar isso. Em relação aos desviados, diferentemente, os mesmos não só romperam com suas denominações, mas também com doutrinas e conduta cristãs. Os desigrejados, portanto, não aceitam de forma alguma a alcunha de “desviados”. Cf. FERNANDES, Hermes C. Op.Cit. [Voltar]

Capítulo 1

Decepcionados com a liderança



A jornalista Marília de Camargo César dedicou-se a escrever e publicar uma polêmica obra^[Nota 42] em 2009 sobre o tema “abuso espiritual”, onde apresenta e discute casos de cristãos que sofreram abusos por parte das lideranças eclesiais das comunidades em que congregavam e que, como consequência, alguns terminaram por romper os laços que os mantinham vinculados à grei. Vejamos o que diz:

Caminhar sobre o solo do tema abuso espiritual exige cuidado e afeto. O solo é sagrado. Não é outro senão o coração de vítimas. As vitimas estão sempre fragilizadas e carregam consigo suas dores na carne e na alma. Jesus ensina a pisar no solo sagrado da intimidade das vítimas com a cautela amorosa de quem não quer apagar a pavio que fumega nem esmagar a cana trilhada. Implica o sopro singelo para que a chama se recupere desde as cinzas e o carinho necessário para que as feridas encontrem o caminho da cura.^[Nota 43]

O livro de Marília, inclusive, nasce de sua sofrida experiência, onde, após anos de dedicação à sua igreja, viu centenas de irmãos em Cristo se afastarem, acusando seu pastor de despotismo^[Nota 44], conforme declara:

Meu interesse pelo tema surgiu de uma dolorosa experiência de divisão na igreja em que eu frequentava. De uma semana para outra, uma congregação aparentemente sólida e sedimentada

em uma visão missionária e de intercessão pelas nações foi abalada pela notícia do afastamento de um dos pastores, por motivo de saúde. Mal ele saíra de cena, pessoas amarguradas e revoltadas por seu estilo de liderança deram início a uma série de acusações, como abuso de poder, manipulação e vantagens financeiras.^[Nota 45]

Marília informa que em um período de seis meses aproximadamente mil membros deixaram de congregar, denunciando os prováveis desvios de conduta e até questionando a legitimidade da conversão do antigo líder.^[Nota 46]

A experiência a levou a investigar casos semelhantes. E não foram poucos os encontrados. Suficientes para reuni-los no livro que se propõe a contar a história daqueles que sofreram abuso espiritual e que se decepcionaram com a liderança e abandonaram a igreja. Como, por exemplo, são os casos de Marcos, Adriano e Célia^[Nota 47], que serão apresentadas a seguir.

O caso Marcos

Camargo apresenta o caso de *Marcos*. Um jovem senhor de 39 anos (à época), formado pela Universidade de São Paulo (USP) que construíra uma sólida e próspera carreira profissional e que, empolgado com a fé cristã que conhecera e com a comunidade de fé que começara a frequentar, convidado pelo seu pastor, deixou o seu emprego para trabalhar na escola que pertencia à igreja.^[Nota 48] Acreditando que trabalhar no mundo corporativo era tedioso, cansativo e sem senso de compromisso e causa, Marcos, então, aceita o convite para trabalhar no colégio cristão, ganhando três vezes menos.^[Nota 49] O novo emprego era visto como um ministério cristão. Um chamado de Deus! Mesmo ganhando menos, o entrevistado de Camargo acreditava estar fazendo algo certo pelos valores implicados na proposta. Afinal, estaria servindo a Deus e contribuindo como professor na educação de crianças e, principalmente, ajudando-as a encontrarem a fé em Cristo. Nada podia ser mais perfeito. Assim acreditava.

Além disso, acreditava no novo ambiente de trabalho. Orações eram feitas diariamente. Os colegas eram membros da mesma igreja, professando as mesmas convicções de fé. O trabalho era, para Marcos, uma missão: A conversão dos alunos!^[Nota 50]

Com o tempo começaram a surgir os primeiros problemas. Despotismo; favorecimento de alunos ricos em detrimento dos menos abastados; intrigas; disputas; exaltação dos crentes mais jovens na fé e, logo, submissos, ao mesmo passo do desprezo aos cristãos mais experientes e, conseqüentemente, mais críticos e analíticos (como Marcos); pressão psicológica para aceitar sem contestação e questionamento a orientação pastoral; ofensas; ameaças; constrangimentos; prosperidade desmedida dos pastores

responsáveis pela escola, enquanto os funcionários empobreciam com o tempo^[Nota 51]; tratamento diferenciado entre os grandes doadores do colégio e os funcionários mais simples, em uma clara e pecaminosa incursão no caminho da acepção de pessoas, tão condenada nas Escrituras Sagradas (Tg 2.1-9) e contrária aos ensinamentos de Jesus Cristo (Lc 14.21).

No que tange ao empobrecimento experimentado pelo entrevistado em contraste com a prosperidade dos pastores, o entrevistado de Camargo diz:

Não podíamos ter empregada porque ou dávamos o dízimo ou tínhamos ajudante. Minha mulher, que trabalhava o dia inteiro e ainda cuidava de nosso filho pequeno, tinha de lavar roupa de madrugada. Enquanto isso, eles viajavam pelo mundo como quem troca de roupa.^[Nota 52]

Marcos percebeu a inconsistência em que passara a viver. Algumas pessoas próximas o ajudaram a entender que o colégio não seria a única forma de servir a Deus. Entendendo, encorajado, pediu demissão e, em seguida, não sem feridas e ressentimentos, afastou-se da congregação. A própria percepção de sua relação com Deus foi comprometida. Quanto a isso, afirma:

Comecei a achar que Deus tinha pisado na bola comigo. Eu obedeci a tudo o que ele me dissera^[Nota 53], e acabei me dando mal.

Prejudiquei minha casa indo para aquela escola. Desde então não consigo me reerguer.^[Nota 54]

Marcos era ingênuo e idealista. Sua história termina, até onde sabemos, com sua demissão do colégio, seu afastamento da igreja, seus questionamentos quanto à fidelidade de Deus e os

sentimentos de vergonha e indignação que passaram a acompanhar sua vida. Até quando? Não é possível saber. Uma ferida foi aberta na relação eclesial de Marcos e também em sua experiência de fé. As circunstâncias de cura e recuperação dependerão de uma série de fatores que não cabe nesta pesquisa discutir.

O caso Adriano

Camargo nos conta também em seu livro o caso de Adriano.^[Nota 55] Um jovem advogado, formado pela Universidade de São Paulo (USP) que após uma infância criada nos conservadores costumes da Igreja Presbiteriana do Brasil, passou por uma fase de profunda indiferença religiosa, onde, afastado da comunidade de fé e uma vez na faculdade, seguiu um roteiro de vida marcada pelo uso de drogas e sexo.^[Nota 56] Após enfrentar um drama familiar^[Nota 57] é convidado por seu pai para visitar uma congregação carismática onde se dizia que “os cultos eram alegres e cheios do poder”.^[Nota 58] Adriano visita a igreja exatamente em uma ocasião em que se celebrava a Festa dos Tabernáculos.^[Nota 59] A decoração da igreja era bonita, o ambiente era agradável e as músicas eram tocadas de forma comovente e em alto volume.^[Nota 60]

Impactado pela nova comunidade, jovem e festiva, e, comovido com a possibilidade de uma nova vida, Adriano, empolgado, deixou a bebida e as drogas. Começou a congregar com assiduidade, participando de todos os trabalhos regulares da nova igreja. Conheceu, então, Vera, com quem, nove meses depois, se casaria e, embalado por essa nova fase em sua vida, prometeu amor e fidelidade ao seu pastor que tanto vinha lhe ajudando no processo de crescimento espiritual que acreditava estar experimentando.^[Nota 61] “Ele tinha sido um instrumento de Deus em minha vida (...). Queria honrá-lo”^[Nota 62], conta Adriano. Camargo informa que tal promessa fora feita publicamente por Adriano, garantindo que serviria ao pastor “*fielmente em seu trabalho, dedicando-se a ele em todas as suas necessidades*”.^[Nota 63] Camargo dá detalhes deste voto feito, conforme o relato abaixo:

Adriano decidiu largar o emprego para trabalhar na igreja em tempo integral, passando a conviver mais próximo de seu amado líder. Como falava bem o inglês, era convidado para viagens internacionais, a fim de servir de tradutor. Nessas ocasiões, ficava impressionado com as compras do pastor, que gastava sem medo e em alto estilo. Como o orçamento de Adriano ficara apertado depois de trocar a advocacia pelo Reino de Deus, constrangia-o ver o líder comprando tudo que os olhos desejassem, enquanto Adriano passava vontade.^[Nota 64]

Numa dessas viagens internacionais em que o jovem Adriano participou, Camargo conta o que aconteceu:

O pastor pediu a Adriano que lhe desse de presente uma pasta de grife no valor de quatrocentos dólares. “Abençoe-me, e você será abençoado”, argumentava. Quem honra o profeta recebe galardão de profeta. O salário de Adriano não lhe permitia comprar o mínimo, mas ele acabou cedendo e dando o presente ao pastor.^[Nota 65]

E ainda: “Irmãos que o acompanhavam nessas missões, que sempre tinham objetivos espirituais, costumavam depositar dinheiro vivo – como presente – nas mãos do homem de Deus, fato testemunhado diversas vezes por Adriano”.^[Nota 66]

O jovem advogado denuncia: “Em vez de ele investir esse dinheiro na obra de Deus, aceitava de bom grado e gastava tudo consigo mesmo”.^[Nota 67]

O pastor de Adriano, além das ofertas generosas, ganhava salário mensal, que, segundo Camargo, comparava-se a de um alto executivo empresarial^[Nota 68], e também possuía casa pastoral paga pela igreja, assim como plano de saúde, previdência privada e

despesas com automóvel e seguros^[Nota 69], tudo, claro, pago pela igreja.

O casamento de Adriano começou a ter problemas. Sua esposa não concordava com as práticas do pastor e tampouco com a exagerada submissão de Adriano. Também ficou descontente com o papel periférico que ele queria que ela aceitasse, fruto de uma teologia que aponta a obediência da mulher ao marido.^[Nota 70] Cansada da situação, Vera abandonou o casamento^[Nota 71], deixando para trás um marido confuso, arrependido, falido, sem condições financeiras, inclusive, para visitar os filhos que tivera com ela. Separado, Adriano conheceu uma jovem e, em pouco tempo, engravidou-a, agravando, assim, sua condição financeira.^[Nota 72]

À época em que deu sua entrevista para Camargo, Adriano estava desigrejado, sem dinheiro e abandonado pelo seu pastor, conforme diz:

É uma loucura o dano que meus filhos sofreram por causa disso tudo. Não há indenização que pague o que esse pastor causou em minha vida.^[Nota 73] Eu sei bem o que é abuso espiritual.^[Nota 74]

O caso Célia

No livro de Marília de Camargo César temos acesso também à história de Célia.^[Nota 75] Uma jornalista, como Camargo ressalta, cuja “*vida melhorou depois que saiu da igreja.*”^[Nota 76] Mas, por que a vida de Célia, uma cristã sincera que congregava em uma comunidade carismática, tornou-se mais interessante após o seu rompimento com a igreja de Cristo?

Sua trajetória e características de sua vida explicam a rejeição. Célia conheceu o Evangelho em um Seminário de libertação realizado por uma famosa pregadora brasileira que Camargo omite o nome. Célia confessa que desconfia que aquele momento fosse justamente o início de um terrível cativo espiritual que começara a experimentar.^[Nota 77]

Célia sofria de uma doença rara e incurável^[Nota 78] e durante o tempo em que congregou em sua igreja, de corte neopentecostal, acreditou, influenciada pelos pastores, de que deveria abandonar os medicamentos e tratamento médico que fazia há quase duas décadas, pois, conforme diziam, sua enfermidade era de origem espiritual e, logo, recursos humanos não resolveriam o seu problema, mas apenas o emprego de práticas e disciplinas espirituais, como jejuns, orações, campanhas de fé, exorcismos, sessões de libertação e confissões positivas.^[Nota 79] Sua enfermidade produzia fraqueza muscular, forçando-a a usar cadeiras de rodas. Nas inúmeras tentativas de não usá-la, os tombos eram frequentes, o que era interpretado pelos pastores como retaliações malignas^[Nota 80], trazendo desconforto e dúvidas para Célia.

Engajada em todas as campanhas da igreja e entusiasmada com a possibilidade de ficar curada, Célia confrontava os médicos

dizendo: “Vocês vão ver o que Deus vai fazer pela minha saúde”.
[Nota 81] Entretanto, Célia não melhorava e seu estado somente se estabilizou com alguns procedimentos cirúrgicos, vistos e interpretados pelos pastores como falta de fé.^[Nota 82]

Formada em Jornalismo, trabalhou de graça como assessora de comunicação da igreja e, quando precisou ser remunerada, teve seu pedido negado sob o argumento de que deveria servir ao Reino de Deus sem visar dinheiro, começando a gerar desconfiança da integridade de seus pastores. Integridade essa que ruiu completamente quando soube de uma campanha financeira promovida pelos pastores junto aos fiéis da igreja, em que se arrecadaram dois milhões de reais para adquirir uma propriedade em que se pagaram oitocentos mil. Um milhão e duzentos mil reais a menos do que os pastores disseram ser necessário.^[Nota 83] Além disso, Célia presenciou sua única irmã, surda e com problemas mentais, ser enganada por um pregador que fora trazido da Europa para a realização de curas e maravilhas e que garantiu que a mesma fora curada no culto. No término da reunião, ao aproximar-se de sua irmã, constatara os mesmos problemas de saúde que há anos a acompanhavam. Se não bastasse, Célia também teve decepções amorosas na comunidade em que congregava. Tudo sob orientação e bênção do pastor.^[Nota 84] Cansada de tantos fracassos espirituais, Célia decidiu, então, abandonar a congregação. Do período em que passou na igreja, Célia diz que:

Não sabia quem eu era. Filha de Deus, mas com o demônio sempre ao meu encalço. Estava curada, mas não via isso na prática. Minha família era boa, mas não tinha fé, o que a tornava má. Era uma crise de identidade muito forte. Era só confusão.^[Nota 85]

Célia reclama da alienação e cultura de gueto que certas pessoas cristãs vivem. Vejamos o que diz quanto a isso:

Percebi que as pessoas só queriam andar com outros cristãos, fazer negócios com cristãos, trabalhar em empresas de cristãos, comprarem roupa em lojas de cristãos, irem a barzinho cristão. Isso é gueto, é uma doença. Deus mandou ser luz e sal no mundo e não sair dele. Comecei a perceber que as amizades eram circunstanciais. As pessoas só eram suas amigas se você estivesse naquela igreja. Se saísse da igreja, deixavam de ser suas amigas. Você deixava de fazer parte da tribo. Sofri muito preconceito porque eu questionava e me encontrava num tipo de busca que os outros não compreendiam.^[Nota 86]

Célia saiu da igreja, continuou o seu tratamento, passou a fazer análise com um terapeuta, está bem profissionalmente e, à época da entrevista com Camargo, estava noiva e com casamento marcado.^[Nota 87]

Não perdeu a fé, mas rompeu seus vínculos institucionais, acreditando na irrelevância da igreja para a verdadeira e saudável comunhão com Deus.^[Nota 88]

Um novo tipo de cristão evangélico?

Paulo Romeiro, doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, escreveu uma obra de referência no assunto dos descontentes com a instituição cristã, intitulada “Decepcionados com a Graça”^[Nota 89], tendo como objetivo “analisar o conjunto de experiências de esperanças e frustrações produzido por várias instituições evangélicas”.^[Nota 90] Romeiro dedicou-se, nesta obra, ao segmento neopentecostal brasileiro.^[Nota 91] Em sua pesquisa, apresentada como tese de seu doutorado, Romeiro precisou viajar pelo Brasil e deparou-se com o que chama de novo tipo de cristão evangélico: o decepcionado.^[Nota 92] Fruto do ambiente eclesiológico em que praticou sua fé, o decepcionado traçado por Romeiro tem como característica um roteiro básico em sua iniciação, conforme relata: “ocorrem o deslumbramento, a expectativa, a entrega pessoal pela causa e a confiança despreocupada na proposta do grupo”.^[Nota 93] A mola propulsora desta postura é provocada pela chamada “Teologia da Prosperidade”^[Nota 94], que promete êxito inigualável em todas as dimensões da vida humana para todo aquele que for fiel à Jesus Cristo. Mas, conforme Romeiro aponta: “com o tempo, porém, vêm os questionamentos relativos à linha de pregação, à administração financeira ou a questões éticas, provocando o rompimento”.^[Nota 95] Este rompimento se dá em face da decepção com promessas feitas pela liderança em nome de Deus nas áreas da saúde, das finanças, da carreira, da família e que nunca se cumpriram, levando os fiéis à exaustão espiritual e à indisposição institucional. Como, por exemplo, foi o caso de Mario Justino de Souza, ex-pastor da Igreja Universal do Reino de Deus, que alega ter presenciado o sofrimento de sua mãe, vitimada de um tumor maligno e que nunca fora sequer

assistida pela igreja, mas que, após cinco meses do falecimento da mesma, recebera correspondência da igreja questionando sua ausência nas reuniões e sua “inadimplência dizimal”.^[Nota 96]

Romeiro mostra que tais decepções não ocorrem somente por conta da saúde não alcançada, conforme exemplo acima, mas também pelos graves desvios éticos dos líderes de determinadas comunidades de fé, conforme o exemplo abaixo:

A (Igreja) Renascer enganou diversos fiéis aos quais pedia dinheiro e ajuda em nome da religião. Convencidos a atuar como fiadores da instituição, muitos deles - inclusive um pedreiro - se arriscaram a perder a casa em que moram por falta de pagamento. A Renascer em Cristo também deixou um rastro de compromissos não cumpridos. Possui uma fundação que investiu em obras curiosas, como um *resort* na Flórida, num gasto proibido pela lei. Apenas na justiça de São Paulo e de Brasília correm 51 processos sobre o seu modo de agir. Um exame acurado desses casos cobra uma investigação sobre crimes como falsidade ideológica, estelionato e até formação de quadrilha, dizem juristas ouvidos pela revista.^[Nota 97]

Além desta notícia, Romeiro nos lembra, citando Ricardo Mariano, sociólogo, autor do livro “Neopentecostais”^[Nota 98], que o próprio Edir Macedo, controvertido líder da Igreja Universal do Reino de Deus, comunidade expoente da Teologia da Prosperidade no Brasil, foi preso em 1992 sob denúncia de ter enganado cinco fiéis de sua igreja.^[Nota 99]

Paulo Romeiro detalha situações de decepção ocorridas dentro destas igrejas cujas lideranças são conhecidas por proclamarem um evangelho triunfalista, conforme veremos abaixo.^[Nota 100]

Decepcionados com a Renascer: Fernando e Alice

Fernando e Alice são casados. Ambos são cristãos e oriundos do movimento neopentecostal. A experiência da conversão de Fernando ocorreu em 1993, quando visitava a Igreja do Evangelho Quadrangular. Alice é cristã há mais tempo. Seu contato com o Evangelho ocorreu em 1987, em uma igreja de Nova Vida.^[Nota 101]

Em 1998, ambos estavam congregando na Igreja Renascer em Cristo, liderada pelo casal Estevam e Sônia Hernandes. Com o tempo, Alice começou a se envolver com os trabalhos da igreja, atuando como professora, conselheira, pregadora, evangelista, diaconisa e presbítera. Fazia também visitas e tinha capacidade de levantar ofertas.^[Nota 102] Fernando, por sua vez, trabalhava na intercessão, no departamento infantil, no coral e também na Escola de Profetas.^[Nota 103] Apesar do intenso envolvimento com a igreja, o casal não tinha acesso aos Hernandes e, mesmo grata por considerar-se curada por Deus através da oração do Estevam Hernandes^[Nota 104], Alice e também Fernando começaram a desconfiar da integridade do mesmo quando, ao lançar uma campanha financeira para a construção de uma torre de rádio e TV na Avenida Paulista, não o fez, embora muitas somas de dinheiro tivessem sido levantadas e, quando questionado pelos auxiliares quanto à questão, sua resposta foi: “se vocês querem saber da torre vão orar e perguntar a Deus”.^[Nota 105]

Alice e Fernando declaram que as Escrituras Sagradas eram distorcidas nas questões financeiras. Não havia assistência aos fiéis mais necessitados e dinheiro e lucro eram os critérios de abertura, funcionamento, manutenção e fechamento^[Nota 106] de uma congregação.

Pessoas não era a prioridade na Igreja Renascer. Vejamos o registro de Romeiro:

De acordo com Alice, a Igreja Renascer não investe tempo no atendimento às pessoas. O exemplo estava em sua família. Ela precisou de ajuda por causa de um irmão dela que se envolveu com drogas. Embora Alice trabalhasse na Igreja, não conseguiu nenhum tipo de ajuda. Nem sequer uma visita.^[Nota 107]

Os resultados inevitáveis foram a decepção do casal com a liderança da igreja e a consequente desvinculação. Romeiro lembra que o rompimento de Alice e Fernando com a Renascer não foi fácil, pois, além dos muitos compromissos ministeriais que assumiram e que sentiam-se responsáveis, havia também o afeto e a gratidão ao apóstolo^[Nota 108], que acreditam ter sido um instrumento de Deus para a cura de Alice. “Como pode alguém ser usado por Deus e cometer todas aquelas atrocidades?”^[Nota 109], desabafa Alice, decepcionada.

As “atrocidades” que Alice se refere são as inúmeras e escravizantes campanhas financeiras (semeadura, multiplicação, colheita), além da nítida acepção de pessoas, pois, conforme o êxito profissional e financeiro do fiel, a ascensão acontece mais rapidamente dentro da estrutura da denominação^[Nota 110], sendo que também se aplicava o critério de humilhar e perseguir os que fracassam na vida profissional, ameaçando-os de perderem suas posições eclesiásticas em caso de falência nos negócios.^[Nota 111]

Decepcionado com a IURD: Felipe

Paulo Romeiro relata também o caso de Felipe.^[Nota 112] Um jovem do interior de São Paulo que, por causa das constantes brigas com seu pai, abandonou o lar, indo morar com uma tia que congregava na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Convidado para participar das reuniões, Felipe sentiu-se atraído pelo ambiente da igreja e, justamente em sua primeira visita, o pastor pregou sobre relacionamentos familiares.^[Nota 113] Um tema caro para Felipe. A identificação foi imediata e, entusiasmado com a prática da pregação, e vendo a prosperidade dos pastores da IURD, desejou se tornar um pregador.

Felipe passou a dedicar-se intensamente à rotina da igreja, que incluía abrir o templo às 07 horas da manhã diariamente, limpá-lo, ar-rumar os bancos e organizar todos os detalhes para as reuniões, onde eventualmente era o dirigente.^[Nota 114] Com três meses de conversão e na explosão de seu empenho, foi batizado e, no mesmo dia, consagrado auxiliar de pastor^[Nota 115], conforme, com lamento, nos conta:

Eu fui jogado na obra. Não tive nenhuma instrução teológica, nenhum preparo. Não fui separado por um período para estudar, para conhecer a hierarquia da igreja, como ela se divide e qual sua base teológica e doutrinária. Nada disso eu aprendi.

Eu me lembro de que, em meu primeiro culto, subi ao púlpito, abri a Bíblia, tremendo de vergonha, e falei para meia dúzia de pessoas. O culto, que deveria durar uma hora, foi realizado em vinte minutos. Quando eu estava encerrando a reunião, um

obreiro tomou a palavra e reiniciou a programação. Isso me causou muito constrangimento.^[Nota 116]

Como era neófito e cometia muitos erros, Felipe era asperamente repreendido pela liderança pastoral da igreja, o que terminou gerando indignação, pois a tornava semelhante ao seu pai com toda a hostilidade experimentada naquela relação.

Felipe não chegou ao pastorado. Foi reprovado em uma entrevista episcopal. Montou, então, um negócio e, desejoso de que o mesmo prosperasse rápido e abundantemente, doou uma grande soma de dinheiro para a “Campanha da Fogueira Santa de Israel”^[Nota 117], sob a promessa de que, inevitavelmente, prosperaria muitíssimo e, caso isso não acontecesse, toda a soma doada seria devolvida. Mas, apesar da ênfase da promessa, Felipe nunca prosperou e tampouco recuperou o dinheiro doado, pois, ao procurar o bispo que prometera fazê-lo, este negou o compromisso, acusando Felipe de não conseguir prosperar por falta de fé.^[Nota 118] Felipe, como não podia deixar de ser, abandonou a Igreja Universal.

Decepcionado com a Graça de Deus: Júnior, o operador da Bolsa

O livro de Paulo Romeiro, “Decepcionados com a Graça” , analisa a prática pastoral neopentecostalista da Igreja Internacional da Graça de Deus^[Nota 119], conforme nos informa na introdução da obra.^[Nota 120] De tal comunidade nos conta o curioso caso de um operador da Bolsa de Valores de São Paulo que quase perdeu seu emprego por causa dos pastores da Igreja da Graça.^[Nota 121]

Júnior teve contato com a Igreja Internacional da Graça de Deus através de sua esposa, Mônica, que congregava em uma filial. Interessando-se pelos comentários que sua esposa fazia acerca dos pastores da igreja, que incentivavam os fiéis a determinarem a bênção e a prosperarem na vida, Júnior começou a assistir aos programas ministrados pelo missionário R. R. Soares e, à medida que gostava das mensagens, sua curiosidade foi aumentando, até que começou a patrocinar o ministério de Soares e, em pouco tempo, a frequentar a sede da Igreja.

Ao ler o livro de T. L. Osborn^[Nota 122] e participar de uma cruzada com o mesmo, Júnior entregou sua vida para Jesus Cristo e, em seguida, filiou-se à Igreja Internacional da Graça de Deus.^[Nota 123]

Como era um eficiente operador da Bolsa de Valores, trabalhando em um banco e sendo muito bem comissionado sobre os rendimentos que conseguia como fruto de suas aplicações, Júnior tinha um menso desejo de prosperar financeiramente e, na Igreja da Graça, através dos pastores, aprendeu que, se dizimasse e ofertasse com regularidade, participando de todas as campanhas^[Nota 124] afins, seria, conseqüentemente, próspero em todas as áreas da vida.

Júnior entregou-se sem reservas aos ensinamentos da Igreja da Graça. Frequentou-a assiduamente por dois anos. A Teologia da Prosperidade era o tema que mais chamava sua atenção, haja vista que trabalhava profissionalmente com dinheiro. Na igreja, o tema da prosperidade na vida era ligado ao que chamavam de “passo de fé”^[Nota 125] e este significava sempre doar dinheiro para a igreja.^[Nota 126] No contexto em que tais ofertas eram pedidas, os apelos chegavam a ser feitos durante quarenta minutos^[Nota 127], numa clara evidência da importância do dinheiro na liturgia do culto. As ofertas estavam sempre associadas à conquista da bênção de Deus. Quem doasse muito, logo, receberia muito. Como Júnior ganhava dinheiro somente se conseguisse boas aplicações na Bolsa para os clientes do banco a qual era empregado, viu na Teologia da Prosperidade ensinada pelos seus pastores, homens os quais tanto confiava, a oportunidade de crescimento financeiro imediato.

Júnior era um funcionário exemplar. Ganhava muito dinheiro para seus clientes e também para si. Era um operador aplicado, estudioso do mercado e leitor dos principais diários e periódicos de economia e finanças. Era muito bem informado^[Nota 128], como deve ser, aliás, todos os que atuam neste arriscado e complexo segmento.

Em face da exposição aos ensinamentos da Confissão Positiva^[Nota 129] aprendidas no bojo da Teologia da Prosperidade ensinada na sua igreja, Júnior acreditou piamente que bastava participar das campanhas financeiras e praticar o dízimo que sua riqueza viria. Começou a negligenciar a pesquisa do mercado, assim como ao acompanhamento dos balanços das empresas e dos relatórios financeiros publicados nos principais jornais de economia e também na própria Bolsa de Valores. Até que a tragédia aconteceu: uma empresa com negócios em Nova York teve a compra de suas ações

desaconselhadas através de um memorando emitido pela BOVESPA^[Nota 130], mas, como Júnior não mais se informava e estudava o mercado, garantindo-se nas promessas de êxitos irrestritos, pois, afinal, era um fiel filho de Deus e semeador de grandes bênçãos, comprou tragicamente justamente as ações que não serviam. No dia da negociação, em dez minutos seu prejuízo era enorme. Quase perdeu o emprego. Foi impedido de continuar comprando por que foi alertado por um funcionário do banco. Júnior precisou trabalhar muito para se recuperar do prejuízo e, como Romeiro, declara, sua trágica história foi construída pelos ensinamentos dos pastores da Igreja da Graça, que Júnior tanto acreditava.^[Nota 131]

Júnior abandonou a Igreja da Graça, sobre a qual diz: “Eu me senti enganado durante todo aquele tempo”^[Nota 132], passando a procurar outro lugar para congregar.^[Nota 133] Um lugar onde a centralidade do culto fosse a Palavra de Deus. É provável que a desvinculação institucional de Júnior não tenha durado ou não dure muito tempo.

Pelos casos relatados até aqui, pode-se concluir que muitos dos desigrejados apontados em pesquisas são fruto da decepção obtida com as lideranças eclesiais. Promessas feitas e nunca alcançadas; desvio de caráter; malversação dos recursos das igrejas; abuso espiritual; lideranças despóticas; aceitação de pessoas com base na classe social e econômica. Enfim, tais exemplos horrendos dados pelos pastores e bispos, justificam, para muitos desigrejados, o desencantamento com as comunidades de fé, levando-os a abandoná-las.

Contudo, o mau exemplo das lideranças não é o único argumento usado pelos desigrejados. Há muitos que nunca sofreram casos de abusos cometidos pelos seus pastores, mas que ainda assim estão desvinculados de quaisquer instituições cristãs. Para tais, os

argumentos mais sólidos que justificam o niilismo eclesiástico^[Nota 134] se dão mais em face de razões teológicas do que por causa de dramas pessoais vividos dentro das igrejas. Estes defendem que a igreja contemporânea, com seus templos, sua liturgia, seus ofícios e hierarquia não possuem base bíblica e teológica para existirem e que, tampouco, foram planejadas pelo Senhor Jesus Cristo. Conheçamos um pouco destes desigrejados e de suas principais proposições.

- Nota 42 - CÉSAR, Marília de Camargo. Feridos em Nome de Deus. São Paulo: Mundo Cristão, 2009. [Voltar]
- Nota 43 - Ibid. p.11. [Voltar]
- Nota 44 - Ibid p.17-18. [Voltar]
- Nota 45 - Ibid. p. 17. [Voltar]
- Nota 46 - Ibid. [Voltar]
- Nota 47 - Nomes fictícios. [Voltar]
- Nota 48 - CÉSAR, Marília de Camargo. Op.Cit. p. 26. [Voltar]
- Nota 49 - Ibid. p. 28. [Voltar]
- Nota 50 - Ibid. p. 29. [Voltar]
- Nota 51 - Ibid. p. 29-33. [Voltar]
- Nota 52 - CÉSAR, Marília de Camargo. Op.cit. p. 33. [Voltar]
- Nota 53 - É comum em determinados círculos cristãos, especialmente neopentecostais, confundir a orientação do pastor com a voz do Espírito Santo. [Voltar]
- Nota 54 - CÉSAR, Marília de Camargo. Op.cit. p. 34. [Voltar]
- Nota 55 - ibid. p. 34-59. [Voltar]
- Nota 56 - Ibid. p. 55. [Voltar]
- Nota 57 - Morte de sua mãe. [Voltar]
- Nota 58 - CÉSAR, Marília de Camargo. Op.cit. p. 55. [Voltar]
- Nota 59 - Festividade judaica realizada a partir do dia 15 do mês Tishrei (setembro/outubro). Algumas igrejas neopentecostais promovem festas com o uso da designação. [Voltar]
- Nota 60 - CÉSAR, Marília de Camargo. Op. Cit. p. 55. [Voltar]
- Nota 61 - Ibid. p. 56. [Voltar]
- Nota 62 - Ibid. [Voltar]
- Nota 63 - Ibid. [Voltar]
- Nota 64 - Ibid. [Voltar]
- Nota 65 - Ibid. p. 57. [Voltar]
- Nota 66 - bid. [Voltar]

- Nota 67 - Ibid. [Voltar]
- Nota 68 - Ibid. [Voltar]
- Nota 69 - Ibid. [Voltar]
- Nota 70 - Ibid. p. 58. [Voltar]
- Nota 71 - Ibid. [Voltar]
- Nota 72 - Ibid. p. 59. [Voltar]
- Nota 73 - Ibid. [Voltar]
- Nota 74 - Ibid. [Voltar]
- Nota 75 - Ibid. p. 79-87. [Voltar]
- Nota 76 - Ibid. p. 80. [Voltar]
- Nota 77 - Ibid. [Voltar]
- Nota 78 - Miastemia Gravis. Cf. CÉSAR, Marília de Camargo. Op.cit. p. 80. [Voltar]
- Nota 79 - Ibid. p. 81. [Voltar]
- Nota 80 - Ibid. [Voltar]
- Nota 81 - Ibid. p. 83. [Voltar]
- Nota 82 - Ibid. [Voltar]
- Nota 83 - Ibid. p. 85. [Voltar]
- Nota 84 - Ibid. p. 84. [Voltar]
- Nota 85 - Ibid. p. 86. [Voltar]
- Nota 86 - bid. [Voltar]
- Nota 87 - Ibid. p. 87. [Voltar]
- Nota 88 - Ibid. [Voltar]
- Nota 89 - ROMEIRO, Paulo. Decepcionados com a Graça - esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. [Voltar]
- Nota 90 - Ibid. p. 13. [Voltar]
- Nota 91 - Ibid. [Voltar]
- Nota 92 - Ibid. p. 14. [Voltar]
- Nota 93 - Ibid. p. 17. [Voltar]
- Nota 94 - Teologia da Prosperidade é uma proposta teológica que afirma que os filhos de Deus experimentarão somente a prosperidade física, material e espiritual nesta vida sem nunca passarem por sofrimentos. O grande expoente deste movimento foi o pastor norte-americano Kenneth Erwin Hagin (1917-2003). Cf. ROMEIRO, Paulo. Op.cit. p. 87-93. [Voltar]
- Nota 95 - ROMEIRO, Paulo. Op. cit. p. 17. [Voltar]
- Nota 96 - Ibid. p. 133 [Voltar]
- Nota 97 - Ibid. p. 136. [Voltar]

- Nota 98 - MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999. [Voltar]
- Nota 99 - ROMEIRO, Paulo. Op.cit. p. 136. [Voltar]
- Nota 100 - Os nomes são fictícios. [Voltar]
- Nota 101 - ROMEIRO, Paulo. Op.cit. p. 142. [Voltar]
- Nota 102 - Ibid. p. 143. [Voltar]
- Nota 103 - Ibid. p. 144. [Voltar]
- Nota 104 - Ibid. p. 146. [Voltar]
- Nota 105 - Ibid. p. 145. [Voltar]
- Nota 106 - Ibid. p. 146. [Voltar]
- Nota 107 - Ibid. [Voltar]
- Nota 108 - Como Estevam Hernandes gosta de ser chamado. [Voltar]
- Nota 109 - ROMEIRO, Paulo. Op. cit. p. 146. [Voltar]
- Nota 110 - Ibid. p. 143. [Voltar]
- Nota 111 - Ibid. [Voltar]
- Nota 112 - Ibid. p. 146-149. [Voltar]
- Nota 113 - Ibid. p. 146. [Voltar]
- Nota 114 - Ibid. p. 148. [Voltar]
- Nota 115 - Ibid. p. 147. [Voltar]
- Nota 116 - Ibid. p. 148. [Voltar]
- Nota 117 - Campanha promovida pela Igreja Universal do Reino de Deus em que os fiéis comparecem durante um mês na igreja, onde, próximo ao púlpito há uma chama artificial que simboliza a fogueira. Ao final da campanha é prometido aos mesmos que seus nomes com todos os pedidos que fizeram serão levados pelos bispos a Israel para serem queimados em uma grande fogueira no monte Sinai. [Voltar]
- Nota 118 - ROMEIRO, Paulo. Op. cit. p. 149. [Voltar]
- Nota 119 - Denominação fundada em 1980 pelo missionário Romildo Ribeiro Soares, após romper com seu cunhado Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus. [Voltar]
- Nota 120 - ROMEIRO, Paulo. Op.cit. p. 13. [Voltar]
- Nota 121 - Ibid. p. 137-142. [Voltar]
- Nota 122 - Pastor e Tele-evangelista norte americano, conhecido por seu ministério de cunho carismático. [Voltar]
- Nota 123 - ROMEIRO, Paulo. Op. cit. p. 139. [Voltar]
- Nota 124 - Socorro, Ofertas Voluntárias, Oferta do Associado, Dízimos. Algumas abordagens durando até quarenta minutos do culto. [Voltar]

Nota 125 - ROMEIRO, Paulo. Op. cit. p. 140. [Voltar]

Nota 126 - Ibid. [Voltar]

Nota 127 - Ibid. [Voltar]

Nota 128 - Ibid. p. 140-141. [Voltar]

Nota 129 - Movimento do seio de igrejas neopentecostais que enfatizam o poder do crente em adquirir tudo que deseja por meio do uso de palavras carregadas de autoridade. Sua origem está ligada ao pregador metodista e, posteriormente, batista, Essek William Kenyon (1867-1948). Cf. HANEGRAFF, Hank. Cristianismo em Crise. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p. 361-362. ROMEIRO, Paulo. Op. cit. p. 85-86. [Voltar]

Nota 130 - Bolsa de Valores do Estado de São Paulo. [Voltar]

Nota 131 - ROMEIRO, Paulo. Op. cit. p. 142. [Voltar]

Nota 132 - Ibid. [Voltar]

Nota 133 - Ibid. p. 151-158. [Voltar]

Nota 134 - A expressão “nihilismo eclesiástico” que compõe o título desta obra foi empregada por Émile G. Léonard em seu livro “O Protestantismo Brasileiro”, publicado pela primeira vez no Brasil em 1963. Cf. LÉONARD, Émile G. O Protestantismo Brasileiro. São Paulo: Aste, 2002. p. 84. O autor foi professor de História da Universidade de São Paulo (USP) entre os anos de 1948 a 1950 e desenvolveu suas pesquisas sobre o protestantismo brasileiro, publicando seus resultados e descobertas em forma de artigos entre os anos de 1951 e 1952, na Revista de História da Universidade de São Paulo. O emprego da expressão ocorre no contexto de seus comentários sobre o darbismo (cf. p. 83-84), movimento religioso cristão do século XIX, praticante do nihilismo eclesiástico. Este livro dedicará algumas páginas ao darbismo. Cf. p. 123-129. [Voltar]

Capítulo 2

Os críticos do modus operandi e da institucionalização da Igreja



Atualmente são muitos os cristãos que ultrapassaram a fronteira da comunidade eclesial e que se tornaram seus detratores por considerarem que a institucionalização da Igreja asfixiou-a, tirando seu vigor espiritual, tornando-a, na prática, uma instituição rígida, anacrônica, descontextualizada, estática, indiferente e irrelevante para o mundo contemporâneo. “Em vez de um poderoso instrumento de transformação da sociedade, emerge uma instituição pecadora e mantenedora do *status quo*”^[Nota 135], diz a apresentação de um dos livros mais conhecidos de Philip Yancey. Destarte, quais seriam as críticas dirigidas à Igreja Cristã? Por que uma agência que tem como missão no mundo comunicar o amor de Deus, sendo a própria uma expressão deste sentimento, termina, ao invés, gerando rejeição, sendo alvo de denúncias e críticas e atraindo a antipatia tanto da sociedade secularizada, como também de segmentos da cristandade?

Kevin Deyoung, na introdução de seu livro, escrito em parceria com Ted Kluck, constrói um bem-humorado cenário onde se percebe a cartilha dos desigrejados reclamantes da instituição. Vejamos:

A narrativa está ficando tão corriqueira (...) – adicione o que é sugerido entre parênteses: A igreja institucional é muito (adjetivo pejorativo). Quando vou à igreja, sinto-me completamente (emoção negativa). A liderança é totalmente

(adjetivo que você usaria para descrever um político corrupto) e as pessoas são (algum adjetivo que comece com in-). Os cultos são (adjetivo similar ao que você usa quando vai ao dentista), a música é (adjetivo que você usaria para descrever a música do programa infantil do Barney, o dinossauro) e a congregação como um todo é (escolha uma das alternativas: 'passiva', 'letárgica', 'hipócrita', ou 'ultraconservadora'). A coisa toda me faz (termo médico).

Não havia outra opção senão sair da igreja. Meu relacionamento com (substantivo espiritual) está melhor do que nunca. Agora me encontro regularmente com meus (substantivo que sugira relação, plural) e falamos sobre (substantivo que poderia ser o nome de um curso liberal de artes) e Jesus. Nós nos importamos uns com os outros. Às vezes até mesmo (escolha: 'ora-mos uns pelos outros', 'levamos comida aos carentes' ou 'em-prestamos nossas ferramentas uns aos outros'). Isso é a igreja como deveria ser. Afinal de contas, (insira: 'onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estarei eu' ou (...) 'nós não vamos à igreja, nós somos a igreja'). Não estou dizendo que todo mundo precisa fazer o que fiz, mas se você está cansado de (expressão composta que inclui os termos 'institucional' e 'como conhecemos'), quero convidá-lo a se juntar a (substantivo com conotação política) e experimentar (substantivo espiritual) que nunca alcançara ao se sentar num (escolha entre os seguintes comentários arquitetônicos mordazes: 'banco de madeira', 'cemitério com torres', 'mausoléu com vitrais', ou 'sala de concertos glorificada') semana após semana.

Quando a (substantivo bíblico) começará a ser a (o mesmo substantivo bíblico)?^[Nota 136]

O enredo básico denunciado por DeYoung encontra sua fundamentação teórica em algumas obras^[Nota 137] de cristãos engajados na desconstrução da igreja conforme é, há anos, conhecida. Vejamos o que dizem alguns destes autores cristãos que defendem o *desengajamento institucional* em suas obras mais conhecidas.

Cristianismo pagão: a denúncia de Frank Viola

Frank Viola, escritor norte-americano, publicou em 2005, nos Estados Unidos da América, seu polêmico livro “Cristianismo Pagão? A Origem das práticas de nossa igreja moderna”^[Nota 138], um *best-seller* com milhares de exemplares vendidos onde, em estilo provocativo, o autor denuncia, conforme acredita, os desvios da igreja, afirmando que muitas das práticas litúrgicas, costumes e conceitos eclesiológicos existentes na igreja contemporânea jamais foram ensinados ou pretendidos por Jesus Cristo (e mesmo os apóstolos), sendo, na verdade, acréscimos do paganismo grego no período pós-apostólico.

Conforme dito acima, o livro é provocativo. E não apenas por parte de seu autor. Leiamos, por exemplo, as palavras de Gene Edwards ao apresentá-lo:

Este livro deveria ter sido escrito há 300 anos. Se isso tivesse ocorrido, a direção da história cristã seria totalmente distinta daquela que tomou. Se cada ministro lesse este livro hoje, ele deixaria o ministério amanhã ou viveria uma vida de hipocrisia [...]. A propósito, você também enfrentará uma crise de consciência após ler este livro. Você tomará conhecimento das origens pagãs e não bíblicas de tudo que fazemos hoje. Você nunca poderá voltar a dizer, “nos baseamos na Bíblia. Fazemos tudo conforme o NT”. Praticamente não fazemos nada que seja neotestamentário, como veremos.^[Nota 139]

Em suas primeiras linhas, Frank Viola, explica Cristianismo Pagão:

Pouco tempo depois de abandonar o sistema religioso, procurei compreender como foi que a igreja cristã chegou a seu estado atual. Por anos tentei encontrar um livro documentado que relatasse a origem de cada uma das práticas não bíblicas que nós, cristãos, observamos a cada semana. Esquadrinhei várias bibliografias e arquivos. Também entrei em contato com um monte de historiadores e pesquisadores averiguando se eles conheciam alguma obra assim. Minha indagação rendeu uma resposta consistente: Esse livro que eu buscava não existia. Então, em um momento de loucura, eu mesmo realizei esta empreitada.

Confesso, sem vergonha de dizer, que desejaria que outra pessoa tivesse assumido esse projeto doloroso. Algum professor sem filhos e sem trabalho durante o dia! Eu teria economizado um incalculável número de horas de trabalho e muita frustração. Não obstante, agora que o trabalho está completo, eu estou alegre pelo privilégio de ter desbravado novas terras nesta área tão negligenciada.

Alguém pode perguntar por que eu resolvi gastar tanto suor e sangue para documentar a origem de nossas práticas da igreja moderna. A resposta é simples. A compreensão da gênese de nossas tradições eclesiásticas pode perfeitamente mudar o curso da história da igreja. Como o filósofo Soren Kierkegaard disse, “A vida é vivida adiante, mas entendida para trás”. Sem compreender os erros do passado, estamos condenados a um futuro imperfeito. Por esta razão aceitei o desafio de ser o primeiro a escalar este projeto Himalaia.

Minha esperança ao publicar esta obra é simples, mas sombria. Que o Senhor a use como uma ferramenta para trazer Sua igreja de volta às suas raízes originais.^[Nota 140]

Tais linhas apontam o tom que o autor usará para apresentar suas ideias. Viola está convencido de que “a igreja institucional moderna não tem qualquer direito bíblico nem histórico para continuar existindo!”.^[Nota 141] Leiamos mais as suas considerações:

Quando o Senhor Jesus andou nesta terra, seus principais opositores vieram das duas principais facções religiosas daquele tempo: Os fariseus e os saduceus.

A facção farisaica aumentava as sagradas Escrituras. Eles agregavam à Palavra de Deus um punhado de leis humanas e as passavam para as gerações subsequentes. Este conjunto de costumes consagrados, muitos deles chamados de “tradições dos anciãos”, passaram a ser considerados iguais às Escrituras Sagradas [...] o cristianismo moderno também é culpado de cometer o erro dos fariseus. Ou seja, o cristianismo moderno agregou um monte de tradições humanamente concebidas que acabaram suprimindo a direção funcional, real e vivificante de Jesus Cristo enquanto Cabeça de Sua Igreja.^[Nota 142]

Em sua obra, Frank Viola procura demonstrar que os aportes, as influências e as origens de muito do que existe hoje na Igreja Cristã não possuem qualquer relação com seu fundador, Jesus Cristo. Seriam os casos, por exemplo, dos templos, dos ministros ordenados e dos sermões, conforme veremos a seguir.

Templo: o complexo de edifício

Frank Viola declara que “o moderno cristianismo é obcecado pelo tijolo e pelo concreto”^[Nota 143], o que chama de “complexo de edifício”^[Nota 144], sendo para o autor, um grave desvio do conceito de igreja, porquanto afirma que jamais houve, por parte dos primeiros cristãos, tal preocupação.^[Nota 145]

Em seu livro, o autor lembra que o judaísmo fora fortemente influenciado pela tríade templo, sacerdote e sacrifício^[Nota 146], mas que com o ministério de Jesus Cristo estas expressões da religiosidade judaica se tornaram obsoletas e desnecessárias, portanto, para o relacionamento com Deus. Viola declara que:

Quando Jesus veio, Ele cancelou os três elementos cumprindo-os em Si mesmo. Ele é o Templo que incorpora uma casa nova e viva feita de pedras vivas — “sem mãos [humanas]”. Ele é o Sacerdote que estabeleceu um novo sacerdócio. Ele é o Sacrifício perfeito e definitivo.^[Nota 147]

Viola lembra que no paganismo greco-romano a tríade também estava presente e que somente os cristãos é que não a possuíam em face da compreensão que tinham acerca da obra de Cristo que eliminou a mesma.^[Nota 148] “O Cristianismo foi a primeira religião sem templos”^[Nota 149], lembra Viola. O escritor é categórico em sua oposição à construção de templos nas fileiras do cristianismo, conforme sentencia:

Notavelmente, em nenhuma parte do NT, encontramos os termos “igreja” (*ekklesia*), “templo”, ou “casa de Deus”, usados para referir-se a edifícios próprios. Ao ouvido do cristão do

século I, descrever um edifício como *ekklesia* (igreja) seria como chamar uma mulher de arranha-céu!^[Nota 150]

Para o autor, a mudança desta compreensão acontece a partir do ano 190, quando Clemente de Alexandria (150-215 d.C.) passou a usar a expressão “ir à igreja” como referência de lugar de encontro dos irmãos para a adoração.^[Nota 151]

Segundo Frank Viola, a consolidação do conceito de lugar sagrado dentro do cristianismo se dá com a controvertida conversão do Imperador Constantino, quando, então, cessando a perseguição aos cristãos^[Nota 152], os mesmos ficaram livres para as celebrações públicas e a construção de lugares sagrados: “Os cristãos não construíram edifícios especiais até a Era Constantino no século IV”^[Nota 153], pontifica Viola.

O autor responsabiliza intensamente a influência de Constantino na construção dos templos cristãos e na importância que os mesmos passaram a ter dentro da cristandade, parecendo mesmo que, se não fosse pelo Imperador, templos cristãos jamais seriam erguidos ao redor do mundo.^[Nota 154]

De acordo com Viola, a influência de Constantino mudou a direção das reuniões cristãs das casas para os templos, o que em sua opinião é uma aberração.

Qual o problema da construção de um lugar específico para reunião? Frank Viola enxerga muitos; por exemplo, a ideia de lugar sagrado (o templo), resgatada do judaísmo e do paganismo grego, abriu a oportunidade para o conceito de utensílios e relíquias também sagradas, sendo “uma odiosa observância introduzida nas igrejas sob o disfarce da religião... Uma obra de idólatras”.^[Nota 155] Além disso, também aponta para o costume, adquirido dos pagãos, de erigir templos em nome dos mártires, assim como os pagãos os construíam em honra aos deuses. Destarte, seriam os casos dos

templos de São Pedro e São Paulo, construídos não apenas em honra, mas, também supostamente sobre os restos mortais destes apóstolos, tendo em vista a crença de que o lugar onde os mesmos (assim como outros mártires cristãos) repousavam eram santos.^[Nota 156]

A construção de magníficos e suntuosos edifícios sagrados provocou a realização de cerimoniais de purificação^[Nota 157] e, como o Imperador se fazia presente nas reuniões, a liturgia recebeu influências para honrá-lo^[Nota 158] e, assim, rituais da corte foram inseridos na adoração cristã. Viola lamenta que a história do edifício da igreja seja a “saga do cristianismo adotando práticas da cultura pagã”.

[...] A história do edifício da igreja é a triste saga do cristianismo adotando práticas da cultura pagã. Foi uma adoção que transformou radicalmente a cara de nossa fé. Os edifícios das igrejas das Eras Constantino e pós Constantino tornaram-se santuários sagrados. Os cristãos abraçaram o conceito de templo.

Eles se impregnaram com a ideia pagã de que existe um lugar especial onde Deus mora de uma maneira especial. E que esse lugar é feito “por mãos [humanas]”.^[Nota 159]

Para Frank Viola, o templo cristão influenciou também a utilização de púlpitos e o uso dos bancos dentro dos mesmos, considerando-os, inclusive, dispensáveis, pois questiona a necessidade de tais utensílios, haja vista que só existem em razão dos espaços sagrados e como estes são de origem judaica (superada, portanto) e pagã e, além de tudo, sua manutenção é muitíssima custosa, a sugestão do autor norte-americano, então, é pela superação desta tradição de construção e frequência aos templos.^[Nota 160]

Ministros ordenados: os grandes vilões

Outra distorção responsável por uma gama de prejuízos causados ao cristianismo, de acordo com Viola, é o emprego do ofício de pastor nas comunidades eclesiais. Viola chega a afirmar que o pastor é “o obstáculo para o funcionamento de cada membro”.^[Nota 161] Tal condenação se dá nos argumentos do polêmico escritor em decorrência do quase inexistente espaço que as Escrituras Sagradas dão à figura do pastor.^[Nota 162] Frank Viola questiona, então, a contemporânea importância que o pastor adquiriu, sendo que, no Novo Testamento, nenhuma igreja o discernia nos mesmos termos hodiernos.^[Nota 163] Viola alega que a função pastoral era dada pelo Espírito de Deus na distribuição dos dons espirituais aos crentes para o exercício de seus ministérios na igreja, mas o título e o ofício (de pastor) eram desconhecidos.^[Nota 164]

Para o escritor, além de não ser bíblico o ofício de pastor acarreta outros problemas. Quando as Escrituras Sagradas fazem menção aos pastores (Ef 4.11) aparece sempre no plural, significando, à semelhança dos presbíteros (anciãos, 1Tm 5.17; 1Pe 5.1), vários irmãos que exerciam tais funções. Baseando-se no número, Viola questiona seriamente a figura do pastor-líder que existe em grande parte das igrejas cristãs ao redor do mundo. Quanto a isso Viola diz que “... Entre o rebanho estavam os anciões (pastores ou inspetores).^[Nota 165] Todos esses homens estavam em pé de igualdade. Não havia hierarquia entre eles”^[Nota 166] (Viola não explica o emprego do termo no singular, apontado na segunda epístola joanina – 1.1 –, com nítidas conotações de uma liderança eclesial).

Frank Viola identifica nas pessoas de Inácio de Antioquia, Clemente de Roma, Tertuliano e Cipriano de Cartago os

responsáveis, cada um a seu modo, pela pavimentação de uma eclesiologia que de-fendeu a distinção entre os membros do corpo de Cristo em leigos e clero e uma formalização piramidal deste último, contribuindo para a cristalização da ideia de um bispo soberano, um pastor único.^[Nota 167] Distorções bíblicas e teológicas graves, conforme acredita e denuncia. Viola chega ao ponto de afirmar, baseando-se em fontes^[Nota 168] e no significado da expressão^[Nota 169], que a doutrina dos nicolaítas (Ap 2.6) tratava-se de uma iminente e condenada tentativa de um grupo exercer liderança sobre o povo que congregava na comunidade de fé localizada em Éfeso. Embora haja outras interpretações sobre o que seria a “doutrina dos nicolaítas”^[Nota 170], Viola se contenta com esta.

Além de não considerar bíblico e julgar errado do ponto de vista teológico, Viola também salienta um aspecto histórico sobre esse assunto. O Pastor Único recebeu influências do paganismo romano, pois, citando Edwain Hatch, lembra que “a maior parte das igrejas cristãs se associaram adotando o estilo do Império Romano como modelo”^[Nota 171], este implicava no *modus operandi* de governo e de distribuição da igreja em dioceses.^[Nota 172]

Além da influência sobre a organização e governo das igrejas cristãs, o Império Romano marcava também sua presença sobre o clero, pois as honrarias típicas oferecidas aos oficiais militares romanos eram, semelhantemente, direcionadas aos clérigos, inclusive fixando a remuneração^[Nota 173] e os isentando de impostos.^[Nota 174]

A crítica de Frank Viola não se concentra apenas ao período patrístico da Igreja. Mesmo na Reforma Protestante, o autor não reconhece muitos avanços no que tange à ideia e formação do clero (os pastores), pois, segundo afirma, Martinho Lutero e os demais reformadores resgataram a doutrina do sacerdócio universal em sua dimensão soteriológica, mas não eclesial^[Nota 175], haja vista que

continuaram com as ordenações ministeriais, o que, na prática, termina por criar uma dicotomia entre a classe ordenada (o clero protestante) e os demais irmãos da comunidade (a membresia).^[Nota 176]

O grande problema apontado por Frank Viola é que a presença do pastor, conforme conhecemos hoje na igreja, centraliza somente nele o serviço cristão, que deveria ser exercido por todos os crentes, estrangulando assim o Corpo de Cristo e impedindo o progresso e maturidade dos demais componentes da *eclésia*. “O Pastor é uma grande boca e você uma orelha minúscula, deixando você na condição de espectador mudo, capaz apenas de anotar sermões e passar a bandeja da oferta”, diz Viola.^[Nota 177] “O pastor contemporâneo é um rival da liderança funcional de Cristo em sua Igreja”^[Nota 178], reverbera o autor. Por quê? Por que, para Viola, todos têm direito à ministração no Corpo de Cristo^[Nota 179], mas, como na prática, o pastor é o único que regularmente conduz a liturgia, os demais irmãos, conseqüentemente, são transformados em meros e constantes ouvintes, sem nenhuma participação prática no culto.

Frank Viola acredita que a convergência da influência do Império Romano, os erros teológicos sobre uma liderança eclesial, a interpretação bíblica deficiente do tema e a restauração apenas parcial do sacerdócio universal dos crentes na Reforma Protestante, contribuíram para uma equivocada e desnecessária primazia do pastor no seio das igrejas cristãs. Destarte, acarretou prejuízos ao Corpo de Cristo, pois impediu, na prática, a mutualidade no serviço entre seus membros, sobrecarregando os próprios pastores, produzindo um esvaziamento da vitalidade e da energia carismática da igreja, gerando ineficácia, irrelevância, imaturidade e pouca penetração na sociedade, com pouca ou nenhuma capacidade de transformá-la. Assim, para o autor, esta conhecida agência, com tais

contornos, não tem nenhum direito histórico de continuar existindo.
[Nota 180]

O sermão: a vaca sagrada do protestantismo

Em sua abordagem de desconstrução do cristianismo, considerado por ele como pagão, Viola aponta para um dos maiores problemas da igreja que é a homilia, pois “O sermão, na verdade, difama o propósito que Deus designou à igreja”^[Nota 181], exagera o autor. E por que o sermão seria algo tão catastrófico para as comunidades de fé? Primeiro, o polêmico autor afirma que os sermões eram estruturas desconhecidas no Antigo Testamento, pois sacerdotes e profetas quando se dirigiam ao povo de Israel faziam de forma interativa, com temas contextuais e de maneira esporádica e espontânea e não sistematizada e regular como acontece em grande parte das igrejas cristãs.^[Nota 182]

Viola lembra que, semelhantemente, no Novo Testamento, Jesus Cristo não possuía uma estrutura rígida ao ministrar ao povo, porquanto sua abordagem possuía diferentes contornos, diferindo nas ocasiões e aos públicos ministrados, sempre de forma espontânea e informal.^[Nota 183]

Os apóstolos também são trazidos à memória, onde a pregação era sobre temas específicos, ministrados em circunstâncias especiais, de fácil assimilação, sendo muito mais um diálogo do que uma exposição lógica e estruturada, proferida por uma única pessoa.^[Nota 184]

Se tais estruturas homiléticas não possuem respaldo nas páginas do Antigo e Novo Testamento, então, de onde viriam os sermões?

Viola responde que tais se originaram do paganismo grego, pois é de lá que vêm os sofistas^[Nota 185], aos quais o autor sentencia:

Eram mestres em usar os adequados apelos emocionais, aparência física e linguajar para “vender” seus argumentos.

Com o tempo, o estilo, a forma, e a destreza da oratória dos sofistas chegou a ser mais estimada que a sua exatidão.^[Nota 186]

Quando o Império Romano conquistou a Grécia^[Nota 187] absorveu grande parte de sua cultura e seus intelectuais ficaram impressionados com a arte da retórica praticada pelos sofistas, valorizando-a ao extremo, tornando-a uma arte conhecida e admirada em vários lugares. A retórica foi influenciada por Aristóteles^[Nota 188], cuja estrutura da exposição fora dividida em três pontos.^[Nota 189] Os oradores se tornaram pessoas famosas e ricas, pois ganhavam muito dinheiro com a atividade.^[Nota 190] Frank Viola enxerga que muitos destes oradores pagãos se converteram ao cristianismo, trazendo ao seu bojo a prática da pregação estruturada e sendo assalariados para este fim.^[Nota 191] O pregador profissional nas fileiras do cristianismo, segundo Viola, surge enfim^[Nota 192], ganhando imensa respeitabilidade no ministério de João Crisóstomo^[Nota 193], perdendo espaço na Idade Média^[Nota 194], mas recuperando seu prestígio com os reformadores, a partir do século XVI.^[Nota 195]

Frank Viola está convencido de que a prática do sermão prejudica a igreja, pois centraliza a mensagem em uma única pessoa, mantendo um auditório passivo^[Nota 196], estancando o crescimento espiritual da mesma^[Nota 197], valorizando em excesso o exercício de um clero profissional, único capaz de proferir os sermões^[Nota 198], gerando uma dependência pato-lógica dos crentes aos mesmos^[Nota 199], não ferramentando de forma prática os membros que se contentam em apenas ouvir as explicações^[Nota 200], sendo contraproducente, porquanto seus próprios expositores são incapazes de experimentar aquilo que anunciam, haja vista as abstrações contidas nos sermões contemporâneos.^[Nota 201]

Frank Viola muito bem representa um segmento dos desigrejados, isto é, aqueles que, até onde se sabe, não possuem histórico de decepção e mágoa contra as lideranças eclesiais, mas que se descontentaram com o modelo de igreja contemporânea, com sua pouca vivacidade e com muitas de suas práticas, após concluir a falta de lastro bíblico para as mesmas (conforme acreditam).^[Nota 202] Entretanto, Viola não é o único a registrar suas discordâncias com o cristianismo moderno. Outros nomes de destaque no cenário protestante americano têm também apresentando suas teses contra os rumos da igreja atual, propondo caminhos e alternativas, não menos polêmicas. É o que veremos a seguir.

Revolução: a proposta de George Barna

George Barna é fundador e diretor do *Barna Research*, famoso grupo de empresas de pesquisa e comunicação com sede na Califórnia, nos Estados Unidos da América. Prestigiado na América, ele é razoavelmente conhecido no Brasil por suas publicações, sempre polêmicas e pragmáticas.^[Nota 203] Em 2007, a Abba Press publicou no Brasil seu polêmico^[Nota 204] livro “Revolução”^[Nota 205], traduzido de *Revolution*, que fora publicado nos Estados Unidos em 2005.^[Nota 206]

Em sua obra, Barna procura dar as boas-vindas àquilo que chama de Era Revolucionária.^[Nota 207] Barna declara que, assim como a igreja no passado capitaneou várias eras, tais como a Era Apostólica, a Era dos Mártires, a Era dos Pais do Deserto, o Período Místico, a Reforma Protestante, O Grande Despertamento e a Era Missionária^[Nota 208], destarte, segundo ele, uma nova era se desenha diante do cenário eclesial mundial: a Era Revolucionária. Ele define como “a revolução espiritual que está remodelando o cristianismo, a fé pessoal, a experiência religiosa corporativa...,”^[Nota 209] acreditando que o que está acontecendo é a marcha de desigrejados^[Nota 210] “..., voltando^[Nota 211] de maneira confiante para um estilo de vida do primeiro século fundamentado na fé, longanimidade, amor, generosidade, bondade, simplicidade e outros valores...”^[Nota 212]

Tais pessoas que estão deixando as comunidades eclesiais são definidas por Barna da seguinte forma:

Elas não têm uso para igrejas que brincam de jogos religiosos, quer esses jogos sejam serviços de adoração sem a presença de Deus ou programas de ministério que não produzem fruto

espiritual. Os revolucionários evitam ministérios que comprometem ou fazem alarde de nossa natureza pecaminosa para expandir o território organizacional. Eles se recusam a seguir pessoas em posições de liderança no ministério que oferecem a sua visão pessoal e não a de Deus, que buscam popularidade em vez de proclamar a verdade nas declarações públicas, ou que se preocupam mais com o seu próprio legado em vez do legado de Jesus Cristo. Recusam-se a doar dinheiro a monumentos feitos pelo homem enaltecendo os seus próprios empreendimentos e que garantem o seu lugar na história.

Não se impressionam com diplomas de faculdades cristãs e seminários que produzem jovens incapazes de defender a Bíblia ou que não estão dispostos a dedicar suas vidas para servir outros.^[Nota 213]

Barna apresenta, segundo sua avaliação, as razões para o enorme contingente de crentes americanos deixarem suas congregações. Em primeiro lugar, no que consiste à adoração, o único momento em que geralmente os cristãos adoram a Deus acontece quando estão reunidos na igreja local, sendo que, de cada dez cristãos, apenas oito^[Nota 214] sentem que entraram na presença de Deus quando o serviço de adoração começou e poucos, ao irem à igreja, esperam que Deus seja o foco da adoração, preferindo, na verdade, a obtenção de experiências.^[Nota 215] Em segundo lugar, com respeito aos diálogos sobre a fé cristã, Barna afirma que “o crente típico morrerá sem levar uma pessoa a um conhecimento e relacionamento com Jesus Cristo”^[Nota 216] e que poucos são os crentes comprometidos em orar pela conversão de alguém e que muitos acreditam que a evangelização é uma atividade a ser dedicada apenas por quem tem o dom para tal.^[Nota 217] Terceiro, Barna informa que apenas nove por cento dos adultos que se

declaram nascidos de novo entendem e aceitam uma moral absoluta contida na Bíblia e que os demais noventa e um por cento possuem uma perspectiva fragmentária acerca desta moral absoluta e das declarações centrais como a de que Jesus viveu sem pecado e que o único meio de salvação é a justificação pela fé, além do que, quando perguntados sobre a veracidade das Escrituras Sagradas, embora a maioria concorde com tal premissa, respondem que passam (ou assumem passar) mais tempo durante o ano lendo revistas e livros seculares, assistindo programas de televisão, conversando, ouvindo música e outras formas de entretenimento. [Nota 218] No que diz respeito ao dinheiro, a média de doações anuais para a igreja é de apenas três por cento de suas rendas. [Nota 219] Quando se pensa sobre o serviço cristão, poucos são os que se dedicam a uma atividade para os de fora da comunidade de fé e mesmo os que trabalham apenas internamente não vão muito além de míseros vinte por cento da congregação. [Nota 220] Embora haja ênfase na comunhão, menos de vinte por cento dos crentes possuem amizades com outros crentes da mesma comunidade de fé [Nota 221] e que muitos dos crentes contemporâneos deixam para as igrejas a tarefa da instrução e do ensino de seus filhos, negligenciando, portanto, a responsabilidade familiar quanto a isso. E, tratando de famílias, a proporção de divórcio entre crentes é igual a dos não cristãos. [Nota 222]

Baseados em dados tão desoladores e negativos retratando a igreja, a conclusão que Barna chegou após mais de vinte anos de pesquisa é de que a instituição cristã não funciona, pois os indivíduos que participam de uma igreja não são mais desenvolvidos espiritualmente do que outros que não congregam e que os cristãos institucionalizados poucos refletem em suas vidas “os princípios e

as características que a Escritura afirma serem as marcas dos verdadeiros discípulos de Jesus”.^[Nota 223]

Qual a solução, então? Revolução, segundo George Barna! Que consiste em deixar a congregação e assumir uma espiritualidade baseada, como diz, na paixão dos revolucionários^[Nota 224], isto é, adoração íntima, conversas apoiadas na fé, crescimento espiritual deliberado, serviço, investimento de recursos, amizades espirituais, a família da fé, vivências que, segundo Barna, podem ser experimentadas ao aderir-mos a sua Revolução, ou seja, saindo do templo, abandonando o sistema evangélico conforme hoje é praticado.

Para George Barna, Jesus Cristo “foi o supremo revolucionário”^[Nota 225] e que nos chama “para uma vida revolucionária (...) nos convida e nos guia por este caminho”.^[Nota 226] Jesus Cristo foi, para George Barna, um revolucionário porque substituiu um sistema estabelecido de governo pelo “autogoverno”^[Nota 227], em que cada discípulo potencialmente o adquire ao deparar-se com Cristo. Além disso, Cristo esteve no mundo, mas não era dele. Todo revolucionário, então, é chamado e capacitado a ser uma influência neste mundo sem ser absorvido pelo mesmo e isto, conclui Barna, é muito mais importante do que fazer parte de uma comunidade onde todos os seus membros possuem uma mesma mentalidade.

George Barna, à semelhança de Frank Viola em “Reimaginando a Igreja”, propõe um novo estilo de igreja. Acredita piamente que o tradicional modelo congregacional de igreja, onde há reuniões litúrgicas semanais, sob a liderança eclesiástica e doutrinária de um clero organizado, ordenado e remunerado está superado^[Nota 228], ou, ao menos, longe de ser consensual, pois identifica em solo americano, aquilo que chama de macromodelos^[Nota 229] (de igrejas)

e que estes seriam quatro, a saber, o Modelo Congregacional de Igreja Local^[Nota 230], as Igrejas Caseiras^[Nota 231], a Experiência de Fé da Família^[Nota 232] e a Igreja Cibernética.^[Nota 233] De acordo com Barna, as Igrejas Caseiras e as Cibernéticas são as expressões do macromodelo que mais crescem.^[Nota 234] Entretanto, Barna aponta que, levando em conta todo o cenário protestante americano, os seguimentos que crescem mais aceleradamente são os que ele chama de Micromodelos, isto é, as expressões de fé e espiritualidade cristã que estão desvinculadas de quaisquer instituições^[Nota 235] e não prevê nenhuma recuperação para a igreja nos moldes convencionais, mesmo em seus formatos mais contemporâneos, como as igrejas emergentes^[Nota 236] por exemplo, pois estas se situam dentro do esquadro convencional de igreja com clero, programa e local, sendo diferente apenas nos contornos e na forma em que se apresentam para a sociedade pós-moderna^[Nota 237], como podemos atestar abaixo:

Haverá um macromodelo, similar em magnitude ao formato congregacional da igreja local, para substituir esse modelo dominante, mas em declínio? Não parece provável? De fato, algumas extensões do modelo congregacional, tais como as congregações “emergentes” ou “pós-modernas”, na verdade não são modelos novos, mas simplesmente refinamentos menores do modelo principal. Em última análise, esperamos ver crentes escolhendo entre diversas opções, juntando alternativas favoritas em uma única tapeçaria que constitui a “igreja” pessoal do indivíduo.^[Nota 238]

Conforme Barna trata do assunto, pode-se concluir, a partir de suas colocações, que não há nada que a igreja cristã (com seus líderes, liturgia e membresia), possa fazer com êxito que impeça o

movimento dos desigrejados de continuar marchando e crescendo. Parece ser inevitável!

Não estamos no Brasil longe desta percepção, pois há cristãos por estas terras que concordam com as análises de George Barna e que defendem a aplicação de suas conclusões no cenário evangélico brasileiro, conforme nota dos editores da obra que declara que “com base em pesquisas realizadas no Brasil, concluimos que a maioria das observações do autor (Barna), podem ser aplicadas à igreja brasileira.”^[Nota 239] Oswaldo Paião, por exemplo, jornalista e editor da Abba Press, ao comentar na contracapa da versão para o português do livro de George Barna, escreve:

Multidões de cristãos sérios estão deixando de comparecer às tradicionais “Escolas Dominicais” ou “Cultos Matinais” para buscar uma forma mais autêntica de ser Igreja: livre do formalismo e das cobranças burocráticas de um tipo de igreja que vive para organizar programas e dar *show*.^[Nota 240]

Portanto, conforme se lê nas linhas de Paião, não é apenas nos Estados Unidos onde há os que advogam em favor dos desigrejados, ou, pelo menos, que demonstram simpatia com o movimento. Tratando-se do Brasil, também há por estas terras os teóricos de tal tendência e que publicam suas ideias em livros, sites e blogs. Entre os mais conhecidos estão Paulo Brabo, tradutor de importantes obras de Brennan Manning e John Stott, que lançou, em 2009, uma obra intitulada de “Bacia das Almas: Confissões de um Ex-Dependente de Igreja”^[Nota 241], uma coletânea de vários artigos seus publicados em seu site^[Nota 242], onde entre muitos outros assuntos, aborda e explica a razão de seu descontentamento com as formas convencionais das igrejas cristãs e sua consequente

desvinculação há mais de dez anos^[Nota 243] e Caio Fábio D'Araújo Filho, expressivo nome do protestantismo brasileiro, cujas críticas à Igreja institucionalizada e proposições apresentando alternativas conheceremos nas próximas linhas desta pesquisa.

Estações do caminho: a alternativa de Caio Fábio

No cenário protestante brasileiro poucos cristãos conseguiram a projeção e a importância de Caio Fábio D'Araújo Filho. Robinson Cavalcanti^[Nota 244], em um artigo publicado em ULTIMATO, no qual analisava a historicidade do movimento protestante brasileiro, classificou os anos 80 e 90^[Nota 245] como a Era Caio Fábio.^[Nota 246] Alvo de interesse, tanto da imprensa cristã^[Nota 247] como da secular^[Nota 248], celebrado por intelectuais^[Nota 249], religiosos^[Nota 250], artistas^[Nota 251] e políticos.^[Nota 252] Nascido em Manaus em 1955, filho do pastor presbiteriano Caio Fábio D'Araújo, converteu-se ao Evangelho em 1973. Um ano após, aos 19 anos de idade, casou com Alda Maria Fernandes e, em 1977, aos 22 anos de idade, foi ordenado^[Nota 253] pastor pela Igreja Presbiteriana do Brasil. Após desembarcar no Rio de Janeiro, estabeleceu-se em Niterói, em 1978, cidade onde chegou a exercer o ministério pastoral na Igreja Presbiteriana Betânia, localizada em São Francisco, um bairro de classe média alta.

Com excepcionais dotes de comunicação, montou um bem sucedido ministério multimídia que incluía uma editora^[Nota 254], programas de rádio e TV, um periódico de grande circulação^[Nota 255], produção de fitas K7, CDs e vídeos VHS, Congressos, Caravanas^[Nota 256]; chegando a figurar como professor visitante de um Seminário.^[Nota 257] Articulado e em alta popularidade na década de 1990, era frequentemente convidado pela Rede Globo de Televisão para se pronunciar sobre temas polêmicos sobre religião no Brasil.^[Nota 258]

Apesar de seu grande prestígio com diversos segmentos da sociedade, seu ministério ruiu quando, em 1998, por ocasião das eleições presidenciais no Brasil, foi apontado nos órgãos de

imprensa como negociador do Dossiê Cayman, prejudicando consideravelmente sua reputação.^[Nota 259] No ano seguinte, 1999, crises conjugais e pessoais levaram-no a desligar-se da Igreja Presbiteriana do Brasil e afetaram completamente sua imagem pública, esfacelando todo o seu bem estrutura-do ministério.

Após um período de autoexílio nos Estados Unidos, retornou ao Brasil, mas, desta vez, rompido com o movimento evangélico que duramente o criticou pelos escândalos. Em um de seus primeiros pronunciamentos logo após voltar ao País, disse claramente que seu retorno não implicava em nenhuma associação com os evangélicos, cujas formas de expressão ministerial, fossem evangelísticas, teológicas ou midiáticas, considerava como que superadas.^[Nota 260]

Nos anos seguintes começou a ministrar em um culto realizado nos fundos de uma livraria em Copacabana, no Rio de Janeiro, mudando-se, em seguida, para Brasília, onde organizou o Caminho da Graça, uma comunidade de cristãos rompidos com o movimento evangélico e que decidiram seguir a liderança espiritual de Caio Fábio. As reuniões cresceram e se expandiram por várias partes do Brasil.^[Nota 261]

Recusando-se a chamar tais comunidades de igreja, prefere tratá-las pelo termo de “estação”, destarte, as Estações do Caminho da Graça procuram ser alternativas de comunhão cristã para aqueles que abandonaram as fileiras das igrejas evangélicas. Estas, para Caio, são apenas expressões locais do cristianismo que considera produto de um fenômeno sociológico desde a era constantiniana. Assim, Caio Fábio procura pontuar a distinção entre a Igreja e a instituição, deixando la-tente sua visão do cristianismo em suas formas católica e protestante, conforme sua definição abaixo:

Igreja com I maiúsculo corresponde ao que Jesus e o Novo Testamento definem como Igreja; ou seja: o encontro com Deus e uns com os outros em torno do Nome de Jesus e em acordo de fé com o Evangelho – o que faz de todo Encontro Humano, em fé, um encontro-igreja, onde Jesus promete estar presente, mesmo que sejam apenas dois ou três reunidos em Seu Nome! E só serem um em Seu Nome por se saberem a Ele unidos.

Igreja “entre aspas” são as representações histórico-institucionais do fenômeno histórico, social, econômico, político e culturalmente autodefinido como “igreja”, e que tem uma hierarquia (Clero), sigla (Denominação), geografia fixa (Prédio) e membros-sócios! Ou seja: Igreja a gente encontra no caminho; “Igreja” a gente vai ao encontro dela ou a gente a identifica pela Placa ou pela Propaganda!

Catolicismo é um derivado do Cristianismo que se vê como o “Reino Estatal de Deus na Terra” – tudo entre aspas.

Protestantismo é o movimento histórico-cristão que quase conseguiu, mas perdeu o protesto, que é sempre algo pró-teste! Assim, virou apenas uma ReForma! Só há protesto se o caminho for sempre pró-teste, em fé, e tangido pelo Vento do Espírito, conforme a Palavra!^[Nota 262]

Com tais palavras, o polêmico pastor deixa claro o que pensa das igrejas em suas expressões católica e protestante e também a sua não identificação com as mesmas, pois considera que estas carregam todos os depósitos colocados por Constantino, imperador de Roma:

As raízes do Cristianismo Constantiniano [aliás, o único Cristianismo, posto que Jesus nunca tenha fundado nenhuma religião ou Cristianismo] – determinam até hoje quase tudo

aquilo que a “igreja” chama de “Deus”, de “Jesus”, de “Igreja”, de “Doutrina”, de “Poder”, de “Estado”, de “Direito”, de “Ciência Teológica”; e está presente em todas as formas de governo e disciplina na “Igreja”.^[Nota 263]

Sobre a influência do imperador Constantino na fé cristã e de que como a mesma não recebeu alteração na Reforma Protestante e mesmo nos dias de hoje, diz:

Em menos de trinta anos um grupo de milhões de discípulos de Jesus, que viviam de modo singelo e hebreu no caminhar, se tornou o poder dominante de um Império, do maior de todos os Impérios, do Império Romano; e, assim, sem pestanejar, *reinterpretaram Jesus e a Sua vinda*; e celebraram o reino de Deus nas garras da Meretriz Oportunista, que agora apenas dava aos famintos a chance de transformarem pedras em pães, de pularem do Pináculo do Templo com a escolta de anjos imperiais, em troca de darem apenas apoio político ao Imperador, enquanto eles, a agora não mais Igreja, mas apenas “igreja”[...], ganhavam todos os reinos deste mundo...

Praticamente ninguém mais conseguiu ser cristão sem levar alguma marca da Besta Constantiniana; sim, seja nos temas da vida; na ideia acerca de quem é Deus; ou acerca da Trindade [esquartejada em Niceia]; ou da noção de influência do Reino de Deus neste mundo; ou de guerra santa e justa; ou de evangelização; ou de teologia; ou de credo; ou de modo de governo; ou de importância humana e histórica; e de um monte de outras coisas... – que não nos tenham vindo como herança de Constantino; e que influenciaram toda a “Cristandade”; e que deram forma ao Cristianismo, que fizeram uma Dieta no Protestantismo, mas que nele não perderam o DNA; e que hoje

estão revividas com todas as forças entre os Evangélicos, todos eles, mas especialmente entre os Neo-Pentecostais.^[Nota 264]

Mesmo que não admita, o que Caio Fábio fez foi organizar uma forma alternativa para as celebrações cristãs que dirige no Caminho da Graça, em Brasília, onde vive com sua atual esposa. No Caminho da Graça não há pastores ordenados, prédios construídos, estatutos organizados. São liberais nos costumes e muitos de seus frequentadores são cristãos que saíram das igrejas institucionais e que rejeitam o denominacionalismo. Não percebendo, contudo, que as Estações do Caminho são formas antigas com nova roupagem de um tipo de protesto que acompanha a igreja desde a sua mais tenra história.

Recentemente Caio Fábio comentou o fenômeno dos desigrejados:

O fenômeno que hoje assusta as lideranças religiosas – embora elas não digam nada sobre o assunto, e, ao contrário, celebrem sucessos... –, é o do crescente grupo dos desigrejados; ou seja: dos que foram gente da “igreja”, mas que, agora, não conseguem nem mais passar na rua da “igreja/prédio”.^[Nota 265]

Caio afirma que há anos percebera que o fenômeno aconteceria no Brasil e dá suas explicações quanto ao mesmo:

Ora, esse fenômeno é novo em tese, embora faça 25 anos que eu diga que já começava a ser assim naquele tempo; não nos volumes de evasão massiva da atualidade. Todavia, tenho vários livros escritos que afirmam o que acabei de dizer, e inúmeros artigos meus, do passado, os quais denunciavam o que inevitavelmente aconteceria.

Os frequentadores dos Congressos da Vinde do meio da década de 80 em diante [...] me ouviram dizer isto inúmeras vezes.

E os livros que publiquei na época são o testemunho escrito de que eu dizia isto então; e não apenas hoje, em razão das Estatísticas do IBGE.

Porém, no meio religioso, as coisas somente são dadas como fato quando não há mais como negá-las!...

Naquele tempo, todavia, quando eu me sentia ainda parte do movimento “evangélico” e fazia tudo para mostrar ao mundo que ele não era tão feio e abjeto como de fato já era [...]; minha consciência me mandava gritar para “dentro da igreja” – e eu era ouvido aos milhões, só não era crido no que dizia, pois, então, não era conveniente para os líderes que se ajuntavam aos milhares para me ouvirem, crerem no que eu dizia... – que aqueles novos “movimentos”; a saber: os movimentos de “crescimento de igreja”, da “Teologia da Prosperidade”, da “Barganha Financeira com Deus”; e também o movimento de “Comércio de Música Gospel”, de “testemunhos circenses”, de “Quedas no Espírito”; e, sobretudo, acerca dos movimentos Neopentecostais que tiveram na IURD seu berço nacional, mas que se expandiu por quase todas as “igrejas”, exceto algumas “históricas”... Sim, que aqueles movimentos acabariam com o que restava de Igreja na “igreja”. Era óbvio que os mais pensantes e sensíveis não suportariam aquele surto muito tempo. Cansa-riam e não aguentariam para sempre aquela histeria...

E mais: era também óbvio que os enganos apareceriam em meio às inevitáveis frustrações, às doenças que não ficariam curadas pelas “determinações”, às falências não impedidas

pelas “palavras *rehma*”; bem como pelos objetivos financeiros não alcançados pelas muitas correntes...; isto sem falar nos inúmeros escândalos financeiros e sexuais, como também pelos exageros impensáveis nas expressões de riqueza desses tais “Senhores de Engenho Eclesiástico”.

Naquele tempo para mim era óbvio. Hoje, até para os que então me consideravam exagerado, ou para os que naquele tempo ainda eram meninos ou nem faziam parte dessa história que narramos [...] –, tudo isto, todavia, é fato secularmente determinado de modo estatístico.

Muitos, porém, lembram-se do que falávamos [...]; embora, hoje, desejem esquecer de que há décadas venho dizendo estas coisas!

[Nota 266]

E sentencia:

Hoje, esses desigrejados estão se entregando ao cinismo em relação a tudo, ou ao esoterismo, ou ao Espiritismo, ao agnosticismo, ou até ao Ateísmo Psicológico – do tipo que diz: “Se Deus era aquilo no que eu cria, e o que eu cria era mentira e engano de homens; então, Deus não existe!”.[Nota 267]

Mediante as palavras acima fica claro que o conhecido pastor não se considera um desigrejado. Embora o movimento que tenha começado, com suas declarações de rompimento com o evangelicalismo brasileiro, sem manter também nenhum laço com o catolicismo, o coloque não fora, como parece desejar, mas dentro do movimento.

Caio Fábio luta para convencer que o Caminho da Graça não é uma forma de instituição cristã ou mais uma entre tantas. Ao fazê-lo, inevitavelmente, se aproxima, ao menos teoricamente, daqueles que

foram apontados nas recentes estatísticas do IBGE, como cristãos sem igrejas ou desigrejados.

Caio Fábio D'Araújo Filho não foi o primeiro protestante de prestígio no Brasil a declarar rompimento com o cristianismo ortodoxo.

Bem antes dele, o então pastor presbiteriano Rubem Alves, considerado pelos seus pares como dono de um pensamento teológico por demais heterodoxo e progressista, após uma série de embates com sua denominação (Igreja Presbiteriana do Brasil), declarou sua falta de identificação com a fé cristã histórica, encerrando suas relações com a denominação e abandonando o convívio eclesiástico e o próprio ministério.^[Nota 268] Em seu livro, “Religião & Repressão”, uma reedição da obra publicada na década de 1970, com o título “Protestantismo & Repressão”, pontua suas discordâncias com o protestantismo histórico^[Nota 269] e mesmo com todas as formas de sistemas doutrinários perpetradas pelas instituições religiosas, consideradas por ele como aprisionais, asfixiantes e cerceadoras da expressão, conforme deixa registrado em seu livro ao afirmar que “as religiões são instituições que pretendem haver colocado numa gaiola o pássaro encantado”.^[Nota 270] E também reclama:

Religiões: uma enorme feira onde se vendem pássaros engaiolados de todos os tipos. Os hereges que as religiões queimam e matam não são assassinos, terroristas, ladrões, adúlteros, pedófilos, corruptos. Esses são pecados de um pássaro engaiolado que precisa ser curado pelo perdão e pelos sacramentos.

Os hereges, ao contrário, são aqueles que recusam as gaiolas de palavras que os prendem, que falam palavras proibidas. Para esses não há perdão.^[Nota 271]

A diferença entre Caio Fábio e Rubem Alves, contudo, é de que este último praticou um rompimento definitivo e visceral com o movimento protestante (e com o próprio cristianismo). Seguiu com sua carreira de escritor, palestrante e professor universitário. Enquanto Caio Fábio, com suas contínuas abordagens sobre a igreja e o movimento evangelical brasileiro, conforme se pode constatar em seu site, deixa a impressão de alguém que fala sempre visando ao público cristão, pois suas indagações estão sempre relacionadas com a temática dos conflitos da religião cristã protestante. Alves, diferentemente, fala para um público mais amplo e heterogêneo e apresenta uma grande variação em seus temas prediletos. Caio Fábio, portanto, mais do que Rubem Alves, se encaixa no perfil do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), isto é, daqueles que se declaram cristãos, mantendo-se na confissão dogmática, sem, contudo, participar de modelos eclesiais convencionais. Neste caso específico, Rubem Alves foi mais longe.

Libertação eclesial: a confissão de Paulo Brabo

Apresentado por Ed René Kivitz^[Nota 272] e Ricardo Gondim^[Nota 273], “A Bacia das Almas”, escrita por Paulo Brabo e lançada^[Nota 274] pela editora Mundo Cristão, é uma obra onde o autor expõe ideias sobre diversos temas, sobretudo, espiritualidade, cristianismo e igreja, e que, apesar de não possuir pretensões teológicas, se transformou em referência e inspiração para aqueles que deixaram suas comunidades eclesiais. Augustus Nicodemus Lopes, um dos primeiros teólogos do Brasil a abordar o tema do recente fenômeno do desengajamento institucional dos cristãos, menciona em seu artigo, “Os Desigrejados”, publicado em seu conhecido blog^[Nota 275], o livro de Paulo Brabo entre aqueles que “defendem a desigrejação do cristianismo”.^[Nota 276]

Em “A Bacia das Almas”, Paulo Brabo declara ser “um independente de igreja”^[Nota 277] e que não mais deseja congregar em uma instituição cristã. Em seus anos de crença institucionalizado, foi batizado aos dezoito anos, sendo pregador, pianista, regente de coral, professor de escola dominical, líder de jovens, organizador de congressos e retiros, compositor, evangelista e conselheiro matrimonial^[Nota 278] e, apesar de declarar não ter ressentimentos e arrependimentos quanto ao seu engajamento institucional^[Nota 279], optou em abandonar sua congregação, conforme lemos abaixo:

Preciso confessar que durante trinta anos fui consumidor de igreja. Durante trinta anos fui dependente de igreja e trafiquei na sua produção. Devo confessar o mais grave, que, durante esses anos, abracei a crença (em nenhum momento abalizada pela Escritura ou pelo bom senso) que identificava a qualidade

da minha fé com minha participação nas atividades - ao mesmo tempo inofensivas, bem-intencionadas e autocentradas - de determinada agremiação. Em retrospecto, continuo crendo em mais ou menos tudo que cria naquela época, porém, contra minha vontade, contra minha inclinação e contra a força do hábito, fui obrigado a abandonar essa crença confortante e peculiar (espiritualidade = participação na igreja institucional).
[Nota 280]

Brabo faz questão de deixar claro que sua decisão não possui nenhuma relação com quaisquer tipos de crises envolvendo pessoas, conforme pode-se aferir abaixo:

Preciso deixar claro que não guardo daqueles anos nenhum rancor; de fato não trago deles nenhuma recordação que não esteja envolta em mantos de nostalgia e carinho. Ao contrário de alguns, não sinto de forma alguma ter sido abusado pela igreja institucional; sinto, em vez disso, como se tivesse sido eu a abusar dela. Minha impressão clara não é ter sido prejudicado pela igreja, mas de tê-la usado de forma contínua e consistente para satisfazer meus próprios apetites - apetites por segurança, atenção, glória, entretenimento, aceitação.^[Nota 281]

Paulo Brabo se enxergava como alguém que era dependente do sistema eclesiástico e dos programas que a igreja oferecia, com seus lugares, tradições, atividades e expectativas, mas que, apesar de sugá-los ao máximo, não experimentou nenhuma vitalidade espiritual. Sua alternativa ao identificar o processo em andamento em sua vida foi sair. Ao fazê-lo, insiste em dizer:

Portanto nada tenho contra aquilo que a igreja diz, que é em muitos sentidos bom e justo, mas não tenho como continuar

endossando aquilo que a igreja dá a entender – sua mensagem subliminar, por assim dizer, mas que fala muitas vezes mais alto do que qualquer outra voz. Com o discurso eclesiástico oficial eu poderia conviver indefinidamente (como de fato já fiz), mas seu meio é na verdade sua mensagem...^[Nota 282]

Para Paulo Brabo, diante do exposto acima “... Frequentar uma igreja é dar a entender”^[Nota 283].

1. Que aquela facção da igreja é de algum modo mais notável, e, portanto, mais legítima, do que todas as outras;
2. Que o modo genuíno de se exercer o cristianismo é estar presente nas reuniões regulares e demais atividades de determinada agremiação, ou seja, que a devoção é uma espécie de prêmio de assiduidade;
3. Que o conteúdo da crença é mais importante do que o desafio da fé;
4. Que o caminho do afastamento do mundo, segundo o exemplo de João Batista, é mais digno de imitação do que o caminho do envolvimento com o mundo, segundo a vida de Jesus;
5. Que o modo de vida baseado na busca circular pela legitimação é mais respeitável do que o das pessoas que conseguem viver sem recorrer a esses refrigérios;
6. Que o modo adequado de honrar a herança de Jesus é dançar em celebração ao redor do seu nome, ignorando em grande parte o que ele fez e diz.^[Nota 284]

Brabo, então, está convencido de que ser cristão neste cenário é “carregar nas costas dois milênios de má reputação de um

cristianismo tosco, incompetente, incompleto e, com demasiada frequência, nocivo”.^[Nota 285]

Por tais razões, Paulo Brabo saiu da instituição cristã, inspirando tantos outros no Brasil a fazerem o mesmo. Mas, ainda falta no Brasil uma obra nacional substancial que explique as justificativas da tentativa de desvinculação institucional. Enquanto em inglês o tema é farta-mente tratado em publicações importantes, embora controvertidas, há a carência de autores brasileiros que abordem o tema com responsabilidade, diligência, de forma argumentativa e com fundamentação teórica à semelhança do que fazem os autores americanos, por exemplo. Alguns, inclusive, citados nesta pesquisa.

Paulo Brabo parece ser um tipo específico de desigrejado. A dedução que se chega a partir de seus textos e dos daqueles que o admiram e que estão sempre o citando em sites e afins é de que ele vive absolutamente recluso em Curitiba e, portanto, não participando de nenhuma forma de reunião cristã. Chama sua própria casa de Monastério de São Brabo, contudo, não passa de sua residência fixa.^[Nota 286]

São poucos, todavia, entre os desigrejados, que optam por uma medida tão radical de isolamento total como a que Paulo Brabo supostamente aderiu. Grande parte dos desigrejados prefere algum tipo de prática mais informal de comunhão, isto é, estão dispostos a romperem os vínculos institucionais, mas querem, entretanto, experimentar a *koinonia* com outros cristãos de alguma maneira. A preferida, sem dúvida, é a reunião nos lares ou igrejas caseiras, como são conhecidas.

Uma das vozes mais enérgicas nos Estados Unidos que defendem essa forma de praticar a espiritualidade cristã é de Frank Viola que apresenta alguns argumentos para legitimá-la, conforme se verificará a seguir.

O retorno às igrejas caseiras?

A solução, segundo Frank Viola, para a atual crise de relevância do cristianismo institucional seria o retorno da prática das igrejas caseiras, pois “O cristianismo que conquistou o Império Romano era essencialmente um movimento centrado em casas”^[Nota 287], lembra o autor, citando Robert Banks. E por quê? Viola apresenta cinco argumentos, conforme abaixo:

Primeiro, “A casa testifica que são as pessoas que constituem a casa de Deus”^[Nota 288], isto é, “A Casa de Deus é a comunidade de crentes – nunca um imóvel feito de tijolos e concretos”.^[Nota 289] Segundo, “A casa é o ambiente natural para o exercício da mutualidade”.^[Nota 290] Em outras palavras, a intimidade da casa propicia a ocasião oportuna para mútua ministração entre os crentes, acredita. Para tanto, o autor lembra de que há no Novo Testamento cinquenta e oito exortações que incluem a expressão “uns aos outros”^[Nota 291], implicando, portanto, em mutualidade e reciprocidade, adequável para ambientes menos formais como os das igrejas caseiras geralmente são.

O terceiro argumento de Viola diz que “A Casa representa a humildade de Cristo”^[Nota 292], pois a imponência dos edifícios religiosos contemporâneos em nada lembram a simplicidade de Jesus Cristo, compreende o autor. Para Frank Viola a magnitude de muitos templos reflete mais “a vanglória deste mundo em vez de um modesto Salvador de quem somos testemunhas”^[Nota 293], pois, conforme denuncia usando as palavras de Rodney Stark:

Uma fé que se reunia em humildes estruturas passou de repente a ser abrigada por magníficos edifícios públicos. A nova

igreja de São Pedro, em Roma, teve como modelo a forma de basílica usada para os salões do trono imperial.^[Nota 294]

Viola também argumenta:

Um outro aspecto dessa realidade é que os custos exorbitantes de um edifício religioso implicam em enormes perdas para o povo de Deus (...) apenas nos Estados Unidos, igrejas institucionais possuem um patrimônio de mais de duzentos e trinta bilhões de dólares em imóveis (...) Cristãos doam entre nove e onze bilhões de dólares por ano para manterem os edifícios onde se ajuntam. Se não tivessem de carregar uma carga tão grande não seria bem mais fácil ajudar o pobre e o necessitado e bem mais livres para propagar o evangelho?^[Nota 295]

O quarto argumento de Frank Viola é que “A casa reflete a natureza familiar da igreja”^[Nota 296], pois, segundo ele, o edifício “inibe a intimidade e a participação”^[Nota 297] e declara enxergar uma afinidade natural entre os encontros familiares ocorridos nas igrejas caseiras do Novo Testamento e os temas abordados por Paulo em tais encontros e que estão registrados em suas cartas.^[Nota 298] Para Viola, a diferença no patamar dos assentos do clero e do povo em grande parte das igrejas contemporâneas, além do próprio edifício religioso, impendem a familiaridade dos encontros entre os cristãos, dificultando assim uma maior interação.^[Nota 299]

Finalmente, Frank Viola também diz que “A Casa reflete autenticidade espiritual”^[Nota 300], pois como não há os edifícios glamorosos para serem frequentados e nem roupas especiais para serem vestidas nos cultos ministrados por gente treinada e nem precisam lidar com orçamentos milionários, a casa, portanto, gera

uma atmosfera mais real, próxima à vida cotidiana das pessoas e, além disso, tal estrutura rompe com o dualismo sacro *versus* profano, pois o culto a Deus é oferecido em um espaço vital e não em um ambiente destinado especificamente para este fim, como se somente em tal lugar é que Deus o aceitasse.^[Nota 301]

É a conclusão de Frank Viola, que acredita ser a igreja caseira o retorno de uma espiritualidade cristã autêntica e de uma prática eclesiológica bíblica.^[Nota 302]

Terceira Reforma

Alguns estudiosos da eclesiologia acreditam que a atual ênfase nas igrejas caseiras é a expressão de uma Terceira Reforma da Igreja.^[Nota 303] Consideram a Reforma Protestante^[Nota 304] como uma reforma apenas da teologia, onde a grande ênfase foi a redescoberta, por Martinho Lutero, da doutrina da justificação pela fé. Os pietistas^[Nota 305], por sua vez, reformaram a espiritualidade, focando o relacionamento íntimo com o Salvador Jesus Cristo e com grande ardor missionário. Entretanto, tais reformas não mudaram as estruturas eclesiásticas. A teologia e a paixão devocional e missionária foram reformuladas, mas a Igreja com seus templos, dias específicos de cultos, ministérios ordenados e afins continuaram até hoje. A Reforma, portanto, precisa ser também eclesiológica, acreditam os pesquisadores do tema, como Christian A. Schwarz.^[Nota 306]

Nova Reforma Protestante, aliás, foi o título de uma matéria jornalística publicada em 2010 na revista *Época*^[Nota 307], onde se abordou a crise do protestantismo brasileiro em sua vertente neopentecostal^[Nota 308], em detrimento de formas mais simples e descomplicadas de adoração, comunhão e ensino da Bíblia. Um dos exemplos citados na matéria foi o de Irani Rosique^[Nota 309], médico cirurgião, convertido ao cristianismo protestante desde 1969 e que pratica em Ariquemes (RO) a fé com outros cristãos, reunindo-se em pequenos grupos nos lares. Ao todo, duas mil e quinhentas pessoas, distribuídas em onze supervisões, fazem parte dos grupos que se reúnem nos lares em Ariquemes.^[Nota 310] Como diz um trecho da matéria:

Apesar de jamais ter participado de uma igreja nos moldes tradicionais, Rosique é hoje uma referência entre líderes religiosos de todo o Brasil, mesmo os mais tradicionais. Recebe convites para falar sobre sua visão descomplicada de comunidade cristã, vindos de igrejas que há 20 anos não lhe responderiam um telefonema. Ele pode ser visto como um “símbolo” do período de transição que a igreja evangélica brasileira atravessa.

Um tempo em que ritos, doutrinas, tradições, dogmas, jargões e hierarquias estão sob profundo processo de revisão, apontando para uma relação com o Divino muito diferente daquela divulgada nos horários pagos da TV.^[Nota 311]

Rosique, portanto, é um dos milhões de cristãos ao redor do mundo que optaram por não participar de uma igreja institucional.

Apesar do fenômeno dos desigrejados chamar a atenção da mídia cristã e também da secular (como no caso da Revista Época) e de várias editoras abordarem o assunto e da leitura que teólogos e sociólogos estão fazendo do movimento, a verdade é que o mesmo está longe de ser uma novidade na História da Igreja, pois, no decorrer de mais de dois mil anos desta, não foram poucas as tentativas de ruptura com o seguimento majoritário da Igreja Cristã. Com menos de dois séculos de existência, insatisfações com a crescente institucionalização da igreja e a formação de um clero ordenado deram sinais e, à medida que a igreja continuou a crescer e a se organizar, esta insatisfação a acompanhou, gerando inevitavelmente propostas cismáticas. No próximo capítulo desta pesquisa, conheceremos alguns destes movimentos que propuseram a ruptura com os moldes da Igreja oficial.

- Nota 135 - YANCEY, Philip. Alma Sobrevivente: Sou Cristão, Apesar da Igreja. São Paulo: Mundo Cristão, 2004. [Voltar]
- Nota 136 - DEYOUNG, Kevin e KLUCK, Ted. Por que amamos a igreja. São Paulo: Mundo Cristão, 2009. p. 12-13. [Voltar]
- Nota 137 - Kevin DeYoung cita: “Revolution”, “The Shack”, “Life After Church”, “Divine Nobodies”, “Dear Church”, “Quitting Church”, “So you Don,t Want to go Church Anymore” e “Pagan Christianity?” , “ Un Christian” e “They Like Jesus but Not the Church”. [Voltar]
- Nota 138 - Neste livro farei uso de duas versões da obra de Frank Viola. Uma disponível em PDF, amplamente distribuída e acessível na internet, intitulada conforme aparece no texto, e outra publicada no Brasil pela editora Abba Press, intitulada “Cristianismo Pagão: As Origens das Práticas e Tradições da Igreja”. Esta última obra vem com a co-autoria de George Barna. A medida é necessária em face de importantes apontamentos para a pesquisa deste autor aparecerem em apenas uma das obras. [Voltar]
- Nota 139 - VIOLA, Frank. Cristianismo Pagão: A Origem das Práticas de nossa igreja moderna. [pdf]. (s.l: s.n) p. 4. Esta versão em PDF traduzida para o português encontra-se amplamente disponível na internet. [Voltar]
- Nota 140 - Ibid. p. 5. [Voltar]
- Nota 141 - Ibid. p. 6. [Voltar]
- Nota 142 - Ibid. p. 6-7. [Voltar]
- Nota 143 - Ibid. p. 44. [Voltar]
- Nota 144 - Ibid. [Voltar]
- Nota 145 - Ibid. [Voltar]
- Nota 146 - Ibid. [Voltar]
- Nota 147 - Ibid. [Voltar]
- Nota 148 - Ibid. p. 45. [Voltar]
- Nota 149 - Ibid. [Voltar]
- Nota 150 - Ibid. [Voltar]

Nota 151 - Ibid. [Voltar]

Nota 152 - O fim da perseguição ao cristianismo foi declarado no documento conhecido como Edito de Milão, redigido por Constantino, imperador de Roma, no ano 313 d. C. [Voltar]

Nota 153 - VIOLA, Frank. Op. cit. p. 46. [Voltar]

Nota 154 - Ibid. p. 49-57. [Voltar]

Nota 155 - Ibid. p. 51. Apud. A History of Christianity, p. 106. [Voltar]

Nota 156 - Ibid. p. 52. [Voltar]

Nota 157 - Ibid. [Voltar]

Nota 158 - Ibid. p. 54. [Voltar]

Nota 159 - Ibid. p. 55. [Voltar]

Nota 160 - Ibid. p. 59-66. [Voltar]

Nota 161 - VIOLA, Frank. BARNA, George. Cristianismo Pagão: Analisando as Origens das Práticas e Tradições da Igreja. São Paulo: Abba Press, 2008. p. 173. [Voltar]

Nota 162 - A expressão poimen (pastores) somente aparece no texto da Epístola aos Efésios 4.11. [Voltar]

Nota 163 - VIOLA, Frank. BARNA, George. Op. cit. p. 174. [Voltar]

Nota 164 - Ibid. p. 175. [Voltar]

Nota 165 - Ênfase no plural. [Voltar]

Nota 166 - VIOLA, Frank. BARNA, George. Op. cit. p. 179. [Voltar]

Nota 167 - Ibid. p. 179-183. [Voltar]

Nota 168 - F. W. Grant, Nicolaitanism or the Rise and Growth of Clerisy. (Bedford, PA: MWTB) n.d. Apud. VIOLA, Frank. Op. cit. p. 3-6. [Voltar]

Nota 169 - Nicolaíta. Junção de nikos (conquistas) + laos (povo) = “conquistadores do povo”. [Voltar]

Nota 170 - CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado Versículo Por Versículo. São Paulo: Hagnus, 2009. Vol. 6. p. 391-392. Ver também COENEN, Lothar & BROWN, Colin. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009. Vol. II. p.1388- 1389. [Voltar]

Nota 171 - HATCH, Edwin. The Organization of the Early Christian Churches. London: Longmans, 1895. p.185, 213. Apud. VIOLA, Frank & BARNA, George. Op. cit. p. 192. [Voltar]

Nota 172 - As dioceses eram unidades administrativas conhecidas na estrutura governamental do Império Romano. Posteriormente, passou a designar,

dentro do cristianismo, como as unidades territoriais lideradas pelos bispos. [Voltar]

Nota 173 - O debate acerca das cômguas pastorais não é novo. Movimentos anteriores aos desigrejados também questionaram a prática das remunerações aos ministros do Evangelho. David Martyn Lloyd-Jones nos lembra de que tal ensino foi encontrado no “Sandemanianismo”, um movimento sectário escocês do século XVIII, em que também se advogava um retorno “à maneira de se viver dos cristãos primitivos”. Circulou pelo País de Gales, Escócia e Inglaterra entre os anos de 1720-1790, tendo nas pessoas de John Glass, Robert Sandeman e Archibald Maclean suas figuras centrais. Cf. LLOYD-JONES, David Martyn. Os Puritanos: Suas Origens e Seus Sucessores. São Paulo: PES, 1993. p. 181-184. [Voltar]

Nota 174 - VIOLA, Frank & BARNA, George. Op. cit. p. 194. [Voltar]

Nota 175 - Ibid. p. 205. [Voltar]

Nota 176 - Ibid. p. 204. [Voltar]

Nota 177 - Ibid. p. 216. [Voltar]

Nota 178 - Ibid. p. 217. [Voltar]

Nota 179 - Ibid. [Voltar]

Nota 180 - VIOLA, Frank. Op. cit. p. 29. [Voltar]

Nota 181 - VIOLA, Frank & BARNA, George. Op. cit. p. 148. [Voltar]

Nota 182 - Ibid. p. 149. [Voltar]

Nota 183 - Ibid. p. 150. [Voltar]

Nota 184 - Ibid. [Voltar]

Nota 185 - Mestres da argumentação e da retórica que viajavam pelas cidades da Grécia antiga ensinando a arte aos jovens. [Voltar]

Nota 186 - VIOLA, Frank & BARNA, George. Op. cit. p. 152. [Voltar]

Nota 187 - Século II a. C. [Voltar]

Nota 188 - 384-322 a. C. [Voltar]

Nota 189 - VIOLA, Frank & BARNA, George. Op. cit. p. 153. [Voltar]

Nota 190 - Ibid. [Voltar]

Nota 191 - Ibid. p. 155. [Voltar]

Nota 192 - Ibid. [Voltar]

Nota 193 - Crisóstomo quer dizer “boca dourada”. [Voltar]

Nota 194 - Neste período a ênfase litúrgica se concentrava na Eucaristia e não na pregação. [Voltar]

Nota 195 - VIOLA, Frank & BARNA, George. Op. cit. p. 159-162. [Voltar]

Nota 196 - Ibid. p. 162. [Voltar]

Nota 197 - Ibid. p. 163. [Voltar]

Nota 198 - Ibid. [Voltar]

Nota 199 - Ibid. [Voltar]

Nota 200 - Ibid. p. 164. [Voltar]

Nota 201 - Ibid. p. 165. [Voltar]

Nota 202 - VIOLA, Frank. Reimaginando a Igreja: para quem busca mais do que simplesmente um grupo religioso. Brasília: Ed. Palavra, 2009. p. 9. [Voltar]

Nota 203 - A Rã na Chaleira, Marketing a Serviço da Igreja, O Poder da Visão, Igrejas Amigáveis e Acolhedoras são exemplos. Publicadas no Brasil pela Abba Press. [Voltar]

Nota 204 - A Editora faz questão de ressaltar o caráter polêmico da obra, conforme se lê na contracapa da mesma. [Voltar]

Nota 205 - BARNA, George. Revolução. São Paulo: Abba Press, 2007. [Voltar]

Nota 206 - Mark Carpenter, diretor da Editora Mundo Cristão, convidado pela Abba Press para apresentar o livro ao leitor brasileiro, pontificou a pertinência da obra no cenário cristão estadunidense. Cf. BARNA, George. op. cit. p. 5. [Voltar]

Nota 207 - BARNA, George. Op. cit. p. 23. [Voltar]

Nota 208 - Ibid. [Voltar]

Nota 209 - Ibid. [Voltar]

Nota 210 - Os Desigrejados são chamados por George Barna de Revolucionários. [Voltar]

Nota 211 - George Barna afirma que são mais de vinte milhões de americanos que deixaram as fileiras das igrejas cristãs nos últimos anos. Cf. BARNA, George. Op. cit. p. 27. [Voltar]

Nota 212 - BARNA, George. Op. cit. p. 26. [Voltar]

Nota 213 - Ibid. p. 28. [Voltar]

Nota 214 - Números baseados nas estatísticas das pesquisas das empresas de George Barna. [Voltar]

Nota 215 - BARNA, George. Op. cit. p. 43. [Voltar]

Nota 216 - Ibid. p. 44. [Voltar]

Nota 217 - Ibid. [Voltar]

Nota 218 - Ibid. p. 45. [Voltar]

Nota 219 - Ibid. [Voltar]

Nota 220 - Ibid. [Voltar]

- Nota 221 - Ibid. [Voltar]
- Nota 222 - Ibid. [Voltar]
- Nota 223 - Ibid. p. 44. [Voltar]
- Nota 224 - Ibid. p. 36-38. [Voltar]
- Nota 225 - Ibid. p. 89. [Voltar]
- Nota 226 - Ibid. p. 79. [Voltar]
- Nota 227 - Ibid. p. 80. [Voltar]
- Nota 228 - BARNA, George. Op. cit. p. 72. [Voltar]
- Nota 229 - Ibid. p. 74-75. [Voltar]
- Nota 230 - O modelo dominante, embora sistematicamente questionado nos últimos anos por uma boa parcela de cristãos. [Voltar]
- Nota 231 - Composta de pessoas que decidiram praticar a espiritualidade cristã em pequenas reuniões domésticas [Voltar]
- Nota 232 - A família é o único ou principal núcleo onde a espiritualidade é praticada. [Voltar]
- Nota 233 - Onde as experiências cristãs são compartilhadas pela internet. [Voltar]
- Nota 234 - BARNA, George. Op. cit. p. 75. [Voltar]
- Nota 235 - Ibid. [Voltar]
- Nota 236 - Nome que se dá ao movimento surgido nos Estados Unidos e Europa em que Igrejas Cristãs, não acreditando mais na capacidade de penetração das igrejas conservadoras na sociedade pósmoderna, buscam formatos contextualizados de culto e abordagem do Evangelho para a geração contemporânea. Um dos expoentes da Igreja Emergente é Brian McLaren, pastor e escritor norteamericano, autor do livro Uma Ortodoxia Generosa - A Igreja em Tempos de Pós-Modernidade, publicado, no Brasil, pela Editora Palavra. Para estudo e compreensão das Igrejas Emergentes: CARSON, D. A. Igreja Emergente: o movimento e suas implicações. São Paulo: Edições Vida Nova, 2010. [Voltar]
- Nota 237 - BARNA, George. Op. cit. p. 75-76. [Voltar]
- Nota 238 - Ibid. p. 76. [Voltar]
- Nota 239 - Ibid. p. 10. [Voltar]
- Nota 240 - BARNA, George. Op. cit. Nota do editor em contracapa. [Voltar]
- Nota 241 - BRABO, Paulo. Bacia das Almas - Confissões de um Ex-Dependente de Igreja. São Paulo: Mundo Cristão, 2009. [Voltar]
- Nota 242 - www.baciadasalmas.com.br. [Voltar]
- Nota 243 - Este livro dedicará algumas páginas a Paulo Brabo. Cf. p. 79-82. [Voltar]

- Nota 244 - Bispo da diocese Anglicana do Recife (PE), cientista político, estudioso do protestantismo brasileiro, autor de vários livros e o mais antigo articulista da revista ULTIMATO. Foi brutalmente assassinado, juntamente com sua esposa (D. Mirian), em 26 de fevereiro de 2012, período em que esta pesquisa estava sendo feita. [Voltar]
- Nota 245 - Período de maior visibilidade do pastor Caio Fábio, através de diversas ações ministeriais desenvolvidas no período como VINDE, AEVB, Programa Pare & Pense, Fábrica da Esperança etc. [Voltar]
- Nota 246 - CAVALCANTI, Robinson. As Chamadas Seitas Protestantes. Viçosa: Ultimato. Edição 276, maijun 2002. Disponível em: www.ultimato.com.br. Acesso em: 01 mar. 2012. [Voltar]
- Nota 247 - FRESTON, Paul. A Volta de Caio Fábio. Viçosa: Ultimato. Edição 263, mar-abr 2000. Disponível em: www.ultimato.com.br. Acesso em: 01 mar. 2012. [Voltar]
- Nota 248 - PAIXÃO, Roberta. A Volta do Pecador. São Paulo: Revista Veja. Edição 1624, 17 de nov, 1999. Disponível em: www.veja.abril.com.br. Acesso em: 07 mar. 2012. [Voltar]
- Nota 249 - O Escritor, jornalista e, na época, editor especial do Jornal do Brasil, Zuenir Ventura, escreveu o prefácio de seu livro “Confissões de Um Pastor”, publicado pela Record em 1996. Rubem César Fernandes, antropólogo e coordenador do projeto Viva Rio, desenvolveu ações midiáticas com Caio Fábio na década de 1990. [Voltar]
- Nota 250 - Leonardo Boff, por exemplo. [Voltar]
- Nota 251 - Artistas como Chico Anysio, por exemplo, compareceram ao lançamento de seu livro Confissões de Um Pastor. [Voltar]
- Nota 252 - Anthony Garotinho, Leonel Brizola e o ex- presidente do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva, por exemplo. [Voltar]
- Nota 253 - Caio Fábio nunca estudou teologia. Sua ordenação foi precedida pela apresentação ao Presbitério de Manaus de uma tese sobre a salvação dos povos não evangelizados. [Voltar]
- Nota 254 - Seus pequenos livros, muitos dos quais esboços de suas pregações e palestras foram vendidos aos milhões em todo o Brasil e também no exterior. [Voltar]
- Nota 255 - Revista VINDE. Atual Eclésia, publicada pela Bom Pastor. [Voltar]
- Nota 256 - Brasil – Israel. [Voltar]
- Nota 257 - Seminário Teológico Escola de Pastores (São Francisco / Niterói). [Voltar]

- Nota 258 - São conhecidos seus pronunciamentos sobre os escândalos na Igreja Universal do Reino de Deus que foram sistematicamente noticiados pela Rede Globo em escala nacional, nos idos dos anos 1990. [Voltar]
- Nota 259 - Reverendo Caio Fábio foi inocentado na esfera criminal em 2011. O site apologético Genizah repercutiu o assunto, disponibilizando vídeo com depoimento do próprio pastor, comentando o episódio. Cf. GENIZAH. Caio Fábio fala sobre sua condenação na justiça eleitoral no processo Dossiê Cayman. Disponível em: www.genizah.com.br Acesso em: 01 out. 2013. [Voltar]
- Nota 260 - D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. A Volta de Caio Fábio em suas próprias palavras. Viçosa: Ultimato. Edição 264, maijun.2000. Disponível em: www.ultimato.com.br. Acesso em: 01 mar. 2012. [Voltar]
- Nota 261 - No site www.caiofabio.com.br é possível localizar as Estações do Caminho da Graça. Espécie de congregações, embora não sejam assim chamadas, pois didaticamente rejeitam toda forma de semelhança com quaisquer aspectos do cristianismo evangélico institucionalizado. Caio Fábio, em recente entrevista à Revista Cristianismo Hoje, afirma acreditar que o número de pessoas alcançadas em seu ministério se aproxime a três milhões. Cf. FERNANDES, Carlos. Op.Cit. p. 23. [Voltar]
- Nota 262 - D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. Sem Barganhas com Deus. Rio de Janeiro: Fonte Novo Século, 2005. Disponível em: www.scribd.com.br. Acesso em: 01 mar. 2012. [Voltar]
- Nota 263 - D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. Constantino, Lactâncio e o Cristianismo Irreformável. Brasília. Disponível em: www.caiofabio.net. Acesso em: 01 mar. 2012. [Voltar]
- Nota 264 - Ibid. [Voltar]
- Nota 265 - D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. Aos Desigrejados e aos que não sofrem de Amnésia. Brasília. Disponível em: www.caiofabio.net. Acesso em: 01 mar. 2012. [Voltar]
- Nota 266 - Ibid. [Voltar]
- Nota 267 - Ibid. [Voltar]
- Nota 268 - MATOS, Alderi. Fundamentos da Teologia Histórica. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. p. 262. [Voltar]
- Nota 269 - ALVES, Rubem. Religião & Repressão. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 33-45. [Voltar]
- Nota 270 - Ibid. p. 9. [Voltar]
- Nota 271 - Ibid. p. 10. [Voltar]

- Nota 272 - BRABO, Paulo. Op. Cit. p. 7. [Voltar]
- Nota 273 - Ibid. [Voltar]
- Nota 274 - Em Novembro de 2009, a Editora Mundo Cristão, por ocasião do lançamento de “A Bacia das Almas”, promoveu um debate acerca do livro, com a presença do autor e dos escritores Ed René Kivitz, pastor da Igreja Batista de Água Branca, Lourenço Stélio Rega, diretor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo e o doutor Jung Mon Sung, coordenador do Programa de pósgraduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). O auditório lotado comprovou o prestígio de Paulo Brabo em São Paulo. [Voltar]
- Nota 275 - <http://www.tempora-mores.blogspot.com.br>. Com, aproximadamente, dois milhões de acessos registrados. [Voltar]
- Nota 276 - LOPES, Augustus Nicodemus. Op. cit. [Voltar]
- Nota 277 - BRABO, Paulo. Op. cit. p. 36-40. [Voltar]
- Nota 278 - Ibid. p. 20. [Voltar]
- Nota 279 - Ibid. [Voltar]
- Nota 280 - Ibid. p. 37. [Voltar]
- Nota 281 - Ibid. [Voltar]
- Nota 282 - Ibid. p. 39. [Voltar]
- Nota 283 - Ibid. [Voltar]
- Nota 284 - Ibid. p. 39. [Voltar]
- Nota 285 - Ibid. p. 64. [Voltar]
- Nota 286 - LILIAN COMUNICA. Matéria no jornal A Notícia/SC sobre o livro Em 6 passos o que faria Jesus (autoria de Paulo Brabo). Disponível em: www.liliancomunica.com.br. Acesso: 12.01.2012. [Voltar]
- Nota 287 - BANKS, Robert., The Church Comes Home (Peabody: Hendrickson Publishers, 1998), p. 49- 50. Apud VIOLA, FRANK & BARNA, GEORGE. Op. cit. p. 49. [Voltar]
- Nota 288 - VIOLA, Frank. Op. cit. p. 86. [Voltar]
- Nota 289 - Ibid. [Voltar]
- Nota 290 - Ibid. p. 87. [Voltar]
- Nota 291 - Ibid. [Voltar]
- Nota 292 - Ibid. p. 88. [Voltar]
- Nota 293 - Ibid. [Voltar]
- Nota 294 - STARK, Rodney. For The Glory of God. Princeton: Princeton University Press, 2003. p. 33-34. Apud. ibid. p. 88. [Voltar]
- Nota 295 - VIOLA, Frank. Op. cit. p. 89. [Voltar]

Nota 296 - Ibid. [Voltar]

Nota 297 - Ibid. [Voltar]

Nota 298 - O autor não exemplifica essa afirmação. [Voltar]

Nota 299 - VIOLA, Frank. Op. cit. p. 90. [Voltar]

Nota 300 - Ibid. p. 91-92. [Voltar]

Nota 301 - Ibid. [Voltar]

Nota 302 - A prática das igrejas caseiras ou de culto nos lares é antiga na História da Igreja. Nos séculos XVI e XVII afloraram na Europa (Alemanha e Noruega são os casos mais notórios) diversos formatos e que tinham como objetivo a restauração do vigor espiritual que os crentes julgavam não experimentar nas igrejas convencionais. A tendência ficou conhecida como “Ecclesiolae in Ecclesia”. Em tais núcleos os cristãos que deles participavam tinham a oportunidade de praticar disciplinas espirituais mais austeras, frequência regular e instrução bíblica mais intimista (o que não era possível na pregação pública da “igreja-mãe”). As reuniões eram informais, os leigos tinham maior acesso, pois podiam compartilhar perguntas, experiências e testemunhos e todos estavam sujeitos à supervisão ministerial. Apesar de mais dinâmicas, grande parte das “Ecclesiolae in Ecclesia” deixou de existir. Cf. LLOYD-JONES, David Martyn. Op. cit. p. 139-158. Há uma diferença, contudo, das “Ecclesiolae in Ecclesia” para o atual movimento dos desigrejados no que tange à ênfase nos cultos domésticos e esta se refere ao fato de que não havia no bojo das propostas de grande parte das “Ecclesiolae in Ecclesia” o interesse sectário e a conseqüente tentativa de separação ou rompimento com a igreja-matriz. Havia, ao contrário, intenso desejo por uma renovação da igreja, mas, jamais, de separar-se dela. Cf. LLOYD-JONES, David Martyn. Op. Cit. p. 139-140. Os pietistas são os principais exemplos desta tentativa conciliadora, embora que, com o passar dos anos, alguns tenham se tornado cismáticos. Cf. COSTA, Hermisten Maia Pereira da. Pietismo: Um Desafio à Piedade e à Teologia. Fides Reformata. São Paulo, IV, 1, janeiro/junho/1999. p. 11. Cf. SPENER, Philip Jacob. Mudança Para o Futuro: Pia Desideria. São Bernardo do Campo: Editora Encontrão e Instituto de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1996. p. 15. [Voltar]

Nota 303 - SIMSON, Wolfgang. Casas que transformam o mundo. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001. p. 10. [Voltar]

Nota 304 - Século XVI. [Voltar]

Nota 305 - Século XVII. [Voltar]

Nota 306 - SCHWARZ, Christian A. Mudança de Paradigma na Igreja. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001. p. 11-12. [Voltar]

Nota 307 - REVISTA ÉPOCA. Op. cit. [Voltar]

Nota 308 - Para este autor a matéria está incompleta, pois aborda somente a insatisfação dos grupos históricos do protestantismo brasileiro com o seguimento neopentecostal, sendo que formas mais espontâneas de reunião cristã, assim como o desengajamento institucional, conforme citado na introdução da matéria na experiência dos crentes de Ariquemes (RO), vêm sendo adotadas por cristãos de todas as expressões do evangelicalismo e não apenas os insatisfeitos com o neopentecostalismo. [Voltar]

Nota 309 - REVISTA ÉPOCA. Op Cit. [Voltar]

Nota 310 - Ibid. [Voltar]

Nota 311 - Ibid. [Voltar]

Parte II

Os desigrejados na história da Igreja



“Nada há, pois, novo debaixo do sol” (Eclesiastes 1.9).

Apesar do tom reconhecidamente provocativo^[Nota 312] das afirmações que os desigrejados usam em suas obras (como as de Frank Viola, em “Cristianismo Pagão”, por exemplo), o fato é que tais desencantos institucionais com as igrejas cristãs e a conseqüente proposta de ruptura não são novidades na História da Igreja. No decorrer de mais de dois mil anos de história, diversos indivíduos e/ou grupos manifestaram suas discordâncias com a organização eclesiástica do cristianismo, denunciando aquilo que julgavam ser um desvio dos ensinamentos de Jesus Cristo e também dos apóstolos e apelando para uma forma mais simples de vida cristã, sem ênfase litúrgica, clero ordenado e burocratização no *modus operandi* da igreja. Muitos foram os formatos que esses movimentos de restauração assumiram, sendo simpáticos a milhares de populares, assim como também a alguns Pais da Igreja^[Nota 313] e historiadores contemporâneos.^[Nota 314] Mas, que movimentos foram esses? Quem foram seus líderes? Quais as críticas que fizeram à igreja institucional? E por que propuseram a ruptura com a mesma? A identificação de tais movimentos revelará que o atual desencanto com o cristianismo não é nada novo e que precisa ser considerado com o devido cuidado e equilíbrio. É o que se verá a seguir.

Nota 312 - VIOLA, Frank & BARNA. Op. cit. p. 7. [Voltar]

Nota 313 - Tertuliano de Cartago (120-220 d. C.) foi simpático ao montanismo, aderindo ao movimento por volta de 207 d. C. [Voltar]

Nota 314 - CAIRNS, Earle E. O Cristianismo através dos séculos - uma história da Igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 83. [Voltar]

Capítulo 3

O montanismo



O montanismo foi um movimento surgido na Frígia^[Nota 315], no ano 155

d. C.^[Nota 316], através de Montano, um sacerdote pagão que se converteu ao cristianismo^[Nota 317] por volta do século II. O movimento não deixou obras publicadas^[Nota 318], e o que se sabe chegou à pos-teridade através da apologética dos Pais da Igreja^[Nota 319] e da História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia^[Nota 320], escrita por volta de 325 d. C.

Montano “rejeitava a crescente fé na autoridade especial dos bispos”.^[Nota 321] Estes, por sua vez, eram considerados pelo cristianismo oficial como “herdeiros dos apóstolos”^[Nota 322] e guardiões da sã doutrina. A ênfase dada pelos bispos aos escritos dos apóstolos também era duramente criticada^[Nota 323] por Montano, que acreditava na continuidade da profecia, sendo ele próprio o instrumento do Espírito Santo para revelar aos homens a vontade de Deus.^[Nota 324]

Montano, juntamente com as profetisas Priscila e Maximila, consideravam as igrejas cristãs muito formais, dependentes ao extremo de uma liderança humana^[Nota 325] e com pouca ou nenhuma direção pneumatológica. Montano acreditava que a igreja estava espiritualmente morta^[Nota 326] e, conforme registro de Eusébio de Cesareia, proclamava “que era contrário às instituições que prevaleciam na igreja, conforme transmitidas e mantidas em sucessão desde os primórdios”.^[Nota 327] Além disso, afirmava a necessidade de sinais e prodígios na igreja^[Nota 328] e declarava

passar por experiências extáticas^[Nota 329], conforme citação a seguir: “Observem que um homem é como uma lira, e eu voo sobre ela como um plectro”^[Nota 330] ou “Eu sou o Senhor Deus, nascido entre os homens. Não sou anjo, nem arcanjo, nem sacerdote. Sou Deus Pai, vindo até vocês”.^[Nota 331]

Percebe-se a tentativa de convencer que o Espírito Santo falava diretamente aos homens através do sacerdote da Frígia.

Com essas experiências e conclusões, Montano atraiu seguidores ao seu movimento em Papuza e organizou uma comunidade onde profetizava acerca do breve retorno de Cristo à Frígia e elaborava suas duras críticas e denúncias ao cristianismo institucional, tendo como alvo predileto os bispos e os principais líderes da igreja, dos quais afirmava serem “destituídos de vida, corruptos e até mesmo apóstatas”.^[Nota 332]

O polêmico religioso e até mesmo seus seguidores fundaram congregações paralelas às igrejas cristãs que rivalizaram com as mesmas por diversas extensões do Império Romano^[Nota 333], ao ponto de, a partir do ano 160 da era cristã, haver “duas congregações cristãs distintas”^[Nota 334]: Uma sob a liderança de Montano e outra debaixo da autoridade eclesiástica de um bispo ligado ao cristianismo oficial.^[Nota 335]

Montano, Priscila, Maximila e todos os demais seguidores do Montanismo foram excomungados da Igreja Cristã^[Nota 336], entrando para a história como, provavelmente, o primeiro caso de rompimento com o segmento da igreja oficial.

A indisposição de Montano com a igreja se deveu à sua dificuldade em aceitar a ideia de autoridade do clero, por acreditar que o mesmo restringia a liberdade do Espírito Santo na direção da Igreja de Cristo e considerava exagerado o conceito de que a voz de Deus somente é reconhecida pela leitura das Escrituras Sagradas,

pois, para ele, isto terminava aprisionando o Espírito dentro de um livro. Ao invés disso, declarava que as vozes inspiradas (e acreditava ser uma delas) deveriam continuar tendo espaço nas greis. O movimento criado e liderado por Montano, chamado por ele de Nova Revelação e Nova Profecia, se espalhou pela Ásia Menor, alcançando a Síria, Antioquia, e como W. Walker nos lembra, foi também “conhecido em Roma e no Ocidente”^[Nota 337], chegando até o norte da África^[Nota 338], onde, após intensa pressão, sobreviveu até o século V e, na Frígia, até o século VI.^[Nota 339] Conseguiu, antes de desaparecer, exercer atração sobre ilustres figuras do cristianismo ortodoxo, como Zeferino, bispo de Roma (199-217)^[Nota 340], e Tertuliano de Cartago (120-220)^[Nota 341], embora o que atraísse Tertuliano fosse mais o rigor moral e o asceticismo do montanismo do que quaisquer outros aspectos da doutrina^[Nota 342], sem, contudo, desconsiderar, como lembra Roger Olson, que a insatisfação de Tertuliano também era “com o declínio da forte igreja para a decadência moral e teológica”^[Nota 343], nos ajudando, destarte, a entender as suas razões em decidir migrar para o movimento. Quanto a Zeferino, após um período em que demonstrou tolerância com o Montanismo, foi criticado por Tertuliano ao fazer, conforme suas próprias palavras, “O Parácleto fugir”.^[Nota 344]

O montanismo não foi o primeiro ataque que a ortodoxia cristã recebeu. Antes, o ebionismo^[Nota 345], o marcionismo^[Nota 346] e também o gnosticismo^[Nota 347] já tinham mostrado suas facetas, forçando os apóstolos^[Nota 348] e, posteriormente, os Pais da Igreja^[Nota 349], a responderem. A diferença é que esses movimentos não se concentraram no questionamento eclesiológico como fizera Montano.

O montanismo representou uma das primeiras manifestações cristãs contrárias à institucionalização da igreja. Portanto, o movimento de desigrejados não é novo. Possui, obviamente, contornos, contextos e uma roupagem nova, assim como algumas ênfases distintas do montanismo, mas, a rigor, a indisposição em se fazer parte de uma instituição em que acreditam não representar legitimamente a aparência de Cristo é semelhante.

Apesar dos exageros e das extravagâncias do movimento, na opinião do historiador Earle E. Cairns, o montanismo pode ser visto pela igreja contemporânea de forma simpática e pedagógica:

O montanismo representou o protesto perene suscitado dentro da igreja quando se aumenta a força da instituição e se diminui a dependência do Espírito de Deus (...) O movimento montanista foi e é aviso de que a igreja não esqueça que a organização e a doutrina não podem ser separadas da satisfação do lado emocional da natureza humana do homem e do anseio humano por um contato espiritual imediato com Deus.^[Nota 350]

Nota 315 - Atual Turquia [Voltar]

Nota 316 - CAIRNS, Earle E. Op. cit. p. 82. [Voltar]

Nota 317 - OLSON, Roger. História da Teologia Cristã. São Paulo: Vida, 1999. p. 30. [Voltar]

Nota 318 - Ibid. [Voltar]

Nota 319 - Ibid. [Voltar]

Nota 320 - CESAREIA, Eusébio. História Eclesiástica. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 181-184. [Voltar]

Nota 321 - OLSON, Roger. Op. cit. p. 30. [Voltar]

Nota 322 - Ibid. [Voltar]

Nota 323 - Ibid. [Voltar]

Nota 324 - CAIRNS, Earle E. Op. cit. p. 82. [Voltar]

Nota 325 - Mesma acusação que Frank Viola faz à Igreja contemporânea em relação aos pastores. [Voltar]

Nota 326 - OLSON, Roger. Op. cit. p. 30. [Voltar]

Nota 327 - CESAREIA, Eusébio. Op. cit. p. 182. [Voltar]

Nota 328 - OLSON, Roger. Op. cit. p. 30. [Voltar]

Nota 329 - CESAREIA, Eusébio. Op. cit. p. 182. [Voltar]

Nota 330 - WALKER, W. História da Igreja Cristã. São Paulo: ASTE, 2006. p. 86. [Voltar]

Nota 331 - OLSON, Roger. Op. cit. p. 31. [Voltar]

Nota 332 - Ibid. p. 30. [Voltar]

Nota 333 - Ibid. p. 31. [Voltar]

Nota 334 - Ibid. [Voltar]

Nota 335 - Ibid. [Voltar]

Nota 336 - Ibid. [Voltar]

Nota 337 - WALKER, W. Op. cit. p. 86. [Voltar]

Nota 338 - Ibid. p. 87. [Voltar]

Nota 339 - MATOS, Alderi de Souza. Fundamentos da Teologia Histórica. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. p. 40. [Voltar]

Nota 340 - WALKER.W. Op. cit. p. 87. [Voltar]

Nota 341 - COMPENHAUSEN, Hans Von. Os Pais da Igreja: A Vida e a doutrina dos primeiros teólogos cristãos. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. p. 199. [Voltar]

Nota 342 - WALKER, W. Op. cit. p. 86. [Voltar]

Nota 343 - OLSON. Roger. Op. cit. p. 92. [Voltar]

Nota 344 - WALKER.W. Op. cit. p. 87. [Voltar]

Nota 345 - Heresia judaico-cristã do século I que defendia a salvação pela obediência à Lei. [Voltar]

Nota 346 - Marcion (85-160 d. C.), armador cristão de Sínope (atual Turquia), acreditava em dois deuses antagônicos (o da Velha Aliança e o Pai amoroso de Jesus Cristo), pois percebia incoerências entre o judaísmo e o cristianismo, assim como nas Escrituras do Antigo e Novo Testamentos. [Voltar]

Nota 347 - Uma junção de conceitos do cristianismo com o judaísmo, dualismo grego e de religiões de mistério que representaram a maior ameaça às igrejas cristãs nos primeiros séculos de sua existência. [Voltar]

Nota 348 - Há respostas antignósticas (ao menos em suas formas mais embrionárias) contidas em algumas cartas paulinas e nas epístolas joaninas. [Voltar]

Nota 349 - Irineu de Lion (130-202 d. C.) foi um dos mais contundentes críticos do gnosticismo. [Voltar]

Nota 350 - CAIRNS, Earle E. Op. cit. p. 83. [Voltar]

Capítulo 4

Os pais do deserto



Por volta do século IV, a Igreja Cristã era uma realidade institucional. Foi o século da conversão de Constantino^[Nota 351] (272-337 d. C.) e dos famosos Concílios de Niceia^[Nota 352] e Constantinopla^[Nota 353], além do Concílio de Cartago^[Nota 354], onde o Cânon das Escrituras foi oficializado. Foi também o tempo da sistematização do Credo dos Apóstolos, fórmula dogmática do cristianismo reconhecida e oficializada no Concílio de Niceia, mas cuja origem e uso remontam ao segundo século^[Nota 355], sendo conhecida como símbolo romano^[Nota 356] ou “O Velho Credo Romano”^[Nota 357], uma confissão batismal.^[Nota 358] O século IV também testemunhou acirrados debates cristológicos que se estenderam até o século V, no Concílio de Calcedônia.^[Nota 359] Tais acontecimentos importantes para a história do cristianismo contribuíram para a pavimentação de sua ortodoxia e de sua organização institucional e litúrgica, fortalecendo sobre-maneira a Igreja. Contudo, havia descontentes em suas fileiras. Muitos líderes da igreja perceberam que, a partir da Conversão de Constantino e a conseqüente eliminação das perseguições aos cristãos, acomodou-se o testemunho dos mesmos, que não estavam mais dispostos ao sofrimento e até mesmo ao martírio, pois queriam desfrutar de todos os benefícios concedidos pelo imperador de Roma, que se tornara um irmão em Cristo.^[Nota 360] Acerca dessa insatisfação, o historiador Justo L. Gonzalez conta:

Durante quase trezentos anos a igreja tinha vivido sob a ameaça constante das perseguições. Todo cristão sabia que era possível que qualquer dia ele seria levado para o tribunal, onde teria de se defrontar com a terrível escolha entre a apostasia e a morte. Durante os extensos períodos de paz dos séculos segundo e terceiro alguns se esqueceram disso e quando a perseguição recrudescer não puderam lhe resistir. Isto, por sua vez, convenceu outros que a segurança e a vida acomodada eram o principal perigo que os ameaçava, e que este era muito real em período de relativa calma. Agora, com a paz da igreja aparentemente assegurada, muitos destes consideravam esta uma nova armadilha do maligno.^[Nota 361]

A solução para os cristãos insatisfeitos com a falta de vitalidade e espiritualidade genuínas do cristianismo foi abandonar as igrejas (não a fé cristã) em direção aos desertos, a fim de se experimentar maior comunhão com Deus e a prática de uma fé mais singela e próxima do coração, diferentemente do formalismo institucional e da corrupção moral que os crentes presenciavam na instituição cristã. Esses cristãos que optaram pela deserção eclesiástica ficaram historicamente conhecidos como “os pais do deserto”^[Nota 362] ou “monges do deserto”, e seus deslocamentos em direção aos desertos do Egito^[Nota 363], assim como também, posteriormente, na Europa^[Nota 364], contribuíram para o surgimento do movimento conhecido como monasticismo.^[Nota 365]

Em face do repúdio que tinham pela igreja oficial, que consideravam decadente, muitos dos “pais do deserto” ficaram anos sem comparecer aos cultos oficiados na mesma e tampouco assistir à celebração da ceia.^[Nota 366] O grau de descontentamento com a igreja fora tão grande que os monges consideravam que a pior coisa que poderia lhes acontecer seria receber títulos, funções e honrarias

por parte da igreja.^[Nota 367] Alguns dos monges do deserto, inclusive, foram (contra a vontade) ordenados sacerdotes.^[Nota 368]

Diante de tais medidas de separação da igreja, não se demorou tanto para que muitos dos monges começassem a sentir orgulho da forma como viviam o cristianismo e a acreditar que eram mais dignos e santos do que muitos sacerdotes e bispos. Destarte, deveriam ser eles os legítimos líderes da igreja e aqueles que decidiriam quais doutrinas seriam verdadeiras e dignas de serem confessadas pelos demais cristãos.^[Nota 369] Com o passar do tempo, muitos desses monges foram se tornando intolerantes, fanáticos e até mesmo agressivos^[Nota 370], caracterizando, assim, um distanciamento da intenção original do movimento, mas tais casos não foram majoritários.

Os Pais do deserto formaram um movimento de protesto. Não chegou a ser uma ruptura definitiva com a igreja oficial, à semelhança do Donatismo^[Nota 371], mas sim um distanciamento da mesma, provocado pelo desencanto com a instituição que consideravam corrupta, acomodada e conivente com o Império Romano. Tal sentimento de desilusão e a procura de um cristianismo mais dinâmico e intenso se verificarão em outros momentos importantes da história da igreja.

- Nota 351 - Ocorrida em 27 de outubro do ano 312, antes da famosa Batalha da Ponte Milvio. [Voltar]
- Nota 352 - Em 325 d. C. [Voltar]
- Nota 353 - Em 381 d. C. [Voltar]
- Nota 354 - Em 397 d. C. [Voltar]
- Nota 355 - SHELLEY, Bruce L. História do Cristianismo. São Paulo: Edições Shedd, 2008. p. 62. [Voltar]
- Nota 356 - LATOURETTE, Kenneth Scott. Uma História do Cristianismo. v. 1. São Paulo: Hagnus, 2006. p. 170. [Voltar]
- Nota 357 - SHELLEY, Bruce. Op. cit. p. 62. [Voltar]
- Nota 358 - Ibid. [Voltar]
- Nota 359 - Em 451 d. C. [Voltar]
- Nota 360 - Há controvérsias entre os historiadores acerca da legitimidade da relação de Constantino com o cristianismo. [Voltar]
- Nota 361 - GONZALEZ, Justo L. Uma História Ilustrada do Cristianismo: A Era dos Gigantes. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 57-58. [Voltar]
- Nota 362 - Paulo, o eremita, e Antão são considerados como os fundadores do movimento. [Voltar]
- Nota 363 - CAIRNS, Earle E. Op. cit. p. 122-123. [Voltar]
- Nota 364 - Ibid. [Voltar]
- Nota 365 - LATOURETTE, Kenneth Scott. Op. cit. p. 294-314. [Voltar]
- Nota 366 - GONZALEZ, Justo. Op. cit. p. 67. [Voltar]
- Nota 367 - Ibid. [Voltar]
- Nota 368 - Ibid. [Voltar]
- Nota 369 - GONZALEZ, Justo. Op. cit. p. 68. [Voltar]
- Nota 370 - Ibid. [Voltar]
- Nota 371 - Abordaremos a seguir. [Voltar]

Capítulo 5

O donatismo



O donatismo foi um movimento de ruptura radical com o cristianismo oficial do quarto século, ocorrido no Norte da África. O termo donatismo está associado ao nome de Donato da Casa Negra^[Nota 372], que liderou o movimento por mais de quarenta anos.

Os Donatistas não aceitavam o episcopado de sacerdotes que tinham, nas épocas da violenta perseguição do Império Romano, negado a fé cristã e entregue seus exemplares das Escrituras Sagradas. Os que assim procederam receberam a alcunha de *traditores*.^[Nota 373] Muitos desses não só negaram a Cristo, rasgando suas Bíblias, como também aceitaram adorar aos deuses do paganismo a fim de salvarem as suas próprias vidas.^[Nota 374] Tal procedimento não se configurou em ato isolado, mas, pelo contrário, ocorreu com tantos bispos e também leigos que muitos templos do paganismo receberam um número tão grande de pessoas, que passaram a assistir suas liturgias, a ponto de ficarem absolutamente lotados.^[Nota 375]

O problema, então, residia no fato de que os Donatistas não acreditavam nem aceitavam a recuperação de um *traditor*. Para tais, estes cometeram apostasia e não eram mais dignos de ser aceitos na comunhão da igreja. Entretanto, este posicionamento não era consensual, pois muitos cristãos e bispos, admitindo a possibilidade de um verdadeiro arrependimento de um *traditor*, acreditavam que os mesmos poderiam ser admitidos na igreja e, assim, procediam. Muitos dos *traditores* foram reconduzidos às suas funções no

episcopado e passaram a exercer normalmente suas atividades, entre as quais estava ordenar novos sacerdotes. Passou-se, então, a questionar a validade dessas ordenações oficiadas por bispos que tinham sido *traditores* e, conseqüentemente, os novos sacerdotes eram rejeitados. Para os Donatistas, a dignidade do ministro implicava a validade do sacramento.^[Nota 376]

Um dos casos mais emblemáticos da polêmica donatista ocorreu envolvendo o importante bispado de Cartago.^[Nota 377] Quando cessou a perseguição imperial, o mesmo ficou vago, sendo indicado para seu lugar Ceciliano.^[Nota 378] Contudo, um dos três bispos que o ordenaram, Félix de Aptunga^[Nota 379], tinha sido um *traditor* e, como tal, sua condição de bispo era ilegítima e, conseqüentemente, a ordenação de Ceciliano também o era, não podendo, portanto, exercer o episcopado. Entretanto, Ceciliano contava com a aprovação do bispo de Roma e do próprio imperador Constantino.^[Nota 380]

As acusações feitas contra Ceciliano, de que possuía um episcopado ilegítimo em face do passado comprometedor de um dos bispos que oficiaram sua ordenação, eram respondidas por ele com o argumento de que, se a validade do sacramento depende de quem os ministra, então, estaríamos em constantes dúvidas sobre a validade de nosso batismo e da eficácia da celebração da ceia, haja vista que não nos é possível aferir a condição da alma do ministro.^[Nota 381]

Além da questão dos *traditores*, havia outra insatisfação nos Donatistas que muito colaborou para que rompessem com a igreja.

Antes da conversão de Constantino, a igreja em Cartago era formada por pessoas de uma baixa classe social que sofriam ao perceber a opressão imposta por uma banda latinizada existente na região, a qual mantinha ligações com o Império Romano. Com a conversão do imperador, elementos dessa banda opressora

passaram a fazer parte da igreja, levando para o seu seio as tensões já existentes com as classes mais pobres que estavam há anos enfileiradas no cristianismo. Os conflitos internos foram inevitáveis, aumentando com o passar do tempo, levando a uma ruptura de significativo grupo que denunciava a igreja com acusações de corrupção, conivência e mundanismo. Como Ceciliano recebia apoio da classe privilegiada, foi rejeitado pelos pobres, que logo se aproximaram dos Donatistas em suas insatisfações contra a igreja oficial. Cada grupo com sua crítica específica, conforme podemos ler nas palavras de Justo Gonzalez:

Em conclusão, o donatismo – e particularmente os donatistas radicais (...) foi mais uma reação às circunstâncias produzidas pela conversão de Constantino. Enquanto alguns recebiam a nova ordem de braços abertos, e outros protestaram se retirando ao deserto, os donatistas simplesmente romperam com a igreja que se tinha aliado ao Império.^[Nota 382]

Com os donatistas, sabemos que, ao longo da história do cristianismo, as tentativas de ruptura com a igreja por parte de grupos cristãos não aconteceram apenas por motivações teológicas, eclesiásticas e morais, mas também por fatores sociais, políticos e econômicos.

Mesmo após a morte de Donato de Casa Negra, ocorrida no ano 356, o donatismo foi bastante expressivo no Norte da África, chegando até mesmo a se tornar maior do que a igreja oficial na região^[Nota 383], até quando as invasões muçulmanas por aquelas bandas^[Nota 384] o fizeram desaparecer.

Nota 372 - GONZALEZ, Justo. Op. cit. p. 80. [Voltar]

Nota 373 - Traidores. [Voltar]

Nota 374 - Os que se mantiveram fiéis nos anos de perseguição eram chamados de Confessores e eram venerados pelo povo. [Voltar]

Nota 375 - GONZALEZ, Justo. Op. cit. p. 80. [Voltar]

Nota 376 - Ibid. p. 81. [Voltar]

Nota 377 - Atual Tunísia. [Voltar]

Nota 378 - Em 311 d. C. [Voltar]

Nota 379 - MCGRATH, Alister E. Teologia Histórica. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. p. 87. [Voltar]

Nota 380 - GONZALEZ, Justo. Op. cit. p. 81. [Voltar]

Nota 381 - Ibid. [Voltar]

Nota 382 - GONZALEZ, Justo. Op. cit. p. 86. [Voltar]

Nota 383 - MCGRATH, Alister E. Op. cit. p. 89. [Voltar]

Nota 384 - Ocorridas no século VII. [Voltar]

Capítulo 6

Pedro de Bruys e Henrique de Lausanne



Quando estudamos na História da Igreja os movimentos contrários à institucionalização do cristianismo e os esforços empreendidos para contê-la, somos surpreendidos pelas frequentes formações de grupos de cristãos na Idade Média que atuaram sob este tema.

O sonho da *ecclesia spirituallis* ^[Nota 385], destituída de qualquer materialidade, atingiu o seu apogeu pouco após a virada do milênio, quando clérigos e populares questionaram doutrinas e práticas eclesiológicas que foram cristalizadas com o tempo e que acreditavam evidenciar o distanciamento que a igreja atingiu dos ensinamentos de Jesus. Foram anos marcados pela forte oposição eclesiológica. Considerados heréticos, esses grupos se diferenciavam daqueles que não aceitavam as doutrinas cristãs no início da era da Igreja. Enquanto os hereges dos primeiros séculos se detiveram em debates teológicos de caráter metafísico, sobretudo no campo da Cristologia, os grupos considerados heréticos dos séculos XII e XIII se detiveram mais em enfrentar as estruturas eclesiásticas e questioná-las fortemente.^[Nota 386] Esta distinção pode ser pontificada, conforme palavras de Nachman Falbel^[Nota 387]:

As primeiras heresias distinguem-se das que ocorreram nos séculos XII e XIII pelo seu caráter puramente filosófico e teológico que fazia especulação racional em torno dos princípios ou dogmas cristãos, em geral planos do pensamento que tratavam da Trindade,

da natureza divina e humana de Cristo e da própria relação existente entre ambas, bem como de questões ligadas à essência da divindade. Porém, o que caracteriza as heresias posteriores, isto é, as da Baixa Idade Média, é o seu cunho popular assentado sobre uma nova visão ética da instituição eclesiástica e do cristianismo como religião vigente na sociedade ocidental.^[Nota 388]

Entre as muitas heresias^[Nota 389] que circularam nas áreas dominadas pela Igreja Católica Apostólica Romana na Idade Média, algumas^[Nota 390] merecem destaque, pois suas críticas muito se assemelham à abordagem feita pelos desigrejados contemporâneos, embora haja especificidades e distinções entre as mesmas. Seriam os casos dos petrobrussianos e henriqueanos.^[Nota 391]

Os Petrobrussianos eram conhecidos como seguidores de Pedro de Bruys^[Nota 392], um clérigo francês. Insatisfeito com a igreja cristã que conhecia e desconfiado da autoria de boa parte do Novo Testamento, começou a pregar suas doutrinas, questionando a autoridade eclesiástica, a canonicidade do Antigo Testamento, assim como de quase todo o Novo, excetuando os Evangelhos. Suas críticas foram dirigidas ao conceito vertical de igreja com sua forte hierarquização. Ele declarava que a igreja verdadeira era tão somente a congregação dos fiéis, sem nenhum bem ou qualquer expressão de materialidade, isto é, uma comunidade espiritual apenas. Rejeitava também o pedobatismo, a cruz como símbolo legítimo do cristianismo, a eucaristia do significado teológico da missa.^[Nota 393] Rompeu com a Igreja Católica em 1125.

Os henriqueanos, por sua vez, eram assim chamados por seguirem as ideias do monge francês Henrique de Lausanne.^[Nota 394] Era, à semelhança de Pedro de Bruys, contra o pedobatismo, mas, indo além daquele, acreditava que a recusa do pedobatismo deveria ser sustentada não só pela compreensão de que é

necessário ao batizando a compreensão da fé (impossível aos infantes), mas também pela negação da doutrina do pecado original nos moldes oficiais da igreja.^[Nota 395] Além disso, Henrique de Lausanne dispensava o matrimônio diante do clero eclesiástico, porquanto o concebia apenas como um “acordo direto entre duas pessoas”^[Nota 396] e não apenas no que tange ao matrimônio, mas outras responsabilidades do clero poderiam se abandonadas. Os templos, com todo o luxo e magnificência, foram também questionados.

As ideias henriqueanas difundiram-se por Toulouse e Languedoc, e quando São Bernardo^[Nota 397] visitou a região, encontrou-a tomada pelos hereges e a Igreja completamente abandonada.^[Nota 398]

O movimento dos henriqueanos e petrobrussianos não está isolado no que tange à rejeição à estrutura eclesiástica do cristianismo.

Outros movimentos ficaram conhecidos na Idade Média pela mesma proposta ou até mesmo radicalizando-a sob o argumento de apego ao Evangelho e negação completa da Igreja, opondo-se ao clero organizado. Veremos mais algumas dessas propostas na Idade Média.

Nota 385 - Igreja Espiritual. [Voltar]

Nota 386 - FALBEL, Nachman. Heresias Medievais. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976. p. 13. [Voltar]

Nota 387 - Historiador e filósofo nascido na Polônia em 1932. Após concluir seus estudos em História e Filosofia na Universidade de Barllan (Israel), doutorou-se em Estudos Medievais na Universidade de São Paulo (USP), onde trabalhou como Professor Titular até sua aposentadoria por volta do ano 2000. [Voltar]

Nota 388 - FALBEL, Nachman. Op. cit. p. 13. [Voltar]

Nota 389 - Usaremos o termo heresia em seu sentido básico, isto é, como foram aplicados aos grupos que escolheram (do grego hairesis = escolher) uma interpretação diferente da dogmática católica oficial. [Voltar]

Nota 390 - Por motivos óbvios não serão abordadas todas. [Voltar]

Nota 391 - Os dois movimentos são apresentados juntos em face da influência das ideias de Pedro de Bruys sobre Henrique de Lausanne. [Voltar]

Nota 392 - ? - 1131 d. C. [Voltar]

Nota 393 - FALBEL, Nachman. Op. cit. p. 27. [Voltar]

Nota 394 - 1030-1148 d. C. [Voltar]

Nota 395 - FALBEL, Nachman. Op. cit. p. 28. [Voltar]

Nota 396 - Ibid. p. 29. [Voltar]

Nota 397 - Bernardo de Claraval. [Voltar]

Nota 398 - FALBEL, Nachman. Op. cit. p. 29. [Voltar]

Capítulo 7

Hugo Speroni



Advogado, nascido em Piacenza^[Nota 399], Hugo Speroni difundiu ideias muito semelhantes às de João Calvino.^[Nota 400] Sua ênfase em um cristianismo mais espiritual o levou a criticar duramente as organizações eclesásticas de seu tempo e o sacramentalismo da igreja, desprezando todas as ordens da cristandade e a teologia que distinguia entre clero e leigos. Sobre o speronismo, Falbel sentencia:

Speroni desenvolveu suas ideias heréticas em vários planos, a saber: a negação do sacerdote que, a seu ver, não pode exercer atribuições religiosas na medida em que também está sujeito aos pecados como qualquer ser humano. A santidade, portanto, não é adquirida automaticamente com o sacerdócio. Na verdade, este é puramente espiritual e, sob este aspecto, não pode haver nenhuma distinção entre clérigos e leigos, já que o verdadeiro sacerdote é o puro, justo e santo, independentemente de sua ordenação ou não. A não aceitação dos sacramentos e do cerimonial ligado ao culto é outra característica do speronismo que se estende, em consequência, a certos aspectos do dogma. Se o batismo das crianças e dos adultos é inútil, por não existir a transmissão do pecado original de Adão aos seus descendentes, a própria doutrina do pecado original apregoada pela Igreja fica invalidada. A eucaristia foi interpretada diferentemente: não como o sacrifício de Cristo, mas como uma ceia verdadeira na

qual o pão e o vinho são apenas símbolos de seu corpo e sangue. Portanto, todo ato exterior é supérfluo, inclusive a missa, que não atende a quem a celebra e tampouco aos fiéis, assim como é supérfluo tudo o mais que compõe a vida da Igreja.^[Nota 401]

Algumas das formulações de Hugo Speri foram fundamentais para a eclosão da Reforma Protestante do século XVI, pois ideias centrais desse movimento, que seria liderado por Martinho Lutero, João Calvino e Ulrico Zwinglio, como o sacerdócio universal dos santos, por exemplo, têm suas formas embrionárias de questionamento remontando aos anos do speronismo.

Muitos foram os movimentos na Idade Média que, de uma maneira ou de outra, tentaram restaurar a Igreja a uma forma mais simples de comunidade de fé. O sonho de uma igreja apostólica, nos moldes neotestamentários, sempre acompanhou boa parte dos clérigos, teólogos e até mesmo muitos populares no decorrer dos anos. Quanto a isso W. Walker declara:

O século doze inteiro, ademais, estimulado pelo ataque gregoriano à corrupção eclesiástica, testemunhou um notável “despertamento evangélico” no seio da sociedade como um todo.

Muitas pessoas, tanto entre o clero paroquial como entre o laicato, foram movidas pela perspectiva de renovação religiosa por meio de um retorno à Igreja Primitiva e seu evangelho prístino - acima de tudo, à perfeição e dignidade da vida apostólica.

Essa *vita apostólica* era igualada com seguir a Cristo, em sua autonegação e pobreza total e com o dever de pregar o arrependimento a uma igreja mundana, e selar essa mensagem

com santidade pessoal. Este modo de vida estava aberto, em princípio, a todos os fiéis, tanto homens como mulheres, e não apenas aos monges e clérigos. A pobreza aqui prescrita não era a pobreza “institucionalizada” do claustro, nem a pobreza natural dos miseráveis rurais e urbanos, mas a pobreza voluntária dos imitadores de Cristo e dos apóstolos. A chamada para a pobreza apostólica como fundamento e prova da verdadeira vida cristã iria ressoar por toda a Idade Média.^[Nota 402]

Apesar do pacifismo das propostas de restauração espiritual de tais movimentos medievais e da simpatia que as mesmas despertam, a verdade é que muitos excessos foram cometidos tanto pelo lado dos que lutavam por uma igreja mais simples e pura, como também por aqueles que labutavam pela igreja institucionalizada, pois os primeiros tendiam à rejeição extremada de qualquer forma de organização eclesiástica e ao fanatismo, enquanto os demais apelavam para a violência, à perseguição sistemática e à inquisição. Inclusive, ao longo da História da Igreja, não serão poucos os exemplos de grupos que começaram lutando pelo retorno da igreja a uma vida mais próxima da narrada nas Escrituras Sagradas, que, ao perceberem que não logravam êxito em suas abordagens, partiam, então, para hostilizações. Isso foi visto em períodos estanques da História da Igreja, como no movimento dos Pais do Deserto (século III)^[Nota 403] e nos tempos dos anabatistas revolucionários (séculos XVI e XVII).^[Nota 404] Confirmando o que disse o sábio, em Eclesiastes 1.9: “Nada há, pois, novo debaixo do sol”.

Não se pode também esquecer que alguns grupos que questionaram as estruturas da igreja cristã não ficaram apenas nas abordagens eclesiológicas, mas cometeram também heresias,

como, por exemplo, os cátaros^[Nota 405] ou albigenses^[Nota 406], que ressuscitaram em suas formulações antigas heresias dualistas^[Nota 407] e praticavam o suicídio como forma de antecipar a libertação da alma do corpo vil à qual está aprisionada.^[Nota 408] Embora não fosse recomendada, a prática do suicídio não era incomum entre os cátaros, configurando, destarte, um claro distanciamento do cristianismo bíblico e da espiritualidade saudável, sendo razoável a alcunha de heresia.

Nota 399 - Itália. [Voltar]

Nota 400 - A doutrina da Predestinação é uma delas. [Voltar]

Nota 401 - FALBEL, Nachman. Op. cit. p. 35. [Voltar]

Nota 402 - WALKER, W. Op. cit. p. 337. [Voltar]

Nota 403 - GONZALEZ, Justo L. Op. cit. p. 68. [Voltar]

Nota 404 - GONZALEZ, Justo L. Uma História Ilustrada do Cristianismo: A Era dos Reformadores. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 102-103. [Voltar]

Nota 405 - Cátaros = puros, em grego. [Voltar]

Nota 406 - Albigenses = de Albi (sudoeste da França). [Voltar]

Nota 407 - WALKER, W. Op. cit. p. 348-354. [Voltar]

Nota 408 - FALBEL, Nachman. Op. cit. p. 58. [Voltar]

Capítulo 8

Joaquim de Fiore



Giovanni dei Gioachini nasceu na Calábria^[Nota 409] em 1135. Foi notário da corte de Palermo^[Nota 410] e, em algum momento, decidiu abandonar a vida secular e suas atividades. Após se interessar pelos assuntos religiosos, tornou-se monge cisterciense^[Nota 411] e, em seguida, abade do mosteiro de Santa Maria de Corazzo.^[Nota 412]

Joaquim de Fiore é conhecido, na História da Igreja, por duas razões. Primeiro, pelo desenvolvimento de sua teologia da história, onde defendia que a mesma poderia ser estudada e conhecida através de três estágios. Estes teriam seus fundamentos nas pessoas do Pai, Filho e do Espírito Santo. Assim, o primeiro estágio corresponde ao Pai, cujo período histórico abarca os tempos de Adão a Jesus Cristo, onde os homens viviam segundo a carne.^[Nota 413] Em seguida, veio o estágio em que os homens viveram entre a carne e o espírito^[Nota 414], tendo começado com o rei Uzias, progredindo até os tempos do próprio Joaquim de Fiore.^[Nota 415] Finalmente, o terceiro estágio^[Nota 416] é o período em que os homens viverão em uma dimensão ou plenitude espiritual que, começando com São Bento^[Nota 417], durará até a consumação dos séculos.^[Nota 418] Este terceiro estágio foi o pivô de controvérsias no esquema teológico de Fiore, pois, para ele, a plenitude espiritual esperada será caracterizada por uma igreja despida de sua materialidade, culminando em igreja tão somente espiritual, não clericalizada e hierárquica, superando seu sacramentalismo^[Nota 419] e toda a sua estrutura orgânica^[Nota 420], inaugurando uma fase

monástica, revelando uma “nova Igreja, livre, espiritual, humilde e silenciosa, casta e virginal como Maria: Igreja de contemplativos e caridade”.^[Nota 421] Uma igreja que viva “no silêncio do deserto”.^[Nota 422]

A outra razão pela qual Fiore se tornou destacável na história foi que sua teologia colaborou para que se questionasse o conceito de *Civitas Dei in terris* ^[Nota 423], isto é, a teologia que identificava a Igreja Católica como a expressão exata e perfeita do Reino de Deus existindo entre os homens, conforme os valores religiosos ocidentais na Idade Média.

Este conceito foi contrastado pela compreensão joaquimita, que anelava pela manifestação da igreja monástica, espiritual e perfeita, algo que a Igreja Católica, clerical e com corrupções, nunca conseguiu ser. A paz, então, de acordo com a doutrina joaquimita, viria ao mundo através da religião dos monges.^[Nota 424] Tais ideias geraram muitas polêmicas e controvérsias nos agitados anos do século XIII.

Embora Joaquim de Fiore nunca tenha abandonado a comunidade de fé, fazendo, ao contrário, suas críticas^[Nota 425] por dentro da igreja oficial, suas ideias, posteriormente, foram usadas por grupos que, com violência inclusive, fizeram oposição^[Nota 426] ao cristianismo. Quanto a tais grupos inquietos e violentos que usaram as ideias de Joaquim de Fiore, Jean Delumeau diz:

Espíritos menos irenistas que o abade de Fiore e mais implicados que ele nos conflitos eclesiásticos e sociais da época não deixarão, a partir do século XIII e, sobretudo depois, de transformar e o joaquimismo em milenarismo radical e violento.^[Nota 427]

A Igreja espiritual. A Igreja desprovida de sua materialidade. A Igreja existente, mas invisível, não institucional. Esse foi o sonho de Joaquim de Fiore. E tem sido a obsessão de muitos desigrejados contemporâneos.

Joaquim de Fiore nunca rompeu com a Igreja, mas suas ideias lançaram as sementes para aqueles que desejavam fundamentação teórica para rejeitar a igreja, alegando que a instituição cristã organizada estava falida e era indigna de ser reconhecida como o Corpo de Cristo. Mesmo não desejando este fim, o abade contribuiu para tal desfecho.

Nota 409 - Itália. [Voltar]

Nota 410 - DELUMEAU, Jean. Mil Anos de Felicidade: Uma História do Paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 40. [Voltar]

Nota 411 - Da Abadia de Cister (em latim, Cistercium; em francês, Cîteaux) em Saint-Nicolas-lès-Cîteaux na Borgonha, região centro-oeste da França. [Voltar]

Nota 412 - Calábria, Itália. [Voltar]

Nota 413 - Joaquim de Fiore chamará este período de Ordem dos Esposos ou dos Patriarcas. [Voltar]

Nota 414 - A Ordem dos Clérigos. [Voltar]

Nota 415 - FALBEL, Nachman. Op. cit. p. 77. [Voltar]

Nota 416 - Ordem dos Monges, sendo São Bento o primeiro deles. [Voltar]

Nota 417 - Monge italiano. Fundador da Ordem dos Beneditinos, uma das maiores ordens monásticas do mundo. Criador também da Regra de São Bento, um dos mais importantes e utilizados regulamentos de vida monástica, que serviu de referência e inspiração para outras comunidades religiosas. [Voltar]

Nota 418 - FALBEL, Nachman. Op. cit. p. 77. [Voltar]

Nota 419 - DELUMEAU, Jean. Op. cit. p. 48. [Voltar]

Nota 420 - Ibid. [Voltar]

Nota 421 - Ibid. [Voltar]

Nota 422 - FIORE, Joaquim. Expositio... fº 83ª. Apud. Ibid. p. 48. [Voltar]

Nota 423 - Cidade de Deus na Terra. [Voltar]

Nota 424 - DELUMEAU, Jean. Op. cit. p. 43. [Voltar]

Nota 425 - As críticas que Joaquim de Fiore fazia à Igreja Católica foram poucas e não eram originais. Entretanto, as mesmas catalisaram grupos que as tomaram e as potencializaram em direção à poderosa instituição da Idade Média. É provável que o fenômeno do joaquimismo tenha ocorrido em face da piedade e notoriedade do abade. [Voltar]

Nota 426 - A doutrina joaquimita estimulou a reflexão milenar e a crença de que uma igreja contemplativa se insurgiria no tempo e no espaço e assumiria a igreja dos clérigos. [Voltar]

Nota 427 - DELUMEAU, Jean. Op. cit. p. 49. [Voltar]

Capítulo 9

Os anabatistas



A expressão “anabatismo” significa “rebatizar”. O termo é associado a movimentos^[Nota 428] ocorridos a partir do século XVI na Europa, com a Reforma Protestante.^[Nota 429]

Muitos cristãos estavam insatisfeitos com os caminhos da Reforma, conforme realizada por Martinho Lutero, Ulrico Zwinglio e João Calvino, e a consideravam tímida em seu aspecto eclesiológico, pois desejavam ver mais claramente a distinção entre a igreja e o Estado, e enfatizavam que a admissão no seio da primeira, através das águas do batismo, deveria ser promovida apenas por aqueles que fizessem a pública profissão de fé.^[Nota 430] Em face das discordâncias das práticas da chamada Reforma Magisterial^[Nota 431] e também da Igreja Católica, os anabatistas surgiram fazendo duras críticas a ambas, rejeitando a igreja oficial e propondo uma terceira via para o cristianismo.^[Nota 432] Muitos desses anabatistas se tornariam conhecidos na história do movimento. Nomes como Konrad Grebel^[Nota 433], Hans Hut^[Nota 434], Jakob Huter^[Nota 435], Pilgram Marpeck^[Nota 436], Melchior Hoffman^[Nota 437], Menno Simons^[Nota 438] e Thomas Müntzer^[Nota 439], que oscilam entre pacifistas como Menno Simon e outros com métodos mais enérgicos e revolucionários, como foi o caso de Thomas Müntzer.^[Nota 440] Pode-se afirmar que o anabatismo foi um movimento de protesto contra a igreja, onde seus adeptos não eram católicos e tampouco protestantes^[Nota 441], sendo o movimento chamado por historiadores de Reforma Radical.^[Nota 442]

A origem do movimento está na Suíça de Ulrico Zwínglio, onde rejeitaram a participação na Igreja Reformada, tendo como objetivo criar^[Nota 443] uma comunidade de fé à luz da Igreja Primitiva que existiu em Jerusalém, conforme o relato de Atos 2.42-47.

Os anabatistas se reuniam escondidos “em casas abandonadas, em barcos no meio do rio, na mata e liam a Bíblia sem acompanhamento oficial”^[Nota 444] e negavam-se à prática dizimal^[Nota 445] e almejavam escolher seus próprios párocos.^[Nota 446] No ano de 1525^[Nota 447], oito anos após a Reforma Protestante eclodir na Alemanha, os anabatistas romperam oficialmente com a Reforma em Zurique.^[Nota 448] Tratavam-se como irmãos em Cristo e se organizaram em fraternidades, excomungando os que não se adequavam ao modelo de igreja proposto^[Nota 449], tendo se tornado, com o tempo, um movimento hostil e agressivo^[Nota 450], sendo duramente perseguido^[Nota 451] por autoridades civis e também religiosas (católicas e protestantes). O historiador Justo L. Gonzalez denuncia que “o número de mortes (dos anabatistas) foi enorme, provavelmente maior do que todos os que morreram durante os três primeiros séculos da história da igreja”.^[Nota 452]

O anabatismo é um triste exemplo e uma lamentável lembrança de que, na História da Igreja, as divergências teológicas nem sempre permaneceram apenas circunscrita ao âmbito das ideias, mas, infelizmente, os protestos ganharam contornos de agressividade e os movimentos reacionários, não ficando por menos, atuaram com surpreendente malignidade.

Sob o aspecto da agressividade anabatista, poucos superam o alemão Thomas Müntzer, um dos líderes mais controvertidos da Reforma Radical.^[Nota 453] Nascido por volta de 1490, em Stolberg (Alemanha)^[Nota 454], Müntzer criticou duramente tanto o catolicismo de seu tempo, como também algumas das propostas de Martinho

Lutero, que considerava tímidas demais. De espírito fortemente prático, Müntzer se considerava um restaurador, que deveria chamar a cristandade à conversão e à vida semelhante aos tempos apostólicos. Por causa de seus calorosos discursos contra a idolatria, foi responsabilizado^[Nota 455] pelo incêndio ocorrido em uma capela que exibia a imagem de Maria, e por causa dessa acusação, sua ira contra as autoridades civis aumentaram, porquanto não conseguia entender como elas poderiam criticá-lo e condená-lo por sua confrontação à idolatria. Tais estruturas de poder seriam, então, no pensamento do anabatista, iníquas, pois defendiam aquilo que era condenado pelas Escrituras Sagradas. Dessa forma, para Thomas Müntzer, as autoridades somente teriam legitimidade se obedecessem ao Evangelho de Deus, diferentemente do que a Igreja Católica e até mesmo o luteranismo defendiam, pois, para tais, os direitos dos governantes não dependem de seus graus de compreensão e submissão às verdades cristãs. Müntzer não pensava desta forma, recusava-se a obedecer aos príncipes tiranos^[Nota 456] e estava disposto até mesmo a liquidá-los, se necessário.^[Nota 457] Defensor da guerra santa, o reformador radical incentivou os camponeses a questionarem o *status quo* da sociedade que conheciam e que os submetia a toda espécie de injustiça e cerceamento^[Nota 458] econômico, social e político, a se enfileirarem contra as autoridades e a lutarem sem piedade contra os inimigos.^[Nota 459]

Seu radicalismo levou Martinho Lutero a romper com o segmento liderado por ele, trazendo enormes prejuízos ao seu trabalho de modo que até mesmo seus seguidores o abandonaram, terminando seus dias sem o reconhecimento de Martinho Lutero e dos príncipes da Saxônia. Muitos de seus amigos também o abandonaram, fazendo com que seus últimos meses de vida fossem tristes e

marcados pela mágoa e pelo ódio.^[Nota 460] Após uma sangrenta batalha, onde morreram mais de cinco mil camponeses, Thomas Müntzer foi preso, torturado e decapitado em 27 de maio de 1525^[Nota 461], sem fundar a sua Nova Igreja Apostólica^[Nota 462], para o que acreditava ter sido chamado.

O desengajamento institucional proposto por Thomas Müntzer foi mais longe do que qualquer outro crítico da igreja ao longo da história do cristianismo até então, pois não se resumiu apenas a criticar a igreja nas suas expressões católica e protestante, mas também questionou as estruturas sociais, políticas e econômicas vigentes à época, propondo a força como forma legítima do verdadeiro cristianismo se estabelecer.

Nota 428 - O correto é pensarmos em movimentos anabatistas, pois foram muitos, simultâneos e com diferentes líderes. [Voltar]

Nota 429 - 1517. [Voltar]

Nota 430 - Martinho Lutero, Ulrico Zwínglio e João Calvino praticavam o pedobatismo [Voltar]

Nota 431 - Termo que identifica os ramos luteranos, calvinistas e anglicanos que lideraram o movimento de Reforma na Europa e que tiveram, especialmente nas figuras de Lutero e Calvino, seus principais mentores intelectuais. [Voltar]

Nota 432 - DREHER, Martin N. Coleção História da Igreja: A Crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p. 65. [Voltar]

Nota 433 - 1498-1526. [Voltar]

Nota 434 - 1490-1527. [Voltar]

Nota 435 - 1500-1536. [Voltar]

Nota 436 - Sem data definida. [Voltar]

Nota 437 - 1495-1544. [Voltar]

Nota 438 - 1496-1561. [Voltar]

Nota 439 - 1490-1525. [Voltar]

Nota 440 - Chamado por Eric Gritsch de “reformador sem igreja”. [Voltar]

Nota 441 - DREHER, Martin N. Op cit. p. 65. [Voltar]

Nota 442 - Ibid. [Voltar]

Nota 443 - Ibid. p. 69. [Voltar]

Nota 444 - Ibid. p. 66. [Voltar]

Nota 445 - Ibid. 68. [Voltar]

Nota 446 - Ibid. [Voltar]

Nota 447 - 25 de janeiro de 1525. [Voltar]

Nota 448 - DREHER, Martin N. Op. cit. p. 68. [Voltar]

Nota 449 - Ibid. p. 70. [Voltar]

Nota 450 - Iconoclastia, anticlericalismo e perturbação da ordem pública. [Voltar]

- Nota 451 - Nas perseguições se tornaram comuns aprisionamentos, torturas, afogamentos, queima na fogueira e até esquartejamento. [Voltar]
- Nota 452 - GONZALEZ, Justo L. Op. cit. p. 101. [Voltar]
- Nota 453 - DREHER, Martin N. Op. cit. p. 79-93. [Voltar]
- Nota 454 - Ibid. p. 80. [Voltar]
- Nota 455 - A participação direta de Thomas Müntzer no incêndio jamais foi comprovada. [Voltar]
- Nota 456 - Thomas Müntzer defendia a existência de uma sociedade igual para todos, ou seja, uma espécie de comunismo, conforme acreditava que a Igreja Primitiva vivera. Tal sociedade deveria ser livre de toda injustiça e tirania. Suas ideias desgostaram os monarcas de seu tempo. [Voltar]
- Nota 457 - DREHER, Martin N. Op. cit. p. 90-91. [Voltar]
- Nota 458 - Thomas Müntzer é mais estudado por historiadores marxistas do que por teólogos e historiadores cristãos. [Voltar]
- Nota 459 - Os príncipes da Saxônia [Voltar]
- Nota 460 - DREHER, Martin N. Op. cit. p. 91. [Voltar]
- Nota 461 - Ibid. p. 92. [Voltar]
- Nota 462 - Ibid. p. 81. [Voltar]

Capítulo 10

Os quakers



Nos primeiros anos do século XVII, na Inglaterra, o cenário religioso era tenso. Décadas antes houve a emancipação^[Nota 463] da Igreja Católica, dando a origem à Igreja Anglicana, mas esta, diferentemente do que muitos clérigos desejavam, permaneceu com muitas das práticas da igreja romana, surgindo assim grupos insatisfeitos que almejavam uma comunidade mais afeita aos ideais da Reforma Protestante, que vinha sendo promovida na Alemanha de Lutero e na Suíça de Zwinglio e Calvino. As disputas entre os grupos reformados e filocatólicos e até mesmo entre os próprios protestantes^[Nota 464] enfatizam questões doutrinárias e teológicas, o que terminou por si gerando descontentes que estavam mais preocupados com um cristianismo mais experimental e menos dogmático. Foi o contexto para o surgimento dos quakers.^[Nota 465]

Havia na Inglaterra um acirrado debate sobre a natureza da verdadeira igreja. Enquanto que os anglicanos insistiam em uma igreja ligada à tradição histórica, os dissidentes puritanos queriam uma igreja mais neotestamentária em seu modelo. As características típicas desse cenário podem ser descritos conforme as palavras de Rodrigo Abarca:

Muito pouco interessava, nesses dias, a experiência real e interior. A vida cristã tinha chegado a ser não muito mais que uma profissão formal de certos credos protestantes considerados ortodoxos. Tudo tinha sido reduzido à confissão exterior de um conjunto de doutrinas corretas, sem importar o

seu verdadeiro impacto na vida de quem as professava. As pessoas se consideravam “justificadas” por sua adesão a um credo ortodoxo formal, e não por uma fé viva em Cristo morto e ressuscitado.

Além disso, um calvinismo rígido, cansativo e intelectualizado enchia os corações de pessimismo, enfatizando grandemente a condição corrupta da natureza humana e sua incapacidade de viver uma vida livre do poder do pecado. Deste modo, justificavam-se em toda classe de vícios, e um relaxamento moral generalizada entre os assim chamados cristãos. Na verdade, o que ocorria é que muito poucos conheciam a Cristo por experiência. Este lamentável estado de coisas se refletia em ministros e clérigos incapazes de guiar os homens que pastoreavam para um conhecimento vivo de Cristo, pois nem mesmo eles o conheciam de verdade. Enquanto isso entretinham-se em longos e acalorados debates teológicos, carentes de significação espiritual. A sua ortodoxia era correta, mas tão fria, morta e impotente como um cemitério.^[Nota 466]

Diante de tal ênfase na ortodoxia, mas distante do coração, é que um homem chamado George Fox^[Nota 467], inquieto e em busca de respostas espirituais que satisfizessem à alma, depois de entrevistar ministros de diversas denominações, experimentou uma relação direta com Deus e afirmou que Ele lhe falara diretamente ao coração, apresentando Cristo como aquele que o guiaria pela vida inteira, tirando-lhe das trevas e do pecado. Baseado na experiência, George Fox organizou a Sociedade de Amigos e passou a ensinar que tais experiências diretas com Deus seriam possíveis a todos os homens e que, para o exercício da verdadeira vida cristã, não seriam necessárias formulações teológicas, a construção de templos e mesmo acompanhamento pastoral.^[Nota 468] A igreja formal

era rejeitada, e os ensinamentos dogmáticos da mesma careceriam de sentido sem a experiência da luz interior. Os quakers eram pacifistas convictos e engajados^[Nota 469] e não-cessacionistas no que tange aos dons do Espírito Santo. A reação ao formalismo foi tão extremada que não apenas os templos, a liturgia e o clero religioso profissional foram questionados, mas até mesmo a Ceia e o Batismo, sacramentos unânimes no protestantismo e mesmo no catolicismo, eram vistos com desconfiança, porquanto acreditavam que os verdadeiros sacramentos são sempre interiores e invisíveis, jamais exteriores.

Conforme as palavras de Rodrigo Abarca, “tratava-se de um verdadeiro protesto contra a religião formal e vazia dos seus dias”,^[Nota 470] e não poucos aderiram ao movimento, conforme podemos atestar:

Muitos se sentiram atraídos por seus ensinamentos e por volta de 1652 se reuniram em Preston Patrick, ao norte da Inglaterra, a primeira “Sociedade de Amigos”. Logo apareceram muitas mais em todo o país. Embora os quakers enfatizassem a importância da voz interior do Espírito, as suas reuniões estavam muito longe de parecer-se com os cultos pentecostais posteriores.

Congregavam-se quietamente, formando círculo ou dois grupos de fileiras opostas, sem nenhum tipo de ministro ou direção formal, e esperavam em silêncio até que um deles, ou talvez vários, recebesse uma palavra para compartilhar com seus irmãos. Era permitido a todos falar, tanto homens como mulheres, se isso fosse feito sob a direção do Espírito. Os quakers criam e praticavam o sacerdócio de todos os crentes, apoiados em que todos tinham a Luz interior para os guiar.^[Nota 471]

Como sempre aconteceu na História da Igreja em casos de uma proposta marginal de cristianismo, os quakers foram incompreendidos, criticados, apelidados (quaker) e perseguidos. Muitos foram, inclusive, presos e morreram nas masmorras da Inglaterra. Contudo, o movimento se espalhou, como sempre acontece nesses casos, e missões de quakers foram enviadas para a América do Norte, Holanda e Alemanha.

Na América do Norte, além das missões, muitos refugiados da coroa britânica por lá se estabeleceram. Entre eles Willian Penn, que em 1666 abraçou as ideias quakers, fundando na América o Estado da Pensilvânia^[Nota 472] e a cidade de Filadélfia, que se transformou em um refúgio seguro para os quakers, que desejaram deixar a Inglaterra em direção ao Novo Mundo.

Nota 463 - Em 1534. [Voltar]

Nota 464 - Protestantes Anglicanos e Protestantes não conformistas (Puritanos).
[Voltar]

Nota 465 - A expressão “quaker” significa “tremedor” e foi empregada por populares devido “as experiências extáticas (‘transes’) que aconteciam frequentemente nas reuniões”. Os quakers, contudo, se denominavam “Amigos” em referência ao texto do Evangelho de João 15.15. Cf. HORTAL, Jesús, S. J. E Haverá Um Só Rebanho. São Paulo: Edições Loyola, 1989. p. 64. [Voltar]

Nota 466 - ABARCA, Rodrigo. Os Quakers: Guiados Pela Luz Interior da Vida. Disponível em: www.aguasvivas.ws/revista/54/espigando.htm Acesso em 11 jan, 2012. [Voltar]

Nota 467 - 1624-1691. [Voltar]

Nota 468 - ABARCA, Rodrigo. Op. cit. [Voltar]

Nota 469 - Embora alguns mais veementes costumassem interromper os cultos oficiais para expor os seus pontos de vistas, redundando em balbúrdia, muitas vezes. [Voltar]

Nota 470 - ABARCA, Rodrigo. Op. cit. [Voltar]

Nota 471 - Ibid. [Voltar]

Nota 472 - Em homenagem ao seu nome. [Voltar]

Capítulo 11

Os darbistas



Nos primeiros anos do século XIX, nas Ilhas Britânicas, um grupo de cristãos insatisfeitos com o estado da igreja cristã, que consideravam formal, clericalizada e sem vigor espiritual, começou a estudar nos lares as Escrituras Sagradas e a celebrar, sem nenhum ministro ordenado presente, a Ceia do Senhor. Tais manifestações foram espontâneas e descentralizadas, mas, sem dúvida, o grupo praticante dessa forma livre e desengajada de igreja que ficou mais conhecido na Inglaterra e, posteriormente, em toda Europa, tornando-se proeminente, foi o de Plymouth.^[Nota 473] Seus participantes ficaram conhecidos como os Irmãos de Plymouth, que mais tarde receberam a alcunha de darbistas, por causa de um dos seus membros que se tornou um grande defensor das ideias do movimento, chamado John Nelson Darby (1800-1882). Advogado e teólogo anglicano, John Nelson Darby uniu-se aos Irmãos em 1821, ao decepcionar-se com a degradação espiritual da igreja inglesa. Dono de uma mente brilhante, Darby pregava fluentemente em alemão, francês e, claro, inglês, idiomas em que traduziu o Novo Testamento. Publicou mais de 50 livros e, em 1848, se tornou a mais importante voz do movimento dos Irmãos de Plymouth.^[Nota 474]

Os darbistas acreditavam que a igreja nunca conseguiu se livrar totalmente das tradições humanas que surgiram no seio da mesma após a morte dos apóstolos e no início da Patrística. Essas tradições atravessaram os séculos com os Escolásticos^[Nota 475], os Reformadores^[Nota 476], e mesmo entre os Puritanos^[Nota 477] não deixaram de estar presente, segundo acreditavam os darbistas^{[Nota}

^{478]} e, destarte, propuseram uma eclesiologia que asseveravam estar mais condizente com o Novo Testamento do que os modelos de igrejas cristãs vigorantes e conhecidas na Inglaterra até então.

Os darbistas acreditavam piamente em uma distinção entre a igreja conforme a conhecemos e a que figura nas páginas do Novo Testamento, isto é, a igreja como deveria ser^[Nota 479], e o movimento iniciado por eles era tido como um avivamento, algo que o Espírito de Deus mesmo estava fazendo através daqueles cristãos para corrigir as veredas da igreja, levando-a de volta aos moldes bíblicos.
[Nota 480]

O darbismo insistia no fim do clericalismo e da institucionalização da igreja, o que considerava graves distorções e desvios dos ensinamentos do Senhor Jesus Cristo e dos apóstolos. Entendiam que a igreja é tão somente composta por aqueles que foram alcançados com a graça de Deus e inseridos em uma grande assembleia de remidos, e que as tentativas de oferecer a essa realidade real, mas invisível, qualquer forma concreta de organização eclesiástica (as denominações) não passavam de invenções humanas. Consideravam, inclusive, que, à medida que os cristãos institucionalizados fossem tomando consciência da falta de legitimidade bíblica da organização eclesiástica, a única alternativa dos mesmos seria a do abandono institucional^[Nota 481], pois “permanecer onde estavam seria uma negação prática do que a Igreja é”^[Nota 482], acreditando piamente que os deslocamentos dos fiéis para fora das instituições cristãs estava sendo conduzida pelo próprio Deus.^[Nota 483] Os Irmãos acusavam os demais cristãos de se conformarem com a igreja estabelecida, e aos reformadores e puritanos declaravam que tudo o que fizeram foi a correção quanto aos abusos da igreja, mas que ao mesmo tempo sentiam-se confortáveis com a segurança e os benefícios que as instituições cristãs lhes proporcionavam. Em períodos de maior perseguição,

denunciavam os darvistas, os reformadores e puritanos foram excomungados, mas ao mudarem os governos, sendo estes mais favoráveis, retornavam aos seus postos, púlpitos e salários.^[Nota 484]

Em 1828, Darby publicou um folheto intitulado “A Natureza e a Unidade da Igreja de Cristo”^[Nota 485], onde cristalizou a eclesiologia dos Ir-mãos^[Nota 486], onde, entre outras afirmações, dizia que:

O desejável não é a união formal dos corpos professantes externos: na verdade, o surpreendente é que haja protestantes que desejem isso. Longe de ser algo benéfico, imagino que seria totalmente impossível um corpo assim ser reconhecido como a Igreja de Deus. Seria uma contrapartida da unidade católica; perderíamos a vida da Igreja e o poder da Palavra, e a unidade da vida espiritual ficaria completamente eliminada.^[Nota 487]

O antidenominacionalismo de Darby, que marcará profundamente os rumos do movimento dos irmãos, é nítido:

Quem busca os interesses de qualquer denominação em particular é inimigo da obra do Espírito de Deus; e que aqueles que crêem no poder e na vinda do Senhor Jesus Cristo possuem a obrigação de tomar todo o cuidado contra tal espírito; porque está de novo levando a igreja a um estado ocasionado pela ignorância da Palavra e não pela sujeição a ela, e assim impondo com um dever seus piores e mais anticristãos resultados.^[Nota 488]

Para Darby, a igreja abriu as portas para a apostasia, e renunciar às estruturas externas do sistema religioso cristão (católico ou protestante)^[Nota 489] seria fundamental para preparar o povo de

Deus para a Segunda Vinda de Cristo, outro tema caríssimo^[Nota 490] para ele e o darbismo.

Após a publicação do panfleto, muitos cristãos foram abandonando suas comunidades de fé e passaram a se reunir com os Irmãos.

Andrew Miller^[Nota 491] nos conta que:

Homens fervorosos de vários lugares, sentindo ser impossível continuarem com o estado de coisas existente na igreja professa, deram boa acolhida à verdade que lhes fora exposta, e abandonaram suas respectivas denominações. Panfletos e livros, ainda mais esclarecedores e completos, seguiram-se numa rápida sucessão. Naqueles dias de intenso frescor e de simplicidade, as almas cresceram mais rapidamente na graça e no conhecimento do Senhor e de Sua verdade. Muitos se perguntavam onde tudo aquilo ia parar. Mas o Senhor estava agindo e muitos seguiram Sua orientação.^[Nota 492]

Muitas perseguições foram impostas aos Irmãos por causa das deserções em massa. Andrew Miller registra em seu livro uma carta, trocada entre amigos, onde os seguintes fatos são narrados:

Entre aqueles (...) que se separaram das diversas organizações havia alguns homens extraordinariamente dotados, de alta moral, de capacidade intelectual e inteligência – clérigos, advogados, procuradores, oficiais do exército e da marinha, médicos, e homens influentes e ricos. A saída deles, como você pode imaginar, causou um tumulto de grandes proporções, e suscitou muita oposição. Muitas relações de amizade foram rompidas; muitos entranháveis laços de afeto foram destruídos; muitos sacrifícios tiveram de ser feitos; muitas dores e

provações foram enfrentadas; e tantas perseguições, infâmias e vitupérios tiveram de ser suportados. Eu não posso tentar entrar em mais detalhes, e tampouco tenho o desejo de fazê-lo. Não traria benefício algum, e fazer um registro sobre isso somente causaria mais dor desnecessária. Todos aqueles que vivem piedosamente – todos os que estão determinados a seguir o Senhor; todos aqueles que quiserem manter uma boa consciência; todos aqueles que, com um firme propósito no coração, irão agir de acordo com a autoridade das Escrituras Sagradas – terão que se dispor a suportar provas e perseguições.^[Nota 493]

O darbismo não possuía “organização definida, ordem clerical, confissão de fé nem qualquer vínculo visível de união”^[Nota 494] (exceto a Ceia do Senhor), e tampouco presidente ou ministros ordenados^[Nota 495], o que terminou gerando desconfianças por parte de muitos quanto ao seu futuro e sobrevivência. Entretanto, a despeito disso, o movimento cresceu e se espalhou por toda a Anglo-Saxônia, chegando à Rússia e demais países do Leste Europeu, além de Iraque, Japão, China, Índia, Espanha, Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos, Canadá, Ilhas Caraíbas, países da África, da América do Sul e de outros do Extremo Oriente.^[Nota 496]

No Brasil, as ideias darbistas chegaram através de Richard Holden, clérigo inglês, representante da Sociedade Bíblica Britânica e que trabalhou como pastor auxiliar do Dr. Robert Reid Kalley^[Nota 497], até os idos de 1871.^[Nota 498] Com o desligamento, a pedido próprio, de Richard Holden de suas funções pastorais diante da Igreja Evangélica Fluminense^[Nota 499], um grupo de doze pessoas decidiu também seguir esse caminho^[Nota 500], formando um núcleo dos Irmãos no Brasil, em 07 de julho de 1878.^[Nota 501] Posteriormente, em 1896, Stuart Edmund McNair, um inglês de 29

anos de idade, desembarcou no Brasil, organizando escolas bíblicas onde morava, trabalhando também na área da literatura cristã.^[Nota 502]

O darbismo foi um movimento fortemente sectário. Considerava o denominacionalismo das igrejas cristãs algo apóstata e, logo, maligno, e insistia em que o protestantismo era ilegítimo, pois mantinha a eclesiologia que os darbistas acreditavam desonrar as Escrituras Sagradas. Acreditavam que o caminho certo dos cristãos institucionalizados era o da deserção institucional, à medida que tomassem conhecimento daquilo que acreditavam ser antibíblico no que tange à natureza da igreja.

Além da temática eclesiológica, os darbistas ficariam também conhecidos pelas ideias dispensacionalistas^[Nota 503] e escatológicas que se tornaram populares no século XX.

- Nota 473 - Cidade do Sudoeste da Inglaterra, às margens do rio Plym. [Voltar]
- Nota 474 - PFANDL, Gerhard. Rpto Secreto: As surpreendentes origens da visão teológica dispensacionalista. Disponível em: www.monergismo.com.br. Acesso: 17 fev. 2012. [Voltar]
- Nota 475 - Monges que desenvolveram uma abordagem metódica que visava à conciliação entre fé e razão. O método foi amplamente empregado nas Universidades da Europa na Idade Média. [Voltar]
- Nota 476 - Grupo de líderes cristãos dos séculos XVI e XVII que promoveram o movimento historicamente conhecido como Reforma Protestante. [Voltar]
- Nota 477 - Clérigos da Igreja Anglicana que, insatisfeitos com a reforma da igreja inglesa, que julgavam por demais filocatólica, romperam com a mesma em busca de uma igreja mais “pura”. Nesse núcleo de clérigos encontram-se as raízes de importantes grupos cristãos protestantes como os congregacionais, batistas e presbiterianos. [Voltar]
- Nota 478 - MILLER, Andrew. Os Irmãos. Diadema: Depósito de Literatura Cristã, 2005. p. 7. [Voltar]
- Nota 479 - Ibid. p. 9. [Voltar]
- Nota 480 - Ibid. [Voltar]
- Nota 481 - Ibid. p. 11. [Voltar]
- Nota 482 - Ibid. [Voltar]
- Nota 483 - Ibid. [Voltar]
- Nota 484 - Ibid. [Voltar]
- Nota 485 - O folheto escrito por J. N. Darby é considerado a primeira publicação e, obviamente, a primeira fundamentação teórica do movimento dos Irmãos. Em 1827, um panfleto foi escrito e enviado ao Arcebispo e ao Clero de Dublin (Irlanda), mas em caráter privado. [Voltar]
- Nota 486 - Andrew Miller declarou que nesse folheto os principais e permanentes conceitos dos Irmãos foram tratados. [Voltar]
- Nota 487 - MILLER, Andrew. Op. cit. p. 19-20. [Voltar]
- Nota 488 - Ibid. p. 20. [Voltar]

Nota 489 - LÉONARD, Émile G. Op. cit. p. 83. [Voltar]

Nota 490 - John Nelson Darby, junto com Edward Irving, são os pioneiros no ensino da doutrina prétribulacional do Rapto Secreto. Cf. LLOYD-JONES, David Martyn. Grandes Doutrinas Bíblicas: a Igreja e as Últimas Coisas. São Paulo: PES, 1999. p. 160-172. [Voltar]

Nota 491 - Andrew Miller foi testemunha do movimento dos Irmãos. [Voltar]

Nota 492 - MILLER, Andrew. Op. cit. p. 24. [Voltar]

Nota 493 - Ibid. p. 24-25. [Voltar]

Nota 494 - Ibid. p. 25. [Voltar]

Nota 495 - Ibid. [Voltar]

Nota 496 - DOOLAN, Arnold. Um esboço Histórico do Movimento Conhecido como Irmãos. Disponível em www.irmaos.net/historia/plymouth.html Acesso: 17 de fev. 2012. [Voltar]

Nota 497 - ROCHA, João Gomes da. Lembranças do Passado: Robert Reid Kalley. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013. p. 253. Dr. Robert Reid Kalley, médico e missionário escocês, desembarcou no Rio de Janeiro, acompanhado de sua esposa, Sarah Poulton Kalley (de origem inglesa), em 10 de maio de 1855. Em 19 de agosto do mesmo ano, na cidade de Petrópolis, organizam uma classe de Escola Dominical com a participação de cinco crianças que ouviram a história do profeta Jonas. Esse fato marca o início em nosso país do trabalho missionário do casal kalley, fundadores da Igreja Evangélica Fluminense, considerada a primeira igreja evangélica brasileira e núcleo das Igrejas Evangélicas Congregacionais no Brasil. Cf. REILY, Duncan Alexander. História Documental do Protestantismo no Brasil. 3ª edição. São Paulo: ASTE, 2003. p. 114-116. [Voltar]

Nota 498 - FORSYTH, Willian B. Jornada do Império: vida e obra do Dr. Kalley no Brasil. São José dos Campos: FIEL, 2006. p. 194-195. [Voltar]

Nota 499 - A Igreja Evangélica Fluminense, fundada em 11 de julho de 1858, está localizada na Rua Camerino nº 102, no centro da cidade do Rio de Janeiro e mantém regularmente o funcionamento de seus cultos e demais serviços. Embora o trabalho do casal Kalley no Brasil tenha começado em 1855, a organização da igreja se deu somente três anos depois, tendo como marco o batismo de Pedro Nolasco de Andrade, considerado o primeiro crente brasileiro a passar pelas águas do batismo em uma igreja protestante. Cf. LÉONARD, Émile G. Op.Cit. p. 57. Cf. CARREIRO, Vanderli Lima. Lições de História do Congregacionalismo.

Curso de História Denominacional. [s.d.]. 77 f. Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro. p. 27. Cf. CARDOSO, Douglas Nassif. Robert Reid Kalley: Médico, Missionário e Profeta. São Bernardo do Campo: Edição do Autor, 2001. p. 128-130. Cf. www.igrejaevangelicafluminense.org. [Voltar]

Nota 500 - Primeira divisão dentro do protestantismo brasileiro. [Voltar]

Nota 501 - Disponível em www.ultimato.com.br. Acesso em 17.02.2012. [Voltar]

Nota 502 - Ibid. [Voltar]

Nota 503 - O teólogo calvinista Louis Berkhof, na secção que dedica em sua “Teologia Sistemática” ao estudo dos últimos eventos da história (escatologia), descreve o dispensacionalismo como uma elaboração teológica onde se afirma que “Deus trata o mundo da humanidade no transcurso da História com base em diversas alianças e conforme os princípios de sete dispensações”, as quais são inocência, consciência, governo humano, patriarcal, mosaico, graça/ eclesial e reino. No dispensacionalismo há uma forte ênfase escatológica que muito influenciou as correntes prémilenistas e fundamentalistas no século XX. Além de John Nelson Darby (no século XIX), os teólogos Cyrus Ingerson Scofield (1843-1921), autor da famosa Bíblia de Referência Scofield, e Lewis Sperry Chafer (1871-1952), autor de conhecida “Teologia Sistemática”, fundador e primeiro presidente do Seminário Teológico de Dallas (EUA), também ajudaram a popularizar o dispensacionalismo. Cf. BERKHOF, Louis. Teologia Sistemática. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.p. 655. Cf. MCGRATH, Alister E. Teologia Sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2005. p. 637-638. Cf. ERICKSON, Millard J. Introdução à Teologia Sistemática. São Paulo: Edições Vida Nova, 1997.p.512. [Voltar]

Capítulo 12

O cristianismo arreligioso de Dietrich Bonhoeffer



Em plena Segunda Guerra Mundial, confinado em uma prisão em Tegel^[Nota 504], um teólogo luterano, preso por conspiração contra o regime nazista, escrevia frequentes cartas^[Nota 505] para seu amigo.^[Nota 506]

Nelas expressava, além de suas dúvidas, preocupações pessoais e familiares, também suas reflexões e conclusões teológicas, assim como sobre o futuro e a relevância do cristianismo no mundo do século XX. Seu nome era Dietrich Bonhoeffer.^[Nota 507]

Dietrich Bonhoeffer nasceu em Breslau^[Nota 508] em 04 de fevereiro de 1906. Filho de médico, decidiu ainda jovem seguir a vocação pastoral na Igreja Luterana, estudando nas Universidades de Tübingen e Berlim, onde obteve o seu doutorado em teologia com apenas vinte e um anos de idade.^[Nota 509] Estudou também nos Estados Unidos e trabalhou na assistência pastoral em igrejas de língua alemã em Londres e Barcelona.

Em 1935, Dietrich Bonhoeffer, que estava nos Estados Unidos, retorna à Alemanha para trabalhar como reitor e professor do Seminário Teológico da Igreja Confessante.^[Nota 510] Em 1943, foi preso e confinado em Tegel, onde ficou até sua morte, em 1945. Foi nessa ocasião que escreveu várias cartas, onde, entre tantos temas, abordou a questão da relevância do cristianismo para o mundo contemporâneo, criticando as formas em que sua mensagem era apresentada e propondo alternativas para que superasse a dificuldade da sociedade em absorver seu conteúdo.

Bonhoeffer propôs um cristianismo arreligioso^[Nota 511] como solução à crescente secularização da sociedade ocidental. Mas, o que seria este cristianismo arreligioso?

Para Bonhoeffer, o século XX presenciou o fenômeno da perda gradual do *a priori* religioso das pessoas.^[Nota 512] Este é caracterizado pela predisposição pessoal em tomar consciência de seu eu e da necessidade de conhecer o Sagrado, ou, como Martin Barcala descreve, “a disposição natural do ser humano em procurar a realidade ou essência das coisas^[Nota 513]”, isto é, a busca das ideias acerca “de um ser supremo, absoluto, não criado, imutável, considerado a origem única de tudo que existe”^[Nota 514], ou ainda poderia se falar em um sentimento de dependência^[Nota 515] de Deus. Bonhoeffer é categórico em afirmar que esta tendência está desaparecendo.

Foi-se o tempo em que se podia dizer isso das pessoas por meio de palavras – sejam teológicas ou piedosas; passou igualmente o tempo da interioridade e da consciência moral, ou seja, o tempo da religião de maneira geral. Rumamos para uma época totalmente arreligiosa; as pessoas, sendo como são, simplesmente não conseguem mais ser religiosas. Também aquelas que sinceramente se dizem religiosas de modo algum praticam o que dizem.^[Nota 516]

Para o teólogo, é possível que o *a priori* religioso não seja inato, mas condicionado pelas circunstâncias históricas da sociedade^[Nota 517], sendo, destarte, uma experiência passageira e, sendo assim, qual seria, então, o futuro do cristianismo em uma sociedade sem o sentimento de dependência transcendental? Como falar de uma fé onde seus contornos foram modelados à luz dos valores religiosos agora superados e inexistentes? Bonhoeffer não sobreviveu aos

tempos de prisão para responder objetiva e concretamente a esta importante questão apresentada por ele. Entretanto, o que se pode concluir é a sua esperança de que novos formatos do cristianismo emergissem para que seu conteúdo, isto é, sua mensagem, atingisse os que não compreendem e nem se adequam às vestimentas do cristianismo.^[Nota 518] Portanto, conceitos como igreja, comunidade, pregação e liturgia deveriam ser repensados em mundo cada vez mais arreligioso.

Uma espiritualidade não eclesial? Um cristianismo sem seus símbolos? Um cristianismo sem templos, liturgia, clero e confissões? O desaparecimento das expressões visíveis da cristandade? Estas parecem ser conclusões radicais inevitáveis a que chegariam os que trilhassem as propostas do cristianismo arreligioso de Bonhoeffer. Contudo, é preciso compreender que em sua proposta não há, de forma alguma, a sugestão do desaparecimento da fé cristã, mas sim sua reinterpretação e aplicação em um mundo arreligioso.^[Nota 519]

Além de seu conceito sobre o *a priori* religioso do homem, outros *insights* ^[Nota 520] contribuíram para a formação do pensamento do teólogo luterano sobre o cristianismo arreligioso, como a distinção entre Igreja e comunidade religiosa^[Nota 521], a primeira, criada por Jesus Cristo, enquanto a segunda, tão somente um fenômeno sociológico. Também duas experiências vividas em ambientes diferentes marcaram o teólogo. Em Roma, no início da década de 1920, quando pode celebrar a Páscoa em uma Igreja Católica Apostólica Romana, ao perceber a falta de significado real dos símbolos religiosos presentes na liturgia desde os primeiros séculos, começou a questionar a relevância dos mesmos para a sociedade contemporânea, pois o símbolo religioso não deveria ser tratado com insensibilidade. Em 1934, aumentando seu interesse pela Índia,

escreveu à sua avó, confessando o desejo de visitar aquele país, pois acreditava que a espiritualidade legítima deveria encarnar em atitudes políticas concretas, como as vistas em Mahatma Ghandi. [Nota 522] Nesse tempo, sua pergunta era: “Será que nosso tempo passou e o Evangelho tem sido entregue a outro povo, quem sabe pregando com palavras e atos totalmente distintos?” [Nota 523], porquanto para ele poderia haver muito de cristianismo autêntico em outras culturas e povos considerados pagãos. [Nota 524]

Uma nova forma de cristianismo! Livre das expressões e marcas da religiosidade ocidental. Uma fé que não depende da comunidade religiosa e que sabe se dirigir aos arreligiosos! Ou, conforme palavras do Prof. Edson Douglas:

Assim, o Cristianismo Arreligioso é, sobretudo, uma experiência de fé vivida não fora da vida cristã, embora, forçosamente, fora dos símbolos que dão significado à experiência religiosa, mas que se esgotaram totalmente o que passam a exigir a busca de uma nova forma de Cristianismo que se contrapusesse ao secularismo da sociedade ocidental, mas que só tem sentido na medida em que a vivência religiosa fora das estruturas formais de sua representação, não esquecerem que essa experiência não pode jamais prescindir da Palavra, que vivifica e santifica, independentemente do seu contexto de vivência e pregação ser a Europa Ocidental, os Estados Unidos e a Índia.

Viver a fé cristã passa, fundamentalmente, pela experiência, e não mais pela filiação dogmática ou confessional a uma estrutura eclesiástica previamente moldada e consolidada. [Nota 525]

O Cristianismo Arreligioso foi a ousada proposta de Dietrich Bonhoeffer diante daquilo que considerava uma realidade em decadência: a religiosidade cristã ocidental.

Nota 504 - Noroeste de Berlim, capital da Alemanha. [Voltar]

Nota 505 - BONHOEFFER, Dietrich. Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão. São Leopoldo: Sinodal, 2003. [Voltar]

Nota 506 - Eberhard Bethge. [Voltar]

Nota 507 - Por ter participado da Resistência Alemã e ser um dos fundadores da Igreja Confessante, ala evangélica da Igreja Luterana que se opunha ao Nazismo de Adolf Hitler, foi perseguido, capturado e preso em 05 de abril de 1943 e enforcado em 09 de abril de 1945, sob a acusação de participação no atentado contra a vida de Adolf Hitler. [Voltar]

Nota 508 - Polônia. [Voltar]

Nota 509 - SOCIEDADE INTERNACIONAL BONHOEFFER. Quem Foi Dietrich Bonhoeffer? Disponível em: www.sociedadebonhoeffer.org.br. Acesso em 18 fev 2012. [Voltar]

Nota 510 - Segmento da Igreja Luterana que fazia oposição ao totalitarismo nazista. [Voltar]

Nota 511 - BONHOEFFER, Dietrich. Op. cit. p. 370 e 374. [Voltar]

Nota 512 - Ibid. p. 369. [Voltar]

Nota 513 - BARCALA, Martin. Cristianismo Arreligioso. Uma introdução à Cristologia de Dietrich Bonhoeffer. 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Teologia, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo. 2009. p. 86. [Voltar]

Nota 514 - Ibid. p. 86-87. [Voltar]

Nota 515 - Aspecto importante e central da teologia do alemão Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher, que acentuou o sentimento ou intuição da dependência ou necessidade de Deus como fundamental ao ser humano. [Voltar]

Nota 516 - BARCALA, Martin. Op. cit. p. 86-87. [Voltar]

Nota 517 - Ibid. p. 370. [Voltar]

Nota 518 - BONHOEFFER, Dietrich. Op. cit. p. 370. [Voltar]

Nota 519 - BARCALA, Martin. Op. cit. p. 75. [Voltar]

Nota 520 - Ibid. p. 7-73. [Voltar]

Nota 521 - Assim como a distinção entre Revelação e Religião. [Voltar]

Nota 522 - BARCALA, Martin. Op. cit. p. 77. [Voltar]

Nota 523 - BONHOEFFER, Dietrich. Redimidos para lo humano: cartas y diários (1924-1942). Edição preparada por José J. Alemany. Salamanca: Edições Sígueme, 1979. p. 56. APUD. Barcala, Martin. Op.cit. p. 77. [Voltar]

Nota 524 - BARCALA, Martin. Op. cit. p. 77. [Voltar]

Nota 525 - DOUGLAS, Edson. O Conceito de Cristianismo Arreligioso de Dietrich Bonhoeffer. Disponível em: www.comunidadewesleyana.blogspot.com. Acesso em: 18, fev. 2012. [Voltar]

Capítulo 13

Nada novo debaixo do sol



Os movimentos estudados nestes capítulos e outros que, por questões de espaço e objetividade, não foram abordados, porém também importantes no estudo da história eclesiástica, foram, em última análise, propostas a uma igreja ou a um cristianismo que, considerados decadentes, precisavam retornar às veredas bíblicas e reencontrar a vitalidade espiritual. Sem dúvida, provas de que o anseio por uma igreja bíblica e apostólica sempre esteve presente na História da Igreja e que há a tendência à ruptura radical quando tais apelos não são atendidos e à crença de que tais movimentos representam o último restauracionismo antes da volta do Senhor.

Esta tendência, sem entrar no mérito de sua importância, necessidade e validade, acompanha a igreja desde as suas eras iniciais.

Destarte, muitos foram os movimentos e suas expressões como pontifica Kenneth Scott Latourette.

Foram vistos nos cristãos do século I que, impressionados pela impiedade do mundo, procuraram tanto quanto possível se retirar dele e viver nele como comunidades distintas, mas não pertencerem a ele (...) movimentos dos séculos 13, 14 e 15, tanto dentro quanto fora da Igreja Católica, eram da mesma espécie. Nós ainda veremos cristãos de convicções semelhantes, com frequência nos séculos 18, 19 e 20. Há algo no Evangelho cristão que mexe com as consciências dos

homens para ficarem insatisfeitos com qualquer coisa que não esteja em plena conformidade com os padrões éticos apresentados nos ensinamentos de Jesus e que desperta a esperança e a fé que, aparentemente impossível de se atingir, deve ser buscada nas comunidades daqueles que têm se comprometido plenamente com o ideal cristão.^[Nota 526]

O movimento dos desigrejados, portanto, não é novo. Possui novos argumentos e nova roupagem, mas, na verdade, sempre esteve presente na História da Igreja. Por mais que seus mais polêmicos defensores contemporâneos falem em uma Revolução, como são os casos de George Barna e Frank Viola, o fato é que suas denúncias e proposições, algumas exageradas, outras, nem tanto, não configuram em nenhuma novidade para o cristianismo. É certo, inclusive, que outros movimentos parecidos virão, pois, “nada há de novo debaixo do sol”.

Nota 526 - LATOURETTE, Kenneth Scott. Uma Historia do Cristianismo. Vol. 2.
São Paulo: Hagnus, 2006. p. 1064. [Voltar]

Parte III

A importância e organização da Igreja



Capítulo 14

A formação de Israel o povo de Deus no Antigo Testamento, expressão da comunhão



Uma igreja despida de toda organização e materialidade é algo tão somente utópico. É irreal. Desde os antigos tempos de formação do povo hebreu a ideia de uma organização daqueles que seriam reconhecidos como “povo de Deus” ganhou forma.

Na narrativa do livro do Gênesis, Deus destaca Abraão (Gn 12.1) para, a partir de seu descendente, Isaque (Gn 21.12), formar uma nação que seria tão numerosa quanto às estrelas do céu (Gn 15.5). Esta formação passará pelos chamados de Abraão, Isaque, Jacó e de seus filhos e netos (Gn 25.26; 29.31; 30.24; 48.13) e que, após mais de quatrocentos anos (Ex 12.40), vivendo aos milhares no Egito (Ex 12.37), serão conduzidos entre desertos por Moisés até as imediações de Canaã (Dt 34.1-4). O Antigo Testamento, portanto, enfatiza a interpretação da formação de uma comunidade, um povo, uma nação e esta formação, como é óbvio, não acontece apenas conceitualmente, mas se desdobra em contornos históricos, isto é, o povo de Deus é organizado, visando ser um reino ou nação sacerdotal.^[Nota 527] Deus não chama apenas um homem para uma jornada consigo. Na narrativa bíblica, Deus está em constante processo de formação de seu povo. Paul Johnson, em sua “História dos Judeus”, sinaliza e identifica a perspectiva vétero-testamentária acerca da formação do povo de Deus.

Estamos chegando a ideia de uma nação eleita [...] É essencial à compreensão da história judaica apreender a importância que os judeus atribuíam à ilimitada propriedade da criação de Deus. Muitas crenças judaicas se destinam a dramatizar este fato central. A ideia de um povo eleito era parte do objetivo de Deus de salientar sua posse de todas as coisas.^[Nota 528]

O ideal divino é de uma comunidade que seja reconhecida entre as demais nações como sendo sua (Dt 4.6-8). Mas, qual a justificativa dessa procura comunitária? Por que o projeto de revelação de Deus aos homens e sua entrada e participação na história da redenção per-passam através de uma comunidade (Israel e a Igreja)?

A comunidade é almejada por Deus porque Ele próprio, de acordo com o testemunho do Antigo e Novo Testamentos, é um ser trino e, logo, relacional e comunitário. Há uma relação entre Deus Pai, Filho e Espírito Santo que participam de todas as etapas da criação (Gn 1.2; Jo 1.2,3) e redenção (Lc 1.26-35) dos homens.^[Nota 529] Na narrativa do Éden, após a criação do homem, Deus o procura “à tarde” (Gn 3.8,9), para conversar. Deus, portanto, revela-se um ser relacional.^[Nota 530] Cria um homem, à sua imagem e semelhança e, logo, também relacional, oferecendo-lhe, como evidência desta condição, a mulher para correspondência. O homem não viverá só. Terá pai, mãe e mulher (Gn 2.24) – núcleos sociais; relacionais, portanto. Feito à imagem e semelhança de Deus, a inclinação comunitária constitui parte fundamental da natureza deste homem.

Na narrativa do Gênesis, até mesmo o assassino Caim, que macula o projeto relacional, agredindo seu próprio irmão, é expulso da presença de Deus, mas não viverá sozinho e, sim, edificará uma cidade onde construirá relacionamentos (Gn 4.17). Seu grande medo, inclusive, era a solidão perpétua, sendo “fugitivo e errante”

(Gn 4.13,14). O que não é permitido por Deus, pois o sinal que imprime em sua face impede a vingança, possibilitando relacionamentos. Portanto, a vida comunitária trabalhada por Deus no Antigo Testamento tem como base sua constituição trina e o homem, dotado de correspondências (imagem e semelhança de Deus), possui na sua constituição a sede por sociabilidade.

A formação do povo de Israel obedece, portanto, a necessidade primária do homem de se reunir com seus pares e iguais, pois esta é sua constituição natural e um dos aspectos que o comunicam com o Deus trino, relacional e comunitário revelado nas páginas do Antigo e Novo Testamentos.

A Igreja do Senhor Jesus Cristo não é uma abstração. Apenas ideia, despida de qualquer materialidade. Há o seu equivalente e correspondente terreno e concreto que começa no Antigo Testamento com o chamado de Abraão para a formação do povo de Israel. A necessidade de uma agremiação reside na constituição humana, carente de relacionamentos, pois foi criado pelo Deus Trino que se relaciona. Ricardo Barbosa, ministro e teólogo presbiteriano, dissertando sobre a necessidade da espiritualidade comunitária que todo cristão deve desenvolver, faz as seguintes afirmações:

Uma vez que a natureza de Deus é relacional, assim é também a natureza da pessoa regenerada em Cristo. A conversão é a transformação do indivíduo em pessoa. O indivíduo é o encapsulado em si mesmo, que se realiza na autopromoção. É narcisista, concebe a liberdade apenas em termos de autonomia e independência, e reconhece como verdadeira apenas sua realidade limitada. A pessoa é o ser em comunhão, que se realiza nas relações de afeto e amizade. É altruísta, concebe a liberdade em termos de entrega, obediência e amor

doado, e se abre para a revelação que encontra fora de si mesmo.

Esta nova pessoa em Cristo recebe o outro da mesma forma como em Cristo é recebido, e nesta nova dinâmica a igreja deixa de ser um clube religioso, no qual cada uma faz o que quer e como quer, e escolhe suas amizades de acordo com os interesses pessoais, para se transformar numa verdadeira comunidade de irmãos e irmãs que se doam mutuamente numa experiência real de aceitação e comunhão [...].^[Nota 531]

Essa comunhão apontada por Ricardo Barbosa será exercida obviamente de alguma forma e em algum lugar. É a consequência natural dos que se encontram na história, conforme ainda diz:

O Credo Apostólico afirma nossa crença em Deus Pai, Criador de todas as coisas; em seu Filho Jesus Cristo, nosso Salvador; no Espírito Santo, na remissão dos pecados; na ressurreição; na vida eterna... e na Igreja. Ela faz parte das convicções básicas do Credo. Da mesma forma como precisamos crer em Deus Pai, Filho e Espírito Santo, precisamos crer também na igreja como ambiente de comunhão dos salvos em Cristo. Ela é a comunidade do Reino que dá visibilidade ao que Cristo fez em sua obra redentora no mundo.^[Nota 532]

A igreja local, visível e tangível, é a expressão temporal do Corpo de Cristo, da Igreja universal. Portanto, templos, endereços, reuniões e liturgias são apenas marcos temporais, ou seja, sinalizadores que permitem a visibilidade da expressão do Reino de Deus, a igreja, entre os homens.

No caso do povo de Israel não foi diferente, pois, ao chamar Abraão para formar um povo exclusivo para si, Deus garante-lhe um

território: “a terra que te mostrarei” (Gn 12.1). O que, de fato, se cumprirá nos tempos de Josué, quando após uma extraordinária campanha militar (Js 6.1 - 12.24), uma extensa faixa territorial será dividida entre os descendentes de Abraão (Js 14.1 - 22.9). Antes disso, leis, estatutos e testemunhos haviam sido transmitidos ao povo através de Moisés, criando todo um cenário institucional inevitável às agremiações humanas (Ex 20.1-17; 21.1 - 22.31; Lv 18.1-30; 19.1 - 21.24; 25.1-55; 27.1-34).

A institucionalização do povo de Deus é um desdobramento natural do seu chamado. Logo após a saída do Egito, uma série de compromissos mútuos será firmada para garantir a sobrevivência do povo.

Desta forma, temos a entrega dos Dez Mandamentos (lei moral), que nortearão o relacionamento do homem para com Deus e também para com os demais homens, e também as leis civis, que regulamentarão os compromissos sociais. Tais expressões institucionais nunca foram vistas como ameaça à espontaneidade do amor e compromisso para com Deus e, sim, como seus facilitadores. A organização de um povo, a liderança mosaica, o decálogo, os estatutos, o tabernáculo (posteriormente, o templo), o dia santo, os sacerdotes, não eram obstáculos asfixiantes para a vida espiritual, mas, sim, sinais pedagógicos e apontamentos didáticos da espiritualidade. Eram apenas expressões visíveis de uma realidade invisível. Eram símbolos que carregavam e concentravam uma mensagem. Distorções e exageros cometidos na valorização de tais símbolos e expressões sempre foram vistas como corrupções da compreensão acerca dos mesmos. O Templo de Salomão (1Rs 6.1-13), por exemplo, não foi construído para ser um fim, mas um meio.

O Sábado não era fim, mas meio (Mc 2.27). A instituição não substitui a essência, mas, sim, e apenas, o representa. O problema, então, não reside no símbolo, mas, sim, no homem que o confunde. O problema não está nas formas, mas, sim, no homem que as valoriza além de sua real importância e necessidade.^[Nota 533] A Sacralidade da forma e da instituição é o pecado que o homem comete. A instituição é neutra neste caso. A instituição apenas dá visibilidade ao conceito. No caso da igreja, a instituição é a expressão visível do Corpo de Cristo na terra. A temos representada no Antigo Testamento (Israel), no Novo Testamento (Igreja Primitiva e a Neotestamentária) e atualmente nas diversas comunidades eclesiais que se reúnem em torno do testemunho de Jesus Cristo. Vejamos o que Charles Hodge diz quanto à visibilidade da igreja institucional:

Acerca da igreja neste sentido, ensina-se claramente nas Escrituras que a vontade de Deus é que essa Igreja deve existir sobre a terra (...) Deus impôs ao seu povo deveres que são necessários para que vivam assim associados em um corpo visível organizado. Unem-se em seu culto; na instrução e na propagação de sua verdade; no testemunho acerca de Deus em todas as épocas e em todas as partes do mundo. Ele prescreveu as condições de sua membresia nesse corpo e ensinou quem deve ser excluído de sua comunhão. Designou oficiais, especificou suas qualificações, suas prerrogativas e o método de sua designação. Sancionou leis para o seu governo. Sua origem, progresso e consumação estão traçados na história e na profecia, do início ao final da Bíblia. Esse é o reino de Deus do qual nosso Senhor falou em diversas parábolas e o qual é declarado que em última instância incluía todas as nações da terra.^[Nota 534]

No Antigo Testamento, as expressões institucionais dos hebreus tais como o povo, o território, a liderança, o idioma, a Torá, os escritos, a Lei, os profetas, os sacerdotes, o decálogo, as leis civis e cerimoniais, o templo, foram importantes como ambiente guardião da revelação messiânica e da própria genealogia do Messias que corre por dentro destes parâmetros. De semelhante forma, acontecerá, tanto na igreja no período neotestamentário, como também em sua fase pós-apostólica, conforme veremos, pois as expressões institucionais da igreja, em muitos aspectos, ajudaram-na a sobreviver aos períodos mais sombrios pelos quais passou.

Concluimos entendendo de que a expressão visível do Povo de Deus no Antigo Testamento ocorre naturalmente em face de seu Criador ser trino e relacional, de que o homem em sua constituição almeja o ambiente comunitário, sendo Israel a comunidade de fé que, através de suas expressões, contribuirá para legar à humanidade, ainda que com deficiências, desvios e pecados (falhas de nossa humanidade), a mensagem do Messias.

- Nota 527 - SMITH, Ralph L. Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2002. p. 122-123. [Voltar]
- Nota 528 - JOHNSON, Paul. História dos Judeus. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1995. p. 30. [Voltar]
- Nota 529 - Tanto nos registros canônicos da criação relatados no livro do Gênesis como no Evangelho de João, assim como na narrativa do nascimento de Jesus Cristo (Evangelho de Lucas) há a menção das Pessoas da Trindade. A Trindade, portanto, está envolvida em todo processo criativo e redentivo, evidenciando, assim, Deus que é comunidade. [Voltar]
- Nota 530 - De acordo com o Novo Testamento, até entes angelicais também se correspondem com o ser divino. [Voltar]
- Nota 531 - BARBOSA, Ricardo. O Desafio Bíblico da Espiritualidade Cristã. In: BOMILCAR, Nelson (org.) O Melhor da Espiritualidade Brasileira. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 28. [Voltar]
- Nota 532 - Ibid. [Voltar]
- Nota 533 - ALLMEN, J. J. VON. O Culto Cristão: Teologia e Prática. São Paulo: Aste, 2005. p. 77-107. Falando sobre as formas litúrgicas assumidas no culto cristão, o autor apresenta nas páginas indicadas a problematização das mesmas, concluindo que tais servem à edificação da igreja, sendo, na verdade, a finalidade das estruturas e das normas aplicadas na comunidade eclesial. O alerta e cuidado devem ser sempre em ater-se aos seus próprios limites, pois a liturgia não encontra significado em si própria, uma vez que sua função é facilitar o acesso a Jesus Cristo e só é relevante e eficaz se assim fizer. Para Allmen, a igreja de Jesus Cristo é recompensada quando mantém sua liturgia sob corretas perspectivas teológicas. Não há nada de incorreto, portanto, quando uma comunidade de fé oferece o seu culto de forma litúrgica, porquanto “é meio de expressão e de proteção da natureza do culto”. Cf. p. 82. [Voltar]
- Nota 534 - HODGE, Charles. Teologia Sistemática. São Paulo: Hagnus, 2001. p. 1426. [Voltar]

Capítulo 15

A formação da Igreja no Novo Testamento



A Igreja de Jesus Cristo no Novo Testamento irrompe na narrativa do livro de Atos dos Apóstolos como fruto da pregação de Pedro ao explicar o evento extraordinário do derramamento do Espírito Santo (At 2.1-36) em cumprimento da profecia de Joel (Jl 2.28-32). A igreja já nasce como um projeto comunitário igualitarista, onde filhos e filhas profetizam e onde jovens têm visões e os anciãos sonham (At 2.17), ou seja, uma comunidade do homem, da mulher, do jovem e do idoso. Uma comunidade de todos e para todos e não mais apenas para homens sexagenários.^[Nota 535]

A Igreja de Jesus Cristo é uma comunidade que se reúne em torno de sua pessoa, mensagem e ministério. É uma comunidade da Palavra, da reunião, das orações e da adoração (At 2.42). Apesar de toda a dinâmica e espontaneidade presentes na vida da Igreja Primitiva, aspectos institucionais ganharão forma com o tempo, sendo desenvolvimento natural de sua existência na terra.

Ainda na sua fase mais incipiente, a igreja reúne-se em torno “da doutrina dos apóstolos”, um corpo de argumentos, ensinamentos, afirmações, testemunhos e tradições acerca de Jesus Cristo.^[Nota 536] Ser cristão, logo de início, implicou em crer, aceitar e acompanhar determinado corpo de verdades^[Nota 537] sobre o Filho de Deus. Isso, até onde sabemos, nunca fora interpretado até aquele momento como arrogância apostólica, como se quisessem manter uma espécie de monopólio dos ensinamentos de Jesus Cristo. Os apóstolos, portanto, formavam um corpo institucional^[Nota 538] que dava

credibilidade à mensagem messiânica. A desconfiança de que um sistema fixo de ideias (doutrina dos apóstolos) ensinadas por um núcleo reconhecido (apóstolos) poderia aprisionar o Espírito Santo ou limitar a liberdade espiritual não existia até então.^[Nota 539] Essa comunidade ligada ao ensino dos apóstolos, de acordo com o relato de Lucas, fora honrada por Deus, pois “E o senhor lhes acrescentava, todos os dias, os que iam sendo salvos” (At 2.47), isto é, a comunidade de fé que surge em Jerusalém é uma instituição vigorosa, dinâmica e crescente, apesar de seus compromissos rotineiros (eucaristia, reuniões diárias nos lares e também no templo^[Nota 540], orações etc.). Há uma lenta e sutil institucionalização da comunidade de fé que não necessariamente colidia com a espontaneidade da espiritualidade nos primeiros dias da Igreja de Cristo. O Senhor Jesus Cristo é quem edifica a igreja, usando, entre seus instrumentos, os apóstolos, através de seus ensinamentos. Não havendo, portanto, qualquer colisão na direção espiritual com as formas litúrgicas primitivas.

As marcas da institucionalização da igreja, ainda que muito embrionárias, podem ser observadas mesmo nos tempos da Igreja Primitiva, pois os apóstolos se reuniam com regularidade; frequentavam o templo; batizavam os conversos; celebravam diariamente a ceia, seguindo um modelo fixo^[Nota 541]; participavam de orações regulares. Quando a primeira crise de relacionamento surge no seio da igreja em Jerusalém (At 6.1-7), ações institucionais são tomadas a fim de equacionar o problema. Embora institucional, a medida de escolher homens com determinadas qualificações foi promovida, acreditando-se na direção e aprovação do Espírito Santo, uma evidência de que não havia uma dicotomia entre o que era institucional e espiritual ou carismático. Organização e carisma não são realidades e experiências antagônicas. O ponto, portanto, a

ser considerado é o de que a institucionalização da igreja nunca foi em si o problema da Igreja de Jesus Cristo, pois, desde muito cedo, traços institucionais apareceram em seu contexto, o que não inviabilizou a sua missão. A própria escolha do apóstolo Matias para o lugar de Judas obedeceu a critérios institucionais, isto é, a um padrão fixo que nortearia aqueles que deveriam ser reconhecidos como legítimos apóstolos de Cristo. Vejamos:

É necessário, pois, que, dos homens que nos acompanharam todo o tempo em que o Senhor Jesus andou entre nós, começando no batismo de João, até o dia em que dentre nós foi levado às alturas, um destes se torne testemunha conosco da sua ressurreição (At 1.21,22).

Há, portanto, um padrão, um modelo, uma regra institucional para a entrada no colégio apostólico: ter acompanhado Jesus entre os discípulos desde a ocasião de seu batismo até quando ascendeu. Pedro e a comunidade de discípulos não acreditavam que estavam impedindo o avanço do Reino de Deus na terra ao instituir tais critérios, mas, sim, oferecendo meios de identificação para que a igreja não ficasse prejudicada com a investida de falsos apóstolos. Tais critérios serão, inclusive, cobrados a Paulo por muitos daqueles que não acreditavam em seu apostolado, embora, Paulo os tivesse, pois viu a Jesus em Damasco e esteve com ele em experiência extática (At 9.1-9; 1Co 15.8; 2Co 12.1-4). Tais fenômenos credenciaram Paulo ao colégio apostólico (Gl 1.15 - 2.10).

De qualquer forma, a unção do Espírito Santo presente de forma abundante nos dias da Igreja Primitiva e das comunidades plantadas por Paulo não rivalizavam com as medidas institucionais que, com o tempo, se revelaram necessárias.

Nota 535 - COLEMAN, Willian L. Manual dos Tempos & Costumes Bíblicos. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1991. p. 134-138. A cultura israelense era patriarcal e valorizava os anciãos. Mulheres e crianças (ou jovens) eram periféricos. Cf. p. 84-100. [Voltar]

Nota 536 - Embora muito da chamada “doutrina dos apóstolos” consistia na memória daqueles que acompanharam a vida e ministério de Jesus Cristo, além de serem testemunhas de sua ressurreição e que receberam a responsabilidade de compartilhar seus ensinamentos, muitos destes também se basearam “em documentos escritos extremamente primitivos”, além das tradições orais fixas que se formaram nos tempos da Igreja Primitiva. Russel Norman Champlin chama a atenção para o fato de que tais tradições ganharam desde muito cedo forma “padronizada de doutrina expressa” e cujas referências bíblicas podem ser encontradas em alguns textos neo-testamentários (Rm 6.17; 2Tm 1.3 e 2Pe 3.16, são exemplos). Cf. CHAMPLIN, Russel Norman. O Novo Testamento Comentado Versículo Por Versículo. v. 3. São Paulo: Hagnus, 2009. p. 70. [Voltar]

Nota 537 - COSTA, Hermisten Maia Pereira da. Eu Creio no Pai, no Filho e no Espírito Santo. São Paulo: Edições Parakletos, 2002. p. 25-26. Mestre e doutor em Ciências da Religião e ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, Hermisten Maia afirma, em contundente texto sobre a importância dos credos e das confissões (para a vida da igreja cristã), que: “Parece haver acordo entre os estudiosos no que diz respeito às evidências neotestamentárias referentes a um corpo doutrinário específico, considerado como depósito sagrado da parte de Deus”. Maia, no mesmo texto, sustentando seu argumento, aponta para algumas das referências bíblicas que demonstram que os primeiros cristãos já compreendiam que determinadas afirmações da fé cristã deveriam ser discernidas como pertencentes a um conjunto normativo: “às ‘tradições’ (2Ts 2.15), à ‘doutrina dos apóstolos’ (At 2.42), à ‘palavra da vida’ (Fp 2.16); à ‘forma

de doutrina' (Rm 6.17), à 'Pregação' (Rm 16.25; 1Co 1.21), à 'fé evangélica' (Fp 1.27), ao 'bom depósito' (2Tm 1.14; 1Tm 6.20), à 'sã doutrina' (2Tm 4.3; 1Tm 4.6; Tt 1.9), à 'verdade' (Cl 1.5; 2Ts 2.13; 2Tm 2.18, 25; 4.4)". [Voltar]

Nota 538 - CERFAUX, L. O Cristão na Teologia de Paulo. São Paulo: Teológica, 2003. p. 124-130. O autor apresenta suas conclusões exegéticas, sugerindo o conceito institucional do colégio apostólico ainda nos tempos da Igreja Primitiva. Na opinião do autor, os primeiros cristãos não tiveram dificuldade em lidar com traços da autoridade institucional do grupo dos "Doze Apóstolos". [Voltar]

Nota 539 - Com a morte dos apóstolos, Montano, no século II, será o primeiro a questionar o conceito, em sua época bem cristalizado, de um corpo central de verdades, ligadas a um núcleo que as ensinavam. [Voltar]

Nota 540 - O Templo de Salomão, reconstruído por Herodes, continuou, pelo menos por algum período, sendo frequentado pelos primeiros cristãos, conforme atestam os textos de Atos 2.46 e 3.1. Cf. BOOR, Werner De. Atos dos Apóstolos. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2003. p. 62-63. [Voltar]

Nota 541 - O Batismo e a Ceia foram praticados desde o início e entendidos como ordenanças de Jesus Cristo à sua igreja, baseados em seus ditos transmitidos pelos apóstolos (tradições orais) e, posteriormente, nos textos dos Evangelhos que fazem menção das mesmas (Mt 26.26-30, 28.19; Mc 14.22-26; Lc 22.19-23). São ritos litúrgicos fundamentais da fé cristã e que, conforme as palavras de L. Cerfaux, "dão à comunidade cristã o colorido de comunidade religiosa, cultural". Cf. CERFAUX, L. Cristo na Teologia de Paulo. São Paulo: Editora Teológica, 2003. p. 278. Toda comunidade de fé, mesmo a Igreja Primitiva, possui seus modelos, ritos, formas e padrões litúrgicos. Mesmo o encontro de cristãos nos lares não eliminará por completo alguma forma de estrutura [Voltar]

Capítulo 16

Marcas institucionais nas igrejas neotestamentárias



A igreja no Novo Testamento não é uma experiência atemporal, metafísica ou fantasmagórica. Ao contrário, apesar de ser uma comunidade que nasce de um fenômeno sobrenatural (o derramamento do Espírito Santo), é uma comunidade que, onde fora plantada, precisou estabelecer, ainda na era apostólica, uma série de padrões que viabilizassem seu funcionamento orgânico. O próprio apóstolo Paulo dá exemplo quanto a essa questão, porquanto preocupado com o excesso de espontaneidade na Igreja em Corinto, o que estava acarretando problemas, exige e apela para a necessidade de ordem litúrgica, para o próprio bem da igreja. Vejamos:

Que fazer, pois, irmãos? Quando vos congregais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação. Se alguém falar em língua faça-se isso por dois, ou quando muito três, e cada um por sua vez, e haja um que interprete.

Mas, se não houver intérprete, esteja calado na igreja, e fale consigo mesmo, e com Deus.

E falem os profetas, dois ou três, e os outros julguem.

Mas se a outro, que estiver sentado, for revelada alguma coisa, cale-se o primeiro. Porque todos podereis profetizar, cada um por sua vez; para que todos aprendam e todos sejam consola-

dos; pois os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas; porque Deus não é Deus de confusão, mas sim de paz.

Como em todas as igrejas dos santos, as mulheres estejam caladas nas igrejas; porque lhes não é permitido falar; mas estejam submissas como também ordena a lei.

E, se querem aprender alguma coisa, perguntem em casa a seus próprios maridos; porque é indecoroso para a mulher o falar na igreja. Porventura foi de vós que partiu a palavra de Deus? Ou veio ela somente para vós? Se alguém se considera profeta, ou espiritual, reconheça que as coisas que vos escrevo são mandamentos do Senhor. Mas, se alguém ignora isto, ele é ignorado. Portanto, irmãos, procurai com zelo o profetizar, e não proibais o falar em línguas.

Mas faça-se tudo decentemente e com ordem (1Co 14.26-40).

[Nota 542]

Até onde sabemos, tal orientação apostólica nunca fora vista ou interpretada como uma interferência humana na ação livre do Espírito Santo. Ao contrário, Paulo mesmo insiste para que suas palavras de orientação litúrgica sejam consideradas pelos irmãos daquela grei como “mandamento do Senhor” (1Co 14.37) e não titubeia em exortar que “se alguém ignorar, será ignorado”. Para o apóstolo, tais critérios, colocando em trilho certo a operação dos dons espirituais, contribuiriam para a edificação da Igreja (1Co 14.27) e não para o seu dano ou engessamento espiritual.

Kevin DeYoung considera a questão da padronização da igreja no Novo Testamento com as seguintes palavras:

A adoração na Igreja Primitiva simplesmente não estava destituída de ritual e estrutura.

Este último ponto é realmente importante. Pense naquilo que vemos no Novo Testamento: uma refeição santa celebrada frequentemente (Santa Ceia); um rito de iniciação que representa àqueles que pertencem à comunidade cristã (o batismo); um dia separado (“o dia do Senhor” mencionado por João em Ap 1.10, provavelmente citado por Lucas em At 20.7 e também por Plínio e Justino Mártir; o entoar de salmos, hinos e cânticos espirituais (Ef 5.18-20); (...) outros hinos e poemas confessionais (Fp 2.6-11; Cl 1.15-20; 1Tm 3.16); o ensino e a leitura do Antigo Testamento (1Tm 4.13); e epístolas contemporâneas que deveriam ser lidas nas igrejas (1Ts 5.27). Adicione a esta lista inúmeras doxologias (p. ex., Gl 1.5) e bênçãos (p. ex., Gl 6.18), “dirá amém” (1Co 14.16), o beijo santo (Rm 16.16) o “maranata” (muito provavelmente uma oração decorada para ser recitada após a comunhão; 1Co 11.26; 16.22) e até mesmo fórmulas litúrgicas futuras a serem repetidas e cantadas pelos santos e anjos no céu (veja exemplos em Apocalipse, nos capítulos 4, 5, 7, 11, 15, 16, 19 e 22). Vemos padrões e estruturas em todo lugar.

Além disso, um exame de documentos da Igreja Primitiva – como a Epístola aos Coríntios, de Clemente (c.95), a Epístola aos esmirnenses (112 d.C), o Didaquê (início do século II), Primeira Apologia de Justino Mártir (c.155) e Tradições Apostólicas de Hipólito (c.200) – mostra a existência de sequencias de adoração específicas na Igreja Primitiva, incluindo leituras responsivas, instruções sobre a ceia, responsos litúrgicos, esboços de oração, esboços de bênçãos e várias regras para mestres e pregadores.^[Nota 543]

Além das considerações de DeYoung, podemos identificar outras tantas marcas de uma gradual institucionalização do *modus*

operandi da igreja nas páginas do Novo Testamento. Foram citados neste livro os critérios da escolha de Matias e também da instituição do diaconato, onde percebe-se a construção de fórmulas para identificação dos candidatos aos ofícios. Além disso, vemos na separação de Barnabé e Saulo para o engajamento missionário, o emprego do ato litúrgico da “imposição de mãos” (At 13.3), provavelmente semelhante à que fizeram os apóstolos quando da instituição do diaconato (At 6.6) e também da consagração de Timóteo (1Tm 4.14). Neste caso, Paulo menciona a expressão “presbitério” e este corpo de anciãos não fora visto com desconfiança pelo apóstolo e tampouco o ato de consagração desprestigiado.

Nas viagens missionárias registradas no livro de Atos dos Apóstolos há a menção de igrejas fundadas por Paulo e da constituição por ele de presbíteros (At 14.23). Aqui vemos, portanto, dois atos fixos: a constituição de comunidades de fé e ordenação de oficiais eclesíasticos, algo muito questionado hoje pelo movimento dos desigrejados, que insistem em olhar para tais expedientes como algo incomum e estranho à verdadeira Igreja do Senhor Jesus Cristo. Acerca dos presbíteros, inclusive, lemos que Paulo os tinha em tanta honra e destaque natural pela liderança que exerciam que, quando de sua ida para Roma, os chamou para despedida (At 20.17-38) e quando escreve sua carta a Timóteo, exorta-o acerca dos direitos, deveres e responsabilidades dos mesmos (1Tm 5.17-22), além de suas reconhecidas recomendações para aqueles que almejavam a liderança eclesial (1Tm 3.1-7), assim como ao diaconato (1Tm 3.7). Ainda falando dos ofícios, há na Carta aos Filipenses a menção dos bispos e diáconos aos quais Paulo e Timóteo escrevem (Fp 1.1), e também lemos em Atos dos Apóstolos, no capítulo quinze, acerca da presença de presbíteros

votando junto dos apóstolos acerca de um parecer dogmático na assembleia em Jerusalém.

Em suma, podemos, então, concluir que a padronização básica das igrejas não começou após a era apostólica, mas ainda quando as igrejas os tinham por perto e que certos sistemas doutrinários e litúrgicos foram exigidos para o bem das mesmas, visando manter sua permanente edificação.^[Nota 544] Antes mesmo do raiar da era apostólica, quando Jesus Cristo ainda estava com seus discípulos, há evidências no Novo Testamento e na própria tradição^[Nota 545], “do legado litúrgico”^[Nota 546] que recebera de sua família, ao, por exemplo, observar as três horas específicas de oração, além das orações à mesa da refeição.^[Nota 547] Entretanto, como pondera Joachim Jeremias, “o decisivo, porém, é que Jesus não se deu por satisfeito com o legado litúrgico”^[Nota 548], mas rompendo com o costume piedoso, não se contentou apenas com as orações litúrgicas, porquanto avança em muitas horas de oração.^[Nota 549] O fato de Jesus Cristo não rejeitar a prática das orações foi decisivo para que os apóstolos as considerassem como válidas para as práticas devocionais (At 3.1; 10.9,30), como lembra Joachim Jeremias.^[Nota 550]

A própria constituição de uma liderança eclesial não representou um distanciamento das orientações do Senhor Jesus Cristo, mas sim um desdobramento natural da constituição de igrejas, reconhecidas e recomendadas pelos apóstolos (1Pe 5.1-4), e cuja aplicabilidade no seio da comunidade de fé é uma resposta à operação dos dons ministeriais, conforme distribuição do Espírito Santo (Ef 4.11; 1Co 12.4-31). A recusa dos desigrejados em reconhecer as lideranças eclesiais, acusando-as de ilegítimas e antibíblicas não está correta e não faz jus à leitura das Escrituras Sagradas do Novo Testamento, em que todo um corpo de oficiais

vai aos poucos sendo construído e reconhecido, de acordo com a necessidade dos santos e a distribuição dos carismas.

Houve, certamente, exageros e distorções quanto à institucionalização da igreja.^[Nota 551] É dever dos doutores e teólogos da igreja identificá-los para que se retire tudo o que for incomum e espúrio à natureza da Igreja de Cristo. Tal tarefa não se dará através das tentativas dos desigrejados de destruir a igreja institucional ou de torná-la ilegítima, mas, sim, por aqueles que acreditam na sua relevância histórica, pedagógica e teológica como expressão visível do Corpo do Senhor Jesus Cristo na terra (Ef 4.12-16) e que não se limitam em reconhecer apenas o seu aspecto místico. J. Scott Horrel testemunha acerca de um grupo de cristãos norte-americanos (Comunidade Goleta, na Califórnia) que, nos idos de 1960, tentou ser uma comunidade que “seguia apenas o Espírito”, despindo-a de qualquer traço institucional.^[Nota 552] A experiência não durou muito tempo e Horrell explica o porquê:

É difícil para que tais grupos, por falta de coordenação, sobrevivam mais que alguns meses ou anos. No século 21, vemos uma proliferação de formas inovadoras tanto de comunidades do Espírito Santo quanto experimentos pós-modernos. É provável que milhares desses grupos dissolvam-se pela simples falta de estrutura.^[Nota 553]

Gene A. Getz, outro estudioso da eclesiologia, se aproxima das conclusões de Horrel, quando chama de “impossibilidade funcional” a ideia de se almejar uma igreja que seja só organismo, mas sem qualquer organização.^[Nota 554]

Nota 542 - Versão Atualizada. [Voltar]

Nota 543 - DEYOUNG, Kevin. KLUCK, Ted. Op. cit. p. 132-133. [Voltar]

Nota 544 - GOUVEIA, Ricardo Quadros. Piedade Pervertida. São Paulo: Grafo, 2006.p.61. O autor destaca que a liturgia “deve ser um meio de transporte, e não um cárcere”. Devidamente ordenados e aplicados à vida da igreja, ocupando o seu lugar no ambiente eclesial, os padrões doutrinários e litúrgicos contribuem para o desenvolvimento da comunidade de fé. [Voltar]

Nota 545 - JEREMIAS, Joachim. Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Hagnus, 2008. p. 279. Os textos neo-testamentários destacados por Joachim Jeremias e que apontam o “legado litúrgico” de Jesus são: Lc 4.16 (culto divino e comunitário no shabbat); 10.26-29 (reconhece a citação do Shema – Dt 6.5); Lc 18.9-14 (legítimas orações regulares em horários litúrgicos). [Voltar]

Nota 546 - Ibid. p. 280-281. [Voltar]

Nota 547 - Ibid. [Voltar]

Nota 548 - Ibid. p. 281. [Voltar]

Nota 549 - Ibid. [Voltar]

Nota 550 - Ibid. p. 280. [Voltar]

Nota 551 - COLLETT, Carlos H. Inovações do Romanismo em Ordem Cronológica. São Paulo: Paracletos, 2001. Na obra são apontados alguns dos acréscimos litúrgicos e teológicos que passaram a fazer parte da igreja cristã na medida em que sua institucionalização foi se desenvolvendo. [Voltar]

Nota 552 - HORREL, J. Scott. A Essência da Igreja. São Paulo: Hagnus, 2006. p. 108. [Voltar]

Nota 553 - Ibid. [Voltar]

Nota 554 - GETZ, Gene A. Igreja: Forma e Essência: O Corpo de Cristo Pelos Ângulos das Escrituras, da História e da Cultura. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 21. [Voltar]

Capítulo 17

A institucionalização da Igreja na era pós-apostólica



No século II da era cristã, a Igreja se encontraria no centro de acirradas polêmicas teológicas. Os apóstolos não estavam mais vivos e uma série de conceitos legalistas, gnósticos e de outras tantas heresias ameaçavam a doutrina cristã.^[Nota 555] Em face destas ameaças, muitos dos Pais da Igreja^[Nota 556] desenvolveram medidas que visaram a proteger o cristianismo ortodoxo. Analisaremos três destas, a saber, o Credo Apostólico^[Nota 557], a organização dos Concílios e a oficialização do Cânon do Novo Testamento. Não são poucas as vozes que criticam algumas destas medidas (entre outras) sob alegação de que as mesmas dogmatizaram a fé cristã, tornando-a um sistema doutrinário por demais racional, lógico, fixo e rígido, mas, como assevera Roger Olson, em sua “História da Teologia Cristã”, tais medidas se revelaram necessárias, pois corria-se seriamente o risco de se perder o conteúdo específico do cristianismo bíblico, caso os Pais da Igreja não agissem rapidamente. Quanto a isso, o pesquisador declara:

Graças aos conflitos com essas heresias e críticos, o cristianismo do século II começou a formalizar e institucionalizar sua vida e fé. É fácil criticar alguns aspectos desse processo de formalização. Alguns diriam que com ele o cristianismo perdeu boa parte de sua vida. Talvez seja verdade. No entanto, quando se compreende realmente a ameaça que o gnosticismo, Celso e Montano representavam ao Evangelho, fica mais difícil criticar as respostas

dos pais da igreja. Se (sic) exageraram em padronizar a crença, vida e o culto cristão, fizeram-no por uma boa causa. A outra possibilidade era a confusão e o caos dentro de uma religião folclórica sem qualquer estrutura definitiva.^[Nota 558]

Além de Roger Olson, Bruce Shelley, também pesquisador da História da Igreja, é contundente em afirmar a importância de instrumentos institucionais como o Credo Apostólico, por exemplo, que a igreja elaborou e usou com habilidade para combater os ataques heréticos que vinham de todas as direções no século II, conforme podemos ler abaixo:

Se (sic) os gnósticos tivessem vencido, os cristãos teriam abandonado sua inestimável herança do judaísmo. A robusta mensagem do cristianismo para todos os homens ter-se-ia reduzido a uma discussão de poucos, e Cristo não seria mais o modelo humano, o segundo Adão. Estaríamos perdidos entre os muitos deuses de misteriosas religiões. Os cristãos ortodoxos encontraram grande dificuldade para combater o gnosticismo [...] os gnósticos apelavam para uma revelação especial do Céu para provar sua posição [...] Então os cristãos se posicionaram contra a heresia gnóstica e, ao fazê-lo, esclareciam suas convicções ortodoxas. O melhor resumo da crença dos primeiros cristãos é o que denominamos Credo dos Apóstolos...^[Nota 559]

O Credo Apostólico

A fórmula mundialmente conhecida do Credo Apostólico^[Nota 560], embora concluída provavelmente somente por volta do sexto século^[Nota 561], remonta em sua base ao século II^[Nota 562], sendo conhecido de alguns Pais da Igreja, como, por exemplo, Tertuliano e Irineu.^[Nota 563] O Credo funcionava como uma forma de “sinal ou teste de filiação na Igreja”^[Nota 564] e exigido para aqueles que passariam pelas águas do batismo^[Nota 565], sendo, portanto, em sua origem, uma fórmula batismal.^[Nota 566]

O historiador Kenneth Scott Latourette associa o uso do Credo Apostólico como forma de combate às heresias marcionistas.^[Nota 567] Vejamos:

O símbolo romano bem pode ter sido uma elaboração de uma fórmula anterior que remonta a uma fórmula batismal primitiva, modificado de tal modo a deixar claro que o candidato ao batismo não aderiria às crenças em que Marcião, que tinha um grupo forte de seguidores em Roma, diferia da Igreja Católica. A afirmação de abertura, “Creio em Deus Pai Todo-Poderoso” [...] elimina totalmente a argumentação de Marcião que o mundo é a criação do Demiurgo e não do Pai amoroso. As frases que se seguem “e em Jesus Cristo, seu Filho, que nasceu da Virgem Maria, foi crucificado sob o poder de Pôncio Pilatos, ao terceiro dia ressurgiu dos mortos, subiu aos céus...” claramente não permite o ensino marcionista que Cristo era um fantasma.^[Nota 568]

Apesar do conflito com os marcionistas contribuir de alguma maneira para a formulação do Credo dos Apóstolos, muitas de suas

palavras remontam ao século I, sendo uma “expressão do que era ensinado pelos apóstolos”^[Nota 569] e foi, sem dúvida, uma síntese teológica que auxiliou à Igreja a compreender parte do todo da doutrina cristã, ainda em descoberta e construção.

O Credo dos Apóstolos foi parte do “desenvolvimento de uma regra de fé”^[Nota 570], ou seja, “uma declaração de fé para uso público”^[Nota 571], sendo o mais antigo documento que contém as doutrinas fundamentais do cristianismo^[Nota 572] e uma evidência da necessidade de instrumentalização da igreja para lidar com os ataques heréticos, uma vez que não contava mais com a presença dos apóstolos para orientá-la. Olson reconhece que, sem a estrutura organizacional, da qual o Credo Apostólico foi uma das expressões, “qualquer pessoa podia corromper os ensinamentos da igreja pela persuasão e carisma”.^[Nota 573]

Outro Credo^[Nota 574] conhecido e importante para a construção da ortodoxia cristã foi o Credo de Niceia ou Niceno-constantinopolitano^[Nota 575], elaborado no Concílio de Niceia (325 d. C.), sendo revisto ou revisado em 381 d. C., no Concílio de Constantinopla.

A organização dos concílios ecumênicos

Outro recurso institucional fundamental para a preservação da igreja e da teologia cristã foi a organização dos Concílios Ecumênicos, onde importantes formulações teológicas e doutrinárias foram construídas a fim de dogmatizar determinadas afirmações acerca da fé cristã.^[Nota 576]

No início, os Concílios tinham mais um caráter sinodal, pois eram convocados por um bispo e não contavam com representantes de todas as igrejas, não sendo, portanto, universal^[Nota 577] e também não possuíam uma autoridade central que presidisse as sessões.^[Nota 578] Posteriormente, os concílios ganhariam maior expressão e representatividade, como o de Niceia, por exemplo, que contou com a participação de bispos de diversas partes do Império Romano^[Nota 579] e foi convocado pelo próprio imperador.^[Nota 580] Podemos dizer que os Concílios visaram a explicar da forma mais lógica possível o mistério da fé, além de preservá-la contra as heresias. Portanto, compreensões quanto à Trindade, as duas naturezas de Cristo, a Pessoa e a Obra do Espírito Santo foram cristalizadas nos concílios que pavimentaram o caminho da teologia cristã, ao passo que tentavam também responder a acalorados debates de grupos de cristãos que discordavam sobre detalhes de tais temas.

Os primeiros concílios são os mais famosos da História da Igreja e também os que são aceitos por quase todas as expressões da cristandade, sendo os mesmos o Concílio de Jerusalém (49 d. C.)^[Nota 581] – que, aliás, foi o único marcado pela presença dos apóstolos, conforme narrativa do capítulo quinze do livro de Atos dos Apóstolos e, por essa razão, alguns estudiosos o consideram “como o único realmente autoritário”^[Nota 582] (embora, geralmente, baseando-se em determinados critérios, veremos que os primeiros

Concílios reconhecidos são contados apenas a partir do Concílio de Niceia^[Nota 583] -; o Concílio de Niceia (325 d. C.)^[Nota 584]; o Concílio de Constantinopla I (381 d. C.)^[Nota 585]; o Concílio de Éfeso (431 d. C.)^[Nota 586] e o Concílio de Calcedônia (451 d. C.)^[Nota 587]

Em tais Concílios a teologia cristã ganhou seus contornos e uma série de afirmações fundamentais foi sendo elaborada durante os mesmos, sempre visando preservar o mistério da fé.

Os Concílios foram também instrumentos de institucionalização da igreja e o conteúdo produzido auxiliou-a a fixar determinados padrões doutrinários que garantiram aos cristãos em todas as épocas a compreensão dos elementos centrais do cristianismo. Sem os Concílios provavelmente não teríamos hoje, por exemplo, uma teologia trinitariana bem formulada, sistematizada e desenvolvida, que faz parte do núcleo central da fé cristã.

Heresias como o docetismo^[Nota 588], maniqueísmo^[Nota 589], monarquismo^[Nota 590], donatismo^[Nota 591], arianismo^[Nota 592], nestorianismo^[Nota 593], apolinarismo^[Nota 594], macedonianismo (ou pneumatomaquismo)^[Nota 595], patripassianismo^[Nota 596], monofisismo^[Nota 597], e o pelagianismo^[Nota 598] foram combatidas e devidamente respondidas nos Concílios e a vitória destes sobre as controvérsias é considerada como um dos maiores feitos do cristianismo e uma das razões de sua não diluição na história.

Os Concílios se tornaram, inclusive, palco maior de importantes personagens da teologia cristã. Nomes como Alexandre de Alexandria^[Nota 599], Atanásio^[Nota 600], Basílio de Cesareia^[Nota 601], Gregório Nazianzeno^[Nota 602], Gregório de Nissa^[Nota 603], Agostinho de Hipona^[Nota 604] e outros se tornaram conhecidos, assim como suas contribuições teológicas, no contexto dos Concílios. Nem todos se fizeram presentes nas reuniões conciliares, mas seus escritos, de tão importantes, os influenciaram profundamente^[Nota 605],

produzindo aquilo que se convencionou chamar de ortodoxia.^[Nota 606]

A importância histórica e teológica dos Concílios pode ser avaliada nas palavras de Roger Olson:

Muitos Cristãos evangélicos da era moderna chegaram a considerar os quatro primeiros concílios e o Credo de Niceia (Niceno-constantinopolitano) como marcos da verdade cristã, que devem ser respeitados, mas não venerados como se possuíssem a mesma autoridade das Escrituras. Até mesmo muitos teólogos evangélicos das igrejas livres expressam grande apreço e respeito pelo Credo de Niceia e pelas decisões mar-cantes dos quatro primeiros concílios, comparando-as com as decisões do Supremo Tribunal Federal da União – interpretações autorizadas da constituição. Aos olhos deles, a Bíblia é uma espécie de Constituição da República. Os primeiros concílios e especialmente o Credo de Niceia recebem das Escrituras sua autoridade. Usando outra analogia, eles são como a luz da lua que reflete a do sol, mas não deixa de ter sua utilidade na noite escura da ignorância e do erro.^[Nota 607]

As decisões teológicas dos Concílios foram tão importantes e são tão fundamentais para a fé cristã que, mesmo o movimento dos desigrejados com toda rejeição que possuem às construções institucionais do cristianismo, não proferem, contudo, qualquer sentença contrária às formulações teológicas produzidas nos Concílios. Mesmo obras extremamente polêmicas e belicosas contra a igreja institucional, como “Cristianismo Pagão”, não questionam o que fora produzido em tais reuniões, gerando, inclusive, surpresa neste ponto, pois na obra, seu autor, Frank Viola, denuncia sermões, púlpitos e templos como corrupções^[Nota 608] da verdadeira

Igreja de Cristo, entretanto, mantém curioso silêncio em relação às doutrinas afirmadas. A conclusão lógica da abordagem de Viola deveria levá-lo a afirmar que tais doutrinas seriam pagãs, pois foram produzidas por pensadores cristãos fortemente influenciados pela filosofia grega, tendo à frente das reuniões líderes cristãos controvertidos, como era o caso do imperador Constantino, no Concílio de Niceia. Todavia, o polêmico escritor não faz qualquer comentário negando ou lançando dúvidas sobre as resoluções dos Concílios Ecumênicos.

A oficialização do Cânon do Novo Testamento

A palavra Cânon deriva do grego κανων e significava, primeiro, “caule de junco”^[Nota 609], uma vara reta, usada como régua^[Nota 610]; posteriormente, “regra”, “norma”.^[Nota 611] Dentro da tradição cristã, o Cânon se refere à “lista dos escritos reconhecidos pela igreja como documentos de revelação divina”.^[Nota 612]

A elaboração do Cânon é outra evidência de um processo inevitável e vital de sistematização da fé cristã e da institucionalização da igreja. A confecção da lista do Novo Testamento, assim como o seu reconhecimento oficial, conferindo-lhe o *status* de Escritura^[Nota 613], aconteceu em um processo longo e complexo^[Nota 614], tendo o seu início por volta dos anos 140-150 d. C.^[Nota 615] e, um dos principais objetivos (não o único) em identificar uma lista de livros sagrados do Novo Testamento, era a preocupação com a saúde teológica da igreja, uma vez que uma série de tradições já circulava^[Nota 616] e a ameaçava, levando-a a reconhecer a necessidade de uma âncora doutrinária para a fé cristã. Assim como o Antigo Testamento era um guia fiel e seguro sobre as promessas messiânicas em que os cristãos poderiam se debruçar e afirmar que o Cristo vinha sendo anunciado desde os tempos de Adão, ficou evidente a importância de semelhante padrão doutrinário confiável que testemunhasse do cumprimento de tais promessas e que fosse normativo.

O ponto de partida para a listagem e reconhecimento do Cânon do Novo Testamento foi, de acordo com alguns autores^[Nota 617], uma reação ao Cânon elaborado pelo herege Marcion de Sínope.^[Nota 618] Há pesquisadores, contudo, que questionam esta ideia, alegando que a igreja, antes de Marcion, de forma não oficial, enxergava alguns escritos (evangelhos e epístolas) como normativos, cuja

leitura fora recomendada por alguns dos Pais da Igreja que os equiparavam com as Escrituras do Antigo Testamento.^[Nota 619] F. F. Bruce, erudito do Novo Testamento, por exemplo, citando Theodor Von Zahn, prefere a hipótese de que “Marcion formou sua Bíblia em oposição aos escritos sagrados da igreja da qual havia se separado”.^[Nota 620] Neste caso, então, conforme hipótese de Zahn, Bruce concorda que com o ataque de Marcion, a igreja apenas “tomou consciência de sua herança de escritos apostólicos”.^[Nota 621] Contudo, mesmo Bruce, concordando com a maioria esmagadora dos historiadores da Igreja, reconhece que, em termos de uma tentativa de uma listagem canônica do Novo Testamento, Marcion, de fato, foi pioneiro a fazer.^[Nota 622] Além disso, há também indícios de uma lista de livros canônicos reconhecidos pelo famoso líder gnóstico do século II, Valentino^[Nota 623], contemporâneo de Marcion.^[Nota 624] Em documentos valetinianos descobertos em 1945, no Egito, há registros cujas datas de edição estão entre os anos de 140 a 150 d. C.^[Nota 625], que fazem referência aos Evangelhos de Mateus e Lucas (talvez com Atos), aos escritos joaninos (evangelho e a primeira epístola), às cartas paulinas (sem as pastorais), Hebreus e Apocalipse. De acordo com F. F. Bruce, o tratado descoberto “não somente alude, mas também cita essas obras em termos que pressupõem sua autoridade”.^[Nota 626] Resta pouca dúvida, portanto, que a formação do Cânon do Novo Testamento ocorreu dentro de um contexto de debates, controvérsias e afirmações em defesa da fé ortodoxa. Responder a homens como Marcion e Valentino, fixando quais livros eram realmente inspirados e canônicos, se tornou de vital importância, conforme podemos ler nas palavras de F. F. Bruce:

As características distintas do marcionismo e do valentinianismo tinham pelo menos uma coisa em comum –

eram reconhecidas como novidades. Os líderes da igreja católica sabiam que isso não era o que tinham ouvido desde o princípio. Mas, seus seguidores tinham que ser esclarecidos sobre qual era o erro desses novos movimentos: se os ensinamentos de Marcion e Valentino não eram sadios, o que era a sã doutrina, e como ela poderia ser defendida?

Na resposta católica a esse duplo desafio, aquilo que veio a ser chamado de “regra de fé” desempenhou um papel crucial. A “regra de fé” foi um resumo das doutrinas sustentadas pelas igrejas de fundação apostólica: está intimamente relacionada ao que é chamado de “Tradição Apostólica”. R. P. C. Hanson a descreve como “um diagrama da interpretação da Bíblia pela igreja dos séculos II e III”. Na instituição e na defesa da regra de fé, o apelo à Bíblia era algo básico. No debate contra os valentinianos e outros de perspectiva semelhante, a interpretação da Bíblia era o ponto em questão. No debate com os marcionistas, a identidade da Bíblia tinha que ser definida. Onde a interpretação da Bíblia estava em questão, havia uma tendência a afirmar que somente a igreja católica tinha o direito de interpretá-la, porque a Bíblia é o livro da igreja, mas, na controvérsia marcionista, uma resposta tinha que ser dada para a pergunta mais fundamental: o que é a Bíblia?^[Nota 627]

O Cânon do Novo Testamento, conforme se conhece hoje, com seus vinte e sete livros, foi reconhecido e oficializado pela igreja no Sínodo de Cartago (atual Tunísia, no Norte da África), em 397 d. C. ^[Nota 628] Critérios^[Nota 629] como circulação universal^[Nota 630], autoria apostólica ou discipular^[Nota 631], cronologia dos textos^[Nota 632] e conteúdo^[Nota 633] foram exaustivamente considerados no intuito de se reconhecer quais livros eram legítimos.

De qualquer forma, independente das circunstâncias que provocaram a oficialização do Cânon do Novo Testamento, o fato é que o mesmo foi de extrema importância para a Igreja e sua ocorrência deuse dentro de um processo de institucionalização da mesma e que o seu reconhecimento obedeceu a critérios formais. [Nota 634] Curiosamente, o movimento dos desigrejados não questiona a formação do Cânon do Novo Testamento. Embora com o farto testemunho histórico que o processo de canonicidade foi institucional^[Nota 635], os desigrejados não negam o valor da Bíblia. O que nos leva a concluir que a insistência do movimento em negar qualquer ação da igreja institucional é inconsistente, na melhor das hipóteses, ou fraudulenta, na pior delas^[Nota 636], pois se todas as ações institucionais da igreja são espúrias e maléficas (como alegam), logo, a oficialização do Cânon, promulgada em um Sínodo (Cartago), uma reunião clerical que os desigrejados não reputam qualquer legitimidade, valia e autoridade^[Nota 637], deveria ser considerada pelo movimento como desprovida de importância e significado e, em consequência, a Bíblia deveria ser desautorizada. É a conclusão óbvia que podemos chegar.

Entretanto, os desigrejados mantêm o silêncio também quanto a este ponto.

Nota 555 - STARK, Rodney. O Crescimento do Cristianismo. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 157. O autor (professor de Sociologia e Religião Comparada da Universidade de Washington - EUA), no contexto de seu comentário sobre os gnósticos, pontua sobre “os diversos cristianismos” e sobre as “facções que esposavam visões bem diferentes de Cristo e da Escrituras, cada qual procurando ser o cristianismo”. [Voltar]

Nota 556 - Termo que descreve os destacados teólogos da Igreja Cristã entre o início do século II e o final do século V. [Voltar]

Nota 557 - Também conhecido como Velho Credo Romano. [Voltar]

Nota 558 - OLSON, Roger. Op. cit. p. 38. [Voltar]

Nota 559 - SHELLEY, Bruce L. Op cit. p. 62. [Voltar]

Nota 560 - Creio em Deus Pai, Todo-poderoso, Criador do Céu e da terra. Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; ressurgiu dos mortos ao terceiro dia; subiu ao Céu; está sentado à direita de Deus Pai Todo-poderoso, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Universal; na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição do corpo; na vida eterna. Amém. [Voltar]

Nota 561 - LATOURETTE, Kenneth Scott. Op. cit. v. 1. p. 179. [Voltar]

Nota 562 - Ibid. [Voltar]

Nota 563 - Ibid. [Voltar]

Nota 564 - Ibid. [Voltar]

Nota 565 - Ibid. [Voltar]

Nota 566 - Ibid. [Voltar]

Nota 567 - Marcion de Sínope (85-160 d. C). Comerciante náutico, filho de um bispo de Sínope. Pregava que Jeová, o Deus revelado no Antigo Testamento, era um ente (demiurgo) imperfeito, vingativo e criador de um mundo material e vil, enquanto que o Deus revelado nas páginas do

Evangelho de Lucas, o Pai de Jesus Cristo, era amoroso e perdoador. Marcion foi o primeiro a estabelecer um Cânon do Novo Testamento que considerava apenas o Evangelho de Lucas e as Epístolas Paulinas, com exceção das pastorais. [Voltar]

Nota 568 - LATOURETTE, Kenneth Scott. Op. cit. p. 179. [Voltar]

Nota 569 - Ibid. p. 180. [Voltar]

Nota 570 - CAIRNS, Earle E. Op. cit. p. 95. [Voltar]

Nota 571 - Ibid [Voltar]

Nota 572 - Ibid. [Voltar]

Nota 573 - OLSON, Roger. Op. cit. p. 129. [Voltar]

Nota 574 - Além do Credo Apostólico e do Credo de Niceia, foram também importantes para a história da igreja o Credo Atanasiano e o Credo de Calcedônia. O Credo Atanasiano, de acordo com a tradição, teria sido elaborado por Atanásio (295-373), bispo de Alexandria, sendo, conforme as palavras de Hermisten Maia, “amplamente considerado na Idade Média: Na igreja Latina era quase que diariamente usado nas devoções matinais”. O Credo de Calcedônia foi outra síntese teológica importante, elaborada no Concílio de Calcedônia (451 d.C), onde se ratificou a fórmula dos Credos anteriores (Niceno e Niceno-Constantinopolitano). Cf. COSTA, Hermistem Maia Pereira da. Op. cit. p. 28-36. Para se conhecer o texto dos Credos Atanasiano e de Calcedônia, conferir a obra de Hermisten Maia nas páginas 42-45. [Voltar]

Nota 575 - Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, gerado do Pai antes de todos os séculos Deus de Deus, Luz da luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado, não feito, da mesma substância do Pai. Por Ele todas as coisas foram feitas. E, por nós, homens, e para a nossa salvação, desceu dos céus: Se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem. Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado. Ressuscitou dos mortos ao terceiro dia, conforme as Escrituras; E subiu aos céus, onde está assentado à direita de Deus Pai. Donde há de vir, em glória, para julgar os vivos e os mortos; e o Seu reino não terá fim. Creio no Espírito Santo, Senhor e fonte de vida, que procede do Pai; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Ele falou pelos profetas. Creio na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica.

- Confesso um só batismo para remissão dos pecados. Espero a ressurreição dos mortos; E a vida do mundo vindouro. Amém [Voltar]
- Nota 576 - KELLY, J. N. D. Patrística. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 4. [Voltar]
- Nota 577 - São os casos dos sínodos pré-nicenos (Roma 197 d. C., Cartago 256 d. C., Elvira 306 d. C., Gália 314 d. C.). [Voltar]
- Nota 578 - OLSON, Roger. Op. cit. p. 161. [Voltar]
- Nota 579 - bid. [Voltar]
- Nota 580 - Constantino, no caso. [Voltar]
- Nota 581 - Convocado pelos apóstolos decidiu-se sobre os limites comportamentais que cristãos de origem gentílica deveriam assumir, a fim de não ofenderem aos seus irmãos de origem judaica. [Voltar]
- Nota 582 - CHAMPLIN, Russel Norman. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. v. 1. São Paulo: Hagnus, 2011. p. 831. [Voltar]
- Nota 583 - OLSON, Roger. Op. cit. p. 162. [Voltar]
- Nota 584 - Realizado em 325 d. C. Sua principal decisão foi a proclamação da igualdade entre as pessoas do Pai e do Filho, condenando o arianismo como heresia. Foi o primeiro concílio a reunir toda a cristandade. [Voltar]
- Nota 585 - Realizado em 381 d. C. Afirmou a natureza divina do Espírito Santo. [Voltar]
- Nota 586 - Realizado em 431 d. C. Reconheceu a unidade pessoal de Cristo e condenou o nestorianismo. [Voltar]
- Nota 587 - Realizado em 451 d. C. Afirmou a unidade perfeita das duas naturezas (divina e humana) de Jesus, condenando o monofisismo. [Voltar]
- Nota 588 - Docetismo (Século I) - Negava que Jesus tivesse um corpo físico, mas apenas uma aparência (δοκέω = dokéo) humana. Foi um desdobramento do gnosticismo. Parece ter sido respondido em 1João 4.2 e em 2João 7. [Voltar]
- Nota 589 - Heresia do século II. Fundado por Mani, um persa, nascido no terceiro século da era cristã (216-276). Seu sistema misturava conceitos do cristianismo, Zoroastrismo e outras religiões orientais. Defendia a existência de dois princípios eternos em oposição (luz e trevas). A alma do homem se relacionava com a luz, enquanto que seu corpo com as trevas. Para obter a salvação era necessário o homem liberar a luz que estava presa ao seu corpo. Mediante a exposição ao Cristo, a luz era liberada. Era asceta e desconfiava dos impulsos sexuais, exaltando a vida de solteiro. O maniqueísmo influenciou fortemente a vida de Agostinho de Hipona (Santo Agostinho), antes de sua conversão. [Voltar]

- Nota 590 - O Monarquianismo dinâmico, também conhecido como adocionismo, defendia a unidade do Ser de Deus e negava a deidade de Jesus, afirmando que o homem de Nazaré fora tão somente adotado por Deus, recebendo seu poder. Paulo de Samosáta, Bispo de Antioquia (260), defendia esta posição. O Monarquianismo modalista, afirmava que Deus é uma só pessoa com três modos ou manifestações (Pai, Filho e Espírito Santo), não existindo distinções pessoais (Trindade). Um dos grandes defensores desta posição foi Sabélio. O Modalismo também ficou conhecido como patripassianismo, sendo Noeto de Esmirna e Práxeas seus defensores mais conhecidos. [Voltar]
- Nota 591 - Movimento criado por Donato, um cristão do norte da África que se recusava a reconhecer a autoridade de bispos que negaram a fé em Cristo (os traidores) por ocasião das perseguições imperiais promovidas por Diocleciano e que, posteriormente, arrependidos, desejaram voltar à comunhão. [Voltar]
- Nota 592 - De Ário, um presbítero da Alexandria. Ensinava que O Filho não era eterno, mas fora gerado, criado pelo Pai, além de ser-lhe subordinado. [Voltar]
- Nota 593 - De Nestório, um cristão nascido na região da Antioquia (Turquia). Afirmava que a encarnação consistia na relação de duas pessoas: o eterno Filho de Deus (o Logos) e o mortal Jesus, de Nazaré. Portanto, Jesus não era uma pessoa, mas sim duas (mortal e eterna), habitando juntas na encarnação. Seria como um casal. [Voltar]
- Nota 594 - De Apolinário, bispo de Laodiceia. Anunciava que a encarnação do Verbo não implicou sua mente. Isto é, na encarnação, Jesus assumiu, em seu corpo, a totalidade humana, mas sua mente permaneceu divina. [Voltar]
- Nota 595 - Macedonianismo (Pneumatomaquismo) - Séc IV. De Macedônio I. Negava a divindade do Espírito Santo. [Voltar]
- Nota 596 - Doutrina associada à Noeto de Esmirna e Práxeas que defendia que os sofrimentos de Cristo eram, na verdade, sofrimentos do Pai. [Voltar]
- Nota 597 - O Eutiquianismo (monofisismo) - Séc V. De Eutiques, monge nascido em Constantinopla. Defendia o monofisismo, isto é, que Jesus possuía apenas uma natureza e que esta fora resultado da absorção de sua humanidade pela sua divindade (como uma gota de mel no oceano). [Voltar]

- Nota 598 - De Pelágio (Século V), nascido na Bretanha. Negava o pecado original, defendia o livre-arbítrio total da humanidade e ensinava que a graça de Deus era um esclarecimento aos homens e que a salvação se dava pela imitação de Cristo. [Voltar]
- Nota 599 - Bispo de Alexandria entre os anos de 313-327 d. C. Sua encíclica condenando as ideias de Ário provocou o imperador Constantino a convocar o famoso Concílio de Niceia (325), onde se confirmou o arianismo como sendo uma heresia [Voltar]
- Nota 600 - Conhecido como o “Anão Negro”, nasceu em 296 d. C. Assumiu o episcopado da igreja em Alexandria em 326, após a morte do bispo Alexandre. Polêmico e brilhante, atuou no patriarcado de Alexandria por quarenta e cinco anos, até a sua morte, em 373 d. C. [Voltar]
- Nota 601 - Basílio de Cesareia (330-379). Destacado líder monástico, administrador e teólogo. Foi bispo em Cesareia, após a morte de Eusébio, em 370 d. C. [Voltar]
- Nota 602 - Gregório Nazianzeno (330-390). Teólogo, orador e poeta. Foi Patriarca em Constantinopla, presidindo, inclusive, o famoso Concílio de Constantinopla (381). [Voltar]
- Nota 603 - Gregório de Nissa. Irmão de Basílio de Cesareia. Brilhante teólogo, exegeta e escritor. Nasceu em 335. Foi o orador oficial do Concílio de Constantinopla. Morreu no ano 395. [Voltar]
- Nota 604 - Agostinho de Hipona (354-430). Considerado um dos pilares da teologia cristã. A Igreja Católica Apostólica Romana considera-o como um dos “Doutores da Igreja”, título concedido para aqueles que com seus escritos, sermões, obras e vida consagrada contribuíram para o avanço do pensar teológico do cristianismo. [Voltar]
- Nota 605 - São os casos de dois dos Pais Capadócijs: Basílio de Cesareia e Gregório Nazianzeno. O primeiro morreu em 379, dois anos antes, portanto, da realização do Concílio de Constantinopla. O segundo, embora convocado pelo imperador Teodósio para presidir o Concílio, além de assumir o Patriarcado da Cidade, exerceu as funções por curto espaço de tempo, pois renunciou a ambos os ofícios, recolhendo-se para sua cidade natal (Nazianzo) até os dias de sua morte. [Voltar]
- Nota 606 - OLSON, Roger. Op. cit. p. 197. [Voltar]
- Nota 607 - Ibid. p. 164. [Voltar]
- Nota 608 - VIOLA, Frank. Op. cit. p. 41-173. [Voltar]

- Nota 609 - CULLMANN, Oscar. A Formação do Novo Testamento. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 89. [Voltar]
- Nota 610 - BRUCE, F. F. O Cânon das Escrituras. São Paulo: Hagnus, 2011. p. 17. [Voltar]
- Nota 611 - CULLMANN, Oscar. Op. cit. p. 89. [Voltar]
- Nota 612 - HANSON, R. P. C. Origen's of tradition: Londres, 1954. p. 93, 133. Apud. BRUCE, F. F. Op. cit. p. 17. [Voltar]
- Nota 613 - HARRIS, Laird. Inspiração e Canonicidade da Bíblia. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 218. Nesta obra, o autor, professor emérito do Covenant Theological Seminary, sugere que o status de "Escritura" foi tão somente um ato de reconhecimento, isto é, os livros do Novo Testamento não se tornaram parte das Escrituras por que foram aceitos pelos cristãos dos primeiros séculos, mas, ao contrário, foram lidos, aceitos e reconhecidos por que eram partes das "Escrituras". [Voltar]
- Nota 614 - Não apenas em relação ao Novo Testamento, mas o processo de formação, reconhecimento e oficialização das Escrituras do Antigo Testamento também demandou longo, intenso e acurado trabalho. Cf. MILLER, Stephen M. & HUBER, Robert V. A Bíblia e sua história – o surgimento e o impacto da Bíblia. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.p.10-63. Cf. DOCKERY, David S (ed.). MANUAL BÍBLICO VIDA NOVA. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.p. 33-36. Cf. HARRIS, Laird. Op.Cit. p. 127 - 215. [Voltar]
- Nota 615 - CULLMAN, Oscar. Op. cit. p. 90. [Voltar]
- Nota 616 - Ibid. [Voltar]
- Nota 617 - Ibid. p. 91. [Voltar]
- Nota 618 - No Cânon de Marcion constava apenas uma variação do Evangelho de Lucas e as Epístolas de Paulo, sem as pastorais. [Voltar]
- Nota 619 - HARRIS, Laird. Op. cit. p. 231-232. [Voltar]
- Nota 620 - BRUCE, F. F. Op. cit. p. 131. [Voltar]
- Nota 621 - Ibid. [Voltar]
- Nota 622 - Ibid. p. 132. [Voltar]
- Nota 623 - Pensador gnóstico de maior influência nos tempos do cristianismo primitivo. Viveu entre os anos de 100-160 d. C. [Voltar]
- Nota 624 - BRUCE, F. F. Op. cit. p. 133. [Voltar]
- Nota 625 - Ibid. [Voltar]
- Nota 626 - Ibid. [Voltar]
- Nota 627 - Ibid. p. 136. [Voltar]

Nota 628 - CHAMPLIN, Russell Norman. Op. cit. p. 636. [Voltar]

Nota 629 - Ibid. p. 636-637. [Voltar]

Nota 630 - Foram rejeitados os livros que circulavam em apenas algumas regiões ou setores da igreja. [Voltar]

Nota 631 - Os textos dos apóstolos Paulo e Pedro e de discípulos como João Marcos e Lucas foram aceitos. [Voltar]

Nota 632 - Textos escritos tardiamente, após a era apostólica, foram rejeitados. [Voltar]

Nota 633 - Textos de conteúdo fabuloso como, por exemplo, o Apocalipse de Pedro, e ou heréticos, como o Evangelho de Tomé, também ficaram de fora no Cânon do Novo Testamento. [Voltar]

Nota 634 - CHAMPLIN, Russel Norman. Op. cit. p. 636-637. [Voltar]

Nota 635 - O processo institucional de canonicidade do Novo Testamento foi tão somente resposta e reconhecimento dos líderes cristãos dos primeiros séculos da História da Igreja diante da inspiração do Espírito Santo. Conforme ensina Laird Harris, ao argumentar em prol do conceito de canonicidade: “Um livro está no cânon porque foi reconhecido como sendo verbalmente inspirado”. Cf. HARRIS, Laird. Op.Cit.p.132. Em outras palavras, a oficialização do Cânon por parte da Igreja não determinou quais textos eram inspirados divinamente, mas sim e apenas os reconheceu publicamente. [Voltar]

Nota 636 - CAMPOS, Idauro. Frank Viola: Fraude ou Inconsistência? Disponível em: <http://teologiaentreamigos.blogspot.com.br>. Acesso em: 03 out 2013. [Voltar]

Nota 637 - VIOLA, Frank. Op. cit. p. 173-226. [Voltar]

Capítulo 18

O mito da Igreja Primitiva



Outro aspecto controvertido do movimento dos desigrejados é a insistência da instauração de uma igreja contemporânea nos mesmos moldes da Igreja Primitiva. Os desigrejados querem uma igreja parecida com a do século I, não levando em conta que a mesma foi uma comunidade histórica e, logo, única. Geralmente atribui-se uma importância ufanista e exagerada àquela comunidade, como se tudo que fizesse devesse ser copiado, desconsiderando aspectos históricos implicados nas narrativas bíblicas que tratam da primeira igreja cristã. O movimento erra ao não avaliar de forma precisa equívocos que a Igreja Primitiva cometera em sua extraordinária fase incipiente. Destarte, é certo assegurar que nem tudo que fora realizado pelos primeiros cristãos deverá ser copiado pelos contemporâneos^[Nota 638], sendo dever dos teóricos eclesiásticos o cuidado em identificar as diferenças entre as “partes narrativas e didáticas das Escrituras e sobre a importância de permitirmos que a parte didática controle a interpretação da parte narrativa”^[Nota 639], a fim de que evitemos o romantismo acerca da Igreja Primitiva, conforme alertou John Stott:

Precisamos ser realistas. Existe o perigo de romantizarmos a Igreja Primitiva, falando dela em tom solene, como se não tivesse falhas. Isso significaria fechar os olhos diante das rivalidades, hipocrisias, imoralidades e heresias que atormentavam a igreja, como acontece agora.^[Nota 640]

Como exemplo da afirmação acima, podemos ler as seguintes palavras de Frank Viola em seu livro “Reimaginando a igreja”, um dos mais incisivos encorajadores da deserção eclesial:

Algo dentro de mim ansiava profundamente por uma experiência de igreja que se aproximasse mais a respeito do que eu lia no Novo Testamento. E em nenhuma das igrejas tradicionais que frequentava parecia que eu poderia encontrar isso. De fato, quanto mais lia a Bíblia, mais me convencia do quanto a igreja contemporânea havia se afastado de suas raízes bíblicas.

Como resultado dessa combinação de fatores, tomei a decisão de romper com a igreja institucional e passei a me reunir com um grupo de cristãos de maneira orgânica.^[Nota 641]

Viola parece sugerir em muitas linhas de seus textos que tudo que fora produzido pelos cristãos primitivos está absolutamente correto e que deva ser seguido por todos os crentes em todas as épocas. Se não faz tal afirmação categórica e dogmaticamente, ao menos, deixa implícito, conforme se pode constatar:

Acredito que a igreja do primeiro século era a igreja em sua forma mais pura [...] A Igreja no primeiro século era uma entidade orgânica. Era um organismo vivo que respirava e expressava a si mesma [...] As práticas da igreja do primeiro século eram expressões naturais e espontâneas da vida divina que moravam no coração dos primeiros cristãos.^[Nota 642]

Muitos movimentos restauracionistas têm na Igreja Primitiva o seu modelo, onde procuram a experiência de fé mais próxima daquela narrada nas páginas do Novo Testamento. Quakers, darvistas, anabatistas e muitos outros movimentos cristãos restauracionistas

lutaram e, atualmente, os desigrejados também empenham-se por um modelo de cristianismo despido de liturgia, templo e sistematização e enxergam na Igreja Primitiva a esperança de se atingir tal formato de espiritualidade.

Acontece que a Igreja Primitiva foi única. Nunca mais se repetirá, pois sua ocorrência estava ligada a eventos históricos fundamentais do cristianismo.^[Nota 643] Portanto, qualquer ideia de restaurar a Igreja Primitiva em seus antigos padrões é mítica. Além disso, a Igreja Primitiva nada tinha de pura. Desde o início, ganância (Ananias e Safira), disputas (viúvas hebreias e helenistas), rivalidades (Paulo x Barnabé e João Marcos; Paulo x Pedro) e acomodação^[Nota 644] fizeram parte de sua história.

Nas demais comunidades de fé plantadas por Paulo, os problemas diversos também se multiplicaram tais como divisões, desordem litúrgica e imoralidade (Corinto), heresia (Colossos), legalismo (Galácia), agitação escatológica (Tessalônica). As cartas escritas por Paulo foram respostas e tentativas para lidar com os muitos problemas demandados pelas igrejas que ainda eram jovens em sua existência e que contavam com a presença dos apóstolos, mas, que, ainda sim, experimentavam tensões. Portanto, não há no Novo Testamento nenhuma ideia de perfeição experimentada pelos cristãos primitivos, pois suas histórias são conhecidas como personagens de várias greis que, como todo ajuntamento, exprime o belo e o ideal da comunhão, mas também revelam que em tais associações, independente de sua idade e tamanho, haverá sempre falhas, crises e contradições, típicas aos seres humanos.

Afinal, para que algo dê errado, basta que duas pessoas se encontrem.

O Éden é arquetípico e paradigmático quanto a isso, pois em seu contexto apenas Adão e Eva se encontravam e o lapso, contudo,

ocorreu.

Acreditar que a restauração das comunidades cristãs contemporâneas nos moldes do século I, retirando-lhes o templo, transportando-as para as casas^[Nota 645], na esperança que um ambiente menor, com poucas pessoas e espontânea em seu aspecto litúrgico poderão, assim, salvá-las daquilo que acreditam ser a sua pior anomalia (templo-liturgia-sacerdote) é minimalista, tanto em relação aos verdadeiros e profundos problemas que uma igreja possui, como também em relação à natureza corrompida do gênero humano, que macula toda e qualquer forma de convivência, independentemente de onde esta se estabeleça.

A igreja almejada pelos desigrejados não passa de um mito. Desejar participar de uma igreja repleta de entusiasmo, serviço, evangelismo, comunhão, adoração, ensino, aprendizado e discipulado é algo compatível com as melhores expectativas dentro do cristianismo, mas julgar que para tais expressões de espiritualidade serem experimentadas torna-se mister a restauração de todo um modelo da Igreja Primitiva (inclusive em seus itens periféricos e/ou acidentais) é exagerado e não condiz com a singularidade histórica pelos quais os movimentos ocorrem e são explicados. Na prática, as igrejas neotestamentárias e a própria Igreja Primitiva eram comunidades de fé complexas e ricas em conteúdo, diversas em suas necessidades e problemas e que exigiram por parte dos apóstolos, sobretudo de Paulo, o devido zelo, pastoreio e disciplina.

Embora, fantástica em sua origem, além de romântica e dramática em seus movimentos que ficaram registrados nas páginas das Escrituras Sagradas do Novo Testamento, a Igreja Primitiva está longe de ser a comunidade perfeita quase idolatrada pelos desigrejados. É farta a menção neotestamentária de suas muitas

dificuldades e de seus numerosos problemas. A solução dos problemas da igreja contemporânea não é eclesiológico, mas pneumatológico, pois é de um despertar vital que a igreja precisa para impactar a sociedade pós-cristã e pós-moderna. Restauração de modelos eclesiais pouco poderá fazer em prol do testemunho da igreja como agência de transformação histórica. Na verdade, o movimento dos desigrejados parece desconsiderar o poder do Espírito Santo para renovar a fé dos cristãos. Apostam tudo no restauracionismo eclesial primitivo. Ao insistir no niilismo eclesiástico como única forma de restauração da dinâmica da fé, os desigrejados não levam em conta que novos despertamentos espirituais podem ocorrer nos mais diversos formatos eclesiais.

A forma de uma igreja não é necessariamente uma inibidora *a priori* da operação do Espírito Santo. Reavivamentos espirituais podem ser experimentados em quaisquer núcleos de cristãos. Portanto, a proposta de restauração do modelo eclesiástico para garantir a continuidade e a relevância temporal da igreja não se firma diante do testemunho da história da igreja que pontifica que despertamentos espirituais genuínos atingiram cristãos de diferentes tradições eclesiais em diversas partes do mundo (tanto na Alemanha luterana e pietista, como na Inglaterra anglicana e puritana e também nas congregacionais colônias americanas, assim como em muitas ordens monásticas ligadas a tradição católica).^[Nota 646] Não é necessário, portanto, destruir templos, negligenciar a liturgia, caricaturar ministros do Evangelho, descontextualizar-se e retornar ao século I para ser uma igreja bíblica e relevante no século XXI.

É, Semelhantemente, desnecessária uma volta romântica e irreal aos tempos da Igreja Primitiva para fazer valer o cristianismo. A força do cristianismo repousa no Espírito Santo e no testemunho

das Escrituras Sagradas e não em um modelo específico de como ser igreja registrado e preso no passado. Cada geração possui sua responsabilidade histórica. Os cristãos do primeiro século cumpriram a sua, cabe a atual também fazê-lo, buscando o poder do Espírito Santo, o saber das Escrituras e da teologia cristã, valorizando a rica História da Igreja, honrando seu legado, corrigindo rotas e reconhecendo seus erros reais. Mas, só os reais.

Nota 638 - STOTT, John R.W. A Mensagem de Atos. São Paulo: ABU, 2000. p. 12. [Voltar]

Nota 639 - Ibid. [Voltar]

Nota 640 - Ibid. p. 10. [Voltar]

Nota 641 - VIOLA, Frank. Op. cit. p. 9. [Voltar]

Nota 642 - VIOLA, Frank & BRANA, George. Op. cit. p. 27. [Voltar]

Nota 643 - Como a ascensão de Jesus Cristo e o derramamento do Espírito Santo. [Voltar]

Nota 644 - A Igreja em Jerusalém somente começou a se expandir para além de suas cercanias após o início da perseguição registrada em Atos dos Apóstolos 8.1. Cf . STOTT, John R. W. Op. cit. p. 162. [Voltar]

Nota 645 - SIMSON, Wolfgang. Casas que transformam o mundo. Curitiba: Editora Esperança, 2008. p. 143-166. [Voltar]

Nota 646 - LATOURETT, Kenneth Scott. Op. cit. p. 559-600. O autor define a multiplicação intensa das ordens monásticas ocorridas entre os séculos V e X como evidência de reavivamento espiritual nos arraiais católicos. [Voltar]

Capítulo 19

A crise de pertencimento da sociedade pós-moderna



Inconscientemente ou não, aceitando ou não a denúncia, o movimento moderno dos desigrejados tem sofrido influências do pós-modernismo, sendo seus frutos, entre muitos, o relativismo, o pluralismo e a crise de pertencimento. O relativismo pós-moderno questiona o conceito de que ideias e normas possam ser absolutas (doutrinas, dogmas e axiomas são sistematicamente atacados). No pluralismo há a contemplação e glorificação da diversidade e um apelo inerente à inclusividade (qualquer discurso que advogue primazia, preferência ou exclusividade é vilipendiado). E, quanto ao pertencimento, é descartável, pois não há pertencimento comunitário em uma sociedade individualizada e privatizada, como se verifica na pós-modernidade.

A pós-modernidade parece sugerir um indivíduo absolutamente autônomo, privado, confinado em um mundo próprio e incapaz de adequar-se a qualquer padrão além do seu. Isso tem gerado uma crise de pertencimento na sociedade hodierna. Com tais bandeiras, a tensão com o cristianismo torna-se inevitável, porquanto no cristianismo há a ênfase na verdade dogmática (epistemologia cristã), na exclusividade soteriológica (*Solo Christos*) e na igreja como a assembleia que agremia todos os que são alcançados pela verdade cristã (igreja é a expressão da *koinonia*). Portanto, esses valores históricos do cristianismo sofrem resistências da pós-modernidade que termina influenciando muito do pensamento dos desigrejados, pois se tudo é relativo, a eclesiologia pode ser diversa

e difusa. Se o que importa é a inclusividade o niilismo eclesiástico, então, é tão legítimo quanto qualquer outra expressão de espiritualidade cristã (devendo não só ser respeitada, mas, também, obrigatoriamente aceita) e se o indivíduo é absoluto e privado, qual, então, o valor e necessidade do pertencimento eclesial?

Não é difícil de compreender a relação de deterioração do senso de pertencimento na pós-modernidade. Contudo, antes, é importante definir o que seja pós-modernidade e, assim, entender sua influência sobre as noções de pertencimento no mundo contemporâneo. Para isso podemos usar as palavras de Terry Eagleton, filósofo britânico que também atua como crítico literário:

Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. Contrariando essas normas do iluminismo, vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo em relação às idiosincrasias e à coerência de identidades. Essa maneira de ver, como sustentam alguns, baseia-se em circunstâncias concretas: ela emerge da mudança histórica ocorrida no Ocidente para uma nova forma de capitalismo? Para o mundo efêmero e descentralizado da tecnologia do consumismo e da indústria cultural, no qual as indústrias de serviços, finanças e informação triunfam sobre a produção tradicional, e a política clássica de classes cede terreno a uma série difusa de “políticas de identidade”. Pós-modernismo é um estilo de cultura que reflete um pouco essa mudança memorável por meio de uma arte superficial, descentrada, infundada, autorreflexiva,

divertida, caudatária, eclética e pluralista, que obscurece as fronteiras entre a cultura “elitista” e a cultura “popular”, bem como entre a arte e a experiência cotidiana. O quão dominante ou disseminada se mostra essa cultura? Se tem acolhimento geral ou constitui apenas um campo restrito da vida contemporânea? É objeto de controvérsia.^[Nota 647]

Roger Haight, sacerdote católico e professor de Teologia Histórica nos Estados Unidos da América e também na Inglaterra, concordando com Eagleton, descreve a pós-modernidade como “a perda de confiança no progresso”^[Nota 648], assim como no senso de “meta em direção à qual a história está caminhando”^[Nota 649], sendo, então, conseqüentemente, um período marcado pela desconfiança e pelo pessimismo.^[Nota 650]

Na modernidade, dinamizada pelo iluminismo e pelas grandes possibilidades de emancipação, o homem era cada vez mais conhecedor de seu destino e, desta forma, vislumbrava um futuro pleno em conquistas tecnológicas e em conseqüentes superações nos mais diversos campos do conhecimento (medicina, astronomia, biologia, física, economia etc), embasadas no empirismo, como método científico para se conhecer a verdade (ciência como fonte de autoridade). O resultado desta confiança na era moderna foi o inevitável otimismo em relação ao homem e à sociedade. Otimismo esse que ruiu com as tragédias ocorridas nas duas grandes guerras do século XX, no colapso do comunismo e em outros tantos fracassos, dando origem a um mundo incerto, vago, nebuloso e movediço, onde ninguém está a salvo ou se sente seguro. Essa nova conjuntura social ou nova ordem é chamada de pós-modernidade.

Na pós-modernidade, todos os fundamentos são questionados, sejam eles políticos, partidários, teóricos, sociológicos, econômicos,

sociais ou religiosos. Todo o conhecimento agora é local, porquanto, como lembra Roger Haight, “as leis e estruturas políticas da sociedade não são baseadas em um conhecimento universalmente válido da realidade”^[Nota 651], mas, do contrário, “em uma avaliação cultural particular à luz de exigências práticas”^[Nota 652], ou, considerando também a assertiva de Alfonso Garcia Rúbio, “a verdade passou a ser vista em função do sujeito humano, na medida que o convence, deixando-se de lado o argumento da autoridade”^[Nota 653].

O cristianismo, com sua herança judaica, foi, através da Igreja Católica Apostólica Romana, um elemento que fez parte da fundação da civilização ocidental em uma época onde se aceitava o princípio de uma autoridade, âncora da verdade. A igreja, uma entidade milenar, ambiente pedagógico do cristianismo, é, sem dúvida, uma expressão de um dos fundamentos da civilização ocidental: A instituição. As instituições (monarquia, nobreza, aristocracia, família, universidades, Estado, trabalho, religião, igreja, casamento, república, partidos e outras convenções) se fortaleceram ao longo das eras Antiga e Moderna. Em todas as formas de expressão institucional, os seus respectivos teóricos justificaram a necessidade de tais esferas na sociedade e da aderência dos indivíduos, oferecendo-lhes, entre outros valores, senso de pertencimento. Destarte, ser monarquista ou republicano, socialista ou capitalista, católico ou protestante, comunista ou social democrata, localizava o indivíduo dentro de uma destas instituições com o seu devido arcabouço doutrinário, identificando-o ou, mesmo, explicando-o.

No aspecto da religião (área de interesse nesta pesquisa) este senso de pertencimento vem desaparecendo velozmente. A pesquisadora francesa, Danièle Hervieu-Lèger, doutora em

sociologia, e especialista nos estudos sobre religião, analisa o fenômeno da perda de densidade religiosa na sociedade europeia com as seguintes palavras:

As crenças disseminam-se. Conformam-se cada vez menos com os modelos estabelecidos. Solicitam cada vez menos práticas controladas pelas instituições. Estas tendências são os sintomas maiores do processo de ‘desregulação’ que caracteriza o campo religioso institucional no fim do século XX. Se a crença e a pertença já não se ‘agarram’, ou o fazem cada vez menos, uma à outra, é porque nenhuma instituição pode, de modo duradouro, num universo moderno caracterizado simultaneamente pela aceleração da mudança social e cultural e pela afirmação de autonomia do sujeito, prescrever aos indivíduos e à sociedade um código unificado do sentido, e ainda menos impor-lhes a autoridade das normas que daí são deduzidas.

Porque nenhuma delas escapa à confrontação com o individualismo, não há nação ocidental que seja poupada aos efeitos da contradição crescente entre a afirmação do direito dos indivíduos à subjetividade e os sistemas tradicionais de regulação da crença religiosa. Segundo a excelente fórmula empregue pela socióloga britânica G. Davie para caracterizar a atitude pós-religiosa em via de se tornar dominante na Grã-Bretanha, tornou-se efetivamente possível e corrente, em todas as sociedades avançadas, crer sem aderir a uma igreja ou a uma instituição: “*Believing, without belonging*”.[Nota 654]

No Brasil, em trabalho publicado sobre o fenômeno das pessoas que se declaram sem religião, Denise dos Santos Rodrigues, doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de

Janeiro (UERJ), chegou a algumas conclusões em sua pesquisa sobre “Os Sem Religião”, que comprovam que a crise de pertencimento pela qual passa a sociedade pós-moderna explica a desvinculação institucional.

Vejamos:

Nas sociedades pós-tradicionais está ocorrendo um movimento de desencaixe de laços religiosos que resulta num processo de desfiliação religiosa, enfraquecendo as religiões tradicionais.

Há, portanto, toda uma dificuldade de estabelecer vínculos, o que parece ser uma característica da sociedade contemporânea, fluída, globalizada, racionalizada e extremamente individualizada ou, mais precisamente, privatizada [...] Entendemos, então, que a natureza dinâmica da modernidade promoveu transformações profundas simultâneas da intimidade do indivíduo, de suas relações interpessoais e na ordem social global, as quais interferiram em vários domínios, o que inclui o da religião. Nesse contexto recente, a apropriação reflexiva do conhecimento permite que o indivíduo revise antigas teorias e postulados e reavalie suas relações, conforme suas expectativas, colocando à prova mesmo instituições e ideias até então consolidados. A partir disso é possível promover alterações de rumos, romper laços com associações já instaladas que, até, então, eram acreditadas como confiáveis e provedoras de significado. As possibilidades de mudança são multiplicadas, soltando as amarras dos hábitos e das práticas locais.^[Nota 655]

Não há na pós-modernidade a valorização da fidelidade ideológica, partidária e, muito menos, religiosa, pois o movimento exalta não a realidade ou o conceito, mas sim a “perspectiva

humana eternamente mutante”.^[Nota 656] Esta época pode ser caracterizada pela regência dos interesses e do imediatismo sobre os ideais e os valores^[Nota 657] e, assim sendo, conseqüentemente, neste cenário instável e inseguro, não resta espaço para a fidelidade institucional, intimamente relacionada com os padrões teóricos fixos trabalhados em sua esfera.

Podemos dizer que os vínculos são fluídos na pós-modernidade.

Nada segura o indivíduo a uma corrente de pensamento, doutrina ou instituição (tais estruturas estão se decompondo em face dos “Tempos Líquidos”^[Nota 658]), porquanto, conforme Brian Morley critica, “não há uma única visão que seja universalmente verdadeira, mas, sim, muitas visões que são corretas de alguma maneira”.^[Nota 659] Essa fluidez contemporânea explica a crise de pertencimento dentro do campo religioso, pois o segmento também tem sofrido influências do pluralismo pós-moderno.

Quanto a isso, Denise Rodrigues também destaca:

Nos espaços religiosos plurais, diversificados, o indivíduo no exercício de sua liberdade pode trafegar em várias ofertas, consumindo àquelas que mais correspondam às suas expectativas, construindo sua identidade a partir de outros vínculos de sociabilidade e concepções de religiosidade que nem sempre foram cogitados. Os processos de secularização, acompanhados da laicização, em certos cenários, deslocou estruturas sociais tradicionais permitindo a flexibilização da ordem vigente e o conseqüente desenraizamento dos indivíduos, o que é visível na só na movimentação censitária, mas em pesquisas diversas sobre o panorama religioso. Acontece, então, uma reacomodação do lugar da religião e, também, da maneira de ser religioso, quando, no nosso entendimento, a contemporaneidade não se constitui em um

estágio “menos religioso”, mas outra forma de ser religioso [...] a evidência dos indivíduos sem religião em certas sociedades pode sinalizar a instauração de uma crise de pertencimento institucional enraizada nas próprias características desse tempo.^[Nota 660]

Denise Rodrigues emprega suas palavras analisando a crise de pertencimento no campo geral das religiões, acreditando, contudo, que os evangélicos podem ser beneficiários desta crise.^[Nota 661] Todavia, os dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística revelam que o desengajamento institucional também tem afetado o protestantismo brasileiro. Destarte, a crise de pertencimento dentro do campo religioso no Brasil não tem afetado apenas a religião histórica majoritária (catolicismo), mas dentro da própria tradição evangelical a crise é anunciada. Como disse Ricardo Barbosa em prefácio de livro, o desafio que está diante da igreja na atualidade é “de preservar o propósito original de aliança de Deus com seu povo, de conseguir simplesmente ser igreja”.^[Nota 662] Pensando para além da realidade brasileira, Ricardo Barbosa de Sousa também constata uma crise, porquanto alarma: “Quando olhamos para a realidade protestante da Europa pós-moderna, continente que foi o berço do protestantismo, percebemos a força devastadora da modernidade sobre a fé e a Igreja”.^[Nota 663]

Uma forma de comprovar essa crise de pertencimento dentro do protestantismo é a observação de dois fenômenos. Primeiro, o chamado “trânsito religioso”, onde se verifica, dentro do protestantismo, a infidelidade denominacional em que o indivíduo muda de comunidade ou até mesmo de denominação conforme gosto e conveniência. Ricardo Bittun, mestre em Ciências da Religião e doutor em Ciências Sociais, discorreu sobre esse

movimento em seu livro, “Mochileiros da Fé”, sua tese de doutorado^[Nota 664], com as seguintes afirmações:

O trânsito religioso, também chamado de nomadismo religioso, é uma prática cada vez mais comum dentro do campo religioso brasileiro. Benedetti (1994, p. 19) constata a existência de uma certa infidelidade das pessoas às suas origens religiosas, provocando com isso um constante processo de nomadismo religioso.^[Nota 665]

Bittun chama os praticantes do “trânsito religioso” de “mochileiros da fé”, explicando o emprego da metáfora da seguinte forma:

Trata-se de uma metáfora à figura daquele homem/mulher que coloca a mochila nas costas e sai à procura errante de algo ou alguma coisa que supra sua busca, seu desejo, seja ele qual for. Sua busca segue sem nenhum critério aparente, seja credo ou denominação, a não ser o de satisfazer sua própria necessidade.^[Nota 666]

Mais precisamente, falando do fenômeno dentro das fileiras do protestantismo pentecostal brasileiro, Bittun identifica aquilo que chama de trânsito religioso intraorganizacional, ou seja, o processo em que o indivíduo “uma vez no campo pentecostal, move-se de forma intraorganizacional pelas igrejas pentecostais e neopentecostais”.^[Nota 667] Bittun concorda que esse nomadismo intraorganizacional do pentecostalismo no Brasil^[Nota 668] parece ser fruto do colapso de fé da pós-modernidade.^[Nota 669] Destarte, “o mochileiro da fé” é aquele que, trafegando dentro do pentecostalismo, sem nenhum apego às tradições de sua denominação, mesmo às formações teológicas específicas, e, semelhantemente, desprovido de qualquer compromisso no que

tange à fidelidade denominacional, imigra de uma comunidade de fé para outra a fim de que suas necessidades existenciais sejam atendidas.

A consequência ou reflexo do trânsito religioso no cristianismo protestante é a efemeridade e a superficialidade das relações^[Nota 670], indicando a crise de pertencimento típica sofrida pelas instituições na pós-modernidade.

O trânsito religioso intraorganizacional é um dos fenômenos verificáveis que evidenciam a crise de pertencimento institucional pela qual passa o cristianismo protestante. Outro fenômeno é o próprio movimento dos desigrejados, o que é para este autor a forma mais extremada da crise de pertencimento institucional, pois, no trânsito religioso, a instituição, embora em menor importância, ainda continua sendo procurada pelos nômades da fé, enquanto entre os desigrejados qualquer forma de vinculação institucional é sistematicamente atacada e ignorada. Ou seja, no trânsito religioso o crente é um eterno nômade. Um peregrino, andarilho ou mochileiro em busca do encontro de um ambiente de fé que lhe assista e atenda suas expectativas. No movimento dos desigrejados, o crente é um cético desistente dos encontros regulares (pelo menos em suas formas institucionais). É um cínico do valor, lugar e necessidade da igreja organizada na vida do fiel. Para muitos teóricos do niilismo eclesiástico, a igreja organizada, com todas as suas implicações e desdobramentos, deveria desaparecer do mundo.^[Nota 671]

Ainda analisando a fluidez dos vínculos na era contemporânea, Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, professor emérito das Universidades de Leeds (Inglaterra) e Varsóvia (Polônia), denuncia “o enfraquecimento e decomposição dos laços humanos, das comunidades e das parcerias”.^[Nota 672] E continua:

Compromissos do tipo “até que a morte nos separe” se transformam em contratos do tipo “até quando durar a satisfação”, temporais e transitórios por definição, por projeto e por impacto pragmático – e assim passíveis de ruptura unilateral, sempre que um dos parceiros perceba melhores oportunidades e maior valor fora das parcerias do que em tentar salvá-la a qualquer – incalculável – custo.

Em outras palavras, laços e parcerias tendem a ser vistos e tratados como coisas destinadas a serem consumidas, e não produzidas.^[Nota 673]

Bauman relaciona a fragmentação dos laços e compromissos sociais com o consumismo, isto é, percebe a influência deste comportamento sobre os vínculos, pois o consumismo insiste na troca de bens e serviços quando se esgota a satisfação gerada pelo que foi adquirido.

Tal comportamento termina moldando toda uma concepção utilitarista e pragmática do mundo e da participação nele, afetando todas as dimensões da vida, inclusive, as relacionais. Destarte, declara o sociólogo:

Condições econômicas e sociais precárias treinam homens e mulheres (ou os fazem aprender pelo caminho mais difícil) a perceber o mundo como um contêiner cheio de objetos descartáveis, objetos para uma só utilização; o mundo cheio – inclusive outros seres humanos.^[Nota 674]

Com tal analogia, Bauman preocupa-se com “a transitoriedade das parcerias”^[Nota 675] ao perceber que os vínculos não são mais trabalhados com disciplina e empenho, mas que, ao contrário, sofrem ruptura quase imediata à percepção do esgotamento da

satisfação esperada. Contribuindo com esta constatação do sociólogo polonês, Bruno Forte, arcebispo italiano e doutor em filosofia e teologia, também denuncia que “as razões de se viver e viver juntos são substituídas pela reivindicação do imediatamente útil e conveniente”.^[Nota 676]

Bauman também relaciona o consumismo com a solidão vivenciada na pós-modernidade^[Nota 677], porquanto nas ações de consumo a cooperação é desnecessária. Ou seja, diferentemente da produção, onde o esforço em conjunto gera o produto, no consumo apenas o indivíduo é necessário. Mesmo cercado por uma multidão, o homem não precisa de ninguém além de si próprio para obter o que deseja.^[Nota 678] Também essa postura tem contribuído para a diluição da noção de sociabilidade. Portanto, a ideia de que tudo é descartável e de que podemos ser solitários são sintomas, para Bauman, da fluidez do mundo no que diz respeito aos laços humanos.

Em um mundo fluído, com relacionamentos marcados pela autossatisfação, sem disposição para lutar pelos valores e manutenção dos vínculos institucionais, não é de se estranhar, portanto, a crise de pertencimento em todas as formas organizacionais conhecidas, até então, na sociedade. Desta forma, se constata crise de pertencimento nas relações conjugais^[Nota 679], no interesse e militância política^[Nota 680], no engajamento social^[Nota 681], nas convicções ideológicas^[Nota 682], nos ambientes de convivência social^[Nota 683], nas confissões religiosas^[Nota 684] e na participação eclesial, foco de nossa pesquisa.

Com tamanha crise da participação comunitária, não causa admiração que a igreja, uma instituição inserida na sociedade, cujos fiéis são atores sociais do cenário pós-moderno e, conforme afirmou Roger Haight, compartilham “sentimentos e ideias pós-

modernos”^[Nota 685], seja afetada pela onda da “transitoriedade das parcerias”. Portanto, mesmo que não percebam ou que não admitam, muito da energia dos desigrejados vem da pós-modernidade. Antes de ser uma revolução (como acreditam) é tão somente um reflexo do momento pelo qual a sociedade passa.

Deixar a igreja não é uma ação inédita, pois já ocorreu em outros momentos da história e, semelhantemente, as proposições e argumentos do movimento tampouco são originais, porquanto, ainda que inconscientemente, os apelos são os mesmos postulados pelo relativismo e pluralismo dos tempos pós-modernos. Até mesmo o desengajamento institucional não é original, pois sinais do mesmo ocorrem em outras esferas comunitárias da sociedade. Além de tudo, o movimento é contraditório, porquanto mantém e preza por doutrinas e documentos canônicos produzidos e ou reconhecidos na fase institucional da igreja.

A mesma fase que denunciam, rejeitam e dirigem seus mais sonoros gritos.

- Nota 647 - EAGLETON, Terry. As Ilusões do pós-modernismo [E-book]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [s.d], p. 2. [Voltar]
- Nota 648 - HAIGHT, Roger. Jesus Símbolo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 383. [Voltar]
- Nota 649 - Ibid. [Voltar]
- Nota 650 - Ibid. [Voltar]
- Nota 651 - Ibid. [Voltar]
- Nota 652 - Ibid. [Voltar]
- Nota 653 - HERVIEU-LÈGER, Danièle. O Peregrino e o Convertido: A Religião em Movimento. Lisboa: Gradiva, 2005. p. 56-57. A expressão, “Believing, without belonging”, em destaque na citação, significa “crer sem pertencer” e foi criada pela socióloga britânica Grace Davie para classificar o comportamento, na Europa Ocidental, de não se congregar, mantendo, contudo, a convicção religiosa. [Voltar]
- Nota 654 - HERVIEU-LÈGER, Danièle. O Peregrino e o Convertido: A Religião em Movimento. Lisboa: Gradiva, 2005. p. 56-57. A expressão, “Believing, without belonging”, em destaque na citação, significa “crer sem pertencer” e foi criada pela socióloga britânica Grace Davie para classificar o comportamento, na Europa Ocidental, de não se congregar, mantendo, contudo, a convicção religiosa. [Voltar]
- Nota 655 - RODRIGUES, Denise dos Santos. Transformações no Cenário Religioso Brasileiro Revelado em Pesquisa Durante o Alistamento Militar. In: Congresso Brasileiro de Sociologia, 15, 2011. Curitiba. Anais... Curitiba: 2011. p. 6-7. As conclusões completas da Dr.^a Denise dos Santos Rodrigues acerca da Crise de Pertencimento no cenário religioso brasileiro estão registradas em artigo na Horizonte, uma publicação periódica dos Estudos de Teologia e Ciências da Religião do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Cf. RODRIGUES, Denise dos Santos. Os Sem Religião nos Censos Brasileiros: Sinal de Uma Crise do Pertencimento

Institucional. Belo Horizonte: Horizonte, v. 10, n. 20, p. 1130- 1153, out/dez.2012. A pesquisadora encontrou entre seus entrevistados muitos que justificaram sua desvinculação institucional apresentando acirradas críticas voltadas, sobretudo, às lideranças eclesiais. Comportamentos como fanatismo, intolerância, hipocrisia, falsidade, alienação, corrupção, tentativa de manipulação, e dicotomia entre discurso e prática foram indicados como motivos para o rompimento. Entretanto, a autora da pesquisa pondera que entre os mesmos não houve um caso sequer de rejeição ou ataque ao culto. As críticas, portanto, concentraram-se nas instituições, principalmente em relação aos líderes, mas também aos seguidores. Mesmo diante de tais narrativas a estudiosa está convencida que a deserção está vinculada aos “avanços do pensamento materialista, racionalista e científico, orientado para o laicismo (ideologia antirreligiosa)”. Cf. p. 1143. [Voltar]

Nota 656 - MORLEY, Brian K. Entendo Nosso Mundo Pós-Moderno. In: MACARTHUR, John. Pense Biblicamente. São Paulo: Hagnus, 2005. p. 223. [Voltar]

Nota 657 - MCALISTER, Walter. O Fim de Uma Era. Rio de Janeiro: Anno Domini, 2009. p. 29. [Voltar]

Nota 658 - BAUMAN, Zygmund. Tempos Líquidos. [E-book]. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 7. [Voltar]

Nota 659 - Ibid. [Voltar]

Nota 660 - RODRIGUES, Denise. Op. cit. p. 7-8. [Voltar]

Nota 661 - Ibid. p. 6. [Voltar]

Nota 662 - AMORESE, Rubem. Icabode: Da Mente de Cristo à Consciência Moderna. Viçosa: Ultimato, 1998. p. 11. [Voltar]

Nota 663 - Ibid. [Voltar]

Nota 664 - Pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. [Voltar]

Nota 665 - BITTUN, Ricardo. Os Mochileiros da Fé. São Paulo: Editora Reflexão, 2011. p. 81. [Voltar]

Nota 666 - Ibid. p. 22-23. [Voltar]

Nota 667 - Ibid. p. 23. [Voltar]

Nota 668 - Ricardo Bitun concentrou sua tese no segmento neopentecostal, mais precisamente entre os fiéis da Igreja Mundial do Poder de Deus, egressos de outras denominações cristãs [Voltar]

Nota 669 - BITUN, Ricardo. Op. cit. p. 23. [Voltar]

Nota 670 - Ibid. [Voltar]

Nota 671 - VIOLA, Frank. Op. cit. p. 29. [Voltar]

Nota 672 - BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 187. [Voltar]

Nota 673 - Ibid. [Voltar]

Nota 674 - Ibid. p. 186. [Voltar]

Nota 675 - Ibid. p. 188. [Voltar]

Nota 676 - FORTE, Bruno. Para Onde Vai O Cristianismo? São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 16. [Voltar]

Nota 677 - BAUMAN, Zygmunt. Op. cit. p. 189. [Voltar]

Nota 678 - Ibid. [Voltar]

Nota 679 - Segundo as Estatísticas do Registro Civil divulgadas pelo IBGE, em 2011 houve um aumento de 45,6% no número de divórcios. [Voltar]

Nota 680 - Principalmente no que diz respeito à juventude brasileira, a crise é perceptível. Jovens que, no passado, protestaram contra a ditadura militar instaurada no Brasil em 1964 ou quando, em 1992, foram às ruas, exigindo o impeachment do, então, Presidente da República, Fernando Collor de Mello, são lembrados como exemplos de juventude engajada e “antenada” com os problemas políticos do País. Uma era que aparentemente acabou, de um comportamento que não se verifica mais entre os jovens. A jornalista Ana Maria Tahan, editora-chefe do Jornal do Brasil, em participação veiculada no Programa do Jô (edição de 06 de março de 2013), comentou do desinteresse agudo dos jovens brasileiros pela política. Entretanto, no mês de junho de 2013, milhões de pessoas (jovens, na maioria) em várias cidades do Brasil foram às ruas para protestar contra o aumento das tarifas dos transportes públicos. Nas manifestações outros temas, como os investimentos em saúde, educação, segurança, assim como críticas contra a corrupção na política e os gastos públicos para a construção de estádios para a Copa do Mundo de 2014, foram também abordados. Contudo, ainda é cedo para dizer se o ocorrido marca ou sinaliza uma mudança substancial no comportamento da sociedade brasileira, trazendo de volta a cultura dos protestos e manifestos públicos (conforme visto no passado), ou, se tudo não passou apenas de sentimentos de indignação que estavam represados e que explodiram ao atingirem o seu ponto de ebulição, mas que, com o passar do tempo, terminarão se acomodando novamente. Destarte, as análises e proposições dos sociólogos precisarão ser cautelosas, pois ainda não sabemos se estamos diante de um novo

paradigma. De qualquer forma, nos meses de março e abril de 2015, manifestações em várias cidades do Brasil reuniram, aproximadamente, três milhões de pessoas (conforme algumas estatísticas), onde novamente foram feitos protestos contra a corrupção no Governo Federal e a favor de uma ampla reforma política, além do polêmico tema do impeachment da Presidente da República, Dilma Rousseff. A segunda edição das manifestações (12 de abril de 2015) atraiu um número notoriamente menor do que a anterior (15 de março de 2015). O fato vem sendo analisado por cientistas políticos e sociólogos. Independentemente das prováveis causas, o arrefecimento das manifestações evidencia que a cultura de protestos de massa ainda não está plenamente consolidada no Brasil. [Voltar]

Nota 681 - O Século XX foi testemunha de grandes movimentos sociais: a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos da América, promovida por Martyn Luther King Jr; os protestos contra a Guerra do Vietnã; as mobilizações estudantis na França em maio de 1968; os protestos na Praça da Paz Celestial, na China em 1989; a resistência pacífica perpetrada por Mahatma Ghandi, na Índia entre as décadas de 20 e 40. Embora haja movimentos sociais importantes no século XXI, com notório efeito político, como são os casos da Primavera Árabe, ocorrida em países como Líbia e Egito, tais são pontuais e escassos, pois a privatização do indivíduo, consequência do pós-modernismo, tem feito desaparecer o conceito do cidadão que luta pelos valores e direitos de toda uma sociedade. Na pós-modernidade o homem não vai além de si mesmo. [Voltar]

Nota 682 - O ocaso do comunismo; a desilusão com a social-democracia; a incapacidade do capitalismo em gerar riqueza para toda a sociedade (americanos que vivem abaixo da linha da pobreza são evidências); as idiosincrasias dos partidos políticos que nem sempre operam conforme seus programas; o fim da crença nas potencialidades e superação sem medidas do ser humano (a monstruosidade do Holocausto Nazista revelou o quão vil e destruidor o ser humano pode ser). Todos esses acontecimentos geraram uma crise de certezas e utopias jamais vista na história das civilizações. [Voltar]

Nota 683 - Um exemplo desta realidade é a crise de assistência nos clubes sociais. Há farto material na internet sobre a crise pela qual a maioria dos clubes sociais passam. Espaços de convivência que, no passado, eram

assistidos com regularidade, hoje enfrentam o descaso dos sócios que não mais os frequentam, levando muitos clubes, alguns com sérios problemas de caixa, a encerrarem suas atividades e até mesmo fecharem às portas ou colocados à venda. [Voltar]

Nota 684 - O Nomadismo Religioso é um exemplo. [Voltar]

Nota 685 - HAIGHT, Roger. Op. cit. p. 383. [Voltar]

Considerações finais



Qual será o futuro dos desigrejados? É provável que muitos permaneçam desiludidos e reticentes em retornar à frequência eclesial.

Preferirão permanecer no cinismo e no ceticismo comunitário.

Outros, talvez, encontrem modelos mais espontâneos e informais para compartilhar a fé cristã. Há ainda aqueles que retornarão às comunidades históricas. Após um período de desilusão institucional e de passarem por experiências sofríveis no anseio de praticar o cristianismo, é provável que cheguem à conclusão de que a igreja, mesmo com seus defeitos (expressão de nossa pecaminosidade) é o melhor lugar para congregar, compartilhar e defender a fé.

Previsões e literaturas já foram apresentadas tratando deste problema. O falecido ministro da Convenção Batista Brasileira, Darci Dusilek, alertou sobre a necessidade das igrejas desenvolverem ferramentas para trabalhar com aqueles que se desiludiram com o cristianismo e que se tornaram agnósticos religiosos. O alerta foi dado em 1997.^[Nota 686] Não se falava em desigrejados e, tampouco, é o público a quem Dusilek se refere, porquanto seu foco é o crente que se desapontou com o neopentecostalismo e que, sem forças para recomeçar a jornada espiritual, poderá ser auxiliado pelas comunidades mais equilibradas liturgicamente e saudáveis em sua teologia e prática missional, na esperança e tentativa de uma nova caminhada nas veredas do Evangelho. Contudo, o alerta de Darci Dusilek pode ser aplicado também em relação aos desigrejados, isto é, muitos dos atuais desencantados com a igreja, uma vez

percebendo o equívoco do abandono institucional, poderão recomeçar a vida nas igrejas mais sadias, haja vista que uma parcela significativa dos desigrejados é constituída por aqueles que sofreram abuso espiritual ou que tiveram de lidar com ensinamentos e práticas controvertidas (talvez, até mesmo heréticas), conforme relatado no primeiro capítulo desta pesquisa. Assim, ao encontrarem uma comunidade que seja uma antítese a tudo que antes viveram, a reaproximação eclesial poderá ser provável ou, até mesmo, inevitável.

É fato reconhecido que as instituições podem enrijecer com o tempo.^[Nota 687] O reconhecimento da necessidade de um autoexame daqueles que participam das instituições cristãs é necessário e bem-vindo para manter o contato com uma sociedade cada vez mais secularizada.

Contudo, o caminho do resgate da relevância do cristianismo não passa obviamente pelo desprezo de sua história, tradição, legado intelectual e instituições (como os desigrejados sugerem), mas, sim, na redescoberta da melhor maneira de operar estes expedientes a fim de que possam ser úteis para uma geração que parece estar perdida, não sabendo qual direção tomar.

É o que podemos concluir, por exemplo, das palavras de Rubens Ramiro Múzio, mestre e doutor em Teologia Pastoral e professor da Faculdade Teológica Sul Americana, quando comenta acerca da forma mais eficaz da igreja ser relevante no mundo contemporâneo:

Embora o número de decepcionados com a igreja - *desigrejados e ex-evangélicos* - cresça, é altamente improvável que alguém encontre coerência na vida espiritual no labirinto da vida pós-moderna sem o envolvimento com uma igreja cristã. Embora experiências pessoais com Deus e orações solitárias sejam válidas, o movimento em direção à integridade espiritual

requer sabedoria, relacionamentos e apoio de uma sólida comunidade de fé. Portanto, se as igrejas esperam transformar de alguma forma significativa as estruturas do mundo, eles precisarão se unir ou formar coalizões que expressem sua visão social.^[Nota 688]

Rubens Múzio é categórico quanto à visibilidade que a igreja deve expressar no mundo, negando qualquer capacidade real da mesma influenciar a sociedade sem que se manifeste em um contexto real e específico.

Seria possível uma comunidade de discípulos de Cristo, sem originar uma igreja neste lugar? Não, isso é impossível. Vários movimentos na história tentaram isso e fracassaram. Ainda que a igreja e Reino não sejam idênticos, eles são inseparáveis. Os cristãos devem pregar o Evangelho e fundar igrejas, pois elas são o sinal visível do Reino. O Reino de Deus não se limita à igreja, mas sem a igreja não existe o Reino. Portanto, pregar o Evangelho, levar o Reino de Deus, está diretamente ligado à plantação de igrejas e engajamento com elas.^[Nota 689]

A redescoberta da igreja e o reencantamento com suas formas de celebração, reconhecendo que a comunhão regular e local com os santos é uma de suas expressões mais legítimas e por onde os meios de graça^[Nota 690] são apropriados, configura, assim, em uma das formas mais eficazes para a vitalidade, saúde e crescimento na fé cristã.^[Nota 691]

No livro “Dê Outra Chance à Igreja”, o ministro norte-americano Todd D. Hunter (Igreja Anglicana), dedicou o prefácio de seu livro para aqueles que fizeram ou estão fazendo o percurso de “igrejados para desigrejados a reigrejados”^[Nota 692], uma admissão da

possibilidade do provável futuro dos desigrejados. O autor é exemplo. Ele próprio, um ex-desigrejado que descobriu que é possível “encontrar um modo de resgatar a prática da fé, sob qualquer cor denominacional”^[Nota 693] e que, para tanto, a tarefa é pessoal, pois “diz respeito a nós mesmos”^[Nota 694], declara, na sua convicção pessoal de que o sabor agradável da participação eclesial, depende muito mais de cada um de seus participantes. “A ênfase está na nossa capacidade de nos envolver com as práticas espirituais da igreja”^[Nota 695], afirma. O ex-desigrejado deixa registrado o seu testemunho:

No período em que deixei de frequentar regularmente a igreja, percebi que um importante ingrediente de minha busca por uma fé prática não vinha de coisas externas a mim, como as épocas de minha vida, os seguimentos da igreja ou das denominações. Antes, ele vinha de coisas internas a mim – fatias do meu coração, porções de minha alma. Porém, de alguma forma, durante minha “noite escura da igreja”, percebi que não podia simplesmente ficar fora da igreja. O que eu precisava era de uma maneira afirmativa de me engajar novamente com as *práticas espirituais da igreja*.^[Nota 696]

O resgate das “práticas espirituais da igreja”, conforme as palavras de Hunter, ou a busca “de caminhos de esperança que nos encorajem a seguir a experiência comunitária”^[Nota 697], conforme sentença Nelson Bomilcar, pastor, músico, compositor e autor do livro “Os Sem-Igreja”, fruto de suas observações extraídas de suas muitas viagens pelo Brasil que lhe proporcionou a oportunidade de conhecer e interagir com muitas tribos de desigrejados.^[Nota 698]

Tanto na sentença do bispo anglicano que fala a partir de sua realidade nos Estados Unidos, como do ministro itinerante brasileiro,

o que permanece é a certeza de que a solução dos problemas da igreja não é a sua deserção, mas sim o enfrentamento de sua crise por gente transformada que acredita no poder do Espírito Santo e também no valor, na importância e na serventia da comunhão e da própria igreja.

A equilibrada proposta de Nelson Bomilcar pode ser uma resposta aos desigrejados e, ao mesmo tempo, uma advertência aos fundamentalistas da instituição, pois pondera que a igreja precisa ser tanto viva como organizada. Dinâmica, assim como ordeira. Não pode ser apenas um belo tonel sem conteúdo, ao passo que não adianta o seu conteúdo extraordinário sem os vasos que concentram, carregam e facilitam o acesso ao seu elemento. Na verdade, precisamos de ambas.

Precisamos da igreja em suas inevitáveis e inseparáveis expressões orgânicas e institucionais.

Creemos ainda na manifestação carismática, junto das manifestações institucionais, na dimensão do organismo, presente na vida de seus membros, agraciados com dons pelo Espírito Santo. Temos de retirar aquilo que foi exacerbado, desvirtuado e que tem paralisado sua expressão institucional. Pessoas sendo transformadas trarão mudanças também.^[Nota 699]

Podemos também citar as palavras de Howard Snyder:

A igreja, inevitavelmente, há de manifestar alguns aspectos institucionais; nenhuma instituição, porém, há de ser ela própria a igreja. Esta jamais será em essência uma instituição, mesmo que em alguns aspectos de sua vida ela seja institucional, por

ter e manter esquemas coletivos que se tornam habituais e rotineiros, caracterizando a instituição.^[Nota 700]

Instituição e carisma. Seus valores e necessidades combinados auxiliaram a igreja a chegar ao século XXI e continuarão a ser expedientes importantes para a atuação da igreja na terra. O primeiro tem a ver com sua visibilidade, presença e registro no mundo. Do carisma, contudo, vem a força, a dinâmica e a capacidade de operação e serviço no meio da sociedade. Como abdicar de tais ferramentas sem prejudicar a missão da Igreja? A instituição marca a presença da igreja na terra, sendo sinal do Reino de Deus. O carisma, todavia, a justifica. A igreja é, assim, um “híbrido de organismo e organização”.^[Nota 701] “É uma instituição tanto humana, como divina”.^[Nota 702] Vive a tensão entre o cuidado com os valores do Reino (família, adoração, oração, ensino, discipulado, proclamação da Palavra, ministração dos sacramentos)^[Nota 703] e a administração de sua estrutura física (contabilidade, finanças, estruturas, sedes, horários e dias de reuniões, formas de governo, estatutos, regimentos, leis etc.).^[Nota 704] O cuidado, contudo, é sempre lembrar de que “a organização precisa servir e não determinar a natureza da igreja”.^[Nota 705]

E qual será o futuro da igreja? Para muitos que se baseiam nas observações feitas em sociedades cada vez mais marcadas pelo secularismo, como nos países da Europa, pode aparentar que o futuro da igreja é incerto e nebuloso. Na França, por exemplo, houve um declínio no número de cidadãos que se declararam cristãos entre os anos de 1990 (quando 80% da população se declarava cristã) e 2007 (quando apenas 57% confessou o cristianismo como religião).^[Nota 706] Além disso, a pergunta feita sobre a relevância da religião na vida cotidiana dos cidadãos europeus obteve como resposta positiva apenas 21% do contingente entrevistado.^[Nota 707]

A própria Inglaterra, berço de algumas das principais denominações protestantes, como a Batista, a Metodista e a Igreja Congregacional, além ser nação embrionária da Igreja Episcopal Anglicana, denominação cristã oficial no Reino Unido, convive com o desinteresse crescente dos ingleses, pois estudos realizados na virada do século XXI revelaram que 56% da população não acreditam na existência de Deus ou não tem certeza dela.^[Nota 708] Resultado que combina ateísmo com agnosticismo.

Significa, então, o seu fim? Certamente que não! Não é a primeira vez que o cristianismo enfrenta uma sociedade desinteressada quanto aos assuntos relacionados à fé. Mateo Lelièvre, biógrafo de John Wesley^[Nota 709], dedicou algumas páginas de seu livro^[Nota 710] para descrever a situação geral da religião cristã na Inglaterra do século XVIII. Citando Montesquieu (que visitara a Inglaterra por aquela época e pode constatar o secularismo dos ingleses^[Nota 711]), o biógrafo informa aos seus leitores sobre a situação da sociedade inglesa em relação ao cristianismo e como que o quadro foi completamente alterado em face de um notório despertar que atravessou o território.^[Nota 712] Mateo Lelièvre deixa também como registro os nomes de alguns historiadores (e suas obras) da sociedade inglesa que reconheceram o fato de que um interesse especial pela religião cristã surgiu naqueles anos.^[Nota 713] Portanto, a pós-modernidade não é o primeiro movimento que oferece resistência intelectual e moral ao cristianismo.

É verdade a síntese de que a história tem sempre algo a ensinar.

Destarte, os cristãos não precisam temer o futuro. Além disso, mais do que a história, o cristianismo tem nas Escrituras Sagradas sua fonte de autoridade, força, motivo e expectativa, sendo de suas páginas de onde virá toda a esperança acerca de seus vindouros anos.

Dewey M. Molhlland, tem nos lembrado acerca do “Futuro Certo da Igreja”.^[Nota 714] Futuro esse que não depende da capacidade dos cristãos de reagirem e enfrentarem os ventos da pós-modernidade e do desencanto de muitos com o cristianismo. É certo que muitos cristãos reajam. Sempre há aqueles que “não se dobraram a Baal.” (1Rs 19.18) e resistem ao “espírito da época”. Mas, a vitória da igreja não virá daí. Mas, sim, de seu Senhor, Jesus Cristo, Filho de Deus. Afinal, Ele próprio disse: “Edificarei a minha igreja” (Mt 16.18). Toda a forma de resistência sucumbirá diante da Igreja do Cordeiro. Portas e muros “não prevalecerão”. É Cristo, portanto, quem garantirá o êxito e a vitória final da Igreja. No findar da história, no fim de tudo, enfim, ela, a igreja, como noiva do Cordeiro, será entregue “gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito” (Ef 5.27), àquele a quem pertence e com quem, para sempre, permanecerá.

Soli Deo Gloria!

- Nota 686 - DUSILEK, Darci. O Futuro da Igreja no Terceiro Milênio. Rio de Janeiro: Horizontal Editora, 1997. p. 94-95. [Voltar]
- Nota 687 - QUEIRUGA, Andrès Torres. Fim do Cristianismo Pré-Moderno. São Paulo: Paulus, 2003. p. 9. [Voltar]
- Nota 688 - MUZIO, Rubens Ramiro. O DNA da Igreja. Curitiba: Editora Esperança, 2010. p. 43. [Voltar]
- Nota 689 - Ibid. p. 94. [Voltar]
- Nota 690 - Na Teologia Protestante o termo meio de graça sugere as atividades praticadas na comunhão dos crentes, visando ao crescimento espiritual (isto é, a distribuição de "mais graça aos cristãos"). Cf. GRUDEM, Wayne. Teologia Sistemática. São Paulo: Vida Nova, 1999.p.801. [Voltar]
- Nota 691 - Ibid. p. 808-809. [Voltar]
- Nota 692 - HUNTER, Todd D. Dê Outra Chance à Igreja. Viçosa: Ultimato, 2012. p. 17. [Voltar]
- Nota 693 - Ibid. p. 24. [Voltar]
- Nota 694 - Ibid. [Voltar]
- Nota 695 - Ibid. [Voltar]
- Nota 696 - Ibid. p. 25. [Voltar]
- Nota 697 - BOMILCAR, Nelson. Os Sem-Igreja. São Paulo: Mundo Cristão, 2012. p. 195. [Voltar]
- Nota 698 - Ibid. p. 23-24. Bomilcar identifica pelo menos sete subgrupos ou tribos de desigrejados [Voltar]
- Nota 699 - BOMILCAR, Nelson Op. cit. p. 208. [Voltar]
- Nota 700 - SNYDER, Howard. A Missão da Igreja no Mundo de Hoje. São Paulo: ABU, 2002. p. 102-121. APUD. BOMILCAR, Nelson. Op. cit. p. 208. [Voltar]
- Nota 701 - MÚZIO, Rubens Ramiro. Op. cit. p. 89. [Voltar]
- Nota 702 - Ibid. [Voltar]
- Nota 703 - Ibid. p. 89-90. [Voltar]
- Nota 704 - Ibid. p. 90. [Voltar]

Nota 705 - Ibid. [Voltar]

Nota 706 - ESCOBAR, Samuel. A Missão Cristã e a Crise na Europa. Disponível em: www.missaoeuropa.com. Acesso em: 07 mar. 2013. [Voltar]

Nota 707 - Ibid. [Voltar]

Nota 708 - Ibid. [Voltar]

Nota 709 - John Wesley (1714-1770). Clérigo da Igreja Anglicana que impedido de pregar nos púlpitos da denominação na Inglaterra, começou a pregar ao ar livre, sendo testemunha de um notório despertamento da fé cristã. [Voltar]

Nota 710 - LELIÈVRE, Mateo. João Wesley: Sua Vida e Obra. São Paulo: Vida, 1997. p. 7-18. [Voltar]

Nota 711 - Ibid. p. 11. [Voltar]

Nota 712 - Ibid. p. 73-90. [Voltar]

Nota 713 - Ibid. p. 371-372. [Voltar]

Nota 714 - MULHOLLAND, Dewey M. Teologia da Igreja. São Paulo: Shedd Publicações, 2004. p. 233- 234. [Voltar]

Referências bibliográficas



A BÍBLIA SAGRADA. Português. *A Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Edição Revista e Atualizada do Brasil.

ABARCA, Rodrigo. *Os Quakers: Guiados Pela Luz Interior da Vida*. Disponível em: www.aguasvivas.ws/revista/54/espigando.htm Acesso em 11 jan 2012.

AGRESTE, Ricardo. *Igreja? Tô, Fora*. São Paulo: SOCEP, 2009.

ALLMEN, J.J. VON. *O Culto Cristão: Teologia e Prática*. São Paulo: Aste, 2005.

ALVES, Rubem. *Religião & Repressão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

AMORESE, Rubem. *Icabode: Da Mente de Cristo à Consciência Moderna*. Viçosa: Ultimato, 1998.

AZEVEDO, Israel Belo. *Gente Cansada de Igreja*. São Paulo: Hagnus, 2010.

BARBOSA, Ricardo. *O Desafio Bíblico da Espiritualidade Cristã*. In: BOMILCAR, Nelson (org.) *O Melhor da Espiritualidade Brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 13-33.

BARCALA, Martin. *Cristianismo Arreligioso: Uma introdução à Cristologia de Dietrich Bonhoeffer*. 2009.172 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Teologia,

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo. 2009.

BARNA, George. *Revolução*. São Paulo: Abba Press, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

----- . *Tempos Líquidos*. [E-book]. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

BITUN, Ricardo. *Mochileiros da Fé*. São Paulo: Editora Reflexão, 2011.

BOMILCAR, Nelson. *Os Sem-Igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

BOOR, Werner De. *Atos dos Apóstolos*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2003.

BRABO, Paulo. *Bacia das Almas: Confissões de um Ex-Dependente de Igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

BRUCE, F. F. *O Cânon das Escrituras*. São Paulo: Hagnus, 2011.

BUREAU DE PESQUISA E ESTATÍSTICA CRISTÃ. Disponível em: www.bepec.com.br. Acesso em: 07 nov 2013.

CAIRNS, E. E. *O Cristianismo Através dos Séculos*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma Protestante à Pentecostalida-de Brasileira*. São Leopoldo: Sinodal: Quito: CLAI, 2002.

CAMPOS, Idauro. *Amo a Igreja de Cristo*. Disponível em: <http://teologiaentreamigos.blogspot.com.br> Acesso em: 03 out 2013.

-----. *Em Defesa da Igreja de Cristo*. Disponível em: <http://teologiaentreamigos.blogspot.com.br> Acesso em: 03 out 2013.

-----. *Frank Viola: Fraude ou Inconsistência?* Disponível em: <http://teologiaentreamigos.blogspot.com.br> Acesso em: 03 out 2013.

CARDOSO, Douglas Nassif. *Robert Reid Kalley: Médico, Missionário e Profeta*. São Bernardo do Campo: Edição do Autor, 2001.

CARREIRO, Vanderli Lima. *Lições de História do Congregacionalismo*. [s.d]. 77 f. Curso de História Denominacional. Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro, [s.d].

-----. *Nossa Doutrina: Comentário dos 28 Artigos da Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Editora Sarah Kalley, 2005.

CARSON, D. A. *Igreja Emergente: o movimento e suas implicações*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2010.

CAVALCANTI, Robinson. *As Chamadas Seitas Protestantes*. Viçosa: *Ultimato*. Edição 276, mai-jun 2002. Disponível em: www.ultimato.com.br. Acesso em: 01 mar. 2012.

CERFAUX, L. *O Cristão na Teologia de Paulo*. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

-----. *Cristo na Teologia de Paulo*. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

CÉSAR, Marília de Camargo. *Feridos em Nome de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

CESAREIA, Eusébio. *História Eclesiástica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento Comentado Versículo Por Versículo*. V. 1. São Paulo: Hagnus, 2009.

----- . *O Novo Testamento Comentado Versículo Por Versículo*. V. 3. São Paulo: Hagnus, 2009.

----- . *O Novo Testamento Interpretado Versículo Por Versículo*. V. 6. São Paulo: Hagnus, 2009.

----- . *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. V. 1. São Paulo: Hagnus, 2011.

COENEN, Lothar & BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. V. 2. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009.

COLEMAN, Willian L. *Manual dos Tempos & Costumes Bíblicos*. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1991.

COLLETE, Carlos H. *Inovações do Romanismo*. São Paulo: Paracletos, 2001.

COMPENHAUSEN, Hans Von. *Os Pais da Igreja: A Vida e a doutrina dos primeiros teólogos cristãos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *Eu Creio no Pai, no Filho e no Espírito Santo*. São Paulo: Edições Parakletos, 2002.

----- . Pietismo: Um Desafio à Piedade e à Teologia. *Fides Reformata*. São Paulo, IV, 1, Janeiro/junho/1999.

CULLMANN, Oscar. *A Formação do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. *A Volta de Caio Fábio em suas próprias palavras*. Viçosa: *Ultimato*. Edição 264, mai-jun. 2000. Disponível em: www.ultimato.com.br. Acesso em: 01 mar. 2012.

----- . *Aos Desigrejados e aos que não sofrem de Amnésia*. Brasília. Disponível em: www.caiofabio.net Acesso em: 01 mar.2012.

----- . *Constantino, Lactâncio e o Cristianismo Irreformável*. Brasília. Disponível em: www.caiofabio.net Acesso em: 01 mar.2012.

----- . *Sem Barganhas com Deus*. Rio de Janeiro: Fonte Novo Século, 2005. Disponível em: www.scribd.com.br. Acesso em: 01 mar.2012.

DELUMEAU, Jean. *Mil Anos de Felicidade: Uma História do Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DEYOUNG, Kevin & KLUCK, Ted. *Por que amamos a igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TEOLOGIA. São Paulo: ASTE, 2008.

DOCKERY, David S (ed.). *MANUAL BÍBLICO VIDA NOVA*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.

DOOLAN, Arnold. *Um esboço Histórico do Movimento Conhecido como Irmãos*. Disponível em www.irmaos.net/historia/plymouth.html Acesso: 17 de fev. 2012.

DOUGLAS, Edson. *O Conceito do Cristianismo Arreligioso de Dietrich Bonhoeffer*. Disponível em: www.comunidadewesleyana.blogspot.com. Acesso em: 18, fev. 2012.

DREHER, Martin N. *Coleção História da Igreja: A Crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma*. São Leopoldo:

Sinodal, 1996.

DUSILEK, Darci. *O Futuro da Igreja no Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Horizontal Editora, 1997.

EAGLETON, Terry. *As Ilusões do pós-modernismo* [E-book]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [s.d].

ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1997.

ESCOBAR, Samuel. *A Missão Cristã e a Crise na Europa*. Disponível em: www.missaoeuropa.com. Acesso em: 07 mar. 2013.

FALBEL, Nachman. *Heresias Medievais*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

FERNANDES, Carlos. Desigrejados, fenômeno que Cresce. *Cristianismo Hoje*. Niterói, edição 37, ano 7, p. 18-25, 2013.

FERNANDES, Danilo. Série: Desigrejados. 3ª Parte: *Seriam as Igrejas neopentecostais as principais responsáveis pelo crescimento dos desigrejados?* São Paulo: GENIZAH. Disponível em: www.genizahvirtual.com.br Acesso em: 21 out 2013.

FERNANDES, Hermes C. *Desigrejados sim, desviados não!*

Disponível em: www.hermesfernandes.com. Acesso em: 02 out. 2013.

FOLHA DE SÃO PAULO / GENIZAH. Disponível em: www.creio.com.br/revistaigreja. Acesso em: 14 abr 2011.

FORSYTH, Willian B. *Jornada do Império: vida e obra do Dr.*

Kalley no Brasil. São José dos Campos: FIEL, 2006.

FORTE, Bruno. *Para Onde Vai O Cristianismo?* São Paulo: Edições Loyola, 2003.

FRESTON, Paul. A Volta de Caio Fábio. Viçosa: *Ultimato*. Edição 263, mar-abr 2000. Disponível em: www.ultimato.com.br. Acesso em: 01 mar. 2012.

GENIZAH. Caio Fábio fala sobre sua condenação na justiça eleitoral no processo Dossiê Cayman. Disponível em: www.genizah.com.br. Acesso em: 01 out. 2013.

GETZ, Gene A. *Igreja: Forma e Essência: O Corpo de Cristo Pelos Ângulos das Escrituras, da História e da Cultura*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

GOIS, Antônio & SCHWARTSMAN, Hélio. *Cresce o número de evangélicos sem ligação com igrejas*. FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo. 15 ago 2011. Disponível em: www1.folha.uol.com.br. Acesso em: 15 ago 2011.

GONZALEZ, Justo L. *Uma História Ilustrada do Cristianismo: A Era dos Gigantes*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

----- . *Uma História Ilustrada do Cristianismo: A Era dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GOUVÊIA, Ricardo Quadros. *Piedade Pervertida*. São Paulo: Grafo, 2006.

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HAIGHT, Roger. *Jesus Símbolo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.

HANEGRAFF, Hank. *Cristianismo em Crise*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

HARRIS, Laird. *Inspiração e Canonicidade da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

HERVIEU-LÈGER, Danièle. *O Peregrino e o Convertido: A Religião em Movimento*. Lisboa: Gradiva, 2005.

HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnus, 2001.

HORREL, J.Scott. *A Essência da Igreja*. São Paulo: Hagnus, 2006.

HORTAL, Jesús, S. J. *E Haverá Um Só Rebanho*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

HUNTER, Todd D. *Dê Outra Chance à Igreja*. Viçosa: Ultimato, 2012.

IGREJA EVANGÉLICA FLUMINENSE. Disponível em: www.igrejaevangelicafluminense.org. Acesso em 09 abr 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.

Disponível em: www.ibge.gov.br . Acesso em: 30 set 2013.

JACOBBSSEN, Wayne. COLEMAN, Dave. *Por Que Você Não Quer Ir à Igreja*. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnus, 2008.

JOHNSON, Paul. *História dos Judeus*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1995.

KELLY, J. N. D. *Patrística*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

KIMBALL, Dan. *Eles Gostam de Jesus, mas na da Igreja*. São Paulo: Editora Vida, 2011.

KIVITZ, Ed René. *Outra Espiritualidade: fé, graça e resistência*.

São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

LATOURETTE, Kenneth Scott. *Uma História do Cristianismo*. V. 1. São Paulo, 2006.

- . *Uma Historia do Cristianismo*. V. 2. São Paulo: Hagnus, 2006.
- LELIÈVRE, Mateo. *João Wesley: Sua Vida e Obra*. São Paulo: Vida, 1997.
- LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: Aste, 2002.
- LILIAN COMUNICA. Matéria no jornal A Notícia/SC sobre o livro *Em 6 passos o que faria Jesus*. Disponível em: www.liliancomunica.com.br. Acesso: 12 jan 2012.
- LLOYD-JONES, David Martyn. *Grandes Doutrinas Bíblicas: a Igreja e as Últimas Coisas*. São Paulo: PES, 1999.
- . *Os Puritanos: Suas Origens e Seus Sucessores*. São Paulo: PES, 1993.
- LOPES, Augustus Nicodemus. *Os Desigrejados*. São Paulo. Disponível em: <http://tempora-mores.blogspot.com.br> Acesso em: 14 abr 2011.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- MATOS, Alderi de Souza. *A Caminhada Cristã na História*. Viçosa: Ultimato, 2005.
- . *Fundamentos da Teologia Histórica*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008
- MCALISTER, Walter. *O Fim de Uma Era*. Rio de Janeiro: Anno Domini, 2009.
- MCGRATH, Alister E. *Teologia Histórica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

----- . *Teologia Sistemática, histórica e filosófica*: uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

MCLAREN, Brian. *Uma Ortodoxia Generosa: A Igreja em tempos de pós-modernidade*. Brasília: Editora Palavra, 2007.

MILLER, Andrew. *Os Irmãos*. Diadema: Depósito de Literatura Cristã, 2005.

MILLER, Ed. L. & GRENZ, Stanley J. *Teologias Contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2011.

MILLER, Stephen M. & HUBER, Robert V. *A Bíblia e sua história – o surgimento e o impacto da Bíblia*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

MORLEY, Brian K. Entendo Nosso Mundo Pós-Moderno. In: MACARTHUR, J. *Pense Biblicamente*. São Paulo: Hagnus, 2005. p.199-230.

MULHOLLAND, Dewey M. *Teologia da Igreja*. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.

MUZIO, Rubens Ramiro. *O DNA da Igreja*. Curitiba: Esperança, 2010.

NICODEMUS, Augustus. *O que estão fazendo com a igreja: ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã*. São Paulo: Vida, 2001.

PAIXÃO, Roberta. *A Volta do Pecador*. São Paulo: Revista Veja.

Edição 1624, 17 de nov, 1999. Disponível em: www.veja.abril.com.br
Acesso em: 07 mar 2012.

PFANDL, Gerhard. *Rapto Secreto: As surpreendentes origens da visão teológica dispensacionalista*. Disponível em: www.monergismo.com.br Acesso: 17 fev. 2012.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *Fim do Cristianismo Pré-Moderno*. São Paulo: Paulus, 2003.

RAMALHO, Mauro. *Aspectos Práticos da Vida da Igreja*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1982.

REIFLER, Hans Ulrich. *A Ética dos Dez Mandamentos: um modelo de ética para os nossos dias*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2007.

REILY, Duncan Alexander. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. 3ª edição. São Paulo: ASTE, 2003.

REVISTA ÉPOCA. São Paulo, 2010. Disponível em: www.revistaepoca.globo.com Acesso em 14 abr 2011.

REVISTA ISTO É. São Paulo, 2011. Disponível em: www.istoe.com.br/reportagem. Acesso em 30 set 2013.

ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do Passado: Robert Reid Kalley*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.

RODRIGUES, Denise dos Santos. *Transformações no Cenário Religioso Brasileiro Revelado em Pesquisa Durante o Alistamento Militar*. In: Congresso Brasileiro de Sociologia, 15, 2011. Curitiba. Anais...Curitiba: 2011. p.1-23.

----- . *Os Sem Religião nos Censos Brasileiros: Sinal de Uma Crise do Pertencimento Institucional*. Belo Horizonte: Horizonte, v. 10, n.20, p.1130-1153, out/dez.2012.

ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados Com a Graça: Esperanças e Frustrações no Brasil Neopentecostal*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

RÚBIO, Alfonso Garcia . *O Encontro com Jesus Cristo Vivo*. São Paulo: Paulinas, 2007

SCHWARZ, Christian. *Mudança de Paradigma na Igreja*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001.

SHELLEY, Bruce L. *História do Cristianismo*. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

SIMAS, Marcos & FERNANDES, Carlos. *Congregar para quê?*
Cristianismo Hoje. Niterói, edição 51, ano 9. p. 33-36.

SMITH, Hamilton. *A Igreja, plano de Deus. Como praticá-lo hoje?*
Diadema: Depósito de Literatura Cristã, 2005.

SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vi-da Nova, 2002.

SOCIEDADE INTERNACIONAL BONHOEFFER. *Quem Foi Dietrich Bonhoeffer*. Disponível em: www.sociedadebonhoeffer.org.br. Acesso em 18 fev 2012.

SPENER, Philip Jacob. *Mudança Para o Futuro: Pia Desideria*. São Bernardo do Campo: Editora Encontrão e Instituto de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1996.

STARK, Rodney. *O Crescimento do Cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2006.

STOTT, John R.W. *A Mensagem de Atos*. São Paulo: ABU, 2000.

SWINDOLL, Charles. *A Igreja desviada: um chamado urgente para uma nova reforma*. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: ASTE, 2007.

TIMMIS, Steve & CHESTER, Tim. *Igreja Total*: repensando radicalmente nossa apresentação do evangelho na comunidade. Niterói: Tempo de Colheita, 2011.

VIOLA, Frank & BARNA, George. *Cristianismo Pagão*. São Paulo: Abba Press, 2008.

----- . *Reimaginando a Igreja*. Brasília: Editora Palavra, 2009.

WAGNER, Glenn. *Igreja S/A*: dando adeus à igreja - empresa e recuperando o sentido da igreja - rebanho. São Paulo: Vida, 2003.

WALKER, W. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: Aste, 2006.

WELLS, PeggySue & PALAU, Luis. *O Que Fazer Quando Não Queremos Ir à Igreja?* São Paulo: Vida, 2008.

WOLFGANG, Simson. *Casas que Transformam o Mundo*. Curitiba: Editora Esperança, 2008.

YANCEY, Philip. *Alma Sobrevivente*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

----- . *Igreja, Por Que Me Importar?* São Paulo: Vida Nova, 2008.

ZÁGARI, Maurício. *Decepcionados com a Igreja*. Niterói. Cristianismo Hoje, 2010. Disponível em: www.cristianismohoje.com.br. Acesso em: 14 abr 2011.

Anexo I

Os desigrejados^[Nota 715]



ara mim resta pouca dúvida de que a igreja institucional e organizada está hoje no centro de acirradas discussões em praticamente todos os quartéis da cristandade, e mesmo fora dela. O surgimento de milhares de denominações evangélicas, o poderio apostólico de igrejas neopentecostais, a institucionalização e secularização das denominações históricas, a profissionalização do ministério pastoral, a busca de diplomas teológicos reconhecidos pelo estado, a variedade infindável de métodos de crescimento de igrejas, de sucesso pastoral, os escândalos ocorridos nas igrejas, a falta de crescimento das igrejas tradicionais, o fracasso das igrejas emergentes – tudo isto tem levado muitos a se desencantarem com a igreja institucional e organizada.

Alguns simplesmente abandonaram a igreja e a fé. Mas, outros, querem abandonar apenas a igreja e manter a fé. Querem ser cristãos, mas sem a igreja. Muitos destes estão apenas decepcionados com a igreja institucional e tentam continuar a ser cristãos sem pertencer ou frequentar nenhuma. Todavia, existem aqueles que, além de não mais frequentarem a igreja, tomaram esta bandeira e passaram a defender abertamente o fracasso total da igreja organizada, a necessidade de um cristianismo sem igreja e a necessidade de sairmos da igreja para podermos encontrar Deus. Estas ideias vêm sendo veiculadas através de livros, palestras e da mídia. Viraram um movimento que cresce a cada dia. São os desigrejados.

Muitos livros recentes têm defendido a desigrejação do cristianismo(*). Em linhas gerais, os desigrejados defendem os seguintes pontos.

(*) Podemos mencionar entre eles: George Barna, *Revolution (Revolução)*, 2005; William P. Young, *The Shack: a novel (A Cabana: uma novela)*, 2007; Brian Sanders, *Life After Church (Vida após a igreja)*, 2007; Jim Palmer, *Divine*

Nobodies: shedding religion to find God (Joões-ninguém divinos: deixando a religião para encontrar a Deus), 2006; Martin Zener, How to Quit Church without Quitting God (Como deixar a Igreja sem deixar a Deus), 2002; Julia Duin, Quitting Church: why the faithful are fleeing and what to do about it (Deixando a Igreja: por que os fiéis estão saindo e o que fazer a respeito disto), 2008; Frank Viola, Pagan Christianity? Exploring the roots of our church practices (Cristianismo pagão? Explorando as raízes das nossas práticas na Igreja), 2007; Paulo Brabo, Bacia das Almas: Confissões de um ex-dependente de igreja (2009).

- 1) Cristo não deixou qualquer forma de igreja organizada e institucional.
- 2) Já nos primeiros séculos os cristãos se afastaram dos ensinamentos de Jesus, organizando-se como uma instituição, a Igreja, criando estruturas, inventando ofícios para substituir os carismas, elaborando hierarquias para proteger e defender a própria instituição, e de tal maneira se organizaram que acabaram deixando Deus de fora. Com a influência da filosofia grega na teologia e a oficialização do cristianismo por Constantino, a igreja corrompeu-se completamente.
- 3) Apesar da Reforma ter se levantado contra esta corrupção, os protestantes e evangélicos acabaram caindo nos mesmíssimos erros, ao criarem denominações organizadas, sistemas interligados de hierarquia e processos de manutenção do sistema, como a disciplina e a exclusão dos dissidentes, e ao elaborarem confissões de fé, catecismos e declarações de fé, que engessaram a mensagem de Jesus e impediram o livre pensamento teológico.
- 4) A igreja verdadeira não tem templos, cultos regulares aos domingos, tesouraria, hierarquia, ofícios, ofertas, dízimos, clero oficial, confissões de fé, rol de membros, propriedades, escolas, seminários.

5) De acordo com Jesus, onde estiverem dois ou três que creem nele, ali está a igreja, pois Cristo está com eles, conforme prometeu em Mateus 18. Assim, se dois ou três amigos cristãos se encontrarem no *Frans Café* numa sexta à noite para falar sobre as lições espirituais do filme *O Livro de Eli*, por exemplo, ali é a igreja, não sendo necessário absolutamente mais nada do tipo ir à igreja no domingo ou pertencer a uma igreja organizada.

6) A igreja, como organização humana, tem falhado e caído em muitos erros, pecados e escândalos, e prestado um desserviço ao Evangelho. Precisamos sair dela para podermos encontrar a Deus.

Eu concordo com vários dos pontos defendidos pelos desigrejados. Infelizmente, eles estão certos quanto ao fato de que muitos evangélicos confundem a igreja organizada com a igreja de Cristo e têm lutado com unhas e dentes para defender sua denominação e sua igreja, mesmo quando estas não representam genuinamente os valores da Igreja de Cristo. Concordo também que a Igreja de Cristo não precisa de templos construídos e nem de todo o aparato necessário para sua manutenção. Ela, na verdade, subsistiu de forma vigorosa nos quatro primeiros séculos se reunindo em casas, cavernas, vales, campos, e até cemitérios. Os templos cristãos só foram erigidos após a oficialização do Cristianismo por Constantino, no séc. IV.

Os desigrejados estão certos ao criticar os sistemas de defesa criados para perpetuar as estruturas e a hierarquia das igrejas organizadas, esquecendo-se das pessoas e dando prioridade à organização. Concordo com eles que não podemos identificar a igreja com cultos organizados, programações sem fim durante a semana, cargos e funções como superintendente de Escola

Dominical, organizações internas como uniões de moços, adolescentes, senhoras e homens, e métodos como células, encontros de casais e de jovens, e por aí vai. E também estou de acordo com a constatação de que a igreja institucional tem cometido muitos erros no decorrer de sua longa história.

Dito isto, pergunto se ainda assim está correto abandonarmos a igreja institucional e seguirmos um cristianismo em voo solo. Pergunto ainda se os desigrejados não estão jogando fora o bebê junto com a água suja da banheira. Ao final, parece que a revolta deles não é somente contra a institucionalização da igreja, mas contra qualquer coisa que imponha limites ou restrições à sua maneira de pensar e de agir. Fico com a impressão que eles querem se livrar da igreja para poderem ser cristãos do jeito que entendem, acreditarem no que quiserem – sendo livres pensadores sem conclusões ou convicções definidas – fazerem o que quiserem, para poderem experimentar de tudo na vida sem receio de penalizações e correções. Esse tipo de atitude anti-instituição, antidisciplina, antirregras, antiautoridade, antilimites de todo tipo se encaixa perfeitamente na mentalidade secular e revolucionária de nosso tempo, que entra nas igrejas travestida de cristianismo.

É verdade que Jesus não deixou uma igreja institucionalizada aqui neste mundo. Todavia, ele disse algumas coisas sobre a igreja que levaram seus discípulos a se organizarem em comunidades ainda no período apostólico e muito antes de Constantino.

1) Jesus disse aos discípulos que sua igreja seria edificada sobre a declaração de Pedro, que ele era o Cristo, o Filho do Deus vivo (Mt 16.15-19). A igreja foi fundada sobre esta pedra, que é a verdade sobre a pessoa de Jesus (cf. 1Pe 2.4-8). O que se desviar desta verdade – a divindade e exclusividade da pessoa de Cristo – não é igreja cristã. Não admira que os

apóstolos estivessem prontos a rejeitar os livres-pensadores de sua época, que queriam dar uma outra interpretação à pessoa e obra de Cristo diferente daquela que eles receberam do próprio Cristo. As igrejas foram instruídas pelos apóstolos a rejeitar os livres-pensadores como os gnósticos e judaizantes, e libertinos desobedientes, como os seguidores de Balaão e os nicolaítas (cf. 2Jo 10; Rm 16.17; 1Co 5.11; 2Ts 3.6; 3.14; Tt 3.10; Jd 4; Ap 2.14; 2.6,15). Fica praticamente impossível nos mantermos sobre a rocha, Cristo, e sobre a tradição dos apóstolos registrada nas Escrituras, sem sermos igreja, onde somos ensinados, corrigidos, admoestados, advertidos, confirmados, e onde os que se desviam da verdade apostólica são rejeitados.

2) A declaração de Jesus acima, que a sua igreja se ergue sobre a confissão acerca de sua Pessoa, nos mostra a ligação estreita, orgânica e indissolúvel entre ele e sua igreja. Em outro lugar, ele ilustrou esta relação com a figura da videira e seus galhos (Jo 15). Esta união foi muito bem compreendida pelos seus discípulos, que a compararam à relação entre a cabeça e o corpo (Ef 1.22,23), a relação marido e mulher (Ef 5.22-33) e entre o edifício e a pedra sobre o qual ele se assenta (1Pe 2.4-8). Os desigrejados querem Cristo, mas não querem sua igreja. Querem o noivo, mas rejeitam sua noiva. Mas, aquilo que Deus ajuntou, não o separe o homem. Não podemos ter um sem o outro.

3) Jesus instituiu também o que chamamos de processo disciplinar, quando ensinou aos seus discípulos de que maneira deveriam proceder no caso de um irmão que caiu em pecado (Mt 18.15-20). Após repetidas advertências em particular, o irmão faltoso, porém endurecido, deveria ser excluído da “igreja” – pois é, Jesus usou o termo – e não deveria mais ser

tratado como parte dela (Mt 18.17). Os apóstolos entenderam isto muito bem, pois encontramos em suas cartas dezenas de advertências às igrejas que eles organizaram para que se afastassem e excluíssem os que não quisessem se arrepender dos seus pecados e que não andassem de acordo com a verdade apostólica. Um bom exemplo disto é a exclusão do “irmão” imoral da igreja de Corinto (1Co 5). Não entendo como isto pode ser feito numa fraternidade informal e livre que se reúne para bebericar café nas sextas à noite e discutir assuntos culturais, onde não existe a consciência de pertencermos a um corpo que se guia conforme as regras estabelecidas por Cristo.

4) Jesus determinou que seus seguidores fizessem discípulos em todo o mundo, e que os batizassem e ensinassem a eles tudo o que ele havia mandado (Mt 28.19,20). Os discípulos entenderam isto muito bem. Eles organizaram os convertidos em igrejas, os quais eram batizados e instruídos no ensino apostólico. Eles estabeleceram líderes espirituais sobre estas igrejas, que eram responsáveis por instruir os convertidos, advertir os faltosos e cuidar dos necessitados (At 6.1-6; 14.23). Definiram claramente o perfil destes líderes e suas funções, que iam desde o governo espiritual das comunidades até a oração pelos enfermos (1Tm 3.1-13; Tt 1.5-9; Tg 5.14).

5) Não demorou também para que os cristãos apostólicos elaborassem as primeiras declarações ou confissões de fé que encontramos (cf. Rm 10.9; 1Jo 4.15; At 8.36,37; Fp 2.5-11; etc.), que serviam de base para a catequese e instrução dos novos convertidos, e para examinarem e rejeitarem os falsos mestres. Veja, por exemplo, João usando uma destas declarações para repelir livres-pensadores gnósticos das igrejas da Ásia (2Jo 7-10; 1Jo 4.1-3). Ainda no período apostólico, já

encontramos sinais de que as igrejas haviam se organizado e estruturado, tendo presbíteros, diáconos, mestres e guias, uma ordem de viúvas e ainda presbitérios (1Tm 3.1; 5.17,19; Tt 1.5; Fp 1.1; 1Tm 3.8,12; 1Tm 5.9; 1Tm 4.14). O exemplo mais antigo que temos desta organização é a reunião dos apóstolos e presbíteros em Jerusalém para tratar de um caso de doutrina – a inclusão dos gentios na igreja e as condições para que houvesse comunhão com os judeus convertidos (At 15.1-6). A decisão deste que ficou conhecido como o “concílio de Jerusalém” foi levada para ser obedecida nas demais igrejas (At 16.4), mostrando que havia desde cedo uma rede hierárquica entre as igrejas apostólicas, poucos anos depois de Pentecostes e muitos anos antes de Constantino.

6) Jesus também mandou que seus discípulos se reunissem regularmente para comer o pão e beber o vinho em memória dele (Lc 22.14-20). Os apóstolos seguiram a ordem, e reuniam-se regularmente para celebrar a Ceia (At 2.42; 20.7; 1Co 10.16). Todavia, dada à natureza da Ceia, cedo introduziram normas para a participação nela, como fica evidente no caso da igreja de Corinto (1Co 11.23-34). Não sei direito como os desigrejados celebram a Ceia, mas deve ser difícil fazer isto sem que estejamos na companhia de irmãos que partilham da mesma fé e que creem a mesma coisa sobre o Senhor.

É curioso que a passagem predileta dos desigrejados – “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt 18.20) – foi proferida por Jesus no contexto da igreja organizada.

Estes dois ou três que ele menciona são os dois ou três que vão tentar ganhar o irmão faltoso e reconduzi-lo à comunhão da igreja (Mt 18.16).

Ou seja, são os dois ou três que estão agindo para preservar a pureza da igreja como corpo, e não dois ou três que se separam dos demais e resolvem fazer sua própria igreja informal ou seguir carreira solo como cristãos.

O meu ponto é este: que muito antes do período pós-apostólico, da intrusão da filosofia grega na teologia da Igreja e do decreto de Constantino – os três marcos que segundo os desigrejados são responsáveis pela corrupção da igreja institucional – a igreja de Cristo já estava organizada, com seus ofícios, hierarquia, sistema disciplinar, funcionamento regular, credos e confissões. A ponto de Paulo se referir a ela como “Coluna e fundamento de verdade.” (1Tm 3.15) e o autor de Hebreus repreender os que deixavam de se congregar com os demais cristãos (Hb 10.25). O livro de Atos faz diversas menções das “igrejas”, referindo-se a elas como corpos definidos e organizados nas cidades (cf. At 15.41; 16.5; veja também Rm 16.4,16; 1Co 7.17; 11.16; 14.33; 16.1; *etc.* – a relação é muito grande).

No final, fico com a impressão que os desigrejados, na verdade, não são contra a igreja organizada meramente porque desejam uma forma mais pura de Cristianismo, mais próxima da forma original – pois esta forma original já nasceu organizada e estruturada, nos Evangelhos e no restante do Novo Testamento. Acho que eles querem mesmo é liberdade para serem cristãos do jeito deles, acreditar no que quiserem e viver do jeito que acham correto, sem ter que prestar contas a ninguém. Pertencer a uma igreja organizada, especialmente aquelas que historicamente são confessionais e que têm autoridades constituídas, conselhos e concílios, significa submeter nossas ideias e nossa maneira de viver ao crivo do Evangelho, conforme entendido pelo Cristianismo histórico. Para muitos, isto é pedir demais.

Eu não tenho ilusões quanto ao estado atual da igreja. Ela é imperfeita e continuará assim enquanto eu for membro dela. A teologia Reformada não deixa dúvidas quanto ao estado de imperfeição, corrupção, falibilidade e miséria em que a igreja militante se encontra no presente, enquanto aguarda a vinda do Senhor Jesus, ocasião em que se tornará igreja triunfante. Ao mesmo tempo, ensina que não podemos ser cristãos sem ela. Que apesar de tudo, precisamos uns dos outros, precisamos da pregação da Palavra, da disciplina e dos sacramentos, da comunhão de irmãos e dos cultos regulares.

Cristianismo sem igreja é uma outra religião, a religião individualista dos livres-pensadores, eternamente em dúvida, incapazes de levar cativos seus pensamentos à obediência de Cristo.

Nota 715 - LOPES, Augustus Nicodemus. Op. cit. O artigo publicado em 05 de abril de 2010 motivou este autor a pesquisar o tema. [Voltar]

Anexo II

Frank Viola: Fraude ou inconsistência? [Nota 716]



Esporadicamente recebo mensagens por e-mail de leitores do Frank Viola. Seu polêmico livro, “Cristianismo Pagão”, já pode ser considerado como uma Bíblia dos desigrejados, pois, na obra, Viola questiona uma série de práticas que, segundo ele, pouco ou nada tem a ver com o cristianismo legítimo.

O argumento principal do autor é que o cristianismo foi influenciado pelo paganismo grego e que este entrou pelas portas da igreja através dos teólogos gentílicos que, em face de suas tradições helenistas, incorporaram na liturgia cristã aspectos dos cultos pagãos gregos.

Desta forma, elementos como o sermão, o clero, o púlpito, as vestes clericais, os corais; tudo, enfim, fora influenciado pelo helenismo e, portanto, é de fundo pagão e, conseqüentemente, inadequado para a Igreja de Cristo.

Há dois anos li “Cristianismo Pagão”. É difícil você ficar indiferente à leitura. Viola escreve em estilo provocativo. O livro é agradável de ler. O fiz em uma única assentada!

Há falhas na argumentação principal de Frank Viola. Ele faz um esforço enorme para mostrar como a Igreja de Cristo distanciou-se dos princípios bíblicos por causa do paganismo com o qual os Pais da Igreja eram envolvidos antes de suas conversões e que

continuou os influenciando de alguma maneira, mesmo após confessarem Jesus Cristo.

Para Frank Viola o problema estava com os teólogos da Igreja de origem gentílica, marcados profundamente pelo helenismo que caracterizou o mundo nos tempos de Cristo. Eles são os responsáveis pela absorção por parte da igreja dos conteúdos do paganismo do mundo gentílico. Este é o argumento de Viola.

Destarte, há, como disse acima, falhas na abordagem do polêmico escritor, vejamos:

1. Os teólogos gentílicos que tanto mal fizeram à Igreja de Cristo (de acordo com Viola), são os mesmos que no de 392 d. C., na cidade de Cartago (atual Tunísia, Norte da África), declararam a oficialização do Cânon das Escrituras do Novo Testamento. Seria, então, o Cânon do Novo Testamento um produto da mente de pagãos helênicos?

O próprio Novo Testamento foi escrito na língua grega. Ao usar tal idioma, os autores sagrados estariam absorvendo ou se rendendo a uma cultura pagã?

2. Os Concílios (Niceia, Constantinopla, Éfeso e Calcedônia), onde as principais formulações teológicas do cristianismo foram compreendidas e explicadas, também são, estranhamente, omitidas na *magnum opus* de Viola. Será mesmo que púlpitos e vestes clericais têm maior poder de contaminação do que o Cânon e as doutrinas (como a divindade de Cristo, por exemplo)?

Por que será que Frank Viola é silencioso quanto a estas expressões da Cristandade? Por que não chama, como consequência lógica de sua argumentação, de pagão todo o conteúdo do Novo Testamento e, semelhantemente, todas as doutrinas elaboradas nos primeiros e mais importantes concílios eclesiásticos?

Seria medo de se expor e cair em desgraça junto aos cristãos, justamente agora que está vendendo milhares de exemplares nos Estados Unidos e outros países, como o Brasil? Fraude? Ou será que não percebeu que sua argumentação levaria para tal porto? Inconsistência?

Frank Viola, também, no capítulo em que se dedica à questão dos templos (assunto excitante para os desigrejados), não leva em conta que a não utilização de templos no século I não ocorreu em função de uma perspectiva teológica, mas sim de um horizonte histórico, pois o cristianismo, desde muito cedo, fora perseguido, onde os cristãos tinham as suas casas invadidas e eram presos (At 8.3). Ora, se as reuniões domésticas eram alvos de ataques, imagine, então, se templos fossem construídos? Se a casa não era respeitada, como construir templos? E estamos falando de uma perseguição religiosa empreendida pelos líderes judaicos! Imagine a perseguição promovida pelo Império Romano nos tempos de Nero, Domiciano, Décio e outros? Quando a perseguição termina, as condições ideais para reuniões públicas com horário e local marcados surgem.

Os templos são circunstanciais para o cristianismo, mas para Frank Viola é uma fonte mais que segura de contaminação espiritual. Patético e ridículo, pois paredes e bancos não exercem tal poder e influência sobre ninguém. Nem para o bem e nem para o mal.

Frank Viola idolatra a igreja do Novo Testamento e ignora que as cartas paulinas foram escritas para resolver os problemas das mesmas. Paulo combate todas as formas de carnalidade da Igreja de Corinto; heresia na igreja de Colossos; legalismos na Galácia; agitação e oportunismo em Tessalônica; divisão e heresia em Éfeso. Ou seja, as igrejas caseiras do Novo Testamento, incipientes e

pequenas, eram comunidades complicadas e que exigiram de Paulo atenção e admoestação. A própria Igreja Primitiva tinha problemas e tensões entre seus frequentadores e também entre os seus próprios líderes, como deixam claro as passagens bíblicas de At 5 e 6 e 15.36-40 e Gl 2. 11-14, respectivamente. E as Igrejas citadas em Ap 2.1-32, não ficam de fora das crises.

Continuaremos essa conversa...

Nota 716 - CAMPOS, Idauro. Op.Cit. [Voltar]

Anexo III

Em defesa da Igreja de Cristo^[Nota 717]



Em Atos 11.29, vemos pela primeira vez a ocorrência do termo “presbíteros” (anciãos) nas Escrituras Sagradas, evidenciando, portanto, a existência de uma liderança eclesiástica, além dos apóstolos, ainda nos tempos da Igreja Primitiva. Além disso, no capítulo 14.23, somos informados que Paulo e Barnabé promoviam “em cada igreja a eleição de presbíteros”. Mesmo antes, em 6.1-6, precursores do diaconato foram escolhidos e receberam, inclusive, a imposição de mãos como ato litúrgico de ordenação (v. 6).

Na primeira epístola a Timóteo (que estava liderando a igreja em Éfeso), o apóstolo Paulo o lembra de que sua vocação fora reconhecida pelos presbíteros e que estes impuseram-lhe as mãos (4.14). E, na carta aos efésios, Paulo apresenta os distintos ofícios ministeriais que estariam a serviço da edificação da igreja.

Três fatos ficam claros aqui: a) igrejas eram fundadas; b) lideranças (os presbíteros) eram constituídas; c) tais lideranças eram confirmadas em ato litúrgico (a imposição de mãos).

Destarte, é evidente o absurdo contemporâneo de questionar a validade da necessidade das igrejas locais e dos líderes eclesiásticos (pastores, presbíteros e diáconos). Por onde Paulo, Silas, Barnabé e outros passaram em suas investidas missionárias, organizaram igrejas locais, onde os objetivos eram a adoração (oração e celebração da ceia), leitura e estudo da Palavra e a comunhão dos santos. O paradigma era a Igreja de Jerusalém:

perseveravam no ensino, na comunhão, nas orações e no partir do pão (At 2.42).

É desonestidade intelectual afirmar que a igreja cristã é apenas um fenômeno sociológico e que nunca fora planejada por Deus e por Jesus Cristo.

As razões pelas quais as igrejas não construíram templos se dão por razões históricas (como a perseguição religiosa judaica e, posteriormente, a perseguição política praticada pelo Império Romano) e não por razões teológicas, como os críticos do cristianismo afirmam. A igreja visível é a expressão da igreja invisível. Portanto, são patéticos os ataques dirigidos à igreja institucional. Esta apenas revela no tempo e no espaço a união daqueles que foram chamados pelo Espírito Santo à fé em Cristo Jesus (1Co 1.2). A igreja local expressa o mistério do chamado irresistível do Espírito Santo. Ou seja, revela historicamente o Corpo de Cristo: a Igreja. Nada mais do que isso! O resto é papo!

As crises da igreja contemporânea não são justificativas para que a abandonemos, como alguns apregoam. As igrejas neotestamentárias e mesmo a igreja em Jerusalém (primitiva) também eram comunidades complicadas. Os episódios de Ananias e Safira, em Atos 5.1-11, e a briga entre os helenistas e os hebreus, em Atos 6.1,2, são exemplos disso. A igreja de Corinto era carnal (divisões, pecados sexuais, litígios, desordem no culto, discriminação social, abusos no exercício dos dons etc), a de Colosso estava caindo em heresia. A da Galácia estava ficando legalista. A de Éfeso vivia em crise, a ponto de Paulo ter que encorajar seu pastor, o jovem Timóteo. Sem falarmos da extravagante igreja de Laodiceia (Ap 3.14-21). Tais comunidades de fé funcionavam em casas e eram igrejas jovens, com pouco tempo de fundação e com poucas pessoas congregando, mas já

enfrentavam suas complexidades, pois para problemas surgirem não são necessárias muitas pessoas juntas.

Afinal, no Éden eram apenas Adão e Eva e deu no que deu!

Semelhantemente, nos dias de Noé, entre seus filhos, e em casa, um pecado é praticado (Gn 9.22-28); assim como na vida de Ló, onde refugiado apenas com suas filhas, um incesto, contra sua vontade, é praticado, dando origem a duas nações que se tornaram inimigas do povo de Deus (Gn 19.30-38).

Portanto, abandonar o templo, alegando que reuniões em casas são mais saudáveis, intimistas e bíblicas é simplório, pois até podem ser intimistas, mas duvido que sejam necessariamente mais saudáveis e não há nenhuma orientação apostólica quanto ao lugar de adoração.

Podendo ser em templos, em casas ou em qualquer outro lugar. Não devemos sacralizar o templo, mas demonizá-lo, também, é ridículo.

Na verdade, a tendência contemporânea de discursar contra a igreja não leva em conta que tal postura é reflexo do relativismo da pós-modernidade, que questiona valores, conceitos, ideologias, modelos e também instituições. Tudo que foi consagrado no e pelos anos é posto em dúvida na pós-modernidade. É neste contexto que a decepção com a igreja institucionalizada surge.

Considerar que um simples CNPJ e um templo de alvenaria minam o vigor espiritual da Igreja de Cristo é valorizar demais tais expedientes, como se os mesmos pudessem afugentar a Trindade.

Há exagero, portanto, nos que pregam o fim da história da igreja. É necessário fazer distinção entre organismo vivo e a instituição igreja, mas em tal distinção, não se pode esquecer que a última, nada mais é que a expressão histórica da primeira.

Viva a Igreja de Cristo!

Nota 717 - CAMPOS, Idauro. Em Defesa da Igreja de Cristo. Disponível em:
<http://teologiaentreamigos.blogspot.com.br> Acesso em: 03 out 2013.
[Voltar]

Anexo IV

Amo a Igreja de Cristo^[Nota 718]



Você já ouviu falar do ecologista que amava floresta, mas odiava árvore? Ou do conferencista que ama as multidões, mas odeia gente? Ou, ainda, aquele que ama a humanidade, mas é insensível e indiferente às demandas de seus familiares e parentes mais próximos?

Há muitos cristãos nestes tempos pós-modernos que declaram amar a igreja universal, invisível, o Corpo de Cristo, ao mesmo tempo em que rejeitam e odeiam a ideia de congregar, de fazer parte de uma comunidade de fé, onde se partilha, à luz das Escrituras Sagradas, amor, fé e esperança, além de orações, histórias, dores, sorrisos, alegrias, perdas, conquistas e decepções.

Ninguém pode pretender amar a humanidade, mas detestar a família. A família biológica é a expressão local e diminuta da humanidade. Desprezar a própria família é o mesmo que desprezar também a humanidade inteira. Semelhantemente, não podemos cair na falácia de que é possível amar o Corpo de Cristo, mas desprezar sistematicamente a igreja local, pois esta é nada mais que a expressão diminuta e temporal da Igreja Universal. A igreja, seja ela reunida em templos ou em casas, empresta sua temporalidade à igreja universal. Uma não existe sem a outra.

A igreja invisível é uma abstração e não se ama e nem se relaciona com abstrações. Dizer que faz parte do Corpo de Cristo, sem, contudo, fazer parte de uma Comunidade de Fé cristã local é

absurdo, além de antibíblico e extremamente conveniente para gente descomprometida.

Há famílias e famílias. Assim como há igrejas e igrejas. Há famílias opressoras; famílias adoecidas; famílias castradoras; famílias indignas de serem reconhecidas como tais. Entretanto, há famílias saudáveis; famílias boas; famílias edificantes, maduras e libertadoras.

Destarte, há igrejas complicadas, heréticas e infantilizadas (frequentadas e lideradas por gente idem). Todavia, há, graças a Deus, boas igrejas. Comunidades cristãs saudáveis. Imperfeitas, sim, mas que se reúnem em torno de Cristo para adorá-lo e dele aprender.

O fato de existirem famílias bizarras não significa que não existam boas famílias. Semelhantemente, os maus exemplos de muitas igrejas não eliminam do mapa as boas greis, como os desigrejados teimam em não reconhecer.

Virou moda falar mal da Igreja (lugar comum). Como não podem destruí-la, algo que nem mesmo o diabo consegue, criaram o conceito de que “amo a Igreja Invisível, mas odeio a instituição”. Besteira! Papo!

Conversa Fiada! Amar apenas o “Corpo de Cristo que está espalhado pela face da terra”, mas não suportar congregar é o mesmo que dizer que ama a Deus, mas odeia o próprio irmão, algo deplorável e criticado por João (1Jo 4.20,21).

É fácil amar a Igreja Invisível. Ela não tem cara. Não traz problemas.

Não telefona de madrugada para que a socorramos. Difícil é amar gente complicada. Gente de carne e osso, com seus dramas, chatices, contradições e idiossincrasias. É fácil ser crente na frente das teclas de computador, postando artigos pseudocrístãos em

comunidades virtuais. Difícil é caminhar junto. Sim é difícil, mas é bíblico. É cristão. É eclesiológico. É neotestamentário. A isto chamamos *koinonia* (comunhão). Foi ensinado por Jesus Cristo (Jo 17). Foi praticado pelos apóstolos (At 2.42-46). Foi preservado pelos Pais da Igreja. Foi resgatado pelos Reformadores. Foi mantido por muitos irmãos até chegar aos nossos dias. É uma herança digna de ser desfrutada e repassada às próximas gerações. E será! Por maiores que sejam os ataques, pois quem a garante é o Senhor da Igreja, Jesus Cristo, que prometeu sua edificação permanente e vitória final (Mt 16.18). A Igreja é a noiva de Cristo! Ele tem cuidado muito bem dela, pois a ama e guarda-a para si (Ef 5.25-27).

Amo a Igreja de Cristo. A invisível e a visível também!

Nota 718 - CAMPOS, Idauro. Amo a Igreja de Cristo. Disponível em:
<http://teologiaentreamigos.blogspot.com.br> Acesso em: 03 out 2013.
[Voltar]

Sobre o autor



Idauro de Oliveira Campos Júnior nasceu em São Gonçalo, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Bacharel em Teologia, com pós-graduação em Teologia Contemporânea, mestrado em Ciências da Religião, pós-graduado em História da Igreja e mestrando em História Social e Política do Brasil. Professor dos Seminários Teológicos Congregacionais do Rio de Janeiro (STCRJ), Alcântara (SETECERJ), Niterói (STCN), da Escola de Pastores (STEP), do Seminário Teológico Água da Vida (SETAV) e do Seminário Bíblico e Missionário Eklésia. Presidiu entre os anos de 2006 a 2010 o Departamento de Educação Religiosa e Publicações da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil (UIECB). Pastor da

Igreja Congregacional de Niterói desde 2011. É Casado com Sandra Demartine e pai da pequena (e linda) Simone.

Contato: idaurocampos@ibest.com.br

SE VOCÊ GOSTOU DESTE LIVRO, INDIQUE-O AOS SEUS
AMIGOS!

REAVIVAMENTOS



“Estou convencido de que este livro que o leitor tem em mãos será uma poderosa ferramenta para trazer à sua memória esclarecida os grandes feitos de Deus no passado. Idauro nos toma pela mão e nos leva de volta ao passado e nos mostra com vívida clareza os grandes reavivamentos. Glorífico a Deus por esta obra tão robusta e oro a Deus para que este livro alcance milhares de pessoas no Brasil e fora dele, a fim de que um tempo de refrigério da parte do Senhor venha sobre sua igreja e traga para nós as chuvas benditas de um poderoso reavivamento espiritual”.

Hernandes Dias Lopes. Pastor da Igreja Presbiteriana de Vitória (ES).

“Esta nova obra de Idauro Campos é extremamente relevante para a igreja evangélica brasileira, oferecendo um resumo histórico dos principais e mais conhecidos avivamentos ocorridos na história da igreja, os imensos benefícios que procedem de tal ação divina e a importância de estudarmos este tema. Que Deus se agrade de usar esta obra para sua glória e despertamento de seu povo neste país”.

Franklin Ferreira. Diretor geral e Professor de Teologia Sistemática e História da Igreja no Seminário Martin Bucer, em São José dos Campos-SP.



bvbooks
www.bvbooks.com.br